



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

ÁGUA FRIA É NO POTE DO CARIRI CEARENSE

Luiz Antonio Pacheco de Queiroz

São Cristóvão
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

ÁGUA FRIA É NO POTE DO CARIRI CEARENSE

Luiz Antonio Pacheco de Queiroz

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em ARQUEOLOGIA

Orientadora: Dra. Márcia Barbosa da Costa Guimarães

São Cristóvão
2015

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA DE MESTRADO

LUIZ ANTONIO PACHECO DE QUEIROZ

Água Fria é no Pote do Cariri Cearense

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE EM 09.02.2015

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Márcia Barbosa da Costa Guimarães
Orientadora

1º Examinador: Dr. José Roberto Pellini
Universidade Federal de Sergipe

2º Examinador: Dra. Camilla Agostini
Universidade Federal Fluminense

AGRADECIMENTOS

A contribuição de muitas pessoas foi fundamental na pesquisa. Entre a concepção e a organização final estive por muito tempo longe delas. À distância não foi capaz de arrancá-las da minha memória. A ausência de algum nome não é proposital ou mero esquecimento, o espaço destinado à sua lembrança é que é reduzido. Então já deixo o aviso chavão, obrigado a todos que ajudaram.

Nos sertões conheci sujeitos que mostraram o mundo do trabalho árduo e persistente na permanente aceitação das dificuldades da vida. Com a alegria deles aprendi muito, mais ainda com as ceramistas D. Bastiana, D. Angelina, D. Maria, D. Brasilina, Quêza, Corrinha, Desterro, Tetê, Déta, Bia e Conceição, e familiares. Obrigado por me mostrar o sabor da comida da panela e, principalmente, da água do pote no Cariri cearense. A marca de vocês está aqui.

Márcia, minha orientadora, foi paciente e acreditou nas minhas ideias. Sei que você tem importância na construção da dissertação. Da UFS colaboraram também as coordenadoras do Laboratório de Tecnologia Cerâmica, Rosane Oliveira e Ledjane Barreto. Obrigado pelas ideias, espaço e equipamentos cedidos.

Destaco os companheiros da Zanettini Arqueologia, que ao longo dos últimos oito anos dialogaram comigo. Meus agradecimentos principalmente à Camila de Azevedo Moraes Wichers e ao Paulo Zanettini, pela confiança, ensinamentos e motivação que sempre deram.

A família tornou-se maior não só pelo nascimento de minha filha, mas também pelos familiares de Aracaju. Obrigado por me aceitarem do jeito que sou. A minha mãe e família em Salvador agradeço por sempre acreditar. Às sobrinhas digo *viva a bagunça!* Vocês me fazem muito bem nos poucos momentos que passamos juntos.

Agradeço especialmente à minha querida Catarina que ajudou em demasia, pesquisou comigo, me corrigiu, me mostrou o caminho certo e me deu o maior dos presentes com a pequena Íris. Quero estar sempre com vocês na *Irislândia*, o melhor lugar do mundo!

RESUMO

O estudo ora apresentado envolve a análise dos significados do uso e fabricação de potes cerâmicos para armazenar e esfriar água no Cariri cearense dentro de uma perspectiva etnoarqueológica. A intenção é discutir questões relativas ao problema do contraste entre o saber fazer e a pressão do mercado de consumo regional, que influenciou a prática de aplicação de ranhuras naqueles recipientes nos últimos trinta e cinco anos. Esta discussão possibilita refletir sobre transformações culturais no contexto da sociedade agropastoril do semiárido, onde se observa o decréscimo da utilização e produção dos vasilhames cerâmicos, que propicia investigar mudanças de hábitos entre os habitantes da zona rural. Através da observação participante e de entrevistas foram apreendidos os sentidos inerentes à produção de potes, permitindo problematizar algumas situações em torno da tecnologia envolvida e das práticas destinadas aos recipientes. O exame é realizado através de pressupostos da arqueologia contextual somados a mecanismos analíticos provenientes da teoria da agência e da biografia dos objetos para interpretar os significados das práticas relativas àqueles vasilhames. Esta escolha implica incorporar estratégias de várias disciplinas através de fontes materiais e imateriais para analisar e construir interpretações surgidas dos discursos das próprias pessoas estudadas e representadas pelo tema enfocado. Como resultado tem-se a princípio a ideia de que a aplicação de ranhuras na superfície externa dos potes cerâmicos é realizada para obter no uso diário o arrefecimento da temperatura da água armazenada, avaliação que leva em conta a credibilidade da escovação nos núcleos produtores de cerâmica e nas negociações cotidianas entre consumidores e comerciantes.

Palavras-chaves: Etnoarqueologia. Agência. Tecnologia Cerâmica.

COLD WATER IS IN THE POT OF CARIRI CEARA

ABSTRACT

The study presented herein involves the analyze of the meanings of the use and manufacture of ceramic pots to store and cool water in Cariri Ceara within an etnoarqueológica perspective. The intention is to discuss issues related to the problem contrast between the know-how and the pressure of the regional consumer market, which influenced the practice of application those slots containers in recent thirty-five years. This discussion allows reflection on cultural transformations in the context of agro-pastoral society semiarid where observes the decrease of the use and production of ceramic containers, which provides investigate changes in habits among rural people. Through participant observation and interviews senses were seized inherent in the production of pots, allowing discuss some situations around the technology involved and practices designed to containers. The test is performed through assumptions of contextual archeology added to analytical mechanisms from the agency theory and the biography of objects to interpret the meanings of practices related to those containers. This choice implies incorporate strategies from various disciplines through tangible and intangible sources to analyze and build arising interpretations of speeches of the people themselves studied and represented the theme focused. As a result, there is the idea of the principle that the application of grooves on the outer surface of the ceramic pots is made for daily use in cooling the temperature of the stored water, assessment which takes into account the credibility of brushing in producing ceramic cores and daily negotiations between consumers and traders.

Keywords: Ethnoarchaeology. Agency. Ceramic Technology.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
LISTA DE TABELAS	8
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	9
1. INTRODUÇÃO	10
1.1. NO INÍCIO...	10
1.2. O CARIRI CEARENSE	18
2. CAPÍTULO 1 – É COMO ÁGUA FRIA NO POTE DO CARIRI CEARENSE: TEORIA, METODOLOGIA E SIGNIFICADO NOS CAMINHOS DA INTERPRETAÇÃO	26
2.1. ELEMENTOS PARA IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE	26
2.2. COMO LIDAR COM OS SIGNIFICADOS NA INTERPRETAÇÃO E OUTRAS CONTRIBUIÇÕES	36
3. CAPÍTULO 2. O QUE AS OLEIRAS DISSERAM E COMO DIALOGAR COM AS FONTES PARA A ANÁLISE	44
3.1. AS VISÕES DOS POTES PELOS CARIRIENSES	44
3.2. DADOS, PESQUISADORES, SERTANEJOS E A ETNOARQUEOLOGIA	57
4. CAPÍTULO 3 – AS PARTICULARIDADES SOCIAIS DA CERÂMICA NOS ESTUDOS PUBLICADOS	73
4.1. O QUE DIZ A LITERATURA FORÂNEA? RANHURAS SOMENTE PARA DECORAÇÃO DE POTES?	73
4.2. O POTE ARRANHADO TEM VISIBILIDADE AQUI DENTRO?	90
5. CAPÍTULO 4 – CONTEXTO DOS SIGNIFICADOS: NOVIDADE?	105
5.1. EM PASSAGEM DE PEDRA AS CERAMISTAS DISSERAM MAIS DO QUE OS CONSUMIDORES E VENDEDORES	105
5.2. QUAL É A TEMPERATURA?	116
5.3. OS POTES SE COMUNICAM ATRAVÉS DAS PESSOAS	123
6. OS POTES SÃO ARRANHADOS, MAS TAMBÉM AINDA SÃO LISOS!	149
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156
8. ANEXO	181

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Principais ceramistas em atividade no Cariri cearense	66
Tabela 2. População dos municípios do Cariri cearense enfatizados na pesquisa.....	265
Tabela 3. Testes realizados no Cariri cearense..	266

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Extremo sul do Estado destacado no mapa político do Ceará.....	11
Figuras 2 e 3. Inserção de sulcos na superfície de um pote (Missão Velha e Brejo Santo, respectivamente).	15
Figura 4. Extremo sul do Estado destacado no mapa político do Ceará.....	23
Figuras 5 a 12. Aspectos de Passagem de Pedra e espaços produtivos das loiceras.....	115 e 116
Figuras 13 a 19. Detalhes dos exames executados no Cariri Cearense e em laboratório.....	122 e 123
Figuras 20 a 59. Detalhes das dimensões dos potes e situações de seu uso.....	144 a 148
Figuras 60 a 64. D. Bastiana trata a pasta, forma um pote e arranha a superfície dele.....	185
Figuras 65 a 70. Detalhes da atividade produtiva de D. Angelina.....	190
Figuras 71 a 74. Performances de Quêza durante a produção e o planejamento das ações.....	194
Figuras 75 a 81. Tetê dá acabamento em peças de decoração.....	197
Figuras 82 a 87. D. Maria em diversas ações cotidianas.....	201
Figuras 88 a 93. As diversas atuações da artesã Corrinha.....	205
Figuras 94 a 104. Atuação de D. Brasilina.....	209
Figuras 105 a 112. Desterro em ação nas diversas etapas do processo produtivo.....	215
Figuras 113 a 116. Déta na olaria.....	217
Figuras 117 e 118. Conceição termina a formação de um pote e insere a borda.....	218
Figuras 119 e 120. Bia apresenta alguns de seus produtos.....	224
Figuras 121 e 122. Dedé presta informações na olaria e faz a manutenção do foro.....	231
Figuras 123 a 126. João em atuação como auxiliar no tratamento da pasta e na enfiada.....	235
Figuras 127 e 128. Eddym e duas de suas criações.....	238
Figuras 129 e 130. Jazidas tomadas pela água em Passagem de Pedra.....	256
Figuras 131 e 132. Extração da argila e transporte em Jamacaru.....	256
Figuras 133 e 134. Aquisição da argila em Brejo Santo.....	256
Figuras 135 e 136. Elaboração da pasta em Brejo Santo e Jamacaru, respectivamente.....	256
Figuras 137 a 144. Procedimentos de elaboração da pasta.....	257
Figuras 145 a 152. Ações destinadas à formação do pote.....	258
Figuras 153 a 160. Gestos da finalização da dimensão da forma, constrição do pescoço, formação da boca e inserção da borda.....	259
Figuras 161 a 168. Procedimentos de acabamento: alisamento, escovação e cortes de parcelas da porção inferior.....	260
Figuras 169 a 172. Enfiada e processo de queima.....	261
Figuras 173 e 174. Queima em Brejo Santo.....	261
Figuras 175 e 176. Queima em Jamacaru.....	261
Figuras 177 a 179. Comercialização dos potes na feira de Missão velha.....	262
Figura 180. Comercialização dos potes na feira de Brejo Santo.....	262
Figura 181. Comercialização dos potes na feira de Aurora.....	262
Figura 182. Comercialização dos potes em loja de Barbalha.....	262
Figura 183. Comercialização dos potes em loja de Juazeiro do Norte.....	262
Figura 184. Comercialização dos potes em loja de Serra Talhada.....	262
Figuras 185 e 186. A área do Cariri é semelhante em distintas manifestações espaciais e culturais.....	263
Figuras 187 e 188. Duas visões cartográficas de referência para o potencial hídrico do Cariri.....	263
Figura 189. Municípios que compõem a Região Metropolitana do Cariri.....	264
Figuras 190 e 191. Referências para dados populacionais.....	264
Figuras 192 e 193. Referências para população urbana e rural.....	265

1. INTRODUÇÃO

1.1. NO INÍCIO...

Conheci em 2008 uma peculiaridade marcante da produção de potes cerâmicos no Cariri cearense: a aplicação da escovação na superfície desses vasilhames para obter água fria. Esta técnica exige a habilidade de criar séries de rugosidades na face externa dos referidos recipientes. A aspereza obtida, segundo a memória local, é responsável pelo propalado efeito de mudança de calor da água armazenada naqueles objetos. Elemento responsável pela continuidade da produção cerâmica em diversas localidades caririenses.

Tomei nota destas acepções em torno dos potes em meado daquele ano, período de festas juninas, de temperaturas amenas nas noites sertanejas nordestinas, ainda mais frias nas do Cariri, extremo sul do Estado do Ceará. De forma contrastante nas manhãs e tardes, o calor castigava quem se detivesse nos trabalhos de campo. O tempo seco e muito quente responderia a questão do por que as pessoas procurariam sistematicamente por água fria para beber. Como também bebi desse líquido armazenado nos potes *arranhados*¹, senti de fato a temperatura da água.

Os significados locais que observei são fontes interessantes para a reflexão de práticas de uso da cultura material. No contexto do semiárido nordestino transformações surgidas com o alcance da economia mundial têm influenciado esses sentidos ao criar condições para a circulação de outros modos de saber e fazer, além de levar ao abandono as técnicas tradicionais. Destaco os efeitos causados na tecnologia e utilização dos potes cerâmicos. Proponho estudá-los através da etnoarqueologia com o foco no processo tecnológico envolvido e nas continuidades e mudanças culturais associadas.

Já tinha passado por períodos intensos de trabalho na região, mas somente após ouvir das próprias *loiceras*² o significado daquelas ranhuras é que passei a atentar para muitas questões que foram surgindo. O principal motivo de minhas investidas

¹ Designação no Cariri cearense para os vasilhames produzidos com o tratamento de superfície denominado escovado na literatura arqueológica. Alcinhado de *cascarento* em outros lugares do sertão nordestino. O outro tipo é denominado *liso*, por ser acabado apenas com o alisamento.

² Conforme habitualmente conhecido na região, *loiceras* corresponde às ceramistas, oleiras e artesãs.

no sul do Ceará eram as atividades vinculadas ao Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da Ferrovia Transnordestina, executado pela Zanettini Arqueologia que agregou o esforço de muitos pesquisadores em campo e que tem ainda hoje, subjacente à capacidade intelectual de seus diretores em adição à atuação de muitos outros pesquisadores, um longo caminho de desenvolvimento.

Figura 1. Extremo sul do Estado destacado no mapa político do Ceará. Composição modificada de imagem do Guia Geográfico Ceará.



Ao longo de mais de três anos de morada no sertão nordestino, período somado a outras visitas frequentes feitas em momentos diferentes, verifiquei nos Estados do Ceará, Pernambuco e Piauí a popularidade dos potes cerâmicos destinados a esfriar água. Com as relações mantidas na região tive tempo para compreender bem o alcance dos sentidos expressos aos objetos que escolhi pesquisar.

Estive vinculado ininterruptamente por mais de quatro anos (entre junho 2009 e fevereiro de 2014) às atividades da gestão do patrimônio arqueológico da Ferrovia Transnordestina. Mas nossas ações na região caririense tiveram início já em 2007.

O traçado da ferrovia intercepta biomas diversos, e a caatinga que se dispersa nos sertões nordestinos é o que tem maior abrangência. Devido à amplitude geográfica a gestão do Programa tem exigido a permanência de pesquisadores em algumas regiões para atender às demandas do processo de licenciamento ambiental.

Fui membro da equipe tanto em atividades de caráter mais temporário, quanto àquelas em que as tarefas são cumpridas em longo prazo. A zona da mata, o agreste e principalmente o sertão nordestino se apresentaram aos envolvidos. Os pesquisadores que atuaram em campo tiveram as oportunidades mais concretas de observar *in loco* os acontecimentos no momento em que eles ocorriam.

Desde os primeiros contatos que tive com a produção cerâmica artesanal caririense, a partir dos achados nos sítios arqueológicos históricos dos séculos XIX e XX, percebi sua popularidade no contexto local. Era julho de 2007 quando conheci a região, durante uma das etapas de resgate arqueológico do mencionado Programa.

Passadas as atividades de salvamento arqueológico e as prospecções, estas últimas desenvolvidas no sertão piauiense, voltei ao Cariri cearense em 2008 para acompanhar o monitoramento arqueológico da construção do empreendimento. Pude verificar nas feiras livres e lojas a pulsante comercialização dos vasilhames cerâmicos produzidos na região, com destaque para a esmagadora quantidade de potes que tinham, na face externa, o *arranhado* como seu tratamento de superfície.

Em 2009 me instalei de modo permanente para trabalhar no sertão pernambucano e passei a conviver mais intensamente com os sentidos que os sertanejos expressam ao seu mundo material. As práticas diárias relativas aos potes tornavam-se intensas ao meu olhar quando participava de situações em torno da tecnologia e uso da *loiça* de barro³, tanto no sertão pernambucano quanto nas visitas que realizei no Cariri.

Um ano mais tarde voltei ao território caririense, agora também como habitante. Vivi em Aurora, município fronteiro a Missão Velha, ambos no Estado do Ceará. Pude visitar frequentemente ceramistas de diversas localidades de vários municípios. As tarefas cotidianas envolviam diversos compromissos da gestão, mais direcionada às áreas alvo do empreendimento com vistas a proteger o patrimônio arqueológico do dano, mas também associada com a documentação das manifestações culturais da região. Esses afazeres técnicos direcionados à arqueologia vinculada à Ferrovia Transnordestina foram fundamentais para a observação de muitas circunstâncias relativas à tecnologia e às práticas recorrentes em torno da cerâmica, dentre aqueles que nos dedicávamos diariamente (a partir de 2009 já estava convivendo maritalmente e profissionalmente com minha companheira Catarina).

Os modos de fazer e usar estavam então perceptíveis nas conversas com as pessoas do lugar, nos locais de venda e nas residências dos habitantes da zona rural. Os recursos etnoarqueológicos de pesquisa que utilizamos, através de

³ *Loiça* de barro, termo êmico que correspondente aos objetos cerâmicos utilitários. Uso denominações regionais e técnicas para o artesanato da argila. A expressão cerâmica é recorrente no semiárido como referência às fábricas de telhas e tijolos, mas utilizo-a para tratar dos objetos de barro cozido.

observações do cotidiano e de entrevistas para buscar as expressões da memória local, propiciaram a apropriação de intrincados significados.

Já me decidia quanto ao que queria pesquisar no mestrado que procurava prestar. Reunira bastante documentação de ideias contrapostas, formas distintas de produzir e usar, preferências por materiais novos ou pela permanência dos tradicionais e resistentes potes cerâmicos. Percebia onde se localizam as escolhas por manter usos mesmo diante da pressão de um mercado que se avanteja ao propiciar o consumo de bens sofisticados, nem sempre bem quistos pelos habitantes locais.

Logo, as causas do tempo que habitei em Parnamirim, município do sertão central de Pernambuco, e em Aurora, no Cariri cearense, me levaram para Arcoverde, próximo do Agreste pernambucano. O distanciamento geográfico do Cariri não tirava dos trilhos os significados dos potes cerâmicos, mas me mostrava sim que a região de abrangência deles alcança esta divisa de ambientes, onde pessoas ainda dizem que as ranhuras eram (por ali a produção está extinta) aplicadas para propiciar o arrefecimento da água, ou melhor, para esfriar a água e mantê-la mais tempo fria do que no pote acabado com alisamento!

Encontrei diversas *loiceras* e ex-ceramistas nos municípios vizinhos a Arcoverde que relataram o que faziam, como vendiam e o que ouviam sobre sua produção. Existiam muitas noções tão semelhantes ao Cariri cearense que parecia não ter saído de lá ainda. Contudo não ocorrem nesta região, tanto quanto em todos os outros núcleos visitados, os contrapontos e/ou as incertezas das oleiras com relação ao desempenho dos potes escovados, como verifiquei no Sítio Passagem de Pedra.

Já era 2012 quando tive acesso a muitos dos lugares do sertão pernambucano. Eu já estava decidido em demasia sobre a continuação da pesquisa. No ano seguinte, diante dos compromissos para a obtenção dos créditos do mestrado, tive reduzida participação nas atividades da Ferrovia Transnordestina. Porém nos poucos momentos em que estive lá, mantive contato com uma quantidade expressiva de informações importantes em um dos municípios polo da região.

Em agosto de 2013 participei da etapa inicial do Programa Expresso Educação, com ações educativas para disseminar o conhecimento arqueológico ao longo da ferrovia (MORAES WICHERS; ZANETTINI, 2013, p. 75). As atividades ocorreram em

Salgueiro e contaram com encontros realizados em dezenas de comunidades diferentes espalhadas no imenso território desse município.

As reuniões do Expresso Educação difundidas com o foco na identidade local davam voz aos habitantes que nos ouviam, questionaram-nos e ensinaram-nos nos momentos de profusa troca de ideias. Dentre informações que surgiam destaque o que ouvi sobre a reutilização dos potes. É importante ressaltar que Salgueiro é destino certo de parte da produção cerâmica do Cariri cearense.

Tenho motivações que são primeiro pessoais, pela apreciação por contextos cerâmicos. Desde que me envolvi profissionalmente com a arqueologia a cerâmica artesanal se tornou cada vez mais atrativa. Porém não posso deixar de levar em consideração que me despertavam interesse maior as questões particulares, de grande pujança, dos significados sociais das práticas diárias relacionadas ao fazer cerâmica no Cariri cearense. A oportunidade de conhecer bem os detalhes da produção, bem como as maneiras de pensar a tecnologia e o uso dos objetos feitos de argila, consolidou em meus planos o estudo sistemático de um aspecto prático e específico, difundido pelos sertanejos naquela maravilhosa e acolhedora região.

O período que trato neste estudo envolve circunstâncias do uso e fabricação dos mencionados potes dos últimos 35 anos. Nesse contexto, a questão central é a percepção dos potes pelas oleiras, comerciantes e consumidores.

O recorte temporal é justificado pelos discursos locais, principalmente das *loiceras* de Passagem de Pedra, localidade do Município de Missão Velha-CE. A memória local indica que ocorreram mudanças repentinas ali, decisivas para alterar as maneiras de fazer à cerâmica no início da década de 1980.

O que ficou bastante evidente durante o período em que conheci as escolhas das oleiras é que elas se lançaram a uma nova forma de produzir para manter sua atividade diária. Ou seja, conforme já faziam muitas de suas colegas da mesma região e de outras áreas vizinhas, estas ceramistas se detiveram em inserir a aplicação de ranhuras nos potes (Figuras 2 e 3), que então seriam vendidos não apenas para armazenar, mas também para arrefecer a água.

Figuras 1 e 3. Inserção de sulcos na superfície de um pote (Missão Velha e Brejo Santo, respectivamente).



Os meios que recorri para alcançar os sentidos locais é proveniência marcante para meu pensamento. O interesse é correlacionar os aspectos ideacionais locais com abordagens da análise da cultura material. Assim, para pesquisar significados dos potes acabados com ranhuras no Cariri cearense adoto a arqueologia enquanto disciplina histórica para refletir sobre os sentidos atribuídos a certos vasilhames do conjunto da cerâmica de produção local/regional⁴.

Dentro desta estratégia de pesquisa, a interpretação tem peso bastante amplo na discussão do porque o objeto de estudo em questão está situado em formas de entendimento diversas, situação que está relacionada à formação do indivíduo, inclusive de minhas próprias ideias. Isto está associado ao momento de reflexão que vivenciei quando conheci os afazeres das ceramistas que mais contribuíram com a pesquisa, não por acaso aquelas que se destacaram por fornecer em demasia o conteúdo de significados locais que contrastam com outras experiências de vida e com opiniões de pessoas de fora da região. As revelações das ideias relativas aos potes *arranhados*⁵ foram determinantes para o recorte temporal realizado e para ter pleno entendimento das principais questões envolvidas no tema.

A principal característica da produção observada é a intenção de obter produtos úteis para armazenar e esfriar água. A pretensão da reflexão é discutir os significados do saber fazer e das práticas de uso, e consecutivamente almejo avaliar imposições do mercado de consumo regional. Estas exigências preponderaram

⁴ Paulo Zanettini usa este termo como referência adequada à cerâmica utilitária produzida em escala artesanal (ZANETTINI, 2005, p. 13; ZANETTINI; MORAES WICHERS, 2009, p. 311 e 313 - 316).

⁵ Designação no Cariri cearense para os vasilhames produzidos com o tratamento de superfície denominado escovado na literatura arqueológica. Também alcunhado de *cascarento* em lugares do sertão nordestino. O outro tipo é denominado *liso*, por ser acabado apenas com o alisamento.

ativamente na atuação das *loiceras* de Passagem de Pedra quando da bem demarcada mudança na elaboração dos seus vasilhames.

A nova forma de produzir atingira a elaboração dos contentores d'água feitos pelas oleiras dali. A produção delas sempre foi voltada à grande quantidade de potes para armazenar água, porém com o acabamento da superfície externa realizado com o alisamento. Exigências dos consumidores levaram-nas a aplicar ranhuras naqueles recipientes para atender a demanda de pedidos de potes que a memória regional concebe como capazes de esfriar a água. Ao problematizar o objeto de estudo esses aspectos reúnem-se com a ideia de observar no cotidiano agropastoril como se comporta o mercado e a experiência de consumo dos potes *arranhados*.

É abrangente a opinião de muitos caririenses, que recorrem apenas aos potes escovados para obter água fria, em relação à noção prática de que tais marcas externas são frequentemente associadas ao efeito de arrefecimento do líquido armazenado. Porém as ceramistas de Passagem de Pedra não acreditam que são as ranhuras o agente arrefecedor da água e sim a qualidade da argila. Daí parte indagações de como discutir as mudanças culturais observadas através dos interesses das pessoas do lugar e no período em questão.

Esse exame me possibilita refletir sobre transformações culturais no contexto da sociedade agropastoril do semiárido. Algumas novidades de âmbito global, por exemplo, a implantação da energia elétrica na zona rural, quando correlacionadas com novas práticas de consumo indicam outras maneiras de recorrer a produtos artesanais, ou até mesmo, ao abandono desses artefatos. Derivaram destas aquisições, de ampla abrangência social, novidades observadas no cotidiano que afetaram o consumo de certos utensílios. Estas novas relações com a cultura material levaram ao decréscimo da utilização e produção dos vasilhames cerâmicos. A análise dos recursos obtidos com a modernização propicia investigar mudanças de hábitos entre os habitantes da zona rural.

Estas questões têm alto valor na interpretação das percepções. Ao segui-las vale uma crítica à necessidade de observar mudanças no seio dos modos de fazer e usar na sociedade. A ideia da mudança é baseada na admissão de que todas sociedades aproximam-se de um modelo único. Mas não são todas as pessoas que buscam um modo de vida baseado no conforto, na aquisição de tantos bens materiais e na opção de ter sempre melhores equipamentos e implementos no cotidiano.

Destarte, como hipótese de partida, surgida com os dados coletados no contexto pesquisado, entendo que a aplicação de ranhuras na superfície externa dos potes cerâmicos é realizada para atender a demanda da comercialização vinculada à intenção de obter no uso diário o arrefecimento da água armazenada nos vasilhames. A avaliação desta formulação deve levar em conta a credibilidade da escovação nos núcleos produtores de cerâmica e nas negociações cotidianas entre consumidores e comerciantes. É perceptível que a apropriação social desse tratamento de superfície surge dos discursos evocados por *loiceras*, comerciantes e consumidores. Esta é uma condição que situa a característica principal do objeto de estudo nos discursos dos sujeitos enfocados. Existem nuances que devem ser investigadas para verificar se existe exatidão da mencionada mudança de calor.

Na discussão é agregada a relação dos motivos da alteração da superfície dos potes com as necessidades básicas da população. Esse é o sentido da premissa adotada, cuja perspectiva é reconhecer que a intenção das oleiras é influenciada por aspectos práticos e ideacionais, inerentes à negociação entre produtores e consumidores.

No caminho escolhido para trilhar as formas de pensar e praticar o emprego frequente dos potes é importante reconhecer que existem intensas relações entre significados e interpretações abrangidas por escolhas situadas em dois vetores sociais: 1) o dos indivíduos do lugar e; 2) o das ideias do produtor do estudo. As considerações dos sentidos da fabricação e uso dos potes cerâmicos escovados no cotidiano do Cariri cearense estão alicerçadas de forma geral em pensadores da arqueologia pós-processual. Estão agregados pesquisadores que enfatizam o entendimento do significado da cultura material dentro de seu contexto social particular, via subjacente à realização de uma arqueologia aberta às relações sociais no lugar e período em que são disseminadas através da cultura material.

Para entender como os discursos se tornaram significantes e como permanecem na região diante das mudanças culturais observadas a abordagem é direcionada para uma arqueologia do mundo contemporâneo com vistas a registrar as narrativas orais quando se produz, utiliza, recicla e reinventa os artigos do cotidiano das pessoas, cotejando as ideias do passado e do presente.

Na senda desse processo de conhecimento, da relação das pessoas com os materiais analisados nesta dissertação, existem circunstâncias sociais que exigem o esforço de compreender o modo como ocorre à fabricação, utilização, descarte e

reuso dos potes. Perspectivas das produções sociais, com base etnoarqueológica, contribuem para a apreensão das narrativas significantes das ações daqueles cearenses.

Os resultados vinculam-se aos exames do atributo funcional dos potes, ou seja, medições, em laboratório e no ambiente pesquisado, da temperatura da água armazenada nos vasilhames cerâmicos. Ambos os tipos de potes enfocados, o acabado com o alisamento e outro com a escovação, são o objeto desta análise.

Esses testes foram realizados na etapa mais recente da construção da dissertação. Então completei a aquisição de informações com o retorno recente à localidade de Passagem de Pedra, quando realizei medições *in loco*, e com a tomada de medidas controladas em laboratório - ações realizadas entre outubro e novembro de 2014.

As atividades desenvolvidas nos diversos municípios do sertão nordestino contribuíram para a apreensão dos significados relativos aos potes. A presença na região foi fundamental, sobretudo quando considerados os momentos que nunca esperaria ter vivenciado. Assim, minha permanência levou ao êxito o registro de muitas situações impossíveis de conhecer a distância.

A disposição da dissertação segue com mais cinco capítulos. Dois deles são destinados às perspectivas teórico-metodológicas e ao trabalho com as fontes. Resolvem questões básicas, para atender as expectativas de onde parti com indagações e interpretações e para mostrar como e por onde desenvolvi o caminho de reflexão. Em outro capítulo menciono o estado dos estudos etnoarqueológicos cerâmicos. Segue a discussão dos dados coletados na região e em laboratório. Por fim as últimas considerações. Mas antes é válida uma apresentação da região.

1.2. O CARIRI CEARENSE

Para ter uma percepção básica do Cariri cearense é importante uma breve apresentação dos seus contornos que implicam observar o território sociocultural de abrangência das peculiaridades do objeto de estudo. Não interessa simplesmente a compreensão da fisiografia ou dos lugares ocupados para a produção de quaisquer bens. Adoto a estratégia de mostrar quais os fatores responsáveis para a o domínio das relações de poder da região (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 32-37; ALVES,

2011, p. 37, 38, 40-49, 60-63 e 73-80), primordial para indicar que se trata de um espaço marcado pela sociedade agropastoril (BARROS, 2008, p. 62-73) que tem ainda em muitas comunidades a execução plena de atividades extrativistas, suportes para a elaboração de bens de consumo provenientes do labor artesanal.

Seria demasiado impróprio partir para caracterizações amplas da porção nordeste do Brasil, concebida como uma região por fins político-administrativos (ANDRADE, 1988; GARCIA, 1986), e depois tratar especificamente da área principal deste estudo. Lançar mãos de certas composições do Nordeste levaria a manifestar atitudes discriminatórias, distantes da realidade que procuro apresentar. Sobre a questão é Durval Muniz de Albuquerque Jr. que bem reflete ao enfatizar que as ideias pré-concebidas sobre a região são oriundas da

estratégia da estereotipização. O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. (2011, p. 30).

O contexto em que se deram as condições de domínio do território é eficaz para proporcionar uma compreensão regional que serve de base. Uma interessante percepção é expressa por Manuel Correia de Andrade através da observação de que a dualidade sociopolítica bastante difundida no Nordeste colonial não se instala decisivamente no Cariri, que é antes Nordeste do gado e depois e em menor amplitude também da cana-de-açúcar (2011, p. 37). A complexa história da colonização recente da região envolve interpretações distintas, que apontam em duas direções dos desígnios do Estado português, a ausência administrativa ou a intencionalidade de ocupação para o beneficiamento de insumos destinados a outras regiões.

Se houvesse espaço aqui para delongas acerca da questão, logo ficaria perceptível que independente do caminho de explicação escolhido, trata-se de uma porção dos sertões do Nordeste brasileiro caracterizada pela exploração do solo através de atividades agrícolas e, principalmente, por criações de animais para o consumo (ARAÚJO, 1973, p. 14; GIRÃO, 1984a, p. 51) desde a implantação de fazendas de gado posteriormente dotadas de áreas de cultivo familiar nos séculos XVII e XVIII. Na gênese desse processo ocorre a matança generalizada dos habitantes nativos (ARAÚJO, 1973, p. 44; BEZERRA, 1918, p. 3; FERREIRA NETO, 2006, p. 17-24) ou sua assimilação através da implantação das aldeias de catequese indígena

(ANDRADE, 2011, p. 186; BARROS, 2008, p. 73), que ainda assim deixaram marcas profundas no modo de vida local. Tal genocídio é associado à ida para a região do elemento social luso-brasileiro pelos movimentos populacionais em comum ocorridos no sertão nordestino como um todo e que partiram de Salvador e Olinda,

centros açucareiros que comandavam a arremetida para os sertões à cata de terra onde se fizesse a criação de gado indispensável ao fornecimento de animais de trabalho – bois e cavalos – aos engenhos e ao abastecimento dos centros urbanos em desenvolvimento. (ANDRADE, 2011, p. 183).

Associado ao processo formador das bases socioeconômicas é presente no Cariri cearense a influência do coronelismo e da Igreja Católica, preponderantes na região no século XX. Na virada do século XIX para o XX ali se situaram acirradas lutas políticas que contribuíram para o estabelecimento dos grupos dominantes que utilizaram a força como elemento principal de hegemonia ideológica (BARROS, 2008, p. 79). Também foi palco de rebeliões articuladas por homens do campo contrários ao monopólio da terra (FACÓ, 2009, p. 25-28).

Nesse pano de fundo de dominação do poder está à formação socioeconômica que data dos séculos XVII, XVIII e XIX, êxito obtido com a propriedade dos meios de produção baseados na diversidade agrícola, na pecuária extensiva (ANDRADE, 2011, p. 187 e 190-193). Para esta disposição houve a contribuição de certos elementos sociais nos núcleos de povoação, com destaque para o fazendeiro, o vaqueiro, o padre, o comerciante e os artesãos, que foram capazes de manter as operações econômicas e conferiram autossuficiência na produção e distribuição dos bens básicos à vida (BARROS, 2008, p. 65-75). Porém o domínio dos meios de produção e a propriedade das vastas extensões territoriais nas mãos de poucos senhores poderosos condicionou a dependência da maioria dos indivíduos destituídos de posses, numa rede clientelista que consolidou a permanência da desigualdade social verificada ainda hoje (FERRIERA NETO, 2006, p. 18-20).

A herança da sociedade agropastoril cariense tem como ponto nevrálgico de sua formação histórica a delimitação em meados no século XIX, quando se solidificara a ideologia das classes dominadas (FACÓ, 2009, p. 26, 27 e 159-194). Nos conflitos sociais e manutenção do poder local destaca-se o papel exercido pela Igreja Católica ao direcionar cultural e moralmente toda a região, conforme jocosamente aludido por um pesquisador da história e genealogia do Cariri, o Padre Antônio

Gomes de Araújo (1971, p. 70). A hegemonia desta instituição se solidificou junto às camadas dominantes com a sacralização da autoridade civil e eclesiástica.

As classes dominadas foram levadas a crer na ideologia católica através da catequese, direcionada pelo catolicismo de cunho popular sob a mensagem cristã de aceitar a existência da sociedade justa na vida após a morte. Estas características marcantes têm contornos sociais peculiares, tais como o apego aos ensinamentos do Padre Cícero (FACÓ, 2009, p. 150-151 e 160) e atividades de devoção que implicam em romarias e obediências a um extenso calendário que envolve a entrega e o deslocamento dos seus praticantes para organizar e participar de eventos familiares (exemplo da entronização tão comum em Missão Velha).

As clássicas publicações historiográficas que diretamente ou de forma secundária tratam do Cariri cearense foram concebidas dentro de influências de ideias elitistas e evolucionistas. As informações sobre a colonização mais recente da região têm direcionamento discursivo relativo aos feitos dos grandes proprietários de terras, de pontos de vista que excluem os grupos dominados (BEZERRA, 1918; BRÍGIDO, 2007; FIGUEIREDO FILHO, 1966; GIRÃO, 1984a, 1984b, 1985; LÓSSIO, 1986). Raros são os autores que apresentaram alternativas aos relatos oficiais autoritários (ARAÚJO, 1973, p. 134-137). Também não dão muitos destaques para as potencialidades extrativistas da região e, além disso, difundem algumas ideias contrárias às suas riquezas naturais (GIRÃO, 1985, p. 13).

Narrativas contrárias são propiciadas por publicações que buscam o sentido concreto das situações vividas no Cariri (PAULINO, 2004). Longe desses intrincados caminhos da realidade social trabalhos de uma memorialista, Célia Magalhães, mostram que Missão Velha se enquadra dentro das opções econômicas básicas da região e no processo agropastoril formador da sociedade. Ela indica que no município existem áreas riquíssimas dotadas de recursos minerais (1994, 2001).

Da leitura das obras clássicas não é possível obter grandes contribuições da sociabilidade na região. Ofuscam manifestações culturais da sociedade caririense, tais como fatores herdados das etnias que já habitavam o Cariri quando da chegada dos povos oriundos da Europa, ao escrever sobre a formação sociocultural da região apenas relativa às transformações ocorridas com o advento da pecuária.

É importante considerar para o processo de colonização mais recente (posterior aos deslocamentos dos povos nativos e conhecido pelos escritos clássicos aqui mencionados) as minas e núcleos urbanos estabelecidos no interior. Em fins do século XVII as vias de abastecimento das jazidas em exploração e das povoações são responsáveis pela criação de currais de gado, ativos enquanto estações de pouso, que originaram muitas cidades nos sertões nordestinos (ANDRADE, 2011, p. 190 e 191; BARROS, 2008, p. 65). No Cariri era imensa a abrangência dos currais no território (ARAÚJO, 1973, p. 16, 43 e 138-141). Porém o que reforçara a vida em muitas localidades é a escolha de algumas famílias em rumar para o interior com a intenção de contribuir na contenção do gado, atividade relacionada ao uso da terra para o plantio familiar (ANDRADE, 2011, p. 187 e 188; BARROS, 2008, p. 60-63).

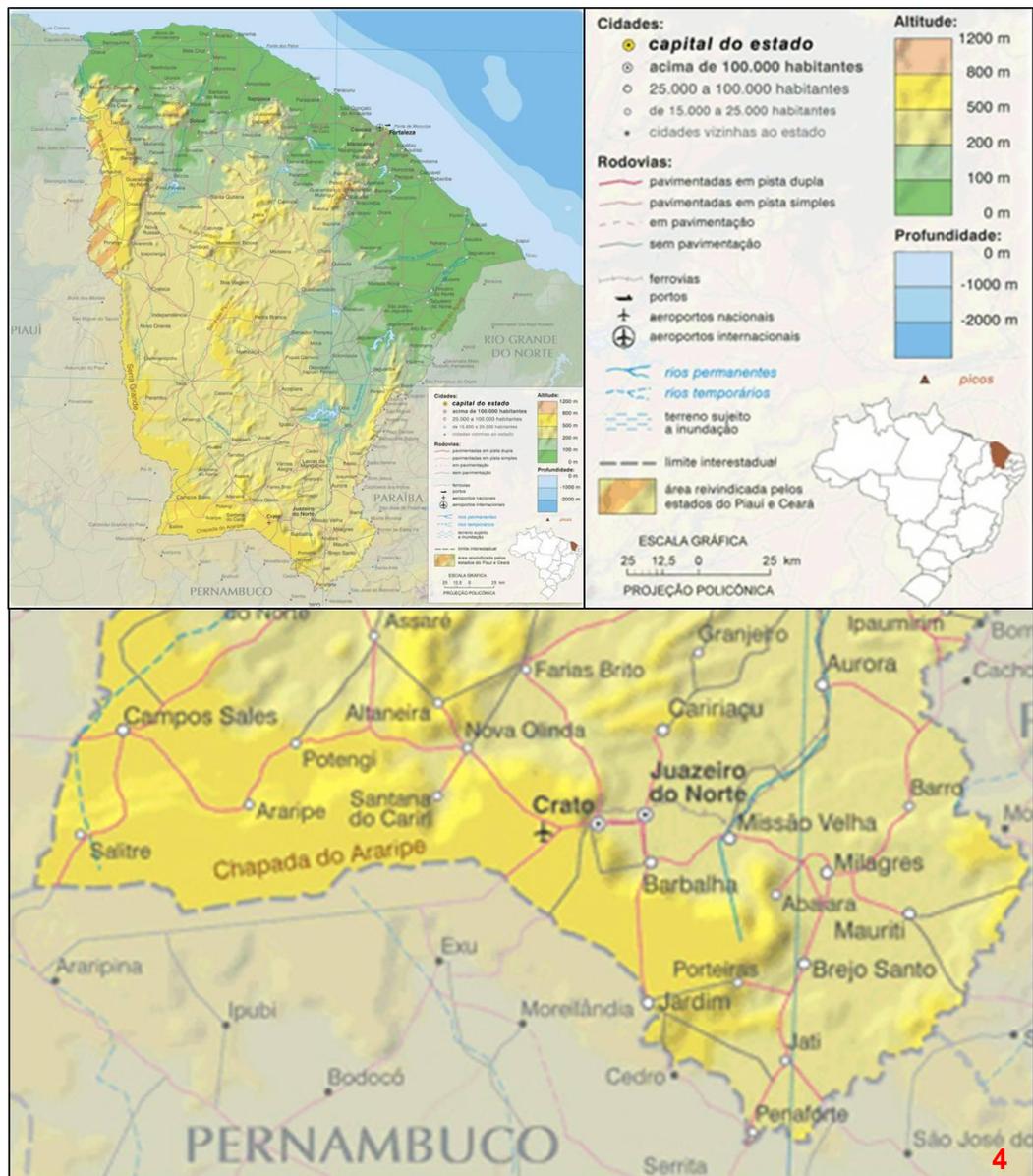
Com relação à fisiografia um ponto comum nas descrições de vários pesquisadores são as referências aos ambientes distintos caracterizados pela cota altimétrica: área de chapada e vale. O Município de Missão Velha tem porções territoriais em ambas às cotas que têm bastante diferença demográfica devido à dificuldade de obter água no vasto planalto araripiense.

As povoações existentes no Vale do Cariri são oriundas das escolhas de ocupar áreas próximas às planícies aluviais. Esse é o exemplo da família das ceramistas de Passagem de Pedra, que ali se fixaram na década de 1930 com olhos voltados aos compartimentos dotados de recursos hídricos e minerais adjacentes ao Riacho Salamanca, tributário do Rio Salgado.

O Cariri cearense é envolvido pela Bacia Sedimentar do Araripe (PIRES, 2006, p. 47), pela Depressão Sertaneja Setentrional e por parte do Complexo Ibiapaba. A área estudada tem na Chapada do Araripe importantes aquíferos que irrigam muitos dos municípios estudados através dos rios tributários da Bacia do Rio Salgado nos compartimentos de cota mais próxima do nível do mar na porção oriental da região. Outros cursos d'água integram a Bacia do Jaguaribe do centro a oeste pelas planícies aluviais do Vale do Cariri (Anexo T, Figura 187).

O Cariri cearense tem seu equilíbrio ambiental graças ao sistema de aquíferos da bacia sedimentar do Araripe e devido à influência da Floresta do Araripe. Os acumuladores hídricos, situados no topo da Chapada do Araripe, são fundamentais enquanto distribuidores de águas na porção leste daquela bacia sedimentar, onde está localizado o município de Missão Velha no Vale do Cariri.

Figura 4. Mapa físico do Estado do Ceará - destaque para o extremo sul. Fonte: www.ibge.org.br.



Os referidos marcadores paisagísticos naturais propiciam um regime intenso de chuvas. Em alguns meses a alta pluviosidade contrasta com a depressão sertaneja. Mas nos centros urbanos dos municípios a situação está próxima de um colapso do abastecimento de água devido à implantação inadequada de reservatórios no topo da Chapada. É um modo de exploração dos recursos hídricos vinculado ao agronegócio que leva à diminuição do nível de água armazenada nos aquíferos. Assim as admissões das condições hídricas inesgotáveis do Cariri, comum nos escritos de muitos dos autores aqui consultados como Irineu Pinheiro (2010, p. 7 e 8), logo podem ser alçadas às dúvidas.

Em Passagem de Pedra não existe para todas as pessoas iminente perigo. Algumas delas usam os poços artesianos. Mas os cursos d'água, também os subterrâneos responsáveis por irrigar os lençóis freáticos podem ser atingidos nas próximas décadas.

Por outro lado a situação de baixa d'água dos tributários do Rio Salgado pode propiciar melhores condições para a extração da argila. Os compartimentos onde existem os materiais brutos para a execução da atividade econômico-social ceramista são irrigados pelo Riacho Salamanca, que também tem seu regime influenciado pelas águas vindas do topo da Chapada do Araripe.

No vale úmido, na borda da Chapada do Araripe, a paisagem é caracterizada pela transição florística entre o cerrado e a caatinga. Enquanto que na cota de 500 metros, topo da Chapada a partir da Área de Proteção Ambiental do Araripe a vegetação de cerrado predomina, onde se situa a Floresta Nacional do Araripe. Para Andrade a localização do Cariri cearense na "... porção meridional do Ceará limítrofe com o Estado de Pernambuco, [...] no sopé da encosta setentrional da Chapada do Araripe [...] constitui uma ilha úmida na grande vastidão seca" (2011, p. 55).

As terras férteis em associação com o desenvolvimento econômico e a demografia acentuada destacam a região dentro do Polígono das Secas (FACÓ, 2009, p. 139-141). Esta particular característica é comum à grande extensão do Cariri (além de 7.000 km²), o que propicia o beneficiamento da agricultura praticada por uma grande densidade de pequenos produtores (ANDRADE, 2011, p. 218 e 219). Ao caracterizar a paisagem natural do Estado do Ceará, Raimundo Girão enfatizou a riqueza do solo caririense:

Nos sopés serranos estão, comumente, vales úmidos, férteis, propiciando as culturas em qualquer tempo. Destaca-se entre todos o Vale do Cariri ou Cariris Novos, encaixado ao sul, no recôncavo do arco de cordilheiras contornador, refrescado pelos ribeiros que deslizam pelas escarpas araripienses, e cuja estrutura geológica se faz de matérias areno-calcárias, algo argilosas, emprestando-lhe, pela umidade constante que recebem, especial feracidade, motivo de formosura da região. (1984b, p. 64).

Estas feições naturais contribuem para a manutenção das peculiares atrações do Cariri em meio ao sertão mais seco (PINHEIRO, 2010, p. 18-54).

É interessante observar que a abrangência geográfica dos potes feitos pelas ceramistas de Passagem de Pedra e de outros lugares, como os de uma ceramista de Brejo Santo, avança na região do sertão central pernambucano situada na

depressão sertaneja, imediatamente vizinha ao Cariri. Em municípios pernambucanos situados nesta área também é escoada a produção cerâmica caririense no mesmo ambiente fisiográfico do bioma da caatinga.

Nos lugares de comercialização de produtos regionais é massiva a presença do aspecto central da análise dos potes que proponho no contexto do semiárido onde circulam os produtos artesanais cerâmicos destinados ao abastecimento das famílias na zona rural. Se me detivesse apenas à região do Cariri entraria numa discussão longa sobre os limites estabelecidos, ainda mais pelas mudanças recentes, pois hoje está estabelecida a Região Metropolitana do Cariri, composta por nove municípios: Barbalha, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri (Anexo U).

Para o objeto de estudo selecionado apesar da concentração primordial no aspecto central da análise, incorporo percepções que estão além dos limites caririenses. Não adoto limites consolidados por quaisquer esferas político-administrativas. Estão incluídos municípios onde encontrei vivos os significados escolhidos em torno dos potes *arranhados* e *lisos*, seja nos locais de produção, comercialização ou uso.

Alguns dos lugares têm importância primordial por receber a maior parte da produção oleira de Passagem de Pedra. Exemplo das praças comerciais influenciadas por dois centros regionais: 1) sul do Ceará, capitaneada por Juazeiro do Norte, devido à sua posição geográfica e pela atração consecutiva às romarias que ali ocorrem (ARAÚJO, 2006, p. 27; FACÓ, 2009, p. 192-194), mas também firme em Barbalha; 2) sertão central pernambucano em Salgueiro e em Serra Talhada.

Com a associação dos ideais presentes em outros sertões reúno fontes que para além de quantitativas são em demasia pujantes para avaliar a dispersão dos sentidos inerentes aos potes utilizados para armazenar água. Assim estão agregadas situações observadas dentro e no entorno do Cariri cearense em lugares que vivi ou passei por conta de atividades de pesquisa/trabalho, ocorridas nos municípios: cearenses de Aurora, Barbalha, Brejo Santo, Jati, Mauriti, Milagres e Juazeiro do Norte; pernambucanos de Araripina, Arcoverde, Buíque, Custódia, Ouricuri, Parnamirim, Salgueiro, Serra Talhada, Sertânia e Trindade; e piauienses de Betânia do Piauí, Curral Novo do Piauí, Paulistana e Simões.

2. CAPÍTULO 1 – É COMO ÁGUA FRIA NO POTE DO CARIRI CEARENSE: TEORIA, METODOLOGIA E SIGNIFICADO NOS CAMINHOS DA INTERPRETAÇÃO

2.1. ELEMENTOS PARA IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE

Início aqui uma jornada acerca de conceitos e estratégias de pesquisa que propiciam a apreensão das informações através da observação do contexto e do tempo de vida das pessoas e da cultura material. Com esta perspectiva comum à arqueologia pós-processual, propicia para estudar como os indivíduos pensam e agem com ênfase na materialidade, pretendo analisar o uso e a fabricação dos potes cerâmicos para discutir questões relativas aos significados daqueles recipientes nos últimos trinta e cinco anos.

Para alcançar a compreensão dos significados relativos ao objeto de estudo adoto o caminho de pesquisa da abordagem de Ian Hodder para a análise da relação entre as pessoas e coisas (2012, p. 17-39 e 95-112). Sua ênfase nas propriedades surgidas da interação existente entre objetos e entre pessoas e objetos consolida importante renovação no campo da arqueologia

A adoção desta perspectiva como teoria geral é baseada nas possibilidades de discussão da sociabilidade dos objetos ao admitir a existência da agência dos indivíduos e da cultura material, numa mútua ação que provoca transformações ao longo de suas vidas. Assim, espero discutir mudanças culturais no Cariri cearense através dos significados daqueles objetos no passado recente.

Esses significados devem ser observados a partir dos discursos que os substanciam, que os tornam palpáveis, lhes garante existência. Ao tratar das questões que renovam seu pensamento em seu recente ensaio intitulado *Entangled*, Hodder (2012) mostra uma divergência com a arqueologia contextual antes praticada (HODDER; HUTSON, 2003, p. 156-205). Nesse caminho entendo ser possível desenvolver a ideia da dependência das coisas na arqueologia ao voltar os olhos ao processo de apropriação da cultura material.

Os potes estão no centro da investigação, mas não estão isolados; têm relações com o lugar de onde surgem, com os consumidores e ceramistas caririenses. Por

isso recorro à concepção alargada do mundo material quando me refiro às coisas, que, no debate atual do pensamento de Hodder (2012, p. 7-9) e Timothy Ingold (2012, p. 27-33) referem-se ao conjunto de elementos criados pela sociedade e meio ambiente, no sentido do emaranhado destas coisas com o todo circundante.

Estas admissões, que abrangem a compreensão da relação ativa entre as pessoas e os objetos, são mecanismos de investigação úteis para abarcar a percepção das práticas e das representações dos indivíduos. Tal instrumentalização, muito discutida por pesquisadores que têm contribuído para avanços teóricos nos estudos da cultura material, foi renovada a partir das teorias da interpretação derivadas da filosofia e da crítica literária (BEAUDRY; COOK; MROZOWSKY, 2007, p. 74 e 75; HICKS; BEAUDRY, 2006, p. 6; MOORE, 1990, p. 85-120).

Os elementos mais íntimos aos discursos existentes no lugar estudado e também aqueles produzidos pelo pesquisador se destacam dentro do pós-processualismo na arqueologia (SHANKS; TILLEY, 1992, p. 103 e 104). Daí desdobra-se conceitos analíticos e estratégias de pesquisa relativas ao papel social das pessoas e da cultura material.

As manifestações culturais dos indivíduos, analisadas com base nas influências estruturalistas e pós-estruturalistas nas ciências humanas, propiciaram avaliações de processos sociais (HODDER, 2006, p. 9; PREUCCEL, 2006, p. 123). Hodder (2006, p. 8) acreditava que para obter êxito com o uso do estruturalismo na arqueologia era necessário, além de incorporar de maneira adequada a teoria da prática, buscar as estruturas da abstração reflexiva das pessoas para situá-las em uma perspectiva hipotética de padrão estrutural que é relacionada ao ordenamento do mundo material (MILLER, 2006, p. 17-19). Anthony Giddens, ao apreciar as contribuições e limites desses enfoques antropológicos para a teoria social, chamou atenção para a existência de um olhar mais dedicado à análise de questões gerais, tais como história e temporalidade, e descentralização do sujeito (1999, p. 282 e 304-307). Tal consideração soa como chamada para o que é interessante em minha abordagem: reconhecer que os significados encontram-se posicionados nos discursos. Isso não causa apenas um efeito catastrófico nas concepções da agência adotadas na arqueologia contextual, mas também mostra a plenitude das considerações da dependência relacional das coisas, delas com elas próprias, das coisas com as pessoas, que possibilitam observar decisões, desejos tanto dos

sujeitos sociais quanto da cultura material, com a admissão também de que as coisas fazem suas próprias escolhas, notórias quando ocorre sua manipulação.

Nesse sentido, procuro esmiuçar peculiaridades locais/regionais dentro de perspectivas de tempo bem demarcadas para abordar a relação das pessoas e coisas na sociedade. Esta via é auxiliada com a incorporação de noções do entendimento do tempo de vida e da interação entre agentes sociais (indivíduos e/ou mundo material).

As características estruturalistas mencionadas suscitaram a conformação de importantes renovações ao entendimento da agência (DOBRES; ROBB, 2005, p. 159-160), profundamente marcantes na arqueologia, principalmente no enfoque pós-processual. Interessam-me as novas formas de olhar para o registro arqueológico e perceber que em seu conteúdo são imprescindíveis dados dos agentes sociais.

O grande ganho para a pesquisa na arqueologia seriam as implicações a partir da noção de subjetividade inerente aos objetos, mas não sua animação consciente. Contudo vale uma crítica, a animação é existente, está nos objetos, eles têm escolhas próprias, perceptíveis quando voltamos nossos olhares para a maneira em que preferem estar, para as mudanças que se desdobram, para seu envelhecimento e para muitas outras questões de sua relação com o mundo. Ora os elementos atuantes nos eventos não derivam somente das ações humanas, consolida esta abordagem perceber a localização dos significados nos discursos, que têm sim referências no mundo material, pois existe um substancial poder transformador naquilo que é externo ao corpo humano, mas que é essencial para a vivência em sociedade. Conforme postulou Lambros Malafouris:

If human agency is then material agency is, there is no way that human and material agency can be disentangled. Or else, while agency and intentionality may not be properties of things, they are not properties of humans either: they are the properties of material engagement, that is, of the grey zone where brain, body and culture conflate. (2008, p. 22, grifo do autor).

Nesse sentido, adoto o ponto de vista de que as coisas participam da relação dialética com outros elementos pela existência da motivação no contexto social.

Os efeitos da interação dialética entre as pessoas e a cultura material devem ser incorporados nas análises do contexto social (GOSDEN, 2005b, p. 194-197; INGOLD, 2011, p. 16 e 17, 2012, p. 33; TILLEY, 2004, p. 4-12) e vistos através dos significados das maneiras de fazer e usar.

Conduzo meu pensamento por esse procedimento para identificar e analisar o contexto histórico particular. Esta ênfase é direcionada à interpretação dos processos sociais acerca dos diferentes tipos de significados atribuídos àqueles vasilhames que se destacam do conjunto da cerâmica de produção local/regional. No início da década de 1980, Hodder indicara que esses critérios são imprescindíveis para a realização de uma arqueologia que se dedica a estudar as ações dos indivíduos e sua imbricação com o meio em que vivem com o foco em entender como ocorrem as situações sociais no lugar e tempo em que elas acontecem (2006, p. 9-14). A forma em que ele perceber nos discursos os intrincados significados é evidente e ampla na sua ênfase recente para entrelaçar na arqueologia

... ways in which humans and things are entwined, involved with each other, dependent on each other, tied together. This account is relevant for all things on which humans have some impact, but it is especially relevant for things made by human. (2012, p. 95).

O procedimento primordial é entender os discursos dos indivíduos, dos quais partem as intenções, os projetos, os pensamentos no lugar e tempo em que eles vivem.

Os dados relativos à sociedade, enquanto objeto de estudo a ser apreendido, conformam-se naquilo que é produzido e/ou utilizado pelas pessoas. É inerente a esse reconhecimento minha opção por seguir perspectivas teóricas dos estudos do significado da cultura material, surgidas na arqueologia por volta da década de 1980 e influentes em ideias de muitos autores (HODDER, 2007, p. 29 e 31-34). É importante agregar a contribuição dos *estudos da cultura material*, eficazes para as seguintes abordagens da materialidade: sua conceituação como elemento analítico e as estratégias de pesquisa com a concentração em sua disposição.

Mercadorias, e coisas em geral, despertam, de modo independente, o interesse de diversos tipos de antropologia. Constituem os princípios básicos e os últimos recursos dos arqueólogos. São a substância da 'cultura material', que une arqueólogos e antropólogos culturais de diversas linhas. (APPADURAI, 2008, p. 17).

Esta visão de Arjun Appadurai é referente ao intenso período que, desde meados do século XX, envolve a dedicação especial de arqueólogos e antropólogos aos estudos da cultura material. Longe de levar à conformidade entre as disciplinas, a referida atenção fizera emergir noções da aplicação de tais conhecimentos nas ciências humanas, e nas últimas 04 décadas tivera predominante concentração no entendimento do mundo material do presente.

A abrangente contribuição de estudos realizados nas décadas de 1980, 1990 e 2000, difundidos tanto por arqueólogos quanto por antropólogos, trouxeram importantes apontamentos relativos à ideia da relação entre as pessoas e a cultura material (HICKS, 2010, p. 25-27). Dentro desse viés estão relacionadas abordagens que aceitam o papel social dos objetos, que influenciou a estruturação da agência e da biografia dos objetos (BUCHLI, 2007, p. 181-187; HICKS, 2010, p. 29, 50-55 e 65-68). Através de tal direcionamento opto adotar a noção da agência como elemento intrínseco à capacidade de intervenção de um agente no mundo, que abrange a ação proposital - a experiência subjetiva, e os aspectos do inconsciente. A ideia é também relativa ao mundo material, conforme mencionei acerca de seu papel social, de seu poder de modificar elementos na sociedade.

Christopher Tilley enfatiza a necessidade de possuímos um conceito de materialidade para alcançarmos entendimentos de como os objetos são percebidos e como ganham significado em contextos sociais e históricos particulares (2007, p. 17). Entendo que dentre os elementos apreendidos enquanto materiais estão presentes todas as coisas criadas pelos humanos ou existentes no meio ambiente e que são passíveis de ter relação entre eles (INGOLD, 2012, p. 27-34). Ao refletir sobre a influência do mundo material na vida das pessoas Christopher Gosden afirma que

For many, the real context of an object is in the social realm, so that Hodder's contextual archaeology looked ultimately either to the body of ideas and meanings which people held and developed or to the divisions of society, such as class, gender or age, which provided a matrix of motives influencing how people made and deployed things. (2005b, p. 197).

É como penso sobre a noção de cultura material, objetos em movimentos, a serem experimentados, materiais enriquecidos de fluxos no cotidiano, vivos e em movimento quando associados aos pensamentos e às ações de indivíduos que substanciam sua agência. A cultura material é enfim parte dos seres humanos, derivada dos planejamentos, das necessidades, das formas de aquisição de bens de consumo, dos meios de interação material com o mundo externo ao corpo humano. Ou seja, é o estado de transformação em série de matérias primas em objeto cultural (SHANKS; TILLEY, 1992, p. 130 e 131).

Escritos recentes deram grandes contribuições para noções relativas à materialidade dos objetos. Hodder, com o recente *Entangled*, traz noções da agência das pessoas e da totalidade de coisas (sejam elas feitas pelos indivíduos ou naturais) muito

produtivas para a arqueologia, ao enfatizar que a dependência, para além da interação, das coisas a si mesmas e da ação dos indivíduos, deve ser o cerne dos estudos relativos ao mundo material (2012, p. 15-87, 95-101 e 206-221).

É bastante interessante a visão de Daniel Miller, vinculada a uma abordagem de cultura material compartilhada por estudos que enfatizam a especificidade de objetos materiais, sob o ponto de vista de que a humanidade não se separa do mundo material e sim se apropria dele de forma produtiva e criativa (2007, p. 47). Sua contribuição teórica é muito apropriada por ultrapassar a esfera mais detida ao entendimento dos bens enquanto produtos negociados por seu valor de troca. É eficaz para o estudo que proponho por não se deter apenas em exames direcionados ao modo de produção capitalista. De forma muito satisfatória cria oportunidades para a concentração em evocar as possibilidades específicas de localidades e/ou regiões para alcançar noções relacionadas às expressões próprias de um lugar, algo que está em conformidade com minha opção de reconhecer o valor das peculiaridades locais, mas sem deixar de apropriar as influências externas do ambiente sociocultural pesquisado.

Miller aponta que

... o desenvolvimento de uma abordagem de cultura material é algo que ajuda a desmembrar a especificidade do consumo, e mostrar que a materialidade de cada gênero é em si mesma importante. Isso é para dizer que podemos escapar do determinismo tecnológico, mas ainda conseguir contemplar os potenciais específicos de, por exemplo,... (2007, p. 51)

técnicas de produção modificadas por influências do mercado de consumo. Assim, ele nos dá uma interessante e abrangente visão de cultura material ao enfatizar que o reconhecimento dos consumidores para os produtos que compram está na percepção de que em tal objeto existe, em essência, o trabalho humano (2007, p. 52 e 53). Perspectiva da adoção da cultura material como processo de apropriação.

Esta visão de cultura material pode ser alcançada através da perspectiva, oriunda do pensamento de Ingold. “Se as pessoas podem agir sobre os objetos que as circundam, então, argumenta-se, os objetos ‘agem de volta’ e fazem com que elas façam, ou permitem que elas alcancem aquilo que elas de outro modo não conseguiriam...” (2012, p. 33). Está aí a apreensão que faço da agência, tanto dos indivíduos quanto da materialidade, sem tornar os objetos animados, pois não existe

consciência em sua substância, ou seja, eles não têm agência através da consciência e sim por conta da relação que existe com as pessoas, como mostram Robert Preucel (2006, p. 15) e Ingold (2011, p. 26-29).

Gosden compartilha esta última ideia ao assumir que existem situações impostas pelos objetos sobre as pessoas, o que destaca o poder da materialidade na sociedade enquanto agente que provoca sentimentos, percepções diversas de indivíduos que se relacionam com o mundo material (2005b, p. 194). Miller também defende esse aspecto ao afirmar que existe um preponderante "... papel do objeto na formação das relações sociais..." (2007, p. 53), conforme também intensamente discutido por Marcel Mauss em seu *Ensaio sobre a dádiva* (1974).

O poder desta relação que provoca modificações foi visto por Matthew Johnson através das minúcias que:

It will proceed, not through some fresh theoretical formulation, but by consideration of an issue raised in the author's own fieldwork: the interpretation of a particular episode of sudden change and diversity in material culture where a combination of archaeological and documentary evidence can be brought to bear on the questions of social formation and structure, human intentionality, and so on. In conclusion, the implications of this study for historical and prehistoric archaeology as a whole will be discussed. The approach taken throughout is a deliberately informal one, preferring to assess the way a standpoint or opinion seems to work in practice rather than spending time teasing out its finer theoretical points. (1989, p. 190).

O ponto de vista é não observar os objetos de forma isolada, pois eles têm vida enquanto são elementos de um contexto, têm história. Isto é algo que Hodder trata com cuidado para não esbarrar nas limitações da abordagem estruturalista e pós-estruturalista, e de modo contrário, ao assumir que a cultura material é ativa, admitir o papel social dos objetos dentro de procedimentos que envolvem pesquisar através deles enquanto elemento que provoca ação, mudança, pensamentos, etc. (2007, p. 31; para esta ênfase ver também GELL, 1998, p. 16-19). O ajuste da ideia de agenciamento para Gosden

... emphasizing the manner in which things create people is part of a rhetorical strategy to rebalance the relationship between people and things, so that artifacts are not always seen as passive and people as active. This will complicate notions of agency, but allow us to make more of the rich analytical possibilities that artifacts offer. (2005, p. 194).

Ingold compartilha esta visão ao mostrar que foram as reflexões em torno da incorporação da materialidade como agente de mudanças, de ação cotidiana, que manifestara o problema da agência (2011, p. 16).

Ora o mundo material ao possibilitar aos indivíduos um espaço de ação atrai-os para uma interação em que ambos atuam como vetores cronológicos e ambientais semelhantes. E o olhar detido para a história desse relacionamento deve enfatizar a consideração da cultura material em seu específico contexto social onde ocorrem as diferentes situações de produção, troca e consumo. Essa abordagem é teorizada dentro dos procedimentos da biografia cultural dos objetos, dito assim por Gosden e Yvone Marshall: “The central idea is that, as people and objects gather time, movement and change, they are constantly transformed, and these transformations of person and object are tied up with each other.” (1999, p. 169).

Esta visão tem implicações diretas na forma como compreendo a tecnologia, processo social corporificado pelas maneiras de falar e agir dos sujeitos que criam e utilizam instrumentos em seu cotidiano e para o dia-a-dia. No mesmo sentido entendo tecnologia “não apenas como uma estratégia que é empregada para resolver problemas de diferentes ordens, mas, também, como um sistema simbólico cujos significados são próprios de cada contexto cultural.” (SILVA, 2002, p. 130).

O diálogo com o objeto de estudo, alcançável através dos procedimentos da abordagem biográfica, sugere o entendimento das vias de significados inerentes aos objetos, em trajetórias observadas através de interações sociais (GOSDEN; MARSHALL, 1999, p. 170). E o conhecimento desses caminhos, dentro da análise da agência, passa pela apreensão das formas de intenção social, além do contexto da ação (HODDER, 2007, p. 32), seja a partir dos critérios de produção, da manutenção de maneiras de fazer e usar e da negociação com comerciantes, todos situados nos modos de comunicação.

Gosden e Marshall indicam que um dos ganhos em investigar através da biografia de um objeto é a possibilidade de mostrar o processo de emergência dos significados através da ação social (1999, p. 170). Diversas situações somam-se à agregação de significados ao longo do tempo de vida da cultura material, seja com perda, agregação ou modificação de significado, aspecto que está plenamente

associado ao contexto, aos recursos transmitidos pela via oral, à atuação das pessoas que interagem com ela e aos eventos em que se insere.

A estratégia de apreender os processos de sentidos relativos à materialidade leva à admissão de que é necessário construir os significados com base nos discursos surgidos na ação das pessoas e dos objetos em um mesmo ambiente.

It is simply to recognise that for things to interact they must be immersed in a kind of force-field set up by the currents of the media that surround them. Cut out from these currents – that is, reduced to objects – they would be dead. Having deadened the meshwork by cutting its lines of force, thus breaking it into a thousand pieces, you cannot pretend to bring it back to life by sprinkling a magical dust of “agency” around the fragments. (INGOLD, 2008, p. 213).

A performance, como Ingold nos mostra (2011, p. 33-50 e 89-94), para a análise das estruturas do contexto histórico, não é a do desempenho dos artefatos, mas a da habilidade das pessoas na manipulação das coisas. Para tanto esse antropólogo leva em conta o domínio que os humanos têm sobre o mundo material, base das relações com as coisas, que também tem relação com as capacidades decorrentes de seu corpo e com as expressividades das experimentações que circundam sua vida, (2010, p. 6-9 e 15-23; 2011, p. 35-41).

Utilizo a performance como instrumento para apreender o modo como os indivíduos manipulam o mundo material e como são influenciados pelos objetos cotidianos, mas com concentração nos discursos que apontam os significados. O que interessa da noção de performance é sua substância como um elemento associado às interações decorrentes da atuação dos agentes sociais com o mundo externo.

Recorrer à performance apenas como instrumento das práticas individuais é reduzi-la aos critérios relativos à ação. É fundamental agregar as relações dos processos mentais com o mundo. É aí que se insere o sentido que Ingold prefere para trabalhar com as disposições que realmente se apreende com o *habitus*, a performance sensorial de todos com todos (2011, p. 162 e 163). Assim recorrer à performance na análise é aproveitar a incorporação dos sentidos sociais dispostos no contexto em que são vivenciadas as práticas relativas aos potes, primeiro difundidas nos discursos dos indivíduos.

A incorporação das diversas noções dos diversos pesquisadores dedicados à aplicação de tais ideais conduz a uma abordagem eficaz da materialidade para a relação das pessoas com a cultura material. Esta discussão direciona-se então para uma via que alarga a compreensão dos objetos, que exige a percepção do agenciamento de ambos (indivíduos e cultura material) e a apreensão dos significados. Em adição se associa à ideia de que a cultura material possui significado no contexto de uso, de sua performance. Se a cultura material é substância com trajetória e com poder de influenciar a vida dos seres humanos, então seus significados podem ser investigados dentro de parâmetros de limites temporais e espaciais.

A teorização acima me permite compreender que a cultura material é muito mais do que produto ou reflexo de ações das pessoas (HOODER, 1994, p. 394-398), expressividade que me direciona a explorar as interações sociais dos objetos através das observações dos habitantes do Cariri cearense. “The essential point is that no object has an intrinsic meaning; its meaning depends upon the place it is assigned within this dividing up and active creation of the material world” (MILLER, 2006, p. 19). Esta acepção está relacionada com a presença dinâmica dos potes na sociedade caririense, que tem profunda relação com as opiniões dos sujeitos que atuam nas formas de fazer e usar artefatos no próprio lugar em que vivem.

Os discursos dos indivíduos enfocados no meu estudo mostram as expressões relativas à materialidade dos produtos cerâmicos, matéria imprescindível de análise e que me permite elaborar opiniões das funções atribuídas aos potes, ao compartilhar e/ou discordar de suas ideias. Minhas opiniões têm relação com observações diversas, expressas pelos agentes sociais locais. São considerações originadas também da interpretação da influência de alguns eventos de grande escala, que abrangem mais do que a localidade em que vivem as ceramistas, mas que afetaram, sobretudo, as relações comerciais, já há muito tempo existente na região e áreas limítrofes.

A esta discussão deve ser incrementado os divergentes pontos de vista sobre o que comunica o atributo escovado. Assim onde se posicionam as perguntas para entender a tomada de decisão das ceramistas? De onde partem as opiniões dos

agentes envolvidos no tema? A percepção do contexto é então condição imprescindível para a argumentação, na medida em que serão difundidas a partir de seu entendimento as considerações dos significados relacionados às mudanças culturais.

2.2. COMO LIDAR COM OS SIGNIFICADOS NA INTERPRETAÇÃO E OUTRAS CONTRIBUIÇÕES

Na maneira de conduzir a análise é de fundamental importância reconhecer que a relação entre significados e interpretações abrange escolhas que se situam tanto no contexto particular do objeto de pesquisa em questão quanto no pensamento de quem produz o estudo. A reflexão que surge da imbricação destas esferas de estudo inseparáveis conforma o pano de fundo de onde surgem as considerações sobre os sentidos atribuídos ao uso e fabricação dos potes cerâmicos escovados no cotidiano do Cariri cearense.

Do ponto de vista de uma abordagem pós-processualista é o direcionamento ao contexto social particular da cultura material que melhor fundamenta o entendimento dos significados (SHANKS; TILLEY, 1992, p. 125-132; HODDER; HUTSON, 2003, p. 216). Esta perspectiva não é um aprisionamento, uma amarra teórica, mas uma via aberta subjacente à realização de uma arqueologia que permite abordar as relações sociais no lugar e período em que são disseminadas através da cultura material.

Para o estudo que proponho no contexto do Cariri cearense, duas importantes noções precisam ser situadas. Utilizo significado como a substância das expressões ideacionais e práticas das pessoas. Ele tem lugar no campo das ideias e no agenciamento dos indivíduos. Embora concernente às apreensões mais relativas ao pensamento, tem referência também nas ações recorrentes do cotidiano. Enquanto que a interpretação está baseada no encadeamento da compreensão proveniente das perguntas e respostas realizadas por um indivíduo ou pelo coletivo dele em interação com a sociedade.

Para Henrietta Moore (1990) a teoria da interpretação de Paul Ricoeur é de muita utilidade para o estudo da cultura material com o foco no significado, diante do esforço de ler e entender o passado. Através de uma análise hermenêutica Moore

(1990, p. 90 e 91) assinala que significado e interpretação se relacionam através da dupla dimensão dos sentidos. Situado nos discursos, os significados, são elementos que informam sobre concepções de mundo que são base para a aplicação de interpretações sobre o passado. Esta complexa interação é apreendida somente ao admitir que o significado primário, que é inerente à concepção do símbolo, é revelado a partir do ponto de vista do próprio pesquisador que conduz a pesquisa e com base nas questões peculiares ao seu objeto de estudo.

José Pellini (2011) fornece grande ajuda no campo da interpretação dos significados, ao mostrar que os indivíduos constroem suas sensações enquanto se relacionam com o mundo material. Os sentidos atribuídos à cultura material podem ser descritos, percebidos e interpretados através da compreensão de como os agentes sociais concebem os diversos usos dos objetos. Através da experiência humana posso compreender intenções dos modos de fazer e usar os contentores cerâmicos de água.

No encaminhamento do problema do atributo escovado dos potes, a compreensão dos significados ocorre a partir de três níveis, a fim de reconhecer as impressões das pessoas enquanto fenômeno social para então partir para a construção da interpretação. No princípio é necessário realizar uma reflexão sobre a motivação das ceramistas, relacionada às narrativas do desempenho dos potes *arranhados* enquanto objetos de uso cotidiano. No segundo nível, o esforço do entendimento requer a identificação da sequência do trabalho das artesãs, desde a aquisição das matérias primas até a venda. E por fim devo considerar tanto a execução final do produto (a inserção do tratamento de superfície - escovado) quanto sua distribuição e peculiaridades de uso. Na interpretação desses mecanismos de análise aglomeram-se as características polissêmicas do significado relativas à sua recorrência, antes e hoje.

Nesta discussão considero importante a observação da influência pós-estruturalista discutida por Bjørnar Olsen (1990, p. 163-205), a partir de uma leitura do pensamento de Roland Barthes. A participação do pesquisador na escolha do objeto e do caminho desenvolvido na pesquisa, bem como em sua opção pela aplicação de tal teoria e pelo direcionamento da interpretação, levam a leituras da cultura material que são relativas aos pressupostos teórico-metodológicos adotados em conjunto com as fontes utilizadas. Assim uma produção que busca visões alternativas do

passado deve ser oriunda de posicionamentos históricos e culturais situados, tanto a partir de pontos de vista daqueles que são objeto de estudo quanto provenientes de perspectivas do próprio pesquisador.

Os limites da fixação de significado na cultura material são concernentes tanto em relação às fontes utilizadas no estudo quanto às atribuições relativas à subjetividade envolvida no processo de resultados alcançados e considerações daí surgidas. No processo da interpretação na arqueologia ocorre uma aproximação entre o(s) pesquisador(es) e as informações, no sentido de que além de recortar o objeto segundo suas presunções/escolhas existe também a pesada carga subjetiva devido à necessidade de avaliação dos dados.

Compreendo que existe dificuldade na consolidação dos sentidos expressos dos objetos que são inerentes à problemática dos potes escovados. Parto da concepção de que os significados estão situados nos discursos, que então propiciam o entendimento das práticas e experiências de vida. A aplicação da interpretação a partir das informações obtidas do ponto de vista dos indivíduos que vivem na região estudada contribui para a discussão dos seus significados concretos, devido à riqueza de informações do mundo vivido por eles e somente conhecido pelo pesquisador quando em contato com tais dados.

Não é possível deixar de lado os pensamentos dos indivíduos, matéria imprescindível para o conhecimento arqueológico e inerentemente objeto de investigação vinculado à cultura material. O elemento fundamental da montagem teórico-metodológica deste estudo é a apreensão das performances, a partir de onde as pessoas, conscientemente ou não, fixam significados nos objetos com os quais interagem socialmente.

As noções do atributo denominado escovado na literatura arqueológica (CHMYZ, 1976) são concernentes à função simbólica e à observação do aspecto físico dos recipientes, algo que reduziria o valor de minha análise. Por isso, busco caminhos que ampliam questionamentos que se intercalam com as ideias tanto da fabricação e uso dos potes ditos *arranhados* quanto da desistência dos consumidores e vendedores pela realização da encomenda dos potes *lisos*. Tais questões estão no cerne dos sentidos inerentes aos aspectos que discutirei sobre a cerâmica. Isso é relativo à consideração de que no âmbito da tecnologia e do uso, os significados envolvidos são a fonte principal de minha interpretação.

A intenção de pesquisar sobre noções dos agentes sociais me permite encaminhar interpretações numa via de mão dupla: originam-se dos significados e ao mesmo tempo são decorrentes deles. Dessa forma é plausível considerar que os limites dos aspectos provenientes da oralidade, das práticas e representações, da mentalidade individual e coletiva são relativos à subjetividade presente na documentação realizada. Mas também dependentes do período de contato com as ceramistas e das técnicas de documentação empregadas (GUTWIRTH, 2001; LUCAS, 2006, p. 46 e 47).

É importante neste momento falar também do recorte temporal do objeto de estudo. Abordo o período recente a partir de uma interpretação híbrida, recorrente em estudos que necessitam incidir sobre objetos e suas peculiaridades situadas em contextos específicos (BEAUDRY; COOK; MROZOWSKY, 2007, p. 77). Esses aportes são intrínsecos ao domínio de abordagens inclusivas da arqueologia histórica, onde o pesquisador é plenamente consciente do recorte que faz e do objeto que escolhe estudar. Laurie Wilkie (2009, p. 334) defende a realização de uma arqueologia histórica interpretativa através de uma variedade de recursos para criar uma narrativa relativa a pontos de vista capitaneados na sociedade contemporânea. Wilkie assinala que: “This form of archaeological approach and reasoning, while certainly influenced by the postprocessual movement, has its own unique history within the debates and concerns of historical archaeological practice.” (2009, p. 343).

Nesse caminho existe uma série de contribuições de estratégias de pesquisa de abordagens focadas nas ideias dos indivíduos. Assim a reflexão do significado dos potes no cotidiano cariense encontra fluidez no acesso direto ao pensamento das pessoas do lugar.

Enfatizo que o nível de interpretação planejado exige a adoção de estratégias da arqueologia histórica (FUNARI; JONES; HALL, 1999, p. 2, 7 e 8) que implicam na utilização de contribuições de várias disciplinas através do ajuste de fontes materiais e imateriais para analisar e construir interpretações a partir dos discursos das próprias pessoas estudadas e representadas pelo tema focado. A inclusão dos indivíduos ausentes nas fontes escritas é fundamental para o exame desse objeto de estudo e confere importantes dimensões à arqueologia. O recurso aos aspectos

da oralidade que permeiam os objetos possibilita tratar de visões alternativas, conforme indica Wilkie (2006, p. 19, 20 e 22).

Esta estratégia torna a “[...] archaeology a useful tool for deconstructing homogenous pasts created by master narratives because it explores and empowers all those histories excluded from official normative discourses.” (FUNARI; ZARANKIN; STOVEL, 2005, p. 3). Como consequência consolida-se como suporte para a identificação e análise dos significados do cotidiano de localidades nunca abordadas em estudos da cultura material ou da iniciativa de outras disciplinas das ciências humanas (HICKS; BEAUDRY, 2006, p. 6).

A disseminação de tal ideia promove a revelação de expressões materiais de sujeitos excluídos nas narrativas dominantes (FUNARI; JONES; HALL, 1999, p. 9-11). Diante desta possibilidade para a análise da expressividade material dos indivíduos estão intrínsecos os elementos das estratégias dos povos sertanejos, orientados para as condições reais da vida prática, que devem ser estudados sob o contexto regional e dentro da sua organização social (BARROS, 2008; NEVES, 2011; ZANETTINI, 2003). Trata-se de uma abordagem que leva em consideração a articulação dos produtos criados pelas ceramistas com a configuração dos recursos naturais e as formas de uso e ocupação do espaço.

Das questões relativas ao uso, manutenção e reutilização surgem formas de conceber os objetos enquanto mediadores de discursos na fabricação e comercialização cuja tomada de decisão emerge de opções provenientes do conhecimento do mercado local. De forma peculiar os valores comerciais e os outros atributos dos potes na região são caracterizados pelas escolhas dos indivíduos que os vendem, compram e consomem. Nas narrativas das ceramistas é possível visualizar a interferência, muito mais do que a influência, de tais opções no acabamento final do recipiente. Assim, no planejamento das ações existe um peso forte do campo das ideias, elemento crucial de submeter análises, para tentar entender de forma ampla mudanças culturais relacionadas à tecnologia cerâmica.

A documentação das escolhas culturais me possibilitou investigar os aspectos que determinam as percepções, os vieses e as razões das pessoas com relação à significação dos produtos e dos usos que fazem deles, conforme enfatizado por Sander van der Leeuw (1993, p. 241). Incorporo o ponto de vista de Phillippe Laburthe-Tolra e Jean-Pierre Warnier (2010, p. 337-340) de que o sentido de tratar

da existência material humana através da significação da tecnologia está em considerar que o conhecimento técnico e da utilidade dos objetos estão na base na relação das pessoas com a cultura. Esta percepção leva em conta que os sentidos da relação entre a cultura material e o comportamento humano são sociais, e permitem assim visualizar a sociedade através da evidência material (HODDER; HUTSON, 2003, p. 4).

As mencionadas escolhas estão situadas no conjunto das opções utilitaristas e simbólicas, o que me concede adentrar na consideração de como pensam as pessoas sobre as propriedades do artefato envolvidas com as características de desempenho deles, porém difundidas pelas ideias em circulação. Na execução do planejamento da sequência operacional está incluída a percepção das atividades específicas e das opções de interação que desempenham papéis relacionados ou dependentes dos momentos anteriores e posteriores à produção.

A opção de entrelaçar as análises das características físicas e a interação das pessoas com os recipientes enfocados tem relação com a inserção da pesquisa no campo do exame das fontes materiais e etnográficas. A imbricação desses distintos meios de pesquisa é acentuada por Gosselain (1998, p. 81) como um importante modo de compreensão das etapas de confecção das peças e também para a identificação de significados sociais da cultura material.

Na investigação dos atributos sociais relativos à materialidade, a confecção, uso e reaproveitamento dos potes são aqui compreendidos como um todo carregado de discursos potencialmente revelador de escolhas culturais (GOSSELAIN, 1999, p. 208). A abordagem me permite, ao descrever e analisar os dados coletados, interpretar os motivos ideacionais presentes na relação entre os agentes sociais - indivíduos enfocados e cultura material.

Diante da coerente consideração da cultura material como elemento significante da agência dos indivíduos (HODDER; HUTSON, 2003, p. 3-6) levo em conta a ampla perspectiva antropológica da heterogeneidade da experiência humana (LABURTHE-TOLRA; WARNIER, 2010, p. 269-291). Assim considero para a diversidade de entendimentos das funções e das escolhas de usos o duplo nível de apropriação social dos potes: 1) o do desempenho deles na sociedade, proveniente de suas conceituações, de suas utilidades e 2) o das suas fruições primeiras, dos sentidos estéticos em que são percebidos.

Esta é uma oportunidade de analisar a expressividade material dos povos sertanejos ao considerá-la como um meio de transmissão de significados. A abordagem leva em consideração a articulação dos produtos criados pelas ceramistas com a configuração dos recursos naturais e as formas de uso e ocupação do espaço. O desenvolvimento das questões intrínsecas ao conhecimento regional percorre o caminho das inter-relações dos sujeitos sociais com a cultura material (observadas no trabalho ou em experiências outras da história de vida) dentro dos significados próprios das ações e percepções do uso, da distribuição e do saber fazer cerâmica nas localidades elencadas para este estudo.

A estrutura em que se envolvem os agentes sociais estabelece a forma em que é possível entender e atuar sobre o mundo. As mudanças que ocorrem ao longo do curso da história são responsáveis pela dinâmica da cultura. A apreensão das interações entre agentes sociais promove uma abrangente visão das características que definem o contexto social. Esta perspectiva promove ampla via para identificar e compreender as consequências das mudanças sociais no contexto da sociedade agropastoril caririense.

Os limites da interpretação estão nas possibilidades que os materiais concedem para os diferentes caminhos de construir o texto com base também em ideias que têm amplitude relacionada ao que fornece os pressupostos teórico-metodológicos. Em um caminho nada tortuoso, entendo que os significados quando pesquisados com base nas construções subjetivas podem ser estudados através da expressividade material dos indivíduos.

É possível discutir significados na perspectiva do aproveitamento da propriedade de transferência de calor nos potes cerâmicos *arranhados*. Na argumentação pretendo mostrar que a apropriação social do escovado confere a esse tratamento de superfície um papel ativo nas relações sociais no Cariri cearense.

Os suportes provenientes de distintas disciplinas permitem o entendimento de que os aspectos oriundos da dimensão cognitiva têm lugar na aceitação de que construímos conhecimento a partir de nossas decisões, preferências, enfim ao escolher os objetos de estudos, bem como ao aplicar teorias e métodos os mais diversos, subjacentes à ideologia. Eles são intrínsecos a nossa formação pessoal, acadêmica e profissional, inerentes ao modo em que entendemos o mundo (HODDER; HUTSON, 2003, p. 207, 211, 222 e 223; ROWLANDS, 2005, 26, 27 e

32-34; SHANKS; TILLEY, 1988, p. 75-78; TRIGGER, 2004, p. 1-4, 328-331 e 405). Assumo esse posicionamento, pois compreendo que minhas intenções são determinantes na condução da pesquisa, e reforço-o ao escolher documentar e utilizar como fontes as ideias das ceramistas, diante das maneiras diversas da utilização e da fabricação dos seus próprios produtos.

3. CAPÍTULO 2. O QUE AS OLEIRAS DISSERAM E COMO DIALOGAR COM AS FONTES PARA A ANÁLISE

3.1. AS VISÕES DOS POTES PELOS CARIRIENSES

O caminho seguido na obtenção dos ideais selecionados para as análises será apresentado aqui com a discussão da metodologia adotada para esta questão. Além das informações orais registradas no Cariri cearense que serão arroladas e que propiciaram a coleta de percepções dos potes, incluo observações de campo, efetuadas também na região vizinha nos estados do Pernambuco e Piauí.

O cotidiano do trabalho das ceramistas do Cariri cearense demanda pesquisas sobre dados inéditos, indisponíveis nos registros de arquivos públicos e pouco estudados e/ou publicados por fontes secundárias. Tendo em vista a permanência de tradições e também as mudanças culturais em curso, os registros orais levam à percepção do contexto em que as situações sociais têm sido vivenciadas. São contributos à documentação de modos de fazer e usar em vias de desaparecimento. Mas não posso falar de dados sem tratá-los como informações que eu próprio elenquei, pois não se trata de impor verdade absoluta, com o objeto delineado, mas sim de incorporar minha própria vivência, os materiais que observei em elaboração e uso ao longo do tempo em que vivi na região. Os dados não são únicos, mas os que existem reunidos aqui substanciam o meio pelo qual compreendi os significados nos discursos das pessoas.

O trabalho de seleção destas fontes é qualitativo, haja vista o fato da raridade de publicações referentes ao tema e ao lugar estudado. Assim no planejamento da apreensão dos discursos dos caririenses optei adentrar no elemento comum difusor das tradições locais sertanejas: a oralidade.

Na perspectiva de investigar as formas peculiares de entendimento da elaboração, uso e descarte dos potes, enquanto aspecto singular presente nas ideias de diferentes cidadãos, as ceramistas são as principais informantes. Estão agregados também os dados colhidos nos locais de comercialização (feiras e lojas de secos e molhados) e nos lares de habitantes da zona rural que tiveram alguma relação com a tecnologia cerâmica ou que simplesmente ainda fazem uso daqueles vasilhames.

Esse caminho permitiu aproveitar a oportunidade de evidenciar as singularidades do agenciamento através das opiniões emitidas por aqueles que experimentaram situações relativas aos recipientes em estudo. Assim, nas conversas a intenção foi registrar os pensamentos desses indivíduos, extremamente significantes porque são oriundos de noções da realidade local, já que estão presentes nas ideias desses participantes as circunstâncias vividas, através do modo de compreender o mundo ao seu redor (MATOS; SENNA, 2011, p. 97 e 98).

Os dados etnográficos reunidos baseiam-se no ponto de vista do estudo da cultura material como essencial para entender a interação entre prática e representação presentes na atuação dos indivíduos enquanto produtores e consumidores de objetos (SILVA, 2009, p. 132). Em adição, as informações coletadas permitiram observar o que os indivíduos pensam sobre o uso, reutilização e demais propriedades de aproveitamento dos objetos enquanto recursos de sua interação com o ambiente em que vivem. A abordagem etnoarqueológica me garantiu a oportunidade de documentar os significados da cultura material, relativos às experiências sociais de elaboração, uso, reciclagem e descarte, ao vivenciar o contexto em que atuam esses processos.

O posicionamento em questão é o mesmo enfatizado por Nicolas David e Carol Kramer (2002, p. 51) que propõem realizar “[...] uma etnoarqueologia que seja o estudo dos humanos no contexto e através de seus trabalhos”. Compreendo que esta abordagem etnoarqueológica de abrangente permissividade, é muito útil para explorar os significados simbólicos no passado recente, conforme assinala Matthew Johnson (2000, p. 84-89).

Alessandro Portelli mostra que existem alternativas para abordar as construções subjetivas, que podem ter sua diversidade analisada através da oralidade, que têm na história oral um campo esplêndido de maneiras organizadas para alcançar êxito nas indagações de como proceder para realizar tal feito (2000, p. 67-71). Esta tendência é seguida por muitos pesquisadores que buscam, através da metodologia da história oral, registrar impressões próprias de comunidades pouco estudadas (FERREIRA, 1998, p. 1-13; JOUTARD, 2000, p. 33 e 34).

Como saber sobre aspectos do mundo global de rara reflexão, por exemplo, sobre as repercussões da implantação recente da energia elétrica no cotidiano rural cariense, sem o recurso dos testemunhos orais? Ao ouvir as inquietações dos

indivíduos obtive a propagação de suas ideias através de meios de documentação de relatos pessoais relativos a conteúdos inexistentes em fontes manuscritas e em obras publicadas.

Como recurso de diálogo constante com muitas disciplinas utilizei noções comuns à arqueologia histórica, que como estratégia de pesquisa do passado recente tem no registro dos relatos orais uma maneira eficaz de apreender as construções subjetivas. Assume o caráter subjetivo de explicação e vestigial de utilização das fontes tal como muitas outras disciplinas, no sentido de fazer parte de um campo de estudos que difunde pensamentos a partir de situações selecionadas por indivíduos que decidem o que estudar a partir dos objetos criados por pessoas, que por sua vez, escolhem como agir, como criar, como viver (BEAUDRY; COOK; MROZOWSKI, 2007, p. 85-90).

A relação entre arqueologia histórica e história oral é intensa quando nos reportamos à forma de difundir a investigação através da memória. Ao dissertar sobre as razões em que a história oral pode contribuir para um renovado olhar, distantes dos ditames da história oficial escrita por desígnios institucionais, Portelli (2000, p. 69) situa a memória “não apenas como preservação da informação, mas também [...] como processo em andamento [...] algo que está acontecendo agora, do qual todos participamos”.

Tais discernimentos conformam-se como via plausível para obter o conhecimento de significados concretos do passado recente, o que me leva a aplicar técnicas de coleta de experiências pessoais. Então são as ricas possibilidades de alcançar pormenores da mentalidade dos carienses que me fizeram adotar a metodologia da história oral como forma de documentação dos significados dos potes, para encontrar os sentidos atribuídos às formas de fazer e usar objetos, algo que não está registrado apesar de ser objeto de inquietação entre pesquisadores da área da arqueologia.

No caminho das vias abertas pela oralidade os pensamentos relativos à cultura material são ressaltados de forma única e independente de outras fontes, trazidos do conhecimento comum de uma sociedade, porém reproduzidos individualmente. Paul Thompson ao evidenciar peculiaridades significantes do trabalho com testemunhos orais indica os ganhos ao agregá-las na produção do conhecimento com base na diversidade de perspectivas:

A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista. Mas essa vantagem não é importante apenas para escrever história. Em sua maioria, os historiadores fazem julgamentos implícitos ou explícitos - o que é muito certo, uma vez que a finalidade social da história requer uma compreensão do passado que, direta ou indiretamente, se relaciona com o presente. (1992, p. 24 e 25).

Reforço que perscruto aqui os pontos de vista dos autores dos sentidos expressos à materialidade presente no seu dia-a-dia. E o recurso aos testemunhos orais abre vias de conhecimento únicas, dada à localização dos relatos acerca de situações vividas nas localidades visitadas, herança que ainda permanece na região e exige ser documentada através das falas das pessoas que vivenciaram os acontecimentos (JOUTARD, 2000, p. 39 e 40).

A opção por esta metodologia se enquadra nas possibilidades de alcançar êxito quando da busca dos sentidos concretos. A elaboração do real é exercida nesse diálogo, eixo fundamental do registro da concepção de mundo das pessoas, característica observada por Alberti (2004, p. 13 a 17) no seguimento da história oral como meio de coletar dados privilegiados de acordo com o que realmente foi vivenciado. Para ordenar os pensamentos sociais segui técnicas de conversação com os sujeitos enfocados, num caminho que tem na interpretação uma forte ênfase (ALBERTI, 1998, p. 2 e 3), dada aqui a via que aplico na pesquisa por privilegiar maneiras diversas de conhecimento surgidas de experiências de vida, mantidas na memória social e na narrativa.

A história oral, utilizada enquanto método de pesquisa vincula-se à realização das entrevistas com indivíduos que fruíram ou testemunharam certas circunstâncias. Seus procedimentos, que tratam de pesquisar, desde acontecimentos históricos a instituições e grupos sociais, através de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os observaram (ALBERTI, 2000, p. 1), são relevantes em meu estudo pelo acesso às pessoas comuns. Esses indivíduos podem então ser selecionados como informantes pela sua história de vida e assim figuram como fontes primordiais dentro das ênfases da narrativa e da interpretação (THOMPSON, 1992, p. 24-28, 103 e 104).

Mas o frutífero trabalho que envolve a metodologia da história oral pode ser admitido para além de sua conceituação primeira, a de estratégia de pesquisa. A possibilidade de diálogo constante revela, no contato com opiniões diversas sobre o

tema estudado, pormenores que contribuem para uma riquíssima produção do conhecimento, que permitem observar narrativas alternativas do passado. Em uma visão ampla

[...] a História Oral é um enfrentamento do presente em sua dimensão fundamental: é um conhecimento e uma visão de mundo que conjuga técnicas, procedimentos e métodos, mas que nem parte desta instância nem se resume a ela: esse enfrentamento atrai para si uma configuração momentânea de teorias, procedimentos metodológicos e tecnologias, mas não se caracteriza por eles, pois é como abertura crítica e dissolução de campos que esse conhecimento se exercita. (CALDAS; CALDAS, 2003).

Os testemunhos orais recolhidos equilibram-se dada às pertinentes revelações do estado da tecnologia e uso dos potes no contexto pesquisado. Verdades são elaboradas pelas pessoas que experimentam as situações cotidianas. Com isto quero dizer que a atenção às estratégias de vida das testemunhas ocorreu através do ponto de vista de buscar na memória os sentidos inerentes aos objetos, associados pelos atores sociais em sua prática diária de vida. É importante considerar aqui a perspectiva de Portelli (1997b, p. 25) de que é na interpretação dos relatos orais que encontramos as construções subjetivas, numa via tortuosa, que envolve passar por obstáculos deixados pelas maneiras singulares em que as pessoas falam, silenciam, repetem, escondem, contradizem opiniões.

A natureza da oralidade pesa na balança da interpretação. Dada à ênfase nos relatos daquelas pessoas é preciso refletir sobre a opinião de Ecléa Bosi, que afirmou com convicção, “*Muito mais do que outra fonte*, o depoimento oral ou escrito necessita esforço de sistematização e claras coordenadas interpretativas.” (1993, p. 277, grifo meu). Os caminhos de condução da pesquisa apontam o valor dos relatos.

E Bosi me forneceu importante direcionamento, através de sua adoção da memória como lugar do vivido, do contínuo, do passado no presente, que me levariam à percepção de que ao proceder com o recolhimento de significados situados nas lembranças estaria trazendo à tona aspectos fundamentais das vivências de quem fabricou e usou os potes (1993, p. 280-282). Assim, esse recurso metodológico se adéqua à perspectiva de que a inserção dos dados provenientes da memória é realizada para obter os discursos criados pelos habitantes locais que levam a distintas percepções daqueles vasilhames.

Esse processo demanda, para além das próprias práticas pessoais, a aceitação ou negação dos pontos de vistas dos seus conterrâneos, já que

[...] a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. Memórias individuais e coletivas se confundem; não somos ilhas e, portanto, estamos sujeitos a influências, bem como a influenciar, os grupos a que pertencemos e com os quais nos identificamos. (MATOS; SENNA, 2011, p. 97).

O objetivo de investigar através da memória das artesãs foi também o de captar as motivações dos caririenses, tanto de apropriações pessoais quanto coletivas - criadas no relacionamento entre produtoras, comerciantes e consumidores, relacionadas ao saber fazer e usar a cerâmica local. Compartilho a opinião de Thompson que enfatiza a história oral como “[...] um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. [...] A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos” (1992, p. 17). Assim não foquei apenas em percepções das próprias oleiras sobre o uso e fabricação de seus produtos, pois também difundi uma busca dos sentidos coletivos. E muitas informações da relação dos seus conterrâneos com os potes surgiram nas conversas que mantive com elas.

Um aspecto fundamental do contexto sertanejo deve ser considerado: o fato das tradições orais pesarem na transmissão dos conhecimentos. As circunstâncias vividas no dia-a-dia rural, ambientadas em fortes características de um passado muito presente, exigem, sobretudo, o esforço de ler no pensamento das pessoas, suas impressões, relatadas tanto no momento dos acontecimentos, bem como a partir das ideias guardadas na memória.

A memória deve ser percebida dentro de parâmetros de permanentes mudanças e criações. Sua relação com o contexto social é aspecto fundamental considerado na análise, dada às amarras, ao controle exercido por instituições, por proibições do modo de se comportar dentro da sociedade em questão. Porém contrapõem-se ou sobrepõem-se ao controle social os pontos de vista individuais que avançam além daquilo que a sociedade dita como algo relevante de ser lembrado. Assim é desses aspectos escondidos na memória que é possível construir outras realidades, verificar narrativas alternativas de pessoas que não surgem como atores sociais nos discursos oficiais.

Outro aspecto relacionado às lembranças é a maneira de recorrer às situações vividas, acerca daquilo que é preservado com referência ao lugar e tempo em que ocorreram as circunstâncias da trama social. Importância maior ou menor pode ser

dada para algum assunto pela carga de relevância pessoal relativa que se torna suscetível de observação.

As reminiscências de escolhas e atitudes sociais, construídas no relacionamento das pessoas com o mundo exterior, integram a memória que adoto como fenômeno social investigado através dos elementos presentes no convívio dos indivíduos (BOSI, 1987, p. 16-22). Incorporo a noção da memória corporificada por percepções impregnada por lembranças. Assim compreendo que o que é lembrado surge através de experiências sensitivas, portanto carregadas de subjetividade, de sentidos diferentes e com elementos novos criados por ressignificações, por relações de um passado revivido, refeito, visitado de outra forma.

Os aspectos que permanecem na memória, fontes imprescindíveis para minha análise, enquanto oriundos do conhecimento popular, da forma peculiar de tratar as peças cerâmicas enfocadas na região, têm elementos do cotidiano únicos, no tocante às revelações da maneira de pensar e agir relativas à cultura material. Por isso foram submetidos aos critérios de documentação das percepções das pessoas diante das mudanças culturais dos últimos 30 anos. Desta forma, tempo e experiência individual são dois elementos que sempre estiveram presentes nos procedimentos de conversação.

O caráter vestigial das fontes, intensamente presente na oralidade, sempre me levou a questionar a ideia de totalidade e de verdade absoluta. Por isso, ao debruçar-me no aparato qualitativo das informações provenientes da região estudada, caminho com a convicção de que a apropriação dos discursos é um elemento fundamental da linha de condução da apreensão dos significados diante das escolhas que fiz durante o tempo em que realizei a pesquisa. Criados pelas pessoas do lugar os significados são fontes para reconhecer que a pesquisa arqueológica focada no passado recente exige o esforço de obter alternativas para conhecer o contexto da cultura material em epígrafe.

Philosophically speaking, differing accounts of the past must intersect in certain important respects, or they are not accounts of the past, but of something else. Historical consciousness in some form I take to be a human universal, even though its schemes and contexts of expression vary significantly. [...] a great deal of human experience, pertaining for instance to production and reproductions, cross-cultural similar, and the ways of describing it therefore commensurable, if we but seek hard enough. (WHITELEY, 2002, p. 406).

Ora é na singularidade das ações, reveladas na intensidade dos relatos orais, que se encontram as realidades ditadas numa localidade, numa região. Estas criações são passíveis de subjetividade, carregadas de experiências de vida, que interagem com os objetos do dia-a-dia, portanto cheias de conhecimentos históricos dignos de análise.

Na oralidade encontrei campo aberto para entender as práticas cotidianas das pessoas relacionadas aos potes, cujas reminiscências localizam-se na memória dos seus testemunhos. Compartilho a concepção alargada da história oral difundida por Matos e Senna (2011, p. 107), que permite ao utilizá-la como [...] “método e prática do campo de conhecimento histórico, reconhece[r] que as trajetórias dos indivíduos e dos grupos merecem ser ouvidas, também as especificidades de cada sociedade devem ser conhecidas e respeitadas”.

Nas entrevistas foram utilizadas diferentes técnicas voltadas a dar voz aos sujeitos que não são protagonizados pela história dita oficial. Esta alternativa revelou-se extremamente eficaz no meu estudo, pois o caráter exploratório do conhecimento popular que difundo na investigação exige acessar fontes de informações da mentalidade dos indivíduos, nem sempre organizadas (THONSOM, 2000, p. 51, 55, 64 e 65), como é comum no campo temático em questão.

Esses critérios foram perscrutados através do objetivo de entender as relações pessoais com o tema enfocado, porém com respeito ao tempo em que as testemunhas concediam seus relatos, lugar dos conhecimentos ressaltados pela metodologia voltada às experiências de vida (PORTELLI, 1997a, p. 35 e 36). E com o foco no período em questão, as formas de entendimento da cultura material delinearam o caminho de interpretação das fontes orais através de aspectos intensamente revelados pela memória (BOSI, 1993, p. 279 e 280).

Esse recurso passou a ser considerado intensamente válido na pesquisa qualitativa e alçou a consolidação da história oral como campo especializado para o registro de fontes orais e de períodos recentes (THOMPSON, 1992, p. 84-103) e então as vivências dos sujeitos e suas estratégias diante das situações cotidianas tornaram-se imprescindíveis para a compreensão de aspectos sociais desfocados, rejeitados, não documentados. Portelli nos disse certa vez, ao propor os “caminhos nos quais a história oral é diferente, intrinsecamente e, portanto, útil, especificamente” (1997a, p.

25), que é importante estar atento ao papel inerente das fontes orais, o de apresentar as circunstâncias sociais da vida material e diária dos povos iletrados.

Nesse sentido apropriado a singularidade dos relatos orais, com o foco nos aspectos considerados importantes nos testemunhos orais que selecionei, ou seja, aqueles relativos à relação das pessoas com a cultura material. Tal direcionamento é o meio de apreender objetivamente as situações sociais concretas, possíveis de serem reveladas pelas testemunhas. No entanto, diante das distintas visões sobre o funcionamento do acabamento escovado, principal questão difundida nos encontros com os caririenses, à interpretação dos relatos deve ser cuidadosa, focada nas percepções próprias do lugar, no sentido de agregar o que existe de significativo ao saber fazer e ao uso dos potes.

Assim, o oralista deve ter o cuidado e a sensibilidade para perceber a memória como passível de erros, distorções, reticências e projeções; como uma fonte histórica que diz sobre significados, cujas “provas” são os sentimentos e a subjetividade que deles emergem. Os narradores estão comprometidos, dessa forma, com o sentido pessoal e político de seus relatos, na produção de um conhecimento que pretende ser verdadeiro. Não transmitem apenas informações: constituem-se como sujeitos, construindo também realidades e inscrevendo-se na história. A verdade é também uma questão ética para quem conta. (ROVAI, 2013, p. 138).

O campo da subjetividade é inerente ao método de adquirir as fontes orais, proveniente da admissão de que nós produzimos materiais, decidimos como fazê-los e como usá-los. Existe aí uma forte relação do pesquisador com o objeto de estudo e, essencialmente, a percepção da importância do pensamento das testemunhas no contexto estudado. Sem elas as ações não existem, e é aí onde estão vivos os significados.

Na imbricação dos recursos possíveis de adequação na investigação de noções da cultura material grandes possibilidades de conhecimento do contexto local são oportunizadas pelo registro das criações mentais das pessoas. “A productive relationship between oral history and archaeology would involve an integrated knowledge base, without co-opting or dominance by one discipline over the other and with the possibility of a flexible boundary in-between.” (BECK; SOMERVILLE, 2005, p. 469 e 470). Esta possibilidade deve ser observada dentro de parâmetros hermenêuticos, de onde surgem tanto maneiras de recortar o objeto de estudo quanto às considerações de que elementos interpretativos são gerados do conhecimento que é fruto do relacionamento do pesquisador com o cotidiano local.

Esta é uma carga hermenêutica pesada, elemento fundamental nessa pesquisa. Encarei os encontros com os informantes como momentos únicos de vivenciar as situações que eles experimentaram no mundo material que conhecem. Na perspectiva da compreensão dos significados a interlocução com as testemunhas exigiu o esforço de entender suas manifestações culturais a partir dos relatos orais que possibilitaram, mesmo que de forma fragmentada, compreender como se dá a relação dos caririenses com os potes. Nesse sentido compartilho com Alberti “[...] que as entrevistas têm valor de documento, e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam”. (2004, p. 19).

Seguindo a perspectiva de tornar legível o conhecimento das ceramistas adotei o critério da transcrição como maneira de ressaltar o conteúdo das entrevistas (MEIHY, 1991, p. 27-33). Penso que assim podem ser alcançadas as noções referentes aos vasilhames estudados, que de outra forma, se minha opção fosse pela finalização do processo com a transcrição das entrevistas, não apresentaria tão logo o que as entrevistas revelaram. Caldas esclarece isso com vivacidade ao enfatizar a busca pelo significado social:

Uma História Oral que faz da transcrição seu momento final perde irremediavelmente todas as dimensões vivas do outro, reduzindo-o a dimensões produzidas pela escrita, ou melhor, pela maneira como a escrita cria uma maneira de ver o mundo e o outro, maneira decorrente da própria escrita e da relação direta entre gravador e transcrição. A transcrição acabada de perguntas e respostas não é certeza de respeito ao outro, respeito ao que foi dito, mas, antes de tudo, traição ingênua ao ser do outro e da sua comunidade, traição às possibilidades vivas do nosso próprio mundo. (1999, p. 105).

Utilizo o processo de transcrição, a passagem de relatos orais em um texto com o recurso de enaltecer as narrativas dentro de parâmetros interpretativos (p. 85-89), para apresentar como se dão as experiências pessoais dos caririenses dentro de interpretações próprias daqueles indivíduos. Esse é o momento propício de recorrer ao rigor metodológico que enfatiza a realização de reflexões sobre os testemunhos orais através dos diálogos existentes entre entrevistado e entrevistador. Assim as transcrições são inseridas dentro da perspectiva de dar privilégio aos pensamentos dos caririenses.

Esse sentido é adotado como um caminho que amplia as possibilidades de objetivamente estruturar o texto que se pretende apresentar ao propor a organização das informações orais para torná-las compreensíveis. Sobre o assunto é Meihy que mostra como são bons os resultados para a produção do conhecimento que ao fim:

Teatralizando o que foi dito, recriando-se a atmosfera da entrevista, procura-se trazer ao leitor o mundo de sensações provocadas pelo contato, e como é evidente, isso não ocorreria reproduzindo-se o que foi dito palavra por palavra. Este procedimento implica técnicas sofisticadas que têm como fito trazer ao leitor a aura do momento de gravação. Este complexo processo se compromete com a transformação completa da entrevista em escrito a ser lido em outro contexto. (1991, p. 30 e 31).

A partir dos relatos transcritos o caminho de interpretação é percorrido. O suporte para sua elaboração, o conjunto de gravações, documentam as informações coletadas tanto através de entrevistas abertas quanto de observações do cotidiano registradas com equipamentos portáteis digitais de áudio e/ou vídeo. Assim associo as fontes orais com a abordagem etnográfica que avança além do registro da oralidade, de forma diferenciada do que tenho visto em publicações que seguem parâmetros da história oral. Os textos que apresentam esse recurso, suficientes para mostrar os entendimentos sobre a tecnologia dos potes e seu uso, seguirão ao fim da dissertação como Anexo.

Seguem transcrições de conversas mantidas com as *loiceras*, consumidores e comerciantes de Aurora, Barbalha, Brejo Santo, Juazeiro do Norte e Missão Velha, no Cariri cearense, e Serra Talhada no sertão central pernambucano, todas com o conteúdo de áudios e vídeos. Esses últimos não são propriamente fruto de relatos orais, mas mostram ações relevantes dos sujeitos sociais em torno da produção cerâmica. Eles foram elencados para mostrar a experiência de diferentes gerações e localidades caririenses.

Um importante aspecto que deve ser considerado sobre as fontes orais é seu caráter informal, não da produção, porque esta pode e deve ser planejada, mas sim da natureza de sua ocorrência, enquanto surgida de conversas, de falas provenientes de trocas de ideias acerca de um assunto. Com base nesse aspecto, que pode levar a dispersões, a condução dos encontros com os colaboradores através da concentração no tema em questão é um dos fios condutores para a eficácia dos relatos pessoais obtidos.

Dentre a documentação realizada existem muitas gravações específicas da produção cerâmica. Porém, nas conversações, foi a entrevista não-estruturada (MATTOS, 2005, p. 824-826) que direcionou a coleta de dados orais, que, conforme seguimento da metodologia apropriada (GIL, 1999, p. 119), foi conduzida por referências/indagações pertinentes ao objeto selecionado.

A escolha desta técnica, por sua flexibilidade e por contribuir para a busca dos significados, não ocasionou demérito, perdas e/ou ausência da recolha dos pontos de vista do entrevistado, mas sim permitiu que, com naturalidade, informantes prestassem importantes esclarecimentos sobre as admissões do efeito arrefecedor das ranhuras. Assim, com os estímulos das conversas voltados à tecnologia e uso empregados para a produção e gozo dos potes, foi possível acessar os aspectos da vida útil daqueles vasilhames tanto ao buscar saber o que os indivíduos pensam sobre o assunto quanto o que eles dizem ser às opiniões de outras pessoas.

A opção por esse tipo de entrevista permitiu registrar detalhes peculiares de cada artesã confeccionar os vasilhames, mesmo quando observados os padrões provenientes dos ensinamentos passados por muitas gerações. Penso, conforme Thonsom,

[...] que a entrevista é uma relação que se insere em práticas culturais particulares e que é informada por relações e sistemas de comunicação específicos. Em outras palavras, não existe uma única 'maneira certa' de entrevistar, e a maneira que o 'o bom senso' indica como 'certa' para entrevistas com membros [...] [de certos grupos sociais] pode ser completamente inadequada em outros contextos culturais. (2000, P. 48).

Para alcançar êxito com o recurso das entrevistas, foquei estrategicamente em fazer com que minhas intenções de pesquisa ficassem notórias quando da documentação das atividades das ceramistas que se mostraram conscientes de meu papel (e de outros colegas) enquanto pesquisador. Apesar do jeito aconchegante, aberto, convidativo das pessoas da região, de um modo geral, já sabia que muitas mulheres sertanejas olham com desconfiança e afastam-se logo ao primeiro encontro com estranhos. O período em que morei nos sertões de Pernambuco e do Ceará foi frutífero para estas observações. O fato de ter uma companhia feminina (Catarina Menezes Ferreira, 14.04.1977) constantemente no cotidiano da pesquisa facilitou a aceitação no período mais intenso de trabalho. Meihy, ao referir-se às chances de aproveitar bem a diversidade de depoentes, percebe que é importante contar com a “pluralidade de tipos para a formulação de uma equipe” (1991, p. 25).

Demorei em perceber o quanto minha relação com as ceramistas se tornou mais aceitável com a presença de uma colega, que mais do colega é parceira em tudo na minha vida. Compreendo que nossa atuação enquanto casal de pesquisadores facilitou a aproximação no local de trabalho das ceramistas, que é um ambiente muito familiar. Esta forma dinâmica de obter o registro da oralidade consolidou a

naturalidade com que pudemos documentar o cotidiano das oleiras, não somente quando reunidas estritamente para a produção, mas também em outras atividades realizadas em conjunto com seus familiares.

O respeito à visão de mundo dos caririenses, ao tempo em que suas atividades se desenvolvem e às suas devoções religiosas, dentre outros aspectos do seu contexto cultural, foi decisivo para obter o registro com naturalidade das circunstâncias sociais em que os potes estão relacionados, já que as conversas fluíram com o foco na vida diária das pessoas. No processo de conhecimento entre pesquisadores e pesquisados o tempo longo de documentação levou a uma relação mais confiante entre todos. É possível observar isso na forma mais aberta em que as ceramistas passaram a falar conosco após tornarem-se mais íntimas.

Derivações da interpretação dos dados orais passeiam por algo que é comum tanto à arqueologia histórica quanto à história oral: sua potencialidade em desvelar as barreiras que impedem a produção do conhecimento acerca de assuntos interessantes, pouco estudados ou ausentes na produção do conhecimento. E soma-se a esse fator qualitativo das fontes um delineamento relativo aos aportes teóricos escolhidos por conta das oportunidades de tratar do campo subjetivo. O que está notoriamente estruturado no tema pesquisado é a realização de uma arqueologia do tempo presente através dos usos do passado.

O recurso às fontes orais propicia adentrar na interação do passado no presente, com vistas a incluir as vozes ativas dos sujeitos participantes das situações sociais relativas ao objeto de estudo. A arqueologia histórica é campo aberto para a apropriação de noções relevantes ao estudo dos potes *arranhados* com base na adoção de maneiras de entender as relações agropastoris em que os sertanejos se envolvem com suas criações, com sua prática diária de vida (SOUZA, 2013; 2014).

Conforme aponta Alfredo González-Ruibal (2008, p. 248, 252 e 253) a arqueologia do passado contemporâneo aborda largamente muitas questões que têm relação com a arqueologia de forma geral, tais como memória, tempo e narrativa, intrigantes para a pesquisa de temas alternativos com base em estudos de sociedades através da cultura material. Assim, a imbricação de estratégias da história oral e da arqueologia histórica contribui para a integração dos dados provenientes das maneiras de pensar e agir existentes na região estudada em um dado período que encontram lugar nas experiências de vida.

Esta perspectiva considera que narrativas elaboram visões sobre a cultura material, ricas de significações, que devem ser matéria de investigação da arqueologia (HODDER, 1994, p. 394 e 395; WHITELEY, 2002, p. 405-408). É também um caminho conciliado com o argumento da explicação arqueológica como produto subjetivo que deve ser altamente plausível da produção do conhecimento sobre uma sociedade (HODDER; HUTSON, 2003, p. 207, 218-223; SHANKS, 2005, p. 31-33; SHANKS; TILLEY, 1992, p. 103 e 104; TILLEY, 2007, p. 17 e 18; VANPOOL; VANPOOL, 2001, p. 368-370).

3.2. DADOS, PESQUISADORES, SERTANEJOS E A ETNOARQUEOLOGIA

No seguimento da clássica aplicação da história oral, ao registrar as conversas com os atores sociais enfocados na pesquisa através dos instrumentos de gravação, um importante acervo foi produzido entre os anos de 2008 a 2013 e 2014. Porém, como no projeto que desenvolvi sigo caminhos metodológicos da etnoarqueologia, uma grande parcela de fontes foi obtida em imagens através da observação direta, geradas no ato da relação das pessoas com os objetos. As informações estão guardadas em discos de gravação digital (DVD) e em compartimentos rígidos (HDs externos). Ao todo são mais de 34 horas de gravação.

Nesta seção também são mostradas as vias que adentrei para reconhecer especificidades relativas à manufatura e ao aproveitamento diário dos contentores d'água. O esforço principal é tratar dos autores das criações discursivas e materiais para mostrar os meios em que se tornaram reconhecíveis os significados sociais.

Durante a observação das atividades das *loiceras*, da venda e do uso de seus produtos logo percebi que teria que avaliar as continuidades e mudanças culturais associadas ao processo tecnológico. Mas como verificaria os discursos que ressaltaram, com alta recorrência, os significados que me possibilitam refletir sobre transformações culturais no contexto da sociedade agropastoril do Cariri cearense?

A abordagem da etnoarqueologia foi fundamental. Para a concepção etnoarqueológica que adoto, um dos elementos chave é o foco na cultura material (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2003, p. 10 e 99). A pesquisa direcionada ao conhecimento dos objetos locais almeja, mais do que descrever situações da produção e realizar

apresentação gráfica, entender a relevância e implicação social da cultura material (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2003, p. 31). Está associada à ideia de que perceber as marcas difundidas pelas escolhas das pessoas na sua sociedade é como apreender os sentidos das coisas no tempo e lugar estudado. Importante tarefa da pesquisa etnoarqueológica.

Das noções principais da disciplina na via que sigo, incorporo a princípio seu entendimento enquanto sinônimo da relação entre arqueologia e antropologia. Mas entendo que qualquer recorte deve situar a disciplina como estratégia de pesquisa relativa aos dados do contexto histórico, o que torna plausível meu objetivo de pensar sobre os efeitos de ideias propaladas na sociedade atual. Esta amplitude eleva a melhor maneira de encarar os sujeitos sociais responsáveis por importantes relações de produção, tais como as ceramistas.

Os critérios arqueológicos que apreendo são relativos a uma importante dimensão da existência humana, pois tem relação direta com o consumo de água potável. Se para armazená-la é preciso ter um objeto essencial, o pote, independente de sua capacidade arrefecedora, a análise e interpretação passa por esse material. E meu trabalho de campo etnográfico foi direcionado para a obtenção de informações desses materiais, admitidos como agentes sociais juntamente com os indivíduos.

Estou longe de concordar com as opiniões de etnoarqueólogos experimentados que defendem que a pesquisa etnoarqueológica somente é o que é a partir da geração de generalizações nas interpretações para interligar culturas cronologicamente díspares (HERNADO GONZALO, 1995, p. 19 e 20). Ou melhor, prefiro acreditar que a etnoarqueologia tem muito mais a dizer quando existe possibilidade de construir conhecimento a partir de dados de indivíduos que experimentam ou experimentaram o mundo material diante de si e interpretar esses sentidos dentro de sua própria sociedade.

Ao tratar da frequente maneira que pesquisadores recorrem à comparação para a interpretação do passado na arqueologia González-Ruibal mostra que é um meio de fazer a etnoarqueologia de forma reduzida, com critérios imperialistas, longe da apreensão dos significados próprios da região estudada e sem ética (2003, p. 12-14). O recurso da analogia etnográfica (DAVID; KRAMER, 2001, p. 43-51, discutem suas implicações) reinou incólume por muito tempo e moveu a maioria dos estudos etnoarqueológicos, tendo sido marco referencial básico dos estudos do período pré-

colonial (GÓMEZ CASTANEDO, 1999, p. 143), cuja continuidade em território europeu é proveniente de seu tradicional percurso enraizado na nova arqueologia estadunidense (HERNANDO GONZALO, 1995, p. 16), além de ter sido a fonte da maior carga de conhecimentos da arqueologia desde sua formação enquanto disciplina.

A abordagem da analogia etnográfica comum à nova arqueologia (BINFORD, 1962, p. 217-224, 1967, p. 1-3, 9 e 10; DAVID; KRAMER, 2001, p. 14, 18 e 19) impunha uma homogeneidade a povos distantes temporalmente e sem ligações históricas. Como consequência, sob o direcionamento de generalizações, criaram-se visões de um passado arqueológico pouco dinâmico, com aversão a particularismos históricos. Não é o sentido que defendo para a prática da etnoarqueologia. "Etnoarqueología no es comparar un recipiente de cerámica actual con uno de la Edad del Hierro o describir la siega del centeno en un comunidad campesina, o al menos no sólo eso." (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2003, p. 8).

Distinções podem surgir para a concepção da etnoarqueologia quando é definido o recorte temporal de certa pesquisa. No entanto Gómez Castanedo (1999, p. 145 e 146) aponta que, apesar de existir como característica geral em trabalhos etnoarqueológicos a busca por proposições para obter o conhecimento da existência humana tanto no período pré-colonial quanto na contemporaneidade, por fim a interpretação do contexto arqueológico é relativa às escolhas teóricas situadas no tempo em que elas são seguidas quando não existe a chance de tratar diretamente com os agentes sociais responsáveis pelo contexto. E a opção que faço é por utilizar sentidos ainda vivos, de continuação histórica evidente e que conduzem a uma abordagem etnoarqueológica muito ampla.

Adoto o ponto de vista da etnoarqueologia que abrange as situações experimentadas pelos indivíduos ainda recorrentes no tempo presente. Compartilho a perspectiva de González-Ruibal (2003, p. 11) para apreender a participação dos sujeitos que escrevem sua história no cotidiano sem o objetivo de produzir conhecimento analógico, com o interesse de estudar o mundo atual de forma indistinta de ter que expressar entendimentos apenas relevantes ao passado ou ao presente (González-Ruibal, 2006, p. 110-112).

A abordagem é de uma arqueologia do mundo contemporâneo que agrega ideias do passado e do presente inerentes ao mundo material - uma arqueologia do presente

através de uma etnografia da materialidade das sociedades vivas (González-Ruibal, 2003, p. 10 e 11). Esse etnoarqueólogo apreende-a como amplo instrumento de desenvolver mais do que histórias alternativas, e sim de produzir história em um caminho alternativo, com mais dados inéditos e interpretações distintas do que existe no senso comum (González-Ruibal, 2008, p. 247-252).

É importante observar a dimensão da pesquisa no, e do, tempo presente. Hodder, (2001, p. 189-191), quando contribui ao finalizar o livro *Archaeologies of the Contemporary Past* editado por Buchli e Lucas, mostra que, enquanto arqueólogos voltados ao período recente, lidamos não somente com o recorte temporal e espacial que realizamos do objeto, mas também (como toda escolha teórica pressupõe) com efeitos de nossas opções teórico-metodológicas que também são relativas ao processo social contemporâneo que vivemos. Buchli e Lucas concordam com Hodder ao indicar que, independente da pesquisa ter direcionamento etnoarqueológico ou de uma perspectiva da arqueologia histórica, é no presente que arqueólogos compõem seus estudos e que o próprio encadeamento corpóreo de qualquer estudo é engajado materialmente com ideias do passado associadas ao presente (2001, p. 3-17). Assim, somo minhas ideias com a literatura especializada do tema escolhido e ligo-as aos pensamentos dos sujeitos sociais pesquisados para alcançar a interpretação.

Deriva da opção que fiz o encaminhamento da apreensão dos significados a partir de minha participação nos imprescindíveis eventos em que eles estão ativos. Para tanto recorro de forma ampla às características definidoras da etnologia comum tanto a antropologia quanto à sociologia, com a convicção de que o período de estada nas comunidades elencadas me permitira conhecer com os sujeitos pesquisados o conteúdo desejado (MILLER; SLATER, 2004, p. 43-47), relativo a aspectos fundamentais da experiência material (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2008/2009, p. 18). Assim empreguei duas das principais técnicas do método etnológico, a entrevista e a observação participante, na obtenção dos dados de campo.

A primeira teve seu espaço neste mesmo capítulo, no tópico anterior. A observação participante, método clássico da etnologia, é um dos meios utilizados para adentrar nas maneiras de pensar e agir das pessoas (GUTWIRTH, 2001, p. 229 e 230). Esta técnica contribuiu para a obtenção das imprescindíveis informações de campo ao oportunizar a redução da distância entre sujeito e objeto.

Na interação face a face percebi a riqueza dos contextos, lugar dos diversos olhares dos atores que fruíram situações em torno dos referidos recipientes, que fornecem maneiras próprias de concepção da tecnologia empregada e das práticas cotidianas relativas aos potes principalmente na cozinha. Esse contato tornou-se eficaz no encaminhamento da pesquisa tanto por conta do aprendizado das maneiras de fazer e usar quanto pela oportunidade de reconhecer o respeito que deve haver com o outro, com suas formas peculiares e elementares de vida (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2003, p. 8-11).

A abordagem leva a uma abertura das possibilidades de diálogo com as fontes. Pesquisador e pesquisado encontram-se constantemente trocando informações, conhecimentos, constroem momentos vividos.

A realização das conversações propiciou o delineamento do objeto de estudo, com questionamentos surgidos das experiências vividas com a cultura material, de modo a procurar entender as razões para as distintas visões acerca do uso dos potes *lisos* e *arranhados*. Recorrer à dimensão utilitária da performance dos indivíduos é uma forma de obter amplo de entendimento das noções concretas diante das mudanças e permanências vividas.

Nuances do processo de documentação são clarificadas com a atenção voltada às singularidades das experiências de vida verificadas. Os importantes pormenores das atividades oleiras do Cariri cearense mostravam que permanências e mudanças estavam a todo tempo em operação. O exemplo da opção por inserir o acabamento *arranhado* em Passagem de Pedra é sugestivo para esta questão.

A etnoarqueologia quando adotada enquanto estratégia de pesquisa reflexiva e situada historicamente propicia um campo amplo de saberes associados à cultura material. Tais saberes podem ser documentados através da atividade proposta para alcançar os significados, com a apropriação deles através dos, já existentes, conhecimentos coletivos e individuais compartilhados ou contraditórios em tempos distintos (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2006, p. 110-112; GOSDEN, 2005a, p. 71-75; HODDER; HUTSON, 2003, p. 207-213). Esta estruturação da pesquisa, uma via fulcral na discussão do objeto de estudo, é importante de ser enfatizada, dada a ênfase do tratamento dos dados coletados através da oralidade.

O acesso ao conteúdo propriamente material dos objetos estudados foi realizado também mediante recursos metodológicos difundidos por estudiosos de contextos cerâmicos. Porém não perdi o foco em realizar isso sob o ponto de vista de uma arqueologia que agrega o agenciamento dos indivíduos e da cultura material para adentrar nas maneiras como as pessoas criaram e utilizaram seus artefatos.

Segui tal tendência no período em que atuei como integrante da equipe de pesquisadores da Zanettini Arqueologia, na execução do Programa de Gestão do Patrimônio Cultural da Ferrovia Transnordestina, quando pude observar intensamente a produção e uso da cerâmica utilitária no semiárido. As problematizações das peculiaridades regionais surgidas em minha interação com o objeto de estudo conduziram à necessidade de pensar em como tratar as ideias vinculadas aos potes que circulavam na região.

Importante considerar o tempo destinado à pesquisa. Apesar da maior parte da documentação de campo estar inserida no bojo de um projeto de arqueologia preventiva (aqui não vamos entrar na característica de porte temporal avantajado do mencionado programa de pesquisas), foi possível obter plenamente o registro dos pensamentos derivados cerâmica utilitária do Cariri cearense. Conforme aponta Gonzáles-Ruibal “vivir durante un año en una aldea no tiene por qué producir mejores resultados que una visita más breve a un espacio más amplio. Depende de los objetivos” (2003, p. 27).

Um aspecto constante que encontrei na literatura etnoarqueológica, de elevado interesse para minhas considerações, é a abordagem das produções sociais, conforme expresso por Olivier Gosselain (1998, p. 85), através da identificação dos fenômenos sociais, elementos fundamentais da investigação dada sua relevância na discussão das informações contextuais. Esse caminho é direcionado pelo entendimento das noções concretas propiciadas pela coleta de dados no lugar e tempo em que são criados. Considero importantes os ensinamentos oriundos de uma etnoarqueologia convicta do favorecimento da interpretação arqueológica pela abordagem teórica de fenômenos sociais que são cruciais na produção da cultura material (HERBICH; DIETLER, 2008, p. 224).

O processo de aprendizagem é um dos fenômenos sociais relevantes para compreender transformações que podem ocorrer tanto de forma abrupta quanto na longa duração. O papel dele é fundamental na transmissão da cultura, pois se

agrega nas particularidades materiais resultantes dos conceitos e valores, e práticas e processos sociais culturalmente compartilhados (BOWSER; PATTON, 2008, p. 105-112 e 119-124; GOSSELAIN, 1998, p. 101-103; HERBICH; DIETLER, 2008, p. 223). Dentre outros aspectos em que o aprendizado atua de forma abrangente temos as mudanças tecnológicas, que são corporificadas, transmitidas e transformadas nestas práticas e processos sociais.

Com base na escolha das pessoas envolvidas, aspecto inerente à performance delas, o ir e vir de indagações e respostas concederam as percepções que me levaram a reconhecer que não é a exatidão do processo de esfriamento da água nos potes que mostra os seus significados concretos. Esse aspecto também é relativo ao papel central da aprendizagem, que enquanto processo social vivido pelos agentes de forma natural revela-se nas permanentes maneiras do comportamento e dos discursos.

Esta pujante maneira de acessar a realidade concreta está presente no pensamento de Fabíola Silva (2002; 2009) em mais de uma de suas publicações em que ela ressalta os ganhos na pesquisa com a utilização da etnoarqueologia, relativos à apreensão dos significados através do trabalho de campo etnográfico do próprio arqueólogo. Uma grande contribuição do seu pensamento está na opinião de que a etnoarqueologia tem papel imprescindível como campo investigativo que fornece auxílio à versão que está sendo criada pelo pesquisador que se debruça em estudar a relação das pessoas com o mundo material (2009, p. 129 a 131), que para além do passado, pode ser utilizada no tempo presente (GONZÁLES-RUIBAL, 2008/2009, p. 19-21). Compartilho a constatação de Silva (2009, p. 132 e 133), pois foi ao observar diretamente a fabricação e as práticas diárias relacionadas às formas de representação social dos potes *arranhados* que obtive os sentidos inerentes ao papel fundamental dos indivíduos em relação à parcela da cultura material que selecionei para estudar.

Ora os vasilhames cerâmicos, utensílios recorrentes do cotidiano nordestino sertanejo, são encontrados principalmente nas atividades relativas às refeições. Tal característica alça sua relevância enquanto objeto que permite obter conhecimentos do grupo social estudado.

Dentre os meios de documentação estão agregadas imagens das atividades diárias das artesãs e de seus ajudantes, bem como da atuação dos comerciantes e

consumidores, importantes para a compreensão das peculiaridades relativas ao tratamento de superfície escovado. As gravações digitais realizadas em vídeos e focaram principalmente no registro dos significados dos potes e permitiram ainda a observação das áreas destinadas a atividades específicas.

É válida uma observação sobre o comportamento dos atores sociais focados na pesquisa. Diante de tantos instrumentos de registros ainda pouco comuns em seu cotidiano, de forma geral, eles se mostraram muito receptivos, apesar de nem sempre plenamente à vontade na relação da reprodução e disseminação de suas habilidades.

Ocorreram momentos em que algumas ceramistas mostraram-se indispostas em ter seu ambiente familiar documentado por imagens e sons gravados pelos aparelhos digitais. Cito como exemplo as poucas visitas às irmãs ceramistas da localidade de Santa Rita, no município de Ouricuri/PE, que preferiram não dispor informações de seu cotidiano, que julgaria importantes para manter na pesquisa e que de certa maneira impedem-me de incluir muitos significados importantes da abrangência do atributo escovado no sertão pernambucano.

As fontes, que estão embebidas em maneiras próprias de entendimento da fabricação, utilização, comercialização, reciclagem e manutenção dos contentores d'água, exigem atenção no complexo caminho da interpretação. O destaque é para ações dos indivíduos envolvidos no contexto que agora passo a apresentar juntamente às circunstâncias em que os dados foram coletados.

Uma explicação é válida para a maneira em que substantivei os diferentes núcleos produtores. Decorre da reunião entre parentes mais próximos a organização das atividades e rendimentos do trabalho na olaria. Porém o núcleo pode também ser completamente gerido por uma oleira, caso daqueles de Dona Brasilina, Dona Maria e Bia. Acontece também à propriedade da olaria por alguém que não coloca a mão na massa na elaboração das peças cerâmicas, caso do núcleo de Dona Bastiana, cujas estruturas pertencem ao seu sobrinho Paulo.

Na localidade de Passagem de Pedra, do município de Missão Velha, concentravam-se quatro dos núcleos ceramistas oriundos dos ensinamentos de uma mestra. Recentemente dois deles encerraram suas atividades. Eles configuram-se como o foco principal do levantamento de dados.

O núcleo ceramista de Baixa do Quaresma deve ser agregado à performance de Passagem de Pedra. É grande sua proximidade com a localidade mencionada acima, e Corrinha (Maria do Socorro Nascimento, 25.01.1976) a jovem responsável pela produção nesse lugar, tornou-se artesã pelos ensinamentos de Dona Bastiana (Sebastiana Amaro dos Santos, 27.04.1927) a oleira mais experiente daquela localidade.

Mais dois núcleos ceramistas do Cariri cearense foram sistematicamente visitados. Ambos têm como aspecto que mais os diferencia, daqueles já aludidos, o espaço destinado à realização da produção: a área posterior da residência das ceramistas. Um deles, em Jamacaru, Distrito do município de Missão Velha, é de responsabilidade da ceramista D. Brasilina (Brasilina Izabel da Conceição, 1954). O outro está localizado em Brejo Santo e conta com o trabalho da ceramista Desterro (Maria da Conceição Silva, 1967).

Pessoas que apoiam a produção oleira (Anexos L e M), com alguma relação comercial (Anexo R) ou que abandonaram a atividade prestaram importantes informações acerca da confecção e uso dos contentores d'água. Dentre elas têm-se os ajudantes das artesãs, comerciantes e ex-ceramistas de diferentes localidades dos municípios de Aurora, Barbalha, Brejo Santo, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres e Missão Velha – todos esses do Cariri cearense - Buíque, Cedro, Custódia, Ouricuri e Serra Talhada - do sertão central e agreste pernambucano - e Paulistana - no sudeste do Estado do Piauí. Nesses lugares e através do ponto de vista desses agentes sociais identifiquei os principais motivos das mudanças culturais e demais significados relativos à inserção do escovado.

Encontrei relações longínquas dos potes *arranhados* do Cariri cearense. Foi interessante notar a abrangência da qualidade da cerâmica de Passagem de Pedra em outros sertões. Por isso utilizo também as informações que obtive nos sertões dos Estados do Pernambuco e do Piauí. Desse último Estado com informações apenas relativas à utilização dos potes *arranhados* da própria região, mas que contribuem para o entendimento dos sentidos expressos ao recorrente uso do tratamento de superfície.

O caminho seguido durante os encontros não foi apenas o do cotidiano do trabalho, pois também tive que atender a algumas expectativas das pessoas envolvidas, por saber a forma em que se comportam os indivíduos que vivem ali. O levantamento

dos dados orais ocorreu nas áreas de convivência dos sujeitos enfocados, ou seja, nos locais de trabalho, de afazeres domésticos ou de lazer: olarias, cozinhas, quintais, jazidas de argila, feiras e outros pontos comerciais.

Minha estada na região por mais de um ano contribuiu para conhecer de perto o jeito do caririense se comunicar, o que ajudou muito na condução das entrevistas. Em muitos momentos foi necessário documentar quando as ceramistas “*tomavam uma fuga*” do trabalho o que permitiu adentrar em especificidades de suas relações cotidianas, em histórias que compõem suas relações com o lugar em que vivem.

As 11 artesãs das localidades que prestaram as maiores contribuições à pesquisa compartilham uma diversidade de conhecimentos e percepções sobre os potes. A tabela abaixo sumariza informações relativas a estas ceramistas. Nos Anexos de ‘A’ a ‘K’ seguem as transcrições dos relatos orais delas.

Tabela 1. Principais ceramistas em atividade no Cariri cearense.

COMO É CONHECIDA, NOME COMPLETO, DATA DE NASCIMENTO	NÚCLEO, LOCALIDADE - MUNICÍPIO	TEMPO DE EXPERIÊNCIA	ACREDITA NO EFEITO ARREFEDECOR	PRODUZ ARRANHADO DESDE?	VENDA	OUTROS RECURSOS
BASTIANA (SEBASTIANA AMARO DOS SANTOS), 27.04.1927	NÚCLEO BASTIANA, SÍTIO PASSAGEM DE PEDRA - MISSÃO VELHA	DESDE 1936	NÃO	INÍCIO DOS ANOS 1980	OLARIA, ATRAVESSADOR E FEIRA DE BARBALHA/CE	APOSENTADORIA E AGRICULTURA
DONA ANGELINA (ANGELINA MARIA DO NASCIMENTO), 30.08.1930	NÚCLEO ANGELINA, SÍTIO PASSAGEM DE PEDRA - MISSÃO VELHA	DESDE 1940	NÃO	INÍCIO DOS ANOS 1980	OLARIA, ATRAVESSADOR DE JUAZEIRO DO NORTE/CE E FEIRA DE MISSÃO VELHA/CE	APOSENTADORIA
DONA MARIA (MARIA AMÁLIA DOS SANTOS SILVA), 11.08.1931	NÚCLEO MARIA, SÍTIO PASSAGEM DE PEDRA - MISSÃO VELHA	DE 1945 A 10 DE MAIO DE 2012	NÃO	INÍCIO DOS ANOS 1980	OLARIA E ATRAVESSADORES DE JUAZEIRO DO NORTE/CE E MLAGRES/CE	APOSENTADORIA
DÉTA (JOSEFA AMARO DOS SANTOS), 13.12.1947	NÚCLEO BASTIANA, SÍTIO PASSAGEM DE PEDRA - MISSÃO VELHA	DESDE 1977	NÃO	INÍCIO DOS ANOS 1980	OLARIA E ATRAVESSADOR DE BARBALHA/CE	APOSENTADORIA E AGRICULTURA
QUÊZA (MARIA AMARO DO NASCIMENTO), 03.02.1949	NÚCLEO ANGELINA, SÍTIO PASSAGEM DE PEDRA - MISSÃO VELHA	DESDE 1964	NÃO	INÍCIO DOS ANOS 1980	OLARIA, ATRAVESSADOR DE JUAZEIRO DO NORTE/CE E FEIRA DE MISSÃO VELHA/CE	APOSENTADORIA
TETÊ (Terezinha Amaro do Nascimento), 13.07.1951	NÚCLEO ANGELINA, SÍTIO PASSAGEM DE PEDRA - MISSÃO VELHA	DESDE 1965	NÃO	INÍCIO DOS ANOS 1980	OLARIA E SOMENTE POR ENCOMENDA	APOSENTADORIA
BIA (MARIA DAS NEVES DOS SANTOS OLIVEIRA), 05.08.1952	NÚCLEO BIA, SÍTIO PASSAGEM DE PEDRA - MISSÃO VELHA	DE 1962 A JANEIRO DE 2014	NÃO	INÍCIO DOS ANOS 1980	OLARIA, ATRAVESSADOR E FEIRA DE BARBALHA/CE	APOSENTADORIA E AGRICULTURA
DONA BRASILINA (BRASILINA IZABEL DA CONCEIÇÃO), 1954	NÚCLEO BRASILINA, JAMACARU - MISSÃO VELHA	DESDE 1966	SIM	SEMPRE	OLARIA E FEIRA DE MISSÃO VELHA/CE	NÃO DISPÕE
DESTERRO (MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA), 1967	NÚCLEO DESTERRO, LADEIRA VERMELHA - BREJO SANTO	DESDE 1981	SIM	SEMPRE	OLARIA, FEIRA DE BREJO SANTO/CE E ATRAVESSADOR DE SALGUEIRO	NÃO DISPÕE
CONCEIÇÃO (MARIA DA CONCEIÇÃO AMARO SILVA), 24.06.1969	NÚCLEO BASTIANA, SÍTIO PASSAGEM DE PEDRA - MISSÃO VELHA	DE 1992 A 2013	NÃO	SEMPRE	OLARIA, ATRAVESSADOR E FEIRA DE BARBALHA/CE	AGRICULTURA
CORRINHA (MARIA DO SOCORRO NASCIMENTO), 25.01.1976	NÚCLEO CORRINHA, SÍTIO BAIXA DO QUARESMA - MISSÃO VELHA	DESDE 1989	NÃO	SEMPRE	OLARIA, ATRAVESSADORA DE SERRA TALHADA/PE E EVENTOS CULTURAIS	AGRICULTURA

As trocas de informações foram altamente importantes para o entendimento de questões imprescindíveis das ideias que circulam na região. Por exemplo, as ceramistas de duas localidades distintas (Passagem de Pedra e Jamacaru) do

município de Missão Velha, que compartilham os acabamentos da superfície (alisado e escovado) não conheciam a fundo o processo de elaboração uma das outras. Relatei seus conhecimentos nas conversações que participei e pude promover um encontro entre elas ao levar três das ceramistas de Passagem de Pedra até Jamacaru. A surpresa com a rapidez do processo de queima nesta última localidade que surpreendeu as três senhoras, e as opiniões da ceramista de Jamacaru sobre a sofisticação dos potes daquelas, são elementos muito significantes e que circulam entre seus clientes.

Outras situações imprescindíveis são as opiniões dos consumidores, que segundo as ceramistas de Passagem de Pedra, são responsáveis diretos pela mudança na técnica final de confecção de seus potes - a inserção da escovação. Nos intrincados discursos verbais estão localizados significados que devem ser respeitados, porém também interpretados dentro do contexto social em que se originaram, além de contrapostos com opiniões diversas e análises da cultura material.

Os momentos de ausência da produção - não aqueles em que ocorriam as refeições ou os descansos em períodos curtos durante um dia, mas sim os dias intensos sem cuidar da elaboração dos potes - permitiram observar questões práticas relacionadas à cultura material por outro ponto de vista que não o restrito ao saber fazer cerâmica. Esse lado revelara que a força da atuação de todas aquelas senhoras entrevistadas associa-se muito com a permanência de suas atividades produtivas, porém tem intensamente na fé dos ensinamentos do Padre Cícero sua redenção. Assim, ao acionar os equipamentos de gravação digitais, ao documentar o modo particular da produção delas, os fervores tipicamente católicos e apegados com as situações de proibição ou permissão da religião estavam intensamente presentes no seu modo de compreender o mundo.

Os primeiros contatos que tive com as ceramistas ocorreram em 2008 na feira livre de Missão Velha, durante a venda de seus potes. Nos meses de maio e julho daquele ano elas revelaram espontaneamente as exigências dos compradores: os potes teriam que ser acabados com as ranhuras. Isto logo me causou inquietação, pois percebi que elas não se satisfaziam em ter que mudar a característica de finalização de seus produtos, porém esses ressentimentos mostraram-se insignificantes diante da possibilidade de continuar mantendo sua atividade oleira.

O período mais intenso de recolha de informações ocorreu durante os meses de março a setembro no ano de 2011. Pude verificar as principais questões relativas aos significados locais no convívio que tive na região. Desde o planejamento das etapas de confecção, à organização da manutenção da olaria e do forno, até a comercialização existem intrincadas formas de conhecimento melhores perceptíveis na observação direta das atividades oleiras, detalhes perscrutados da produção atual da cerâmica no Cariri cearense que revelaram importantes noções.

Nesse período também observei em distintos municípios como a venda dos produtos cerâmicos era realizada. As perspectivas dos vendedores mostraram que a força do mercado de consumo é tamanha que impõe à produção a quantidade e a qualidade dos recipientes. Esse é o mesmo sentido obtido no contato com as ceramistas.

No ano seguinte tive contato com contextos de produção e venda cerâmica no agreste pernambucano onde as noções do *arranhado* não existem. Depois de longo tempo distante das atividades das ceramistas caririenses retornei a Passagem de Pedra, em outubro de 2012. Pude notar que não ocorreram mudanças drásticas, no sentido de perda da produção.

O último encontro é bem recente. Em outubro de 2014 voltei a Missão Velha com o intuito de realizar exames da temperatura da água armazenada nos potes escovados.

Os resultados alcançados não decorrem unicamente de minha relação com os sujeitos que contribuíram para o conjunto de dados obtidos. Reveses ocorreram por motivos relativos à sazonalidade ou por desconfiança das próprias artesãs com o trabalho em desenvolvimento. Porém, como em qualquer plano de trabalho, o tempo concorreu como elemento decisivo para zelar pela rápida aquisição de informações.

Esse é um aspecto que foi eficaz para certas questões, como exemplo sobre as informações acerca do modo peculiar de adquirir a matéria-prima para o trabalho das ceramistas. O provisionamento da argila em Passagem de Pedra tem particularidades interessantemente decisivas no sucesso da confecção dos potes, principalmente com relação à produção de um dos núcleos ceramistas, que desenvolve vasilhames mais sofisticados e que conta com um sedimento de elevada pureza, que é encontrado em maior profundidade e exige, além do enorme esforço empregado na sua retirada, contar também com longo período de estiagem.

Esta percepção motivada pela oportunidade de aprender com os caririenses é um meio comum ao recurso da etnoarqueologia como estratégia de pesquisa para interpretar os significados atribuídos à cultura material (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2003, p. 29-31).

A perspectiva é que as informações orais relativas à cultura material dão substância aos aspectos recorrentes do comportamento humano, das práticas cotidianas da sociedade contemporânea e das mudanças culturais do passado recente. Assim, no caminho da metodologia etnoarqueológica segui o ponto de vista de identificar e de examinar as atitudes das pessoas diante do mundo material, ao buscar compreender suas implicações, na longa-duração a partir dos discursos evocados na região estudada (DAVID; KRAMER, 2001, p. 24, 25, 36-38 e 41-51), observadas através das condições reais da vida prática e dentro da organização social peculiar às situações vivenciadas pelos sertanejos (para reflexões desse último sentido ver NEVES, 2011, p. 51 e 52; SOUZA, 2013; 2014; ZANETTINI, 2003).

No tocante às contribuições da expressividade dos objetos cerâmicos na sociedade, elas são bastante profícuas quando são revelados aspectos peculiares dos contextos cerâmicos. Nesse sentido procurei entender como ocorre à manutenção de particularidades, como são recepcionadas as novidades introduzidas na produção cerâmica e de que forma ocorre à relação da tecnologia com as maneiras de utilização. Assim averigui como são difundidos conhecimentos básicos das práticas cotidianas em torno da cerâmica: 1) motivos e planejamentos para a criação de objetos destinados a certos usos, 2) o porquê da inserção de atributos funcionais e 3) a relação das ceramistas e consumidores com a cultura material. Tais características propiciam o entendimento de como são geradas, negociadas e mediadas às permanências e as mudanças culturais.

Ratifico que os materiais utilizados nas análises para além dos próprios objetos - os distintos tipos de potes - são os discursos, eficazes meios de analisar o que se diz daqueles vasilhames. Por isso é com a imprescindível adoção das informações orais aqui encaminhadas, através das conceituações da etnoarqueologia cerâmica, que construo o discurso em torno dos potes ditos *lisos* e *arranhados*. Nesse caminho estão alicerçadas as ideias provenientes da renovação nos estudos cerâmicos que surgiu com os largos discernimentos dos aspectos sociais inerentes ao estudo da

cultura material (BEAUDRY, COOK, MROZOWSKY, 2007, p. 74 e 75) também apropriadas pelas derivações pós-processualistas.

Não há desequilíbrio entre a importância das fontes orais e materiais, porque ambas se ligam em sua origem. As formas alternativas de explorar as fontes, tais como delineadas no aparato teórico-metodológico da arqueologia histórica e da etnoarqueologia, põem-nas numa rede intrincada de noções que se retroalimentam, que através dos resultados de análises dos relatos orais, das ações de fabricação e uso e propriamente dos potes levam a discutir como se propagam as ideias da produção e uso desses vasilhames.

Os recorrentes usos dos potes e as maneiras de elaboração deles estão também efetivamente presentes em entendimentos destas ações por relações com o passado. Assim os conhecimentos, também construídos através da memória, apontam significados situados tanto no contexto de uso atual quanto aqueles abandonados. Esta situação para o estudo arqueológico que proponho exige a adoção de referências materiais observadas *in loco* e passíveis de verificação através de experimentação.

É inerente no confronto das fontes materiais e orais, no fazer arqueologia do tempo presente, o direcionamento às questões da vida diária. Nas maneiras de fazer e usar, conforme empregadas por De Certeau quando se refere à abrangência do consumo (1994, p. 38-40), estão registrados os processos de escolha das pessoas frente às possibilidades do seu cotidiano. Com esse olhar apegado ao conhecimento das mentalidades está direcionada a forma em que registro meus pensamentos na dinâmica da interpretação da prática de confecção e uso dos contentores d'água.

As mudanças sociais que geraram novas formas de confecção dos potes inserem-se no campo das particularidades dos significados concretos da região. É parte do tratamento das condições que motivaram tais transformações o processo de globalização que deve ser lido com vistas ao entendimento dos seus efeitos na região estudada. Entender como as pessoas enfocadas aqui vivenciaram novas circunstâncias envolve compreender as formas de apropriação peculiares ao seu modo de vida, e a arqueologia histórica fornece grandes possibilidades de produzir conhecimento sobre construções subjetivas.

É imprescindível agregar nesse pensamento o contexto amplo em que as mudanças sociais ocorrem na região, o de uma economia globalizada. Porém aponto que os significados locais têm caráter intenso quanto ao aspecto de permanência, tal é atitude dos caririenses com suas invenções cotidianas, com seu jeito próprio de fazer e usar os objetos.

O contexto de onde se originam a concepção de mundo e as relações culturais das artesãs é fortemente marcado pela oralidade e por técnicas corporais locais. Por isso existe um peso muito grande das informações obtidas através de entrevistas e da observação direta sob a cobertura de teorias que propõem focar na interação dos indivíduos e cultura material.

Dentre os indivíduos que mantiveram relação com os potes escovados também estão relacionados: os habitantes da região que não utilizam tais recipientes, os pesquisadores que se detiveram sobre questões concernentes à cerâmica de produção local/regional no Brasil e/ou interessados na cultura do Cariri cearense. Creio que eles não responderam a uma pergunta já feita: por que decorar potes? (ver discussão sobre o tema em DAVID; GAVUA; STERNER, 1988 e BRAUN, 1991).

A experiência dos habitantes locais, mais próxima, agrega sensações diversas, enquanto que para aqueles que se debruçam em estudos relacionados aos produtos cerâmicos ou apenas conheceram-nos ao visitar a região, são os aspectos táteis e da visão que influenciam na maneira de apreender a função e disseminar ideias sobre os potes. Do pensamento desses últimos é plausível considerar que o aspecto físico desses recipientes comunica modificação da superfície para inserir a decoração ou as ranhuras que ajudariam no atrito das mãos quando do transporte. Eu também conheci os potes escovados desta maneira. Porém não é assim que pensam as ceramistas.

Os sentidos atribuídos por aqueles que desconhecem a intenção da elaboração e o uso concreto dos potes, ao expressar visões oriundas da serventia desse tipo de vasilhame em outros lugares, são divergentes dos, ou distorcem, significados locais. Isto reforça a importância das informações etnográficas obtidas. Desta forma incorporo a etnoarqueologia dentro das possibilidades de interpretar os sentidos atribuídos à cerâmica etnográfica, para substanciar informações de aspectos recorrentes do comportamento humano, das práticas cotidianas da sociedade

contemporânea e das mudanças culturais do passado recente (POLITIS, 2002, p. 80-82; SILVA, 2009, p. 131).

Esta perspectiva é proveniente do interesse de identificar e examinar as atitudes das pessoas diante do mundo material, de modo diferente do ponto de vista de Lewis Binford (1967, p. 1 e 8-10, 1983, p. 9-30) que considera que os dados etnográficos deveriam ser utilizados especificamente para formular hipóteses sobre o passado, o que manteria a margem as ações. González-Ruibal com sua concepção rica em sentidos de descolonização reforçar esse direcionamento ao dizer que

Etnoarqueología es el estudio arqueológico de sociedades generalmente preindustriales, con el objetivo de producir una arqueología más crítica y menos sesgada culturalmente, de generar ideas que favorezcan el debate arqueológico y de contribuir a las sociedades con las que se trabaja, teniendo en cuenta sus tradiciones, ideas y puntos de vista. (2003, p. 11).

Nesse sentido minha atuação nas localidades visitadas foi direcionada para registrar o conjunto de aspectos relativos à manufatura e ao uso dos potes. Com a noção de fato social, Mauss (1974) enfatizou que para obter em campo uma abrangente apreensão do contexto social deve-se direcionar a observação aos múltiplos níveis da realidade de certo objeto delimitado. As técnicas empregadas para coletar os dados contribuíram no sentido de realizar a sistematização do registro de cada etapa da sequência produtiva da manufatura e uso dos potes de forma separada, porém reafirmo que a compreensão dos significados permeia todo esse processo.

4. CAPÍTULO 3 – AS PARTICULARIDADES SOCIAIS DA CERÂMICA NOS ESTUDOS PUBLICADOS

4.1. O QUE DIZ A LITERATURA FORÂNEA? RANHURAS SOMENTE PARA DECORAÇÃO DE POTES?

A etnoarqueologia ganhou dimensão enquanto instrumento subserviente da interpretação arqueológica (DAVID; KRAMER, 2001, p. 14 e 43; GONZÁLEZ-RUIBAL, 2008/2009, p. 16 e 17). Renovados interesses no campo dos significados sociais locais, principalmente aqueles baseados nos estudos da cerâmica, levaram a mudanças que alçaram sua importância enquanto disciplina.

Na literatura arqueológica do campo da pesquisa da cerâmica são bastante pujantes as perspectivas etnoarqueológicas que há aproximadamente 30 anos têm repercutido em importantes discernimentos dos modos de fazer e usar os objetos utilitários feitos de argila⁷. Tendência consolidada pela preocupação em investigar as noções do cotidiano de diversos grupos sociais. Os referidos escritos têm sido difundidos principalmente por arqueólogos e/ou antropólogos ocidentais, estadunidenses e europeus, porém são provenientes de estudos realizados em comunidades rurais distantes de seus países, onde se encontrara fartamente a produção oleira.

Os avanços desses estudos são relacionados às concepções do reconhecimento e valorização da realidade social concreta dos grupos estudados, dos vínculos da cultura material com as dinâmicas sociais. González-Ruibal aponta que

Sobre la cerámica se han escrito cientos de trabajos etnoarqueológicos. Se trata probablemente del campo de estudio más prolífico de la disciplina [...]. La etnoarqueología de la cerámica, además, posee la ventaja de disponer de una multitud de trabajos etnográficos previos, muchos de ellos cercanos a la disciplina que aquí tratamos. Contamos con varias síntesis que permiten acercarse a un campo tan difícil de abarcar. (2003, 41).

Os temas que receberam maior atenção, e que por isso resultaram em profundas contribuições ao conhecimento arqueológico são relativos ao estilo tecnológico, aprendizado, transmissão do conhecimento, escolhas técnicas e cadeia operatória

⁷ Considero dentre os chamados objetos utilitários aqueles em uso na cozinha e mesa. Estão ausentes deste grupo os artefatos figurativos, das artes plásticas e outros relativos ao campo da construção civil. Assim compartilho as acepções terminológicas da literatura arqueológica que agrega os materiais feitos de argila, tanto no preparo quanto para servir refeições, confeccionados em escala artesanal (para mais detalhes ver STARK, 2003, p. 194).

(STARK, 1998; STAHL et al., 2008, p. 363). De tais temáticas existem alguns auxílios ao estudo que ora proponho.

É importante levar em consideração que existem limites teóricos e metodológicos, observados nas recorrentes discussões dos aspectos sociais conhecidos através da etnoarqueologia cerâmica (GOSSELAIN, 1992, p. 559 e 560; LEMONIER, 1986, p. 149). Os desenvolvimentos foram oportunizados principalmente pela visão da tecnologia como parte integrante das produções sociais, que no ponto de vista de Dietler e Herbich (1994, p. 465) é relacionada às “... traditions of production within potter communities: that is socially acquired dispositions...”, e em conformidade também mencionada por Gosselain (1998, p. 78).

É interessante apontar a recente redução da aplicação de métodos processualistas por conta dos seus seguidores perceberem os limites de tal abordagem ao tratarem de contextos cerâmicos. “La disparidad de los resultados [...], que impide cualquier generalización transcultural, ha desanimado a los practicantes de la Nueva Arqueología a proponer cualquier tipo de ley.” (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2003, p. 45).

As perspectivas recorrentes das publicações consultadas, apesar de nem sempre estarem próximas de idiosincrasias da cultura material do Cariri cearense, propiciam observações relevantes quando revelam características peculiares à sociabilidade dos lugares pesquisados relativas à produção e consumo da cerâmica. Esse aspecto da utilização do quadro referencial de estudos é recorrente quando remeto certas considerações de estudiosos do campo da cerâmica etnoarqueológica ao tema que pesquiso. Indico tal pormenor, por exemplo, nas considerações de Dean Arnold (1987, 2000) acerca das (novas) formas de comercialização da cerâmica em Ticul no sudeste de Yucatán no México, ou na indicação de Laure Degoy (2008) para a opção de especialização das ceramistas de Andhra Pradesh no sudeste da Índia.

É importante enfatizar que, ao acessar as ideias presentes em tantos estudos, constatei a inexistência de referências da utilização de ranhuras como atributo funcional, destinado à transferência de calor em recipientes cerâmicos. Aqui são apresentadas e/ou discutidas questões que: por um lado permitem uma ampla passagem por temas relativos à sociabilidade em áreas rurais de diversas regiões e em diferentes continentes intensamente estudados por arqueólogos ou antropólogos interessados em cerâmica; e que: por outro lado mostram que abordagens

caracterizadas por visões restritivas ao entendimento da realidade social concreta dos grupos estudados devem ser abandonadas.

A princípio observo que os ganhos nas pesquisas etnoarqueológicas, que repercutiram em conhecimentos concretos da realidade social, começaram a ser delineados em meados da década de 1980 com o renovado interesse pelas informações das sociedades vivas. É contemporâneo às novas abordagens o aumento dos estudos etnoarqueológicos em escala mundial que resultou na quebra de paradigmas teóricos na etnoarqueologia e provocou significativa mudança na década de 1990. Mirian Stark (2003) discutiu esta questão na densa revisão que realizou, ao enfatizar que a ampliação da etnoarqueologia devotada à cerâmica foi fundamental no quadro dos avanços do conhecimento arqueológico e propiciou substanciais contribuições à interpretação arqueológica daqueles que se dedicaram aos referidos estudos. Alguns aspectos decorrentes desta substancial renovação, com o incremento de modos alternativos de conduzir a pesquisa junto a indivíduos ou em comunidades *vivas*, contribuem no ponto de vista de utilizar a etnoarqueologia como estratégia de pesquisa para conhecer os significados do tempo passado e de hoje e destiná-la à cerâmica para obter contribuições singulares na consolidação da interpretação.

Tais avanços surgiram como contraste ao viés binfordiano, percussor na difusão da utilização dos dados obtidos nas sociedades vivas como meio seguro de inferências arqueológicas (referências do ponto de vista da nova arqueologia são encontradas em BINFORD, 1967, 1983). O direcionamento processualista que incidira com o amplo uso das informações etnográficas para a interpretação arqueológica foi predominante e largamente utilizado no período circunscrito entre 1965 e 1985. Os dados etnográficos serviram aos arqueólogos para fins de identificação e descrição: 1) dos processos físicos e mecânicos envolvidos na produção de diferentes tipos de artefatos (com especial atenção para à cerâmica e o metal); 2) da natureza dos elementos da variação estilística dos artefatos; e 3) da variedade de processos que atuam na formação do registro arqueológico (LANE, 2006, p. 404).

Estas opções de caráter muito restrito, dada à concentração em questões de adaptação ao meio ambiente, limitaram os argumentos dos estudiosos. Por isso, no tocante às pesquisas focadas nas produções sociais, esse enfoque não propiciou contribuições significantes.

Outra tendência que perdera influência é o seguimento dos estudos processualistas circunscritos no paradigma evolucionista, dentro da abordagem da Ceramic Ecology (ARNOLD, 1985, p. 8-15, 2000, p. 334-344; STARK, 2003, p. 199). Os seus procedimentos caracterizados pela atenção demasiada aos fatores externos e focados na tecnologia de forma isolada dos aspectos sociais, deixaram de serem considerados irretocáveis há mais de 20 anos (LONEY, 2000, p. 646-649). A utilidade de muito do que foi produzido através desse paradigma para a investigação arqueológica de mudanças culturais é duvidosa por não dar oportunidades para a compreensão das condições reais concretas das produções sociais.

Ao sumarizar a edição de sua obra dedicada aos estudos das fronteiras sociais, Stark (1998, p. 4) aponta que muitos pesquisadores vivenciaram frustrações na busca pelo entendimento das noções relativas à cultura material quando lançaram mão do modelo processual.

Ethnoarchaeological studies of traditional societies from Africa (e.g., Braithwaite 1982; Hodder, 1979b) to Asia (Longrue 1981; Stark, 1995b) showed that makers and use of material culture routinely blur the boundaries between technology, function, and style. As research in traditional cultures has demonstrated, style is not simply decoration, and technical choices are not governed simply by environmental pressures. Rather, these behaviors are socially informed actions that reflect a shared understanding of how things are done. As such, material reflections of technical choices are not neutral, and some are surprisingly resistant to change. These studies suggest that we move beyond dichotomizing models that oppose style and function to embrace more holistic understanding of material culture variability. (STARK, 1998, p. 4 e 5).

Esse quadro de possibilidades motivou muitos pesquisadores interessados em aspectos relativos à tecnologia cerâmica a direcionar suas pesquisas através dos sentidos das construções subjetivas dos grupos sociais estudados.

Os novos rumos que foram traçados por alguns pesquisadores processualistas, que sentiram a necessidade de avançar para além da explicação da variabilidade (SCHIFFER, 1987, p. 595 e 596, 1997, p. 27-29, 1999, 2004, p. 579 e 580) e ao implantar mudanças no modo de interpretar os dados materiais a partir da década de 1970 (REID; SKIBO, 2011, p. 273; RENFREW; BHAN, 1998, p. 446, 451 e 452; SCHIFFER, 1996, p. 643 e 644; SCHIFFER et al., 1994, p. 197-200, 210 e 211), propiciaram a criação de noções úteis na discussão do desenvolvimento tecnológico (SKIBO; SCHIFFER, 2008; STARK, 2003, p. 199). É importante considerar que as referidas inovações continuaram marcadas pela ausência de informações das decisões que movem as maneiras peculiares de produção, dada à ausência de focar

no contexto específico da tecnologia e uso (GOSSELAIN, 1998, p. 79) ou por direcionarem perspectivas rígidas que impõem modelos generalizantes e que não dão ênfase à apreensão dos significados locais (HODDER; HUTSON, 2003, p. 20-30 e 33-35).

Do fim dos anos 1970 ao início da década seguinte reações à visão estagnada e direcionada pelas pressões do meio ambiente apontaram novos caminhos para a etnoarqueologia (LANE, 2006, p. 404-406). E, de demasiada relevância ao estudo das produções sociais, é a partir de meados da década de 1980 que surgiram novas maneiras de interpretar os dados etnográficos, que passaram a ter como conteúdo verificável, passivo de investigação, os interesses das pessoas diante das práticas sociais, principalmente com relação à tecnologia (STARK, 2003, p. 200 e 203).

Esses elementos, imprescindíveis para a apreensão dos sentidos concretos da cultura material, puderam ser amplamente observados em projetos de longa duração realizados na África e na Ásia. Os resultados das pesquisas em conjunto com as novas maneiras de apreender e interpretar os aspectos sociais levaram os arqueólogos a refletir sobre o recorrente uso da cultura material para marcar e estabelecer aspectos inerentes à identidade social e à etnicidade (GOSSELAIN, 2000, p. 187-191; STARK et al., 2000, p. 296-298 e 302-304). Acerca dos alcances desses estudos marcadamente relativos às fronteiras culturais Laure Degoy indica que

... quite a few cross-cultural studies have exemplified distribution pattern that are positively linked to potters' identities. However, such correlations appear with respect to various social boundaries, as defined, for example, by linguistic groups [...], ethnic groups [...], African artisanal castes [...], political factions [...], endogamous units [...], or gender. (2008, p. 201, grifo da autora).

É importante observar que, de forma geral, apesar das mudanças observadas de meados dos anos 1980 em diante, manteve-se atuante nas publicações etnoarqueológicas a tarefa de verificar no registro arqueológico os resultados dos dados obtidos nas sociedades vivas. Inclusive existem publicações em que muitos estudos são dedicados a compreender os fatores sociais possíveis desta associação (STARK, 1998). Porém os significados concretos do comportamento social e sua relação com a cultura material tornaram-se relevantes dentro da busca por soluções para os problemas arqueológicos, aspectos bastante significantes na abordagem

cultural dos sistemas tecnológicos (LEMONIER, 1986, p. 149-156; GOSSELAIN, 1992, p. 578-583) e tendência pouco seguida até fins dos anos 1990.

Para o direcionamento da antropologia estadunidense, influente no enfoque da arqueologia processual, as particularidades dos processos de descarte e a padronização artefactual são assuntos sempre presentes no tema em questão (ARNOLD, 1985, p. 12). Ao mesmo tempo, de forma comum à maioria das produções dentro desse paradigma, é recorrente a forte desconsideração e/ou recusa em estudar sentidos na sociedade contemporânea e utilizá-los para a interpretação arqueológica de aspectos do mesmo período em que eles são produzidos. Existem exceções a esta regra, inclusive em solo estadunidense, e que apesar de terem mantido a verve do paradigma evolucionista propiciaram importantes contribuições à discussão arqueológica (SKIBO; SCHIFFER, 2008).

Na bibliografia consultada existem elementos de análise que se correlacionam a esta abordagem, tais como os aspectos intencionalmente planejados e circunscritos nas decisões da artesã, que em conjunto são intrínsecos à caracterização do estilo e da função na arqueologia (para uma revisão ver HEGMON, 1992). Ambos são utilizados dentro da perspectiva de reconhecer o sucesso da produção de artefatos em nível regional (GOSSELAIN, 1992; SACKETT, 1977; WIESSNER, 1985; no Brasil ver FAGUNDES, 2004).

Gosselain (1992, p. 559-561; 1998, p. 78) indica, tanto no início quanto no fim da década de 1990, que a raridade da abordagem cultural dos sistemas tecnológicos era devida à preocupação dos arqueólogos, até aquele período, restrita ao objeto finalizado e também devido às limitações metodológicas e teóricas dentro da disciplina. Os mencionados novos paradigmas que surgiram a partir de meados da década de 1980 têm suas raízes em novas perspectivas abertas pela antropologia, sobretudo com o enfoque pós-processual que apontara ausência de rigor metodológico e teórico nas pesquisas anteriores e avançara com o ponto de vista pós-estruturalista através de estudos com base nos significados e com críticas produtivas que renovaram pontos de vista do recurso ao estilo tecnológico (LANE, 2006, p. 404 e 405). Um aspecto que se manteve é a relevância da busca por informações das sequências operacionais dos sistemas tecnológicos, presente na adequação dos estudos das técnicas cerâmicas como produções sociais, marcante em fins do século passado (GOSSELAIN, 1998, p. 78).

Pesquisadores de diversas escolas do pensamento da Europa e dos EUA se detiveram em publicar reflexões das pesquisas de cunho etnográfico da cerâmica direcionadas por questões concernentes à arqueologia (ARNOLD, 1985; 1991; COSTIN, 2000; STARK, 2003; LANE, 2006; HEGMON, 2000; DAVID; KRAMER, 2001, p. 138-146). Importantes lições, decorrentes dos esforços daqueles que se debruçaram em estudos cerâmicos no âmbito da etnoarqueologia, foram construídas através da concepção da atividade oleira como fenômeno social (LEMONIER, 1986; STARK, 1991; GOSSELAIN; 1992; 1998; 2000; LANE, 2006).

No final dos anos 1960 antropólogos especializados em temas de interesse da arqueologia implantaram as raízes das pesquisas etnoarqueológicas em voga ainda no início da década de 1990 (ARNOLD, 1991, p. 321). Elas se mantêm no cenário atual, no entanto não surtiram efeitos vantajosos para o conhecimento arqueológico, devido à concentração em presunções (LONEY, 2000, p. 648), em ideias distanciadas dos sentidos locais, cujas interpretações fixaram-se em limitações do meio ambiente e/ou a partir apenas da observação das características físicas dos objetos (ARNOLD, 1985, p. 4-9; LEMONIER, 1986, p. 147-149; GOSSELAIN, 1992, p. 559-561). Nesse período ocorreu uma diminuição da quantidade de pesquisas etnográficas e uma polarização de pesquisadores dedicados a renovadas produções do conhecimento, com base na cadeia operatória e no estilo tecnológico (LANE, 2006, p. 405).

As novas concepções, verificadas em meados dos anos 1980, foram influenciadas por ideais pós-estruturalistas, de postulados pós-processualistas, de concepções da teoria social e também baseadas em contribuições diversas da escola antropológica francesa dos estudos das escolhas tecnológicas. Elas levaram a avanços relativos ao entendimento das realidades sociais nas quais estão imersos os processos de manufatura (GOSSELAIN; LINVINGSTONE SMITH, 1995, p. 147; GOSSELAIN, 1998, p. 78; STARK, 2003, p. 200).

Hodder publicou uma das ideias mais importantes acerca de uma forma alternativa de utilizar a etnoarqueologia com *Symbols in Action* (1982). Por sua desilusão com a condução do conhecimento do período pré-colonial na Europa buscou mostrar as possibilidades de interpretação na arqueologia baseadas na pesquisa de contextos vivos. Sua grande constatação, com base nos discernimentos da atuação dos indivíduos, é que o papel ativo da cultura material provoca transformações

estruturais suscetíveis de manipulação e úteis ao controle social, cuja apreensão contribui, sobretudo, para a interpretação arqueológica (p. 210 e 211).

Estas pesquisas abandonaram a metodologia restrita do enfoque processual direcionada pela utilização das informações resultantes do uso da analogia etnográfica, passando pela geração de modelos hipotéticos e que tinha como resultado o teste de hipóteses (para esse sistemático direcionamento processualista ver BINFORD, 1967; 1983; STILES, 1977). David e Kramer criticaram o uso desmedido e mostraram os limites peculiares de tal abordagem (2001, p. 43-54).

De forma abrangente estas ideias atingiram um grupo de pesquisadores da Universidade de Leiden, seguidores do movimento da Ceramic Ecology e liderados por Sander van der Leeuw, que combinaram concepções da etnoarqueologia, da etnografia e de análises científicas, porém circunscritas no paradigma ecológico (LONEY, 2000, p. 651). A abordagem processual continuou sendo recurso extensamente útil para muitos etnoarqueólogos (ver COSTIN, 2000; ROUX, 2003; 2007).

Esta permanência dos ideais processualistas foi observada por Dean Arnold em sua leitura do contexto histórico das pesquisas etnoarqueológicas da cerâmica. Ele percebera - quanto à articulação da cerâmica com, o que chamou de, o resto da cultura - haver desde a década de 1960 um aumento do interesse de arqueólogos em focar nos estudos da cerâmica através de outros aspectos de sistemas culturais, como por exemplo, estrutura social e parentesco. No entanto o autor (1985, p. 2 e 8) compreende que ainda não havia dados etnográficos para sustentar as afirmações, porém esta consideração está relacionada com suas concepções presunçosas relacionadas com o interesse de remeter as decisões das maneiras de fazer e usar às pressões ambientais.

Os novos modos de pensar que interessam à abordagem das produções sociais não são aqueles que trilharam o caminho percorrido pelas renovadas investidas processualistas que almejavam afirmar a potencialidade da associação da ecologia cultural com a etnoarqueologia (ARNOLD, 1985, p. 12-15; 1988, p. 239-242; LONEY, 2000, 651 e 652; MOUAT; ARNOLD, 1988). Destarte, elas inserem-se na ampla combinação de perspectivas processualistas e pós-processualistas (LANE, 2006, p. 412), cujo mote passou então à abordagem cultural com o recurso às

formas concretas das práticas inerentes à cerâmica, concebidas como produções sociais.

Entendo que tais produções são dotadas de informações dos sentidos criados pelas pessoas, produtoras e consumidoras, no tempo e lugar em que vivem. Inscritos nestas abordagens foram realizados estudos que possibilitaram o reconhecimento de que aspectos referentes ao cotidiano são imprescindíveis para entender os significados da tecnologia oleira, bem como onde se posicionam os aspectos práticos e/ou simbólicos das comunidades relacionados com a cerâmica. Esse é um aspecto fundamental dos avanços da etnoarqueologia cerâmica que compartilho com os pesquisadores que se debruçaram em publicá-los.

Estas peculiaridades foram perseguidas ao longo das duas últimas décadas do século XX e da primeira do século XXI em muitos trabalhos de cunho etnoarqueológico da cerâmica através da perspectiva da escola estadunidense do estilo tecnológico e da escola europeia da escolha tecnológica. Dentre os conhecimentos produzidos através das novas luzes focadas nos atributos materiais temos os discernimentos apreendidos das tradições técnicas para o entendimento das identidades culturais do passado. Os avanços das pesquisas atuais repercutiram, dentre diversos aspectos sociais significantes, na nova maneira de encarar a noção de etnicidade, a partir de então considerada como poliética, dotada de intenso dinamismo (DEGOY, 2008, p. 199 e 200; HEGMON, 2000, p. 131; JONES, 2005, p. 30 e 33-37, 2007, p. 47, 48 e 51-53).

Contextos etnográficos da produção cerâmica são bastante discutidos a partir de pesquisas realizadas em diferentes regiões do mundo: na **África** (DAVID, et al., 1988; DIETLER; HERBITH, 1989; 1994; 1998; GOSSELAIN, 1992; 1998; 2000; 2011a; GOSSELAIN; LINVINGSTONE SMITH, 2005; HERBITH; DIETLER, 2008; MACEACHERN, 1998), na **América Latina** (ARNOLD, 1985; 1987; 2000; ARONSON, 1993; BOWSER; PATTON, 2008; HILDEBRAND; HAGSTRUM, 1999; MOUAT; ARNOLD, 1988; SILVA, 2008) e na **Ásia** (DEGOY, 2008; GRAVES, 1991; LONGRACE; STARK, 1992; SKIBO; SCHIFFER, 2008; STARK, 1991a; 1991b; 1992; 1994a; 1994b; 1995; STARK et al., 2000; van der LEEUW, 1993). Destaco aqui algumas importantes contribuições deles, com maior relevância para o conhecimento arqueológico produzido a partir do contexto sistêmico quando documentado em sua plena ocorrência pelo pesquisador, já que é nas sociedades

vivas que os dados das maneiras de fazer e usar os objetos são coletados em abundância de forma concreta.

Esse é o sentido empregado por Gosselain (1992; 1998; 2000; 2008b; 2011a) em suas pesquisas através de inúmeros trabalhos etnoarqueológicos no continente africano. Compartilho suas ideias, inclusive aquelas associadas com Alexandre Livingstone Smith, que remetem a refletir sobre como abordar o registro arqueológico⁸ ao enfatizar que a melhor opção para a produção do conhecimento sobre a cultura material é argumentar a partir de procedimentos que envolvem exames da evidência arqueológica e/ou etnográfica, de onde são obtidos os significados concretos (GOSSELAIN, 1998, p. 79; GOSSELAIN; LIVINGSTONE SMITH 1995, p. 147 e 150). Outros pesquisadores buscaram objetivos parecidos e aplicaram pressupostos teórico-metodológicos similares, tanto na África quanto na Ásia. Esses direcionamentos estão presentes em muitos estudos dedicados à compreensão das fronteiras sociais com o foco na cultura material (BOWSER; PATTON, 2008, p. 105-107; HEGMON, 2000, p. 130-132; STARK, 1998, p. 1-11; 2003, p. 211-213; STARK, et al., 2000, p. 296-298, 302-304 e 323-325).

Do campo do comportamento humano das tomadas de decisões se concentram algumas das contribuições mais direcionadas ao estudo da produção cerâmica caririense. As pesquisas que adotam esse direcionamento são provenientes do viés das escolhas técnicas, comum à abordagem cultural dos sistemas tecnológicos, bastante difundido por antropólogos, principalmente na França, (GOSSELAIN, 1992; LEMONIER, 1986; STARK, 1998). Nesse ponto de vista as investigações caminham através da apreensão do conjunto de opções que as ceramistas utilizam para solucionar os problemas que enfrentam no dia-a-dia e das alternativas que têm para conduzir seu trabalho (GOSSELAIN, 2000, p. 190 e 191; van der LEEUW, 1993, p. 239-244).

Um importante exemplo é o denso estudo de Gosselain (1998), desenvolvido através da observação direta das atividades de ceramistas no sul da República dos Camarões, que indica existirem características muito marcantes entre a cadeia

⁸ Ao refletir sobre o contexto sistêmico e o contexto arqueológico Schiffer (1972) prega que este último é produzido ininterruptamente e incorpora em sua formação as atividades ocorridas em vida que podem ser abordadas a todo o tempo pelo arqueólogo. Dessa forma o contexto sistêmico em sua plenitude conforma-se como o ambiente sociológico em que é possível observar diversas situações em que estão envolvidas a vida útil de um artefato.

operatória e a identidade social. O processo de formação do vasilhame é o parâmetro mais eficaz para observar as fronteiras sociais, pois conforme suas pesquisas na região sub-Saariana mostram esta é a etapa da sequência operacional que mais resiste a mudanças. E esse entendimento é compartilhado com outros pesquisadores (WALLAERT, 2008, p. 179).

A explicação está na condição de habilidade motora (ver ARNOLD, 1985, p. 7, 8 e 235-237; GOSSELAIN, 1992, p. 572 e 582; 2000, p. 192, sobre a importância do conceito) da referida etapa, ou seja, situa-se na capacidade de domínio de um gesto inerente a movimentos que depois de aprendidos não são mais esquecidos pelos reflexos corporais. Passam a ser realizados de forma natural no cotidiano, sem que o pensamento sobre eles requeira dispensar muita energia, tais como as ações de escrever com uma das mãos, andar de bicicleta, dirigir um veículo automotivo, lavar pratos, dentre outras. Leroi-Gourhan (2002, p. 25-29) percebeu que tais técnicas são transmitidas pela tentativa e erro através da educação, experiência, gestualidade e linguagem, elemento constituidor das cadeias operatórias no nível que ele alcunhou de maquinal.

O aprendizado, feito nos moldes do contexto social em que o indivíduo pertence, atua como o meio de transmissão do conhecimento, das maneiras de fazer e então dos movimentos técnicos. Assim a técnica ao ser assimilada não exige o esforço de raciocínios condicionados ao zelo de cada pormenor da manipulação da argila até a finalização da pré-forma ou forma do vasilhame, com atenção que impede a artesã de voltar à concentração para outras ações, como falar com alguém enquanto trabalha.

É interessante o ensinamento de Leroi-Gourhan para a esta questão:

Os gestos, as atitudes, a maneira de se comportar no domínio do banal e do quotidiano, constituem os elementos de ligação ao grupo social de origem, dos quais o indivíduo nunca se consegue libertar por completo mesmo quando transplantado para outra classe ou etnia. (2002, p. 28).

Esses detalhes possibilitam apreender a permanência de certas características da produção oleira.

Dentro desse viés, relacionado à manutenção de características culturais via identidade social, as pesquisas etnoarqueológicas realizadas no continente africano e asiático propiciaram importantes avanços. É possível destacar mais uma vez o pujante pensamento de Gosselain que verificou que a extensão geográfica-cultural

das técnicas tem relação com a mobilidade dos indivíduos que ministram e que recebem o aprendizado (1998, p. 95-97; HEGMON, 2000, p. 130). Esse poderia ser um caminho para entender a transmissão da escovação nos sertões nordestinos.

Mas vamos retornar com a atenção para a literatura arqueológica consultada. Reitero que encontrei ideias que buscam a adequação da pesquisa feita através de argumentos que valorizam o contexto concreto da confecção e uso da cerâmica. Tais pensamentos são bastante pujantes no campo da etnoarqueologia cerâmica, dentro do renovado interesse difundido pela antropologia a partir de meados da década de 1980 (GOSSELAIN, 1998, p. 188; LIVINGSTONE SMITH, 2000, p. 21–22), vinculados ao aporte das escolhas tecnológicas da escola francesa e também admitidos por pressupostos de ideais pós-processualistas.

Os aspectos intrínsecos à produção social são intensamente utilizados nesses últimos estudos como meio de obter fontes para um estudo arqueológico. É importante reafirmar que o entendimento de que os sentidos expressados pelas pessoas enfocadas, ou que deveriam ser relacionadas/lembradas por conta de participarem ativamente das produções e utilizações dos materiais, são primordiais na interpretação arqueológica. Isto resultou nesse levantamento bibliográfico em perseguir, mesmo nas publicações que se distanciam de tal seguimento, as referências significativas aos contextos de produção cerâmica. Assim as considerações que partem de argumentos independentes das práticas sociais, figuram aqui, principalmente, como meio de ilustrar exemplos de menções ao escovado enquanto atributo decorativo.

Braun (1991) ao se debruçar sobre a apropriação social dos objetos frente às opções no processo tecnológico assevera que informações etnográficas são imprescindíveis para a apreensão de valiosíssimos dados contextuais e reflete indagando quais as razões que levam as ceramistas a decidir decorar ou não seus vasilhames domésticos. Essa consideração segue os caminhos abertos pelos resultados da pesquisa de David, Gavua e Sterner (1988), que alçaram a importância da decoração cerâmica como elemento vinculado às escolhas dos artesãos e enfatizaram a posição dos aspectos ornamentais da cerâmica dentro da cadeia operatória (GOSSELAIN, 2011b, p. 4 e 5).

Informações detalhadas das tomadas de decisão são fundamentais para entender as escolhas concretas das artesãs. Nesse sentido é imprescindível a adoção de

observações de pesquisadores que situam onde são obtidos os significados concretos.

Como surge a indagação da escolha de decorar ou não uma peça senão da maneira de encarar um objeto como um instrumento com forma relacionada ao seu uso e que não deve ser motivo de preocupação com a aparência final! Dessa forma adentramos na questão: se for comum considerar os potes como utensílios de armazenamento então por que decorá-los?

Os motivos são diversos e na opinião de alguns pesquisadores podem estar relacionados ao pertencimento a grupos sociais (DAVID; GAVUA; STERNER, 1988; BRAUN, 1991). Aqui é interessante extrair as contribuições, mas manter o foco já que enfatizo a ausência das ranhuras enquanto elemento de arrefecimento da água nesses escritos. Por outro lado percebi que o atributo escovado é recorrente na literatura arqueológica, enquanto elemento decorativo.

Entendo que é adequado buscar o sentido da decoração em tais recipientes ao obter informações relativas ao contexto de fabricação e/ou uso deles. Assim é possível considerar que existem equívocos e/ou afirmações demasiadas descontextualizadas em descrições, afirmações da utilidade e destino da produção cerâmica.

Tais elementos descritivos são oriundos de ideias vinculadas ao modo em que arqueólogos preconcebem a interação de um artefato em análise fora da realidade local, ao disseminar maneiras de usar comuns à sua sociedade. Esse foi o caminho percorrido pelos estudos executados sob o enfoque evolucionista, que repercutiram em reduzidos avanços no conhecimento arqueológico até meados da década de 1980, conforme indicam diversos estudiosos, que forneceram inestimáveis contribuições, e que se mostraram interessados em apreender usos concretos da cerâmica a partir de dados etnoarqueológicos (GOSSELAIN, 1998, p. 78, 79, 99 e 100; HEGMON, 2000, p. 130-132; STARK, 2003, p. 199, 201 e 202).

Nas pesquisas etnoarqueológicas focadas na tecnologia da cerâmica difundidas em diversas regiões da África, Ásia e América Latina, pesquisadores encontraram contextos significativos onde também agregaram as peculiaridades do uso (por exemplo, ARONSON; FOURNIER, 1993; DEGOY, 2008; DIETLER; HERBICH, 1989; GOSSELAIN, 1998; GRAVES, 1991; STAHL et al., 2008; STARK, 2000). Muitas delas, designadas dentro do que se convencionou chamar de estudos

etnoarqueológicos da cerâmica, foram impulsionadas por tendências que se voltaram às perspectivas da ação dos agentes sociais em regiões onde existia a produção cerâmica contemporânea com características arqueológicas relevantes (STARK, 2003, p. 196-198).

Ratifico que no que tange ao meu estudo as contribuições mais significantes desses estudos partem de perspectivas do contexto social da tecnologia e uso da cerâmica, conforme é possível encontrar no livro editado por Stark (1998). Diversos capítulos são voltados a discutir às fronteiras sociais na arqueologia e têm como instrumento eficaz a etnoarqueologia realizada em comunidades ceramistas.

Dentre o que foi ali publicado destacam-se as indicações dos diversos aspectos que reforçam a importância das informações etnográficas para a arqueologia. Um deles é o interesse de investigar através dos comportamentos técnicos as peculiaridades do conhecimento local, papel que deve ser cumprido com a compreensão da relação entre aspectos materiais e intangíveis da cultura e sociedade, considerados por Dietler e Herbich (1998, p. 233) como fundamentais para o empreendimento da arqueologia. Assim esses estudos têm seu principal valor ao propiciar a aquisição dos dados referentes à diversidade, manutenção e modificação das técnicas de manufatura, bem como nos relatos das possíveis utilidades dos artefatos (LANE, 2006, p. 412).

Mais uma vez trago o texto seminal de Gosselain (1998), já mencionado e presente no livro editado por Stark (1998), que nos leva a refletir sobre as possibilidades tanto de alcançar os significados quanto de interpretá-los de acordo com os aspectos intrínsecos do cotidiano local. Surgem ideias do exame cuidadoso do processo de manufatura envolvido na confecção de um objeto. Através do registro do encaminhamento das decisões em cada etapa da sequência operacional, com dados obtidos em várias comunidades dentro de uma área circunscrita pelas mesmas influências ambientais e socioculturais, esse pesquisador (1998, p. 79 e 85-93; 1999, p. 205-209) aponta que é possível identificar a variabilidade de significados da fabricação e das atividades diárias relativas aos objetos cerâmicos.

Outras marcantes e abrangentes considerações de Gosselain, em diversos estudos das comunidades ceramistas da região do sul do deserto do Saara, são muito importantes. Apesar de considerar a restrição de suas conclusões para uma área circunscrita geográfica e temporalmente, ele (1992, p. 572, 581 e 582; 1998, p. 92 e

101) chega a uma constatação de caráter generalizante, ao afirmar veementemente que de todas as etapas da cadeia operatória é apenas na formação do vasilhame que as fronteiras sociais se interpõem às escolhas técnicas. De acordo com essa ideia as fronteiras sociais condicionam os artesãos a seguir sem modificações os parâmetros de edificação do vasilhame tal como conheceu durante o aprendizado, dentro de padrões relacionados à sua identidade social. Quanto às outras etapas, elas não são tão rígidas e diversas influências podem contribuir para a existência de modificações nas maneiras de confecção e uso (GOSSELAIN, 1998, p. 102 e 104).

Todavia, em pesquisas posteriores executadas no Níger, Gosselain (2008b, p. 67) observa que, diferentemente do que observou nos Camarões, existe de forma surpreendente fluidez nas tradições cerâmicas que se mostraram com influências muito diversas e sem relações precisas com as fronteiras sociais. E especificamente com relação à técnica de formação, ao compará-las com outras regiões da África, ele indica que não existe a mesma correspondência das fronteiras sociais (2008b, p. 72-75), o que lhe permitiu reconsiderar suas afirmações anteriores.

No longo período em que passou pesquisando contextos cerâmicos contemporâneos em distintas regiões do continente americano, Dean Arnold (2000, p. 334-339), se dedicou ao estudo da organização e especialização da produção. Suas diversas investidas em solo mexicano, realizadas em mais de 30 anos e com interrupções ao longo de mais de uma década, lhe propiciaram observar mudanças na produção cerâmica, relativas aos novos modos de suprir o mercado de consumo que também se modificara com a orientação das vendas para os visitantes vindos de outras regiões do México e de outros países e a queda da produção para o consumidor nativo (1987, p. 553-559; 2000, p. 336).

Apesar das concepções estritas de Arnold (2000, p. 339-357) às características intrínsecas dos objetos com poucas referências das condições sociais quando, por exemplo, discute os fatores que afetam a variabilidade da pasta da cerâmica com muito rigor aos fatores externos, é possível aproveitar suas considerações. Um meio de recorrer à produção dele é na avaliação da influência do mercado de consumo na tecnologia oleira do Cariri cearense, a partir de noções relacionadas às exigências dos consumidores, aos modos de utilização dos materiais cerâmicos que interferem diretamente na confecção dos objetos feitos de argila. Conforme também aponta Degoy (2008, p. 205) no caso em que se debruça na Índia, é notória uma tendência

de ceramistas a se especializar em um tipo de vasilhame para atender a demandas, que na região do sul do Ceará é direcionada por questões comerciais locais.

Não é o caso de explorar as características da pasta dado ao significado que apreendo no contexto pesquisado ser expresso pelo atributo escovado. No entanto estudos relativos à tecnologia cerâmica mostram que à atenção aos ingredientes da pasta podem proporcionar significantes discernimentos relativos às maneiras de selecionar a argila e preparar a pasta (SHEPARD, 1985; GOSELAIN; LIVINGSTONE SMITH, 2005). É importante levar em consideração que para avançar dentro da abordagem das produções sociais as análises devem ter o foco nas escolhas técnicas que têm entre os fatores imprescindíveis a apreensão dos significados concretos (observados em GOSELAIN, 1998; 1999).

No quadro de estudos da etnoarqueologia cerâmica também é possível mencionar a contribuição da metodologia da arqueologia comportamental, que traz a discussão das escolhas técnicas no âmbito da tecnologia e uso da cerâmica (SCHIFFER, 1976; SCHIFFER, et al., 2001). O conceito de escolha técnica é definido por Skibo e Schiffer (2008, p. 11) como a atitude de antecipação das tomadas de decisão diante dos procedimentos da sequência operacional do processo de manufatura. São validas aqui as críticas ao funcionalismo na arqueologia (HODDER, 2006, p. 3-6; JOHNSON, 2000, p. 105-112; TRIGGER, 2004, p. 320-331) dada às amarras metodológicas de caráter restrito à função e variabilidade formal.

A compreensão da cadeia do comportamento, pressuposto teórico geral postulado por James Skibo e Michael Schiffer (2008, p. 9 e 10), é o mecanismo de análise da tecnologia e uso que proporciona observações da vida útil de um pote, desde as distintas etapas produtivas, passando pelo uso/reuso e abandono. Outro parâmetro com bastante visibilidade de seus postulados é o planejamento das ações.

Tais elementos analíticos, disseminados conjuntamente em *People and Things* (SKIBO; SCHIFFER, 2008), tiveram como recurso estudos de caso, como a cerâmica etnoarqueológica kalinga - destaque do preâmbulo da obra. Os autores desenvolvem um referencial teórico com a intenção de ajudar a pesquisa baseada na relação entre as pessoas e os objetos, com a manutenção do foco na vida útil desses últimos (p. 2). Porém por desconsiderar um essencial elemento, a abrangência dos significados nas referidas sequências de fabricação e maneiras práticas de recorrer cotidianamente aos objetos, a metodologia da arqueologia

comportamental limita as possibilidades de investigação das noções relativas ao mundo material.

A formulação da cadeia do comportamento feita por Skibo e Schiffer (2008, p. 9 e 16) seguiu os parâmetros do conceito de cadeia operatória preconizados por Leroi-Gourhan (LEMONNIER, 1986, p. 149; STARK, 1998, p. 5 e 6; van der LEEUW, 1993, p. 240), e propunha avanços ao visar entender questões relativas ao uso, manutenção e reutilização. Esses elementos oriundos da ação dos indivíduos, somente contribuiriam para a análise da relação entre pessoas e artefatos caso pudessem estar apoiados no alcance dos sentidos expressos nas etapas do trabalho dos fabricantes.

Entendo que as mais importantes noções teórico-metodológicas, verificadas nos trabalhos consultados, mostram que os considerados avanços relativos ao conjunto de estudos publicados (dentro do que se convencionou chamar de etnoarqueologia cerâmica) têm notória utilidade ao agregarem conhecimentos provenientes da ação social de indivíduos no lugar e tempo em que vivem ou viveram. Esse aspecto mostra o quão necessária é à reflexão destas contribuições que alargaram o campo de atuação dos pensadores dedicados aos estudos da cultura material.

Mas em que sentidos são tão significantes em meu estudo? Nas considerações das motivações das ceramistas relacionadas à sua formação, que têm íntima relação com a confecção de seus produtos e com o destino deles ao mercado de consumo. As conceituações, observações detalhadas e ênfases da importância das escolhas técnicas nas diversas etapas da história de vida dos objetos figuram como importantíssimas contribuições aos significados concretos apreendidos e suscetíveis de interpretação dos potes *lisos* e *arranhados* do Cariri cearense dada à maneira de propiciar a discussão de dados inerentes às construções subjetivas locais.

Embora uma grande quantidade de trabalhos e diversas opiniões de arqueólogos e antropólogos propiciem o conhecimento da cerâmica de produção local/regional, é evidente a ausência de publicações específicas ao tema que propus estudar. Desta forma as características selecionadas mais relevantes das obras consultadas são inerentes ao modo em que se dá significado do saber fazer e uso da cerâmica.

4.2. O POTE ARRANHADO TEM VISIBILIDADE AQUI DENTRO?

O contraste entre o conhecimento dos habitantes locais e os saberes dos estudiosos da cultura material tornou-se evidente no rumo que tomei durante a pesquisa. Na relação das pessoas com os tipos de potes percebi que enquanto a experiência desses habitantes agrega sensações diversas, na opinião de alguns pesquisadores a construção dos sentidos restringir-se-ia aos aspectos táteis ou à visão. Estas sensações influenciam na maneira de apreender a função e de disseminar ideias sobre tais objetos.

Em minha primeira experiência parti das mesmas admissões dos pesquisadores que não buscaram profundamente o sentido dos potes na região. Admiti que os recipientes em foco pudessem ter duas utilidades: 1) a escovação teria sido inserida como motivo decorativo; e 2) as ranhuras possibilitariam o atrito das mãos na superfície dos potes quando eles tivessem que ser transportados.

Conforme exposto na primeira parte deste capítulo, os trabalhos que mais propiciam a discussão dos significados locais têm como direcionamento pensamentos que se integram aos pressupostos da arqueologia pós-processual. Observo a mesma condição no Brasil, porém em menor quantidade. Percebi também na bibliografia consultada que estudos cerâmicos voltados aos significados da tecnologia e práticas subjacentes aos objetos feitos de argila, algo ainda muito reduzido, têm sido de interesse tanto de arqueólogos quanto de antropólogos. Assim nesta atenção voltada às obras existentes no Brasil, para tentar dialogar com o conhecimento já produzido, recorri a estudos e trabalhos de divulgação envolvidos com estudos da cerâmica provenientes de diversos lugares, e tanto da literatura arqueológica, quanto de outras áreas, como da sociologia, antropologia e textos sobre a cultura regional - mais distantes do tema que estudo.

É interessante observar que a ideia da utilização do atributo escovado como elemento para decoração dos vasilhames está presente na produção de estudiosos que não lidam com a intenção da elaboração e o uso dos potes. Estas expressividades exógenas divergem-se ou distorcem os significados locais. Porém é possível aproveitar a contribuição de tais publicações para entender que as informações etnográficas têm um peso muito grande na obtenção de dados

valiosíssimos relativos à abordagem contextual, tais como sobre o esforço destinado à produção, das diferentes formas de confeccionar, comercializar e usar a cerâmica, bem como dos seus significados nestas atividades cotidianas (ORTON; TYERS; VINCE, 2010, p. 29-32).

Se eu seguisse estritamente os conhecimentos vindos de fora teria encaminhado ideias equivocadas. O motivo é a especificidade das práticas de usos daqueles utensílios, assunto ainda não discutido na arqueologia brasileira.

Para avaliar o estado da literatura especializada no tema abordo fundamentalmente os dados etnográficos relativos à cerâmica. Para tanto verifiquei com bastante afinco os esforços dos pesquisadores em estudos dos significados locais inerentes à produção e uso da cerâmica artesanal, principalmente em abordagens recentes (AMARAL, 2012; AGOSTINI, 2010; SILVA, 2002; 2008). Tal como as ideias destas autoras citadas também têm relevância perspectivas que não têm objetivos estritamente relacionados à arqueologia, mas que contribuem para considerar a atividade oleira como uma produção social (DALGLISH, 2006; LIMA, 2012; MATTOS, 2001; MENDES, 2011). Nesses textos estão presentes as questões peculiares das localidades/regiões estudadas bem como as maneiras em que foram identificados e interpretados os sentidos relacionados aos materiais cerâmicos.

Outra via brasileira na etnoarqueologia, ainda com base no seu uso como recurso para o registro da relação das pessoas com os objetos nas sociedades vivas, rumou de forma recorrente ao estudo dos grupos sociais indígenas. O direcionamento da maioria destas pesquisas é fortemente marcado pela comparação das informações orais com os dados do registro arqueológico. Seus autores seguiram inquietações clássicas da arqueologia, tais como a espacialidade subjacente à cultura material elencada, a descrição e explicação da variabilidade artefactual e a criação de modelos explicativos para entender questões do comportamento humano, mas permearam a interpretação dos sentidos simbólicos da cultura material (RODRIGUES, 2007; SILVA, 2000), entretanto com base em analogias.

As perspectivas sobre os grupos estudados no caminho percorrido pelos pesquisadores na última década do século XX e primeira década do século seguinte, conforme indica Poloni, são expressas por

... uma nítida e manifesta preocupação em tornar claro ao leitor que essas sociedades possuem suas próprias lógicas e histórias que não são em nada

inferiores às da sociedade nacional, mas, ao contrário, que por detrás dos objectos que produzem, e da sua forma de interferirem no meio circundante, há uma riqueza cultural e uma complexidade cognitiva e significativa em nada menos complexa que aquela através das quais manifesta-se nossa própria sociedade, embora seja, naturalmente, profundamente diferente do modo de vida ocidental. (2010, p. 331).

Assim, na busca por tais significados, os pesquisadores que se voltaram a estudar contextos específicos, contribuiram para solidificar novas maneiras de interpretar as ações dos indivíduos através da cultura material.

É com base nas obras voltadas ao período pré-colonial, tal como fora do país, que a utilização da etnoarqueologia é verificada em grande medida na arqueologia brasileira. E, com exceção de Daniella Magri Amaral (2012), os estudos dentro da temática da arqueologia histórica, do ponto de vista da etnoarqueologia focada na produção oleira e recorrente uso dos objetos cerâmicos, não procuraram realizar interpretações do passado recente e/ou do presente.

As ideias de alguns autores aqui presentes estão direcionadas para entender o comportamento dos indivíduos no passado mais longínquo e o fato de coletar informações nas sociedades vivas não me concede relevância de seus pensamentos enquanto elementos que desvelam as práticas cotidianas relativas à cerâmica. Isto é devido ao foco no contexto arqueológico somado à busca por lançar mão de recursos analíticos e resultados das interpretações através da analogia. Não incorporo esse tipo de analogia etnográfica como método por considerá-lo desonesto na prática de uma arqueologia focada nos aspectos ideacionais do tempo presente. Mas comparações não são arbitrárias quando o conteúdo tem relação, quando existe menção a aspectos de ambas as sociedades em estudo (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2003, p. 13 e 14).

Esse quadro serve para mostrar que no Brasil existem poucas contribuições expressivas de estudos cerâmicos relacionados à produção artesanal e/ou com descrições surgidas da documentação etnográfica. Iniciativas de grande esforço no que concerne ao levantamento da documentação etnográfica sobre a cerâmica, como o estudo de Brancante (1981), também não apresentam rendimentos consideráveis para o assunto que aqui estou tratando. Então, além do número reduzido de pesquisas etnoarqueológicas cujo objetivo é o contexto de produção e uso da cerâmica, soma-se à raridade de discussões dos significados concretos

locais o interesse restrito de alguns pesquisadores que utilizam a etnoarqueologia como estratégia de pesquisa para interpretar o registro arqueológico.

Verifiquei também que não se discutem temas relacionados aos aportes teórico-metodológicos utilizados nestas publicações, que mostra o compartilhado desleixo apontado por Reis para a arqueologia brasileira de forma geral (2010, p. 15-17 e 35-48). Rita Poloni (2008, p. 65-111 e 120-129; 2010, p. 332-334), ao discutir e criticar a prática da etnoarqueologia no Brasil a partir da abertura política pós Ditadura Militar, com base em algumas dissertações de mestrado e teses de doutorado, revelou essa insipiente sistematização teórico-metodológica da maioria daqueles trabalhos, apesar das contribuições para discussões no âmbito da cerâmica de forma geral.

Dado o estado das intenções de pesquisa, acima ilustradas, o caminho percorrido pela etnoarqueologia no Brasil no período das décadas de 1990 e 2000 seguiu a reconstrução de trajetórias históricas e culturais dos povos indígenas (POLONI, 2008, p. 114). Esta tendência da pesquisa etnoarqueológica no país foi denominada por Politis (2002, p. 76) como “história indígena”, perceptível por exemplo em abordagens da temática Guarani (ASSIS; GALERT, 2002, p. 208-212). Assim é matéria que gerou ganhos no campo da identidade dos povos estudados, mas que não repercutiu em uma base de discernimentos teórico-metodológicos para iniciativas posteriores.

Em relação às dissertações de mestrado e teses em arqueologia e antropologia defendidas no Brasil, temos três destaques nesse período para o âmbito da produção cerâmica. Dentre elas a dissertação de Luciane Oliveira e a tese de Robson Rodrigues dão contribuição reduzida para minha pesquisa por causa de seus objetivos.

A primeira pesquisadora em seu estudo na região do Vale do Mucuri, em Minas Gerais, indica que é possível, através da cerâmica, refletir sobre a identificação étnica do grupo estudado, (OLIVEIRA, 1999, p. 68 e 69 apud POLONI, 2008, p. 71). Já Rodrigues (2007, p. 19) aponta que a produção oleira, maneiras de utilização do espaço e o sistema de assentamento quando pesquisados sob um ponto de vista etnoarqueológico servem como meio de criar modelos à interpretação arqueológica da dinâmica social dos grupos humanos no presente e no passado. É perceptível que ambos, ao mostrar seu maior apreço pelas vias pós-processualistas, enfatizam

a importância contextual da etnoarqueologia para a compreensão das relações entre a cultura material e o comportamento humano (POLONI, 2008, p. 68).

O maior dos destaques das obras elencadas por Poloni (2008) é a tese de doutorado de Fabíola Silva (2000). Esta autora apresenta uma visão abrangente dos significados da tecnologia dentro da etnoarqueologia cerâmica, ao estudar a cultura material e os aspectos simbólicos da cestaria dos Kayapó-Xikrin e da cerâmica dos Assuriní do Xingu. Sua tese é um importante documento da maneira eficaz de recorrer às informações etnográficas com objetivos de registrar a cultura material e os aspectos intangíveis relacionados, conforme presente no seguinte trecho:

Entre os Assuriní, a tecnologia cerâmica, é uma atividade que atesta e reforça o papel das mulheres enquanto organizadoras do grupo doméstico que, por sua vez, é a unidade básica de produção nesta sociedade. Assim, desde muito cedo, as jovens são motivadas para a aprendizagem desta atividade cujo processo de ensino consolida os laços entre aquelas que pertencem a um mesmo grupo doméstico. Ao mesmo tempo, ela também estabelece a relação dos humanos com os seres sobrenaturais, pois a oleira primordial é tauwuma, personagem mítica que ao retirar-se do mundo dos homens transformou-se em tauva, o ser sobrenatural que se abriga na grande panela tauva rukaia, durante a execução do ritual. Além disso, esta tecnologia também possibilita a realização estética das ceramistas e atua como um meio de expressão da sua identidade étnica. (SILVA, 2000, p. 225).

Silva analisa as maneiras de viver dos Assuriní no ambiente que escolheram ocupar através da documentação etnográfica exarada por outros pesquisadores e pela observação participante realizada por ela própria. Seu foco é na produção, uso e descarte dos objetos e simbologia que acompanha os processos tecnológicos, o destino final após desuso e o devido uso dos materiais feitos por aqueles indivíduos. Um dos ricos resultados do seu doutorado (2000, p. 15, 16, 113-116, 181-183, 185, 186, 191-196 e 225-228) é a constatação de que é possível refletir sobre os alcances da tecnologia ao avaliar discernimentos tradicionais de fabricação e utilização de materiais cerâmicos.

Sobre a cerâmica dos Assuriní, a pesquisadora (2000, p. 55) enfatiza

“... não apenas é um item fundamental na preparação dos alimentos no cotidiano como é, também, imprescindível na realização dos rituais e constitui-se num dos principais suportes da arte gráfica, expressando princípios fundamentais da visão de mundo dessa população...”

Esta percepção mostra a relevância de destacar uma categoria material para obter entendimentos das concepções do grupo social estudado.

Publicações mais recentes se voltaram à cerâmica de produção artesanal com descrições surgidas da documentação etnográfica. Dentre elas destaco o estudo de Camilla Agostini (2010), que mostra como os objetos de barro produzidos no bairro São Francisco, da cidade de São Sebastião-SP, eram inseridos no dia-a-dia em redes sociais compostas por agentes sociais diversos. Entendo que são enormes os ganhos na pesquisa quando são imbricados dados oriundos do material cerâmico com a documentação histórica, que proporciona averiguar mudanças na produção a partir da influência do contexto local.

Agostini fez esse estudo da comunidade ceramista do litoral norte paulista a partir de fontes dos séculos XIX e XX com análise das mudanças na produção. A partir desse ponto de vista a pesquisadora (2010, p. 134) pôde indicar “[...] como a interação social entre as ceramistas e outros setores da sociedade guiou as escolhas e os significados atribuídos a objetos de uso doméstico, tais como as panelas e outros utensílios de cozinha”. Assim ela fornece uma perspectiva de como analisar os sentidos da cerâmica através da produção social e me permite refletir que esse caminho conduz ao entendimento de particularidades sistêmicas.

Destaco um dos textos mais interessantes com base em etnoarqueologia no Brasil, a dissertação de mestrado em arqueologia de Daniella Amaral (2012), intitulada *Loiça de Barro do Agreste*, que enfoca na produção oleira do agreste central pernambucano ao desenvolver um estudo a partir da análise da cerâmica de produção local/regional relacionada ao acervo cerâmico de dois sítios arqueológicos históricos. A importante e profunda reflexão dela é interessante para avaliar o potencial informativo dos dados etnográficos e a carga subjetiva do pesquisador frente ao tema que estuda. Assim ela dá imensa contribuição ao enfatizar a valorização dos conhecimentos tradicionais e pensar sobre os avanços na arqueologia com a pesquisa de cunho etnográfico.

A partir do trabalho de inúmeras ceramistas observado em suas olarias e feiras livres da região, Amaral (2012, p. 28-33) desenvolve um caminho de investigação com base nas maneiras em que aquelas trabalhadoras concebem o mundo em que vivem sem perder o foco nas suas atividades oleiras. É intrínseca ao modo em que desenvolve sua interpretação (2012, p. 63-68, 70-77, 84-93) a associação com a cerâmica exumada dos sítios arqueológicos históricos Tacaimbó I e Tacaimbó II, que

quando comparada com a tecnologia contemporânea registrada na mesma região possibilitou acessar as maneiras de confeccionar as peças no passado recente.

As ações cotidianas das ceramistas tomam dimensão dentro do aprofundamento dos correlatos arqueológicos, da tecnologia cerâmica arqueológica e etnográfica, que permitiram à autora (2012, p. 102-247 e 265-291) discutir as questões relativas ao tema sem amarras rígidas, ou melhor, ao desamarrar os nós difundidos pela arqueologia que almeja ser científica como a física. Ela difunde as comparações por meio da aceitação de que existe uma continuidade histórica entre o acervo analisado dos referidos sítios arqueológicos e a cerâmica artesanal contemporânea.

Desse estudo para o que busco na etnoarqueologia cerâmica são interessantes às maneiras de tratar dos imprescindíveis significados locais apreendidos para acessar a complexidade da sociedade que produz os artefatos, mostrados por Amaral ao aproveitar os sentidos do saber-fazer cerâmica e dos recipientes que ela correlaciona com o material arqueológico proveniente da mesma região. Ao mesmo tempo em que constrói esta via também delineia um caminho de pesquisa consciente à produção de uma interpretação arqueológica imediata à descolonização, que apresenta os sujeitos praticantes de uma economia local caracterizada por sua intensa participação e não sujeição.

É importante mencionar que a discussão sobre variabilidade regional do seu estudo revela que não existem potes escovados nos contextos pesquisados do agreste pernambucano. Isto aponta para a caracterização de uma linha imaginária demarcatória sertão adentro para o uso e conseqüente encaminhamento da inserção de ranhuras na superfície desses vasilhames. É um aspecto que reforça a influência da oralidade na feitura de tais objetos, que revela a forte característica comunitária da tecnologia cerâmica do Cariri cearense, por ser voltada ao atendimento das demandas cotidianas das pessoas da região.

Tendo em vista estudos que repercutiram em importantes contribuições ao conhecimento dos significados locais obtidos na zona rural é possível apontar também produções no âmbito da antropologia detidas em questões intrínsecas às comunidades produtoras de cerâmica. Focadas no sentido dos materiais produzidos a partir da argila estas publicações, todas em estudos situados no estado de Minas Gerais, mostram o quão distante da visão da sociedade que as marginaliza encontra-se o jeito de viver das ceramistas, de seus familiares e demais indivíduos

do lugar em que vivem. Assim é através de maneiras de fazer e usar os objetos feitos de barro que surgem destas abordagens importantes considerações das sensações, dos sentimentos diante da cerâmica, bem como da organização e destino da produção oleira.

A mais recente destas publicações que trago aqui é proveniente do denso estudo da região do médio São Francisco, realizado por Ricardo Gomes Lima (2012), que conta com o registro de visões do modo de vida de uma comunidade do município de Cônego Marinho, presente no livro *O Povo do Candéal: caminhos da louça de barro*. Lima reflete sobre os papéis das mulheres e dos homens entregues ao ofício oleiro, onde estão reunidos os saberes, fazeres e usos relacionados aos potes, tijolos, pratos, fornos, telhas eoringas.

É muito pertinente seu ponto de vista de investigação a partir da questão de gênero, justificada pela hegemonia das mulheres entre ceramistas. É também um direcionamento plausível para conhecer melhor o grupo estudado, dada à frequência da participação feminina, além de contribuir para o reconhecimento de um papel que lhes é próprio. A ênfase em tratar do assunto por esta via, explicada pelo domínio das mulheres, conduz à observação importante das peculiaridades com que o artesanato é marginalizado intelectualmente e pela consideração de ser um labor feminino e por isso taxativamente mais depreciado pelos grupos dominantes (LIMA, 2012, p. 191-198).

É perceptível que a perspectiva focada no gênero é de interesse bastante comum dos antropólogos debruçados em estudos de comunidades ceramistas. Esse caminho também é ressaltado no estudo da produção artística de peças de cerâmica em comunidades de artesãos do Vale do Jequitinhonha, realizado por Sônia Missagia Mattos (2001), que busca compreender o sentido da arte do barro na vida das pessoas que a produzem. Através dos aportes que trabalha nas mudanças das práticas de produção e consumo, ela revela com detalhes a dinâmica das relações sociais da região.

O caminho que esta antropóloga escolheu para tornar cognoscível a arte do barro privilegia conhecer significados locais, mas, apesar da descrição de peculiaridades, pouco revela acerca da tecnologia cerâmica do Vale. É sim via que abre um campo de possibilidades por tratar, por exemplo, de concepções das relações de poder, onde estão inscritas outras relações tais como aquelas do jogo de dominação e

subordinação que tanto são apresentados quando Mattos (2001, p. 40-58 e 68-87) aborda a situação econômica que ceramistas vivenciam na região.

Esse é um exemplo de entendimento etnográfico da cultura material como meio de identificação das habilidades e crenças existentes em um lugar. É possível através de seu escrito observar engrenagens que dão razão ao saber fazer e às práticas de consumo, tal como a temperatura da água do pote *arranhado* que é matéria de tomada de decisões na tecnologia cerâmica do Cariri cearense.

Na mesma região Lalada Dalglis (2006) também realizou importante estudo com o foco no cotidiano da produção cerâmica como referência ao mundo social feminino. A perspectiva de seu estudo (2006), acerca das maneiras de produzir, comercializar e consumir os objetos feitos de argila teve em vista a dimensão estética, que segundo a autora sempre está presente nas decisões das artesãs.

Dalglis (2006) aponta que dada à utilidade das peças daquelas ceramistas é demasiada a preocupação com o valor estético dos objetos. Nos quatro municípios que pesquisou, é possível observar as noções do dia-a-dia verificadas em ampla abrangência, pois sua pesquisa abarca uma área próxima de 85 km², com contornos rurais de ambiência da aridez, mas que também tem estações de altos índices pluviométricos. Da mesma forma que ocorre nos estudos de Lima (2012) e Mattos (2001), a autora apresenta aspectos intrínsecos ao mundo sertanejo no lidar com a atividade oleira que contribui para reforçar o olhar sobre peculiaridades das produções materiais através das decisões culturais.

De volta com o estudo de Rodrigo Lima (2012, p. 193-198 e 203-213), além das questões de gênero o autor mostra o caminho em que ocorre a produção em vários trechos do livro ao situar a organização das atividades e descrever o processo tecnológico. Observo estas características de forma expedita para o que mais me interessaria. No entanto é a abordagem intrínseca às produções sociais que chama a atenção nesta publicação com mostras de como as particularidades de comunidades rurais podem revelar conhecimentos tradicionais de grande riqueza e de profunda relevância aos estudos da cultura material.

Muito próximo do que vivi no Cariri cearense encontrei as mesmas imagens nas palavras escritas pelo autor quando o próprio atesta a importância dos materiais cerâmicos no cotidiano do povo do Candeal:

Vistas na espacialidade dos terrenos em que se encontram – espalhadas pelo chão ou sobre bancadas de madeira; sob árvores ou a céu aberto; inteiras ou quebradas; vazias, contendo água ou barro de modelagem; encostadas em cercas e paredes das casas ou largadas nos terreiros limpos; isoladas ou agrupadas em conjuntos de dois, três, cinco ou mais unidades -, essas vasilhas oferecem uma pista para o entendimento dos modos de viver de seus produtores e usuários locais. Por meio delas pode-se aprender sobre um pouco da história daquelas pessoas e as relações que mantêm entre si e com a terra da qual se assentam e da qual extraem sua sobrevivência, bem como sua visão e compreensão do próprio processo de produção cultural. (LIMA, 2012, p. 190 e 191).

Assim na senda de referências aos estudos ora mencionados é que Lima presta importante contribuição, ao desenvolver sua reflexão dos aspectos da identidade, do papel social das mulheres e dos homens que se dedicam ao ofício oleiro, da aprendizagem/transmissão do conhecimento, das possibilidades de reprodução social da cerâmica e do lugar ocupado por esse saber-fazer no quadro de atividades econômicas existentes.

Mattos (2001, p. 70) e Lima (2012, p. 302 e 348) registraram o uso dos potes para guardar e esfriar água. O último autor avançou em questões da presença desses vasilhames no dia-a-dia das pessoas que produzem e usam-no. Ao observar a padronização desses objetos indicou o lugar de sua importância relativo à sua função:

Uma única forma, básica, matricial, se repete sempre e sempre a cada novo exemplar de pote modelado. Se não o soubéssemos artesanais, construídos manualmente pelo processo técnico da modelagem, sem o auxílio do torno, poderíamos até julgá-los produtos da manufatura mecanizada que propicia a produção em série. A padronização observada advém do conhecimento que consagrou determinado modelo como o que melhor realiza a destinação para a qual foi primeiramente concebido: a de conter água. (LIMA, 2012, p. 318).

Estas palavras carregadas de significado propiciam agregar valor às considerações amplas de tal abordagem, ratifico, por localizar a padronização artefactual da cerâmica através da perspectiva das produções sociais. Não estão distantes os sentidos que encontrei na região do Cariri, onde modos de fazer e usar são expressões dos significados da cerâmica ali encontrada.

Quanto às informações etnohistóricas do Cariri, adjacências e de outros lugares do Estado do Ceará, ressoam insipientes menções à aplicação do escovado nos potes d'água. Uma destas referências é o estudo de Cláudia Oliveira (1998), voltado ao levantamento de hipóteses sobre a tecnologia cerâmica pré-colonial com base nos procedimentos técnicos de ceramistas do Distrito de Conceição das Crioulas do Município de Salgueiro-PE, sertão central pernambucano.

Ao caracterizar os tipos de tratamento de superfície ali utilizados, Oliveira indica que existe a intenção da inserção do “**escovado** (geralmente aplicado nos potes para água)” (1998, p. 162, grifo da autora). E ainda, quando distingue o destino das peças quanto ao acabamento, toca em cheio no âmago da questão ao afirmar que “vasilhas ‘*cascarentas*’⁹ [escovadas] são feitas com a finalidade de esfriar a água.” (1998, p. 165, grifo da autora).

Com tais menções ao uso dos potes *arranhados*, obtidas com o levantamento de fontes orais (OLIVEIRA, 1998, p. 160-166), esse é um dos exemplos mais próximos de uma publicação de cunho arqueológico com referência a esses objetos. No entanto dada a distância da discussão das questões relativas ao efeito arrefecedor da escovação esse estudo não propicia mais do que apontar características intrínsecas à região, tais como o crescente caminho de extinção do saber-fazer e, de forma contrastante, a amplitude geográfica do conhecimento popular da produção e consumo de tais recipientes.

Mais um exemplo de proximidade da fabricação e uso dos potes *arranhados* é encontrado no estudo em sociologia de Francisca Mendes (2011) que menciona efemeramente a capacidade de esfriar água aludida a esses vasilhames. O estudo dela concentra-se na região jaguaribana em Limoeiro do Norte-CE. A socióloga nos mostra outra possibilidade tecnológica de buscar o esfriamento da água, porém sem discutir se é uma questão de crença ou conhecimento associado à prática cotidiana.

A autora se refere aos tais potes quando descreve o processo de fabricação e indica, ao comprovar com um trecho do relato oral de uma das artesãs, que o motivo de acrescentar a areia é e de garantir que o recipiente vai “... esfriar a água colocada nele...” (MENDES, 2011, p. 110). O objetivo da socióloga não foi discutir se o incremento da areia propiciaria o desempenho dos potes *cascarentos*, assim não existe qualquer discussão a respeito do tratamento de superfície enquanto objeto de arrefecimento da água. Porém a própria menção ao efeito, através dos relatos orais já permite destacar o valor do assunto discutido. Independente de como ocorre o esfriamento da água a importância do estudo de Mendes está na atenção dada ao contexto, às pessoas do lugar estudado e às práticas cotidianas.

⁹ Tal como a denominação *arranhado* para os potes escovados do Cariri cearense, na região do sertão central pernambucano é comum a designação êmica *cascarento* para os mesmos recipientes.

Em um texto que faz interessante reflexão sobre o Cariri cearense do século XIX Luís Cláudio Symanski (2008) nos mostra a aceção que muitos pesquisadores têm, a princípio quando se deparam com o escovado. Também encarei o atributo como elemento decorativo quando comecei a participar como pesquisador do projeto arqueológico para o licenciamento ambiental da área impactada pela construção da Ferrovia Transnordestina em 2007.

Naquele período confrontávamos com as informações etnográficas da região para obter subsídios ao conhecimento histórico das localidades pesquisadas e às ações vindouras de socialização do patrimônio arqueológico. Observávamos nas feiras livres e em áreas diversas das habitações rurais a presença marcante do pote escovado no dia-a-dia dos sertanejos.

Recordo que nas atividades de campo ao falarmos¹⁰ dos vasilhames com acabamento escovado rapidamente elencávamos-os como peças decorativas. Os fragmentos de recipientes marcados com ranhuras e os potes evidenciados na vida diária da região, não foram assuntos das mais intensas reflexões da equipe, o que mostra nossa completa aceitação para a primeira apreensão que tivemos do *arranhado*. Symanski (2008, p. 79-93) também não menciona o recurso de inserção do *arranhado* como atributo arrefecedor da água, inclusive nos trechos em que indica detalhes das análises em laboratório e induz a utilização dos artefatos.

Por outro lado o autor (2008, p. 83, 84, 89 e 93) dá uma contribuição interessante ao apontar, a partir da análise de amostras materiais de dois sítios arqueológicos, noções econômicas e sociais do mundo rural sertanejo. Em sua interpretação há a indicação para a intensa circulação dos produtos artesanais caririenses que abasteciam importante rede de trocas. Esse é um grande destaque de seu pensamento (2008, p. 74, 77, 83-85, 89, 92 e 93), que, ao seguir pressupostos da antropologia econômica, tenta enfatizar a necessidade de interpretar a sociedade em foco a partir da maneira em que seus membros entendem o mundo. Isto é visualizado nos seguintes trechos:

A feira constitui-se, portanto, no sistema econômico do mercado para o sertanejo. Através da feira o sertanejo pode vender a sua produção da esfera doméstica e adquirir os demais itens necessários para sua subsistência e para a manutenção de suas práticas sociais. (...) a lógica econômica dessas populações consiste em inserir os *commodities* por elas produzidos no mercado (na feira) com o propósito primordial de obter outros

¹⁰ A equipe era composta por diversos pesquisadores das áreas de história e arqueologia.

commodities antes do que o lucro. Assim, a feira consistirá em um meio de subsistência antes do que um meio que visa a acumulação de capital. (2008, p. 84, grifos do autor).

E ao se referir à lógica não capitalista Symanski (2008, p. 83-85) difunde a importância de usar o recurso dos significados locais para o entendimento da realidade vivenciada nas localidades estudadas. Sua contribuição é muito direcionada aos contextos arqueológicos do século XIX e relevante para ressaltar a partir das práticas econômicas e sociais de unidades domésticas a dependência dos grupos sociais às redes de abastecimento locais.

Finalmente, direcionado ao que concerne ao Cariri cearense, existe um exemplo etnográfico da caracterização do escovado que vai de encontro com as informações que obtive. Ele é proveniente da abordagem das manifestações artesanais do Estado do Ceará realizada por Gilmar de Carvalho, Dodora Guimarães e Gentil Barreira (2000).

Nesta produção, de apelo estético das artes populares, a cerâmica de produção local/regional do Cariri é enfocada no trabalho de ceramistas do Distrito de Jamacaru e do Sítio Passagem de Pedra. As referências ao escovado surgem apenas das legendas das imagens, mas com a indicação de que a aplicação das ranhuras é destinada ao esfriamento da água (CARVALHO; GUIMARÃES; BARREIRA, 2000, p. 24-27).

Da leitura das obras publicadas no Brasil também percebi que, apesar de ser deveras numerosa nos acervos dos séculos XIX e XX e de reconhecida popularidade etnográfica, pouco se discute sobre a cerâmica de produção local/regional, mas existem exemplos de análises que avançam em aspectos da tecnologia e da significação dos utensílios cerâmicos. Esse é o caminho percorrido nos trabalhos de grande fôlego de Paulo Zanettini (2005) e dele próprio com Camila Moraes Wichers (2009) que enriquecem a abordagem de contextos regionais com a contribuição da análise de acervos arqueológicos em São Paulo do século XVII.

Em outra publicação Symanski (2010) examina fontes documentais e acervos de três engenhos de açúcar e um quilombo dos séculos XVIII e XIX. É interessante sua abordagem ao tentar compreender a simbologia empregada por grupos escravos na cerâmica produzida localmente na Chapada dos Guimarães (MT). Também considero o estudo de Marcos André de Souza (2010) que indica a possibilidade de observar a delimitação de esferas de ação através do uso dos utensílios de barro

cozido que são analisados por ele a partir de conjuntos cerâmicos datados dos séculos XVII ao XIX.

Na Região Nordeste é possível obter suporte de poucos estudos voltados à cerâmica de produção local/regional. Uma das poucas publicações é o estudo de Carlos Etchevarne (2003), que em um estudo etnoarqueológico da produção oleira de uma comunidade do Recôncavo Baiano ressaltou a vigorosa atividade ceramista daquele lugar e os motivos de sua longa-duração.

Esse quadro mostra que é reduzida a contribuição dos estudos realizados no Brasil que tratam da cerâmica com base em informações etnográficas. Por outro lado é também marcante no país a raridade de abordagens do passado recente, ainda mais se reportarmos-nos ao seu interior. E é a rara a atenção aos contextos cerâmicos atuais na arqueologia brasileira. Apesar de espalhados no território nacional, existem poucas informações etnoarqueológicas deles, pois os estudos cerâmicos são relativos aos grandes centros urbanos e não são todos que se aprofundam em questões do papel social de tais contextos. E as exceções, não se aproximam daquilo que exponho como aspecto central de análise (ver os exemplos de SOUZA; LOPES, 2014; AGOSTINI, 2010; AMARAL, 2012; ETCHEVARNE, 2003; OLIVEIRA, 1998; SILVA, 2002; 2008; ZANETTINI; MORAES WICHERS, 2009).

Esse estado das pesquisas com referência ao tema deixa uma lacuna imensa. No entanto, importantes informações surgem do conhecimento obtido e podem ser relevantes tanto a períodos recentes (no Brasil ver AGOSTINI, 1998, 2012; AMARAL, 2012; ETCHEVARNE, 2003; SILVA, 2000; TEDESCO, 2012) quanto àqueles mais recuados (ABREU e SOUZA; LOPES, 2014; OLIVEIRA, 1998; VIANA, 2003; ZANETTINI; MORAES WICHERS, 2009) se levarmos em consideração a possibilidade de continuidade histórica. É urgente o registro desses contextos, haja vista o caminho da desapareção em que eles se encontram.

Com esse levantamento bibliográfico a constatação que surge em demasia é que a predominância da associação da escovação enquanto tratamento de superfície para decoração é observada em diversas publicações voltadas a estudos cerâmicos (CHMYZ, 1976; RYE, 1981; SHEPARD, 1985; DAVID; GAVUA; STERNER, 1988; ORTON; TYERS; VINCE, 2010, p. 85, ETCHEVARNE, 1994; SCHIFFER, et al., 1994; DIETLER; HERBICH, 1998; HERBICH; DIETLER, 2008; SYMANSKI, 2008; ZANETTINI; MORAES WICHERS, 2009; AGOSTINI, 1998, 2010; TEDESCO, 2012).

Por outro lado às reduzidas menções à utilização dos potes cerâmicos como objetos que esfriam a água não passam de leves murmúrios do seu aludido desempenho.

Na totalidade da bibliografia consultada estão ausentes exemplos de análises da consciente aplicação de atributos destinados à função da transferência de calor em potes para armazenar água. Independente do uso destinado aos objetos, incisões aplicadas superfície de vasilhames são recorrentemente relacionadas a fins estéticos, tanto em solo nacional quanto Brasil afora.

5. CAPÍTULO 4 – CONTEXTO DOS SIGNIFICADOS: NOVIDADE?

5.1. EM PASSAGEM DE PEDRA AS CERAMISTAS DISSERAM MAIS DO QUE OS CONSUMIDORES E VENDEDORES

*Fui visitar o sertão / Que nasci e me criei
 Achei muito diferente / Parei um pouco e pensei
 Em vez de ter alegria / Vivi saudade e chorei
 Chegando ali não achei / Nada que eu tinha deixado
 Botei a culpa no tempo / Por ter sido encarregado
 Em destruir as origens / Do sertão que eu fui criado
 Fiquei impressionado / Com tanta transformação
 Em uma mesa moderna / Vi uma televisão
 No lugar do oratório / Que mãe fazia oração
 Não vi mais o lampião / Que pai a noite acendia
 A lata de querosene / Também estava vazia
 Deram fim a lamparina / Por causa da energia
 O pote de água fria / Trocaram por geladeira
 Mas falta aquele gostinho / Da água da biqueira
 Geladas em potes de barro / Feito das mãos da louceiras...
 (Composição A Origem de Meu Sertão, de Waldir Teles)*

Para a discussão dos dados é importante dar maior atenção ao lugar em que foi possível obter a maior parte dos sentidos atribuídos aos potes na região: o Sítio Passagem de Pedra. Relaciono noções de mobilidade, ligações econômicas, influências culturais, relação com o ambiente vivenciado, e demais aspectos da formação das ceramistas interessantes para conhecer os significados locais.

Algumas informações oriundas dali são também concernentes ao Sítio Baixa do Quaresma, por causa das raízes de Corrinha, única ceramista que mora e atua nesta última localidade. E quando pertinente cito situações sociais de interesse dos outros núcleos produtores de cerâmica e dos lugares de abrangência dos sentidos.

O fato de parte significativa da produção cerâmica do Cariri cearense ser destinada ao comércio de fora das próprias localidades aponta para maneiras de uso que ocorrem longe dali. As escolhas das ceramistas são mediadas também por pressões externas do ambiente social em que vivem.

O sul do Ceará com seus contornos agropastoris tem no triângulo metropolitano denominado CRAJUBAR (sigla para a área das cidades de Crato, Juazeiro do Norte

e Barbalha¹¹) seu espaço urbano de maior crescimento e densidade populacional (ver Anexos U e V). Trata-se de um aglomerado urbano-regional verificado como “emergente forma espacial e social que combina arranjos socioeconômicos e espaciais já sedimentados em nível local com outros novos que remetem ao processo de metropolização do Cariri cearense.” (QUEIROZ, 2014, p. 9). Associada aos outros municípios que compõem a região tem forte relação com sua imensa zona rural - dotada de impressionantes riquezas culturais.

Pela proximidade com as localidades que desenvolvem a produção cerâmica a referida conurbação em curso, principal referência das relações econômicas do sul do Estado do Ceará, é quista pelas oleiras para escoar parte dos seus produtos. Além dos municípios vizinhos de Missão Velha àqueles em que é destinada parte da referida produção, situados no sertão central pernambucano, também são muito importantes para a observação do contexto social.

É importante mencionar que muitas das relações das ceramistas com outros municípios revelaram-se no âmbito de outros aspectos culturais de sua identidade, como a religiosidade, que as aproxima de Juazeiro do Norte, dada a marcante maneira de seguir a devoção ao Padre Cícero, praticada na região desde as primeiras décadas do século XX. Outro chamariz daquela cidade é o acesso a hospitais e clínicas, também forte em Barbalha. Apenas no núcleo da *loicera* Desterro esses fatores não exercem tanta atração. Contudo é por causa das possibilidades relativas às atividades ceramistas que os centros urbanos de comércio mais dinâmico dos municípios caririenses, bem como dos de Salgueiro e Serra Talhada, se tornam atraentes.

Dentre os fatores imediatos à ação econômica das *loiceras* tem-se por um lado à mobilidade daquelas de Passagem de Pedra e Jamacaru, caracterizada pelas andanças esporádicas e/ou permanentes nas feiras livres de Missão Velha e Barbalha. Por outro observo a participação constante dos membros do núcleo produtor de Brejo Santo na feira livre. As ligações com os outros municípios se dá pela presença recorrente dos seus produtos que se revelam muito pujantes pelas exigências dos consumidores.

¹¹ A área englobada pelo triângulo CRAJUBAR possui o polo industrial de maior dimensão do sul do Ceará (BATISTA; MAXIMO; SOUZA, 2012, p. 7), é uma das mais importantes aglomerações populacionais do sertão nordestino e a 2ª maior do Estado.

No âmbito desta discussão da distribuição dos produtos cerâmicos o caso da artesã Corrinha é distinto de todas suas colegas de ofício cerâmico. Ela é a única das ceramistas enfocadas que mantém relação econômica na Cidade do Crato. Participa das feiras e exposições da agricultura comuns naquela cidade¹² onde vende apenas suas criações decorativas.

A artesã, é assim que ela se identifica, prefere atuar na produção de objetos figurativos, estatuetas e pequenas peças de apelo estético. Dentre os vasilhames utilitários que confecciona alguns são vendidos na olaria, mas em uma quantidade ínfima. A maior destinação de sua atividade é para reunir os potes *arranhados* e *quartinhas* (em outras regiões denominadas *moringas*) que serão transportados até Serra Talhada e posteriormente vendidos ali. Sua cliente especial, Maria dos Santos, compra entre 150 a 200 potes em cada ida ao Cariri. Isto é feito duas vezes por ano.

É por conta dos pedidos dos fregueses de Maria que Corrinha incrementou inovações nos vasilhames que produz. Alguns dos seus potes e quartinhas foram adaptados para o gosto dos consumidores, que solicitaram a inserção de uma torneira neles.

Existiam dois núcleos produtores de cerâmica em Serra Talhada que estavam concorrendo com os potes caririenses. Os objetos cerâmicos produzidos naqueles dois lugares vazam muita água devido às condições que a argila utilizada propicia à aplicação do alisamento e que quando tornada cerâmica obtém um estado poroso. Devido à baixa qualidade dos vasilhames a compradora de Corrinha encontrou como solução para atender sua clientela manter apenas a venda dos contentores d'água vindos de Missão Velha.

É perceptível a extensão das intrincadas relações entre a cerâmica utilitária produzida no Cariri e o sertão central pernambucano, evidente nas práticas diárias dos consumidores desta última região. São sentidos que se imbricam com aspectos da origem da produção cerâmica em Passagem de Pedra.

As ceramistas mais idosas da localidade são naturais de Barbalha, do povoado chamado Buriti. Elas foram viver ali ainda na infância. Seus pais já estavam buscando mudar seu lugar de habitação. Não aguentavam mais o estado de

¹² As exposições e feiras que ocorrem em certos meses no Crato são eventos destinados à exposição e venda de produtos artesanais e agrícolas da região do Cariri como um todo, pois abrange os Estados do Ceará, Pernambuco, Piauí e Paraíba.

dependência à família do Coronel Antônio da Cruz, já falecido no período. Quando receberam uma proposta de aquisição de uma propriedade com 14 braças decidiram aceitar a oferta para escapar das dificuldades na localidade em que vivem, com tamanha sujeição aos donos do poder locais. Mas não foi simples decidir sair do Buriti. A mãe das ceramistas exigira saber se existia argila de boa qualidade para manter sua atividade produtiva.

A existência de um bom *barreiro* (denominação êmica para o local de extração da argila) foi condição para a fixação da família Amaro em Passagem de Pedra. O teste foi feito pela ceramista Raimunda Amaro da Conceição (1888-1966) - a mãe e mestra das oleiras. Como a confecção e queima de um pote teve resultado positivo a família se instalou na localidade.

Era 1936 quando esse evento aconteceu. Antônio Amaro dos Santos (1883-1963), o pai das pequenas principiantes no artesanato conseguiu localizar as maravilhosas jazidas - que ainda hoje são utilizadas pelos últimos dois núcleos em permanente atividade. Ali passaram a viver do seu próprio trabalho na olaria.

As ceramistas contam que vivenciaram longo período de fartura. Não lhes faltava nada naquele lugar pouco habitado, com poucas casas bastante distantes da humilde residência delas.

Com a morte dos pais e aumento da família a propriedade teve seu parcelamento decretado e a conseqüente chegada de muitos vizinhos vindos de longe. Hoje a localidade é um povoado com aproximadamente 100 famílias, muitas dependentes de serviços prestados à prefeitura municipal de Missão Velha, uma parcela considerável vive do comércio e outras labutam com a agricultura e/ou pequena quantidade de criações de gado bovino e caprino. Já o trabalho com a cerâmica de produção local/regional é o ofício de menor expressão numérica de pessoas em atividade e encontra-se em processo de desaparecimento. É importante mencionar que todas as ceramistas em atividade são aposentadas. Apesar do caráter econômico não encaram a produção cerâmica como atividade secundária, é sim o ofício mais importante de suas vidas.

Muitos dos serviços urbanos não foram implantados ali. O posto médico local tem pouco mais de 08 anos de fundado e conta com trabalho voluntário. Eddym (José Amaro dos Santos, 02.12.1981) - artesão, presidente da associação de moradores

de Passagem de Pedra, filho da ceramista Déta (Josefa Amaro dos Santos, 13.12.1947), conseguiu obter a ajuda de um clínico geral cedido pela Prefeitura Municipal de Missão Velha para examinar, diagnosticar e prestar outros serviços clínicos gerais aos moradores locais. O médico realiza atendimento em apenas um dia de cada semana.

Eddym, bastante engajado com o saber fazer cerâmico, é um dos únicos homens da família Amaro que já dedicou parte de seu tempo à formação de vasilhames. Apesar de não participar ativamente da confecção da cerâmica, sua atuação extrapola os limites relacionados à localidade, quando visita outras comunidades com o objetivo de ministrar cursos de capacitação da produção de objetos de barro cozido.

Uma única rua é utilizada como via de acesso entre Passagem de Pedra e a estrada mais próxima para a sede do Município de Missão Velha, a CE-393. A referida via, pavimentada apenas com terraplanagem, tem duas conexões com aquela rodovia. Por estas entradas e saídas a *loiceras* se locomovem a pé ou com a utilização de uma carroça para acessar os centros urbanos próximos dali.

Alguns sinais de mudanças têm sido cada vez mais fortes no território de Passagem de Pedra. Em conjunto com o parcelamento de antigas propriedades, como ocorreu com o terreno da família Amaro, instala-se atualmente um imenso loteamento que se estende desde a rodovia à rua principal do povoado. Esta rápida modificação da paisagem tem afetado a produção cerâmica pela imposição de novas condições de acesso a áreas que antes eram utilizadas para a extração de importantes recursos, tais como o aprovisionamento da fonte energética do processo de queima dos potes e a obtenção de folhas de carnaúba para edificar o telhado da olaria.

A única instituição de ensino da localidade, a Escola Municipal Noemia Cruz Landim inaugurada em 1981, é frequentada por alunos do ensino fundamental que recorrem ao ensino público. Situação diferente do período em que se desenvolveram as ceramistas e seus filhos, que dependiam dos ensinamentos dos próprios pais e de professoras que exerciam suas atividades em suas próprias residências.

Uma condição atrativa do lugar que influenciou a fixação por tanto tempo das *loiceras* é o acesso à água. Esse ainda é um recurso abundante em Passagem de Pedra. Parcela considerável dos habitantes tem seu próprio poço artesiano. Esse é

o caso dos quatro núcleos ceramistas. O abastecimento de água na comunidade através da rede pública somente foi implantado em 2008.

O fato de possuírem água em abundância e de qualidade sempre permitiu liberdade às *loiceras* gozar do seu tempo de serviço sem a preocupação de lidar com os problemas de falta d'água que afetam o semiárido. Assim ainda ocorre com naturalidade o uso de seus recursos hídricos tanto para o abastecimento doméstico quanto para o destino à atividade ceramista, através principalmente dos poços artesianos instalados nas residências.

Um destaque deve ser dado também ao uso da água do curso d'água mais próximo dali. O Riacho Salamanca, fonte de regime intermitente, não é recurso direto para a irrigação, incomum na atividade agrícola local, o que torna as plantações independentes de sua perenidade. Porém os aquíferos superiores da Chapada do Araripe têm sido afetados com o crescimento do agronegócio e a frequente instalação de muitos poços profundos.

A iminente redução da água pode atingir o Vale do Cariri nas próximas décadas. Isso também acarretaria problemas nos cursos d'água situados em profundidade. Tais efeitos desastrosos nos lençóis freáticos não têm solução apenas pelas chuvas, o que pode gerar escassez de água. Esse quadro do sul cearense situa-o no caminho de um colapso de abastecimento d'água, porém nos lugares em que ocorre a produção cerâmica ainda não existe prognóstico de sua situação hídrica.

As histórias que as pessoas da região ouviram sobre o enfrentamento dos efeitos da seca parecem de um lugar muito distante. As *loiceras* mais idosas ouviram os pais relatarem as dificuldades que tiveram durante a seca de 1932. Ao longo de sua vida não sentiram os revezes das secas que atacaram as redondezas do Cariri, tal é a condição de equilíbrio ainda verificada na localidade. Aliás, de modo geral, os problemas sociais decorrentes das secas que atingiram o Ceará não tiveram repercussões intensas na região, como também afirmam os habitantes locais.

A reflexão sobre a falta d'água é interessante para pensar também em outras atividades, tais como a criação de alguns animais, comum entre *loiceras* e seus familiares. Se não existissem as condições de abastecimento praticadas ao longo das décadas naquele lugar uma parte de sua vivência estaria comprometida.

A relação também é direta com o período de diminuição das vendas dos produtos cerâmicos. Em tal momento a família se dedica a outra opção de rendimento. Uma situação de seca também impediria a execução da agricultura e pecuária de base familiar. Daí surge um grande contraste entre as ações do meio ambiente e do comportamento do mercado de consumo para o contexto social em epígrafe: os meses de estiagem garantem a melhor condição da produção cerâmica, também articulada com os desígnios da rede de consumo que se apresenta, de forma concomitante, tradicional e como fator decisivo no bojo desse processo. Tradicional porque ainda são seguidas as naturais e eventuais oscilações prescritas pela natureza. As feiras livres têm mais conteúdo durante as boas safras, não somente maior diversidade dos gêneros alimentícios, mas também dos artesanatos, e em consequência é maior a circulação de pessoas à procura da cerâmica.

A questão abrange o planejamento e a extração da argila. Em período de maior pluviosidade o Riacho Salamanca inunda áreas adjacentes ao seu curso e impede o acesso e o transporte da matéria prima. Como produzir sem adquirir argila? Vento e chuva constante podem comprometer a realização do processo de queima dos vasilhames feitos de barro. Como transformar a argila em cerâmica debaixo de chuva?

As respostas estão naturalmente intrínsecas aos modos de fazer a cerâmica em Passagem de Pedra. As características tradicionais da tecnologia oleira ali empregadas, são dignas de nota para perceber como as técnicas originadas em outro tempo, muito antes da localidade ter sido ocupada por seus familiares, contribuem até hoje na manutenção de suas habilidades, mesmo diante de mudanças em curso.

O núcleo de D. Angelina criou uma importante maneira de ficar independente do provisãoamento da argila durante um longo tempo: reunir uma grande quantidade de matéria prima na estrutura denominada *couro*. Trata-se da área plana de alvenaria feita para evitar o contato da argila coletada com a superfície, que contaminaria o sedimento antes minuciosamente extraído. Esta prática depois foi seguida pelos núcleos vizinhos. Uma inovação foi necessária: o tratamento da argila somente ocorreria após o seu transporte até as redondezas da olaria. Assim por um longo tempo, mesmo com as cheias do Riacho Salamanca os núcleos têm tido argila suficiente para a elaboração dos potes.

Outra importante feição da referida tecnologia é a forma de queima, cujas particularidades são relativas aos fornos fechados. As estruturas dos fornos deles são únicas entre todos os contextos que vi. O conhecimento da construção já foi transmitido para lugares distantes pelos próprios ajudantes das ceramistas. Esses detentores do saber-fazer fornos foram convidados para capacitar pessoas dedicadas à produção da cerâmica, através da iniciativa de instituições estaduais e particulares sem fins lucrativos que promovem apoio ao aprendizado. Dedé (José Amaro do Nascimento, 24.04.1961) filho e ajudante de D. Angelina, o mais hábil conhecedor da construção dos tais fornos, já levou sua sabedoria para edificar as estruturas em vários municípios da região e adjacências.

Os fornos em questão caracterizam-se por permitir considerável proteção tanto dos vasilhames submetidos à queima quanto do combustível energético utilizado. Com a estrutura em questão é possível obter uma grande quantidade de vasilhames cozidos mesmo com o tempo chuvoso, o que consolida produzir mesmo nos meses de maior índice pluviométrico, porém observados os limites para que isso ocorra, pois no caso de inundação da área em que a lenha é introduzida o prejuízo seria demasiado com a interrupção do processo de queima.

A constatação que alcanço com a dimensão da estrutura que os núcleos têm diante do ambiente em que estão inseridos é que de forma incontestemente existem condições de desenvolver as atividades ceramistas com suas maneiras de fazer, porém com limites que devem ser aceitos, por exemplo, nos dias chuvosos até pode haver a queima, mas com pouca chuva. Outra admissão da realidade local é relativa à comercialização, nos períodos anteriores e posteriores daqueles mais chuvosos as vendas e as encomendas dos potes são mais garantidas.

Existem disposições cotidianas que exercem papel marcante na região. A religião católica é uma importante dimensão condizente com o contexto social pesquisado. Tal como outras características que permanecem poderosamente no Cariri cearense a comunidade de Passagem de Pedra é de maioria católica. Existe lá a Capela de Santa Luzia. Vale voltar à atenção a uma breve reflexão sobre o relato da intrigante história da edificação da ermida e da devoção à *santa dos olhos* na localidade.

As *loiceras* também se destacam pela contribuição que deram para construção da Capela e pela organização dos festejos em homenagem a Santa Luzia que se

tornou a padroeira da localidade. A preparação das festas e novenas e os cuidados atuais com a edificação dependem da dedicação da família das ceramistas.

A história da Capela de Santa Luzia tem relação com a matriarca da família, Raimunda, que ao apresentar perda de visão em ambos os olhos, se comprometeu em buscar auxílio para tentar a recuperação e assim não deixar de trabalhar. Como não existiam hospitais na região do Cariri ela foi até Juazeiro do Norte e pediu ajuda ao Padre Cícero, sempre muito respeitado na região e bastante solícito no atendimento aos necessitados. O diagnóstico não foi o de um médico, mas ao ouvi-lo Raimunda ficou sem esperanças de obter melhora através da medicina na região. Então aceitou o conselho de seu *Padim Ciço* e resolveu se apegar à fé.

No caminho de volta para casa, feito a pé, prometera à Santa Luzia que se voltasse a enxergar como antes, manteria uma novena em sua homenagem e construiria uma capela. Seus olhos voltaram a ser saudáveis sim.

Ela faleceu antes de cumprir toda a promessa. A novena foi iniciada por ela própria, mas a Capela foi construída somente no início da década de 1990, em atenção ao seu compromisso e pela força da união de suas descendentes *loiceras*. De certa maneira o problema atingira toda a família. Por isso algumas das ceramistas se organizaram para conseguir construí-la. Compraram a maior parte dos materiais construtivos com o dinheiro proveniente da venda de mantimentos - reunidos a partir de pequenas doações. Estas foram obtidas em campanhas diárias realizadas nos municípios do Cariri cearense.

As ceramistas Quêza e Corrinha tomaram a iniciativa de angariar os fundos para a construção. Fizeram visitas constantes nos centros urbanos de vários municípios que integram o Cariri cearense (Barbalha, Brejo Santo, Crato, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha e Porteiras). De porta em porta elas pediram ajuda para adquirir subsídios em favor da construção da edificação. As pessoas mais pobres foram os grandes contribuidores. Elas davam pequenas porções de mantimentos (arroz, milho, sal, feijão, etc.), depois reunidos e vendidos em grande quantidade nas feiras livres de Barbalha e Missão Velha.

Os trabalhadores que atuaram na obra de construção, desde as definições arquitetônicas, da engenharia da planta, dos sistemas elétrico e hidráulico também são membros da família. Santa Luzia tornou-se a padroeira de Passagem de Pedra.

A novena realizada no início do mês de dezembro, que já alcançou a 20ª edição com sede na capela, continua a ser professada como parte do cumprimento da promessa feita pela falecida *Ioicera* Raimunda.

A implantação da energia elétrica na localidade é outro evento notável que atinge diretamente a produção cerâmica. As *Ioiceras* e os comerciantes perceberam que a redução recente das vendas dos potes tem relação com a chegada da energia elétrica nas aglomerações distantes dos centros urbanos.

Motivados pela possibilidade de utilizar eletrodomésticos em suas casas e pelo acesso que esses aparelhos alcançaram na última década no território nacional, os habitantes da zona rural cariense passaram a equipar seu lar. No período o incremento do uso contínuo de eletrodomésticos levou a uma drástica queda da compra dos potes para armazenar água.

O efeito direto da popularidade dos aparelhos movidos à eletricidade nas casas dos habitantes da zona rural também implica na percepção de uma mudança de mobilidade. A reflexão é levada para a observação de um dos lugares principais da aquisição da cerâmica utilitária, o mesmo em que se distribuem os insumos de ordem perecível, que necessitariam ser mantidos nos refrigeradores: as feiras livres.

Ora os deslocamento dos moradores dos povoados para a sede dos municípios ou centros urbanos é em grande medida decorrente da obtenção de alimentos, principalmente em dias de maior oferta desses gêneros. Com o contingente populacional distante a feira perde seu valor, pois se destaca enquanto modalidade periódica de comércio com destaque relativo ao dia especial em que as pessoas buscam vender ou comprar desde alimentos a ferramentas e utensílios domésticos.

A implantação da energia elétrica proporciona a opção de usar a refrigeração para a água armazenada e para preservar por mais tempo os alimentos - o que diminui a necessidade de efetuar compras constantes deles. Assim a menor circulação de pessoas habituadas com o jeito de viver da zona rural que substância a ausência desses indivíduos nos lugares de comercialização da cerâmica levaria à redução da procura pelos potes *arranhados*.

A discussão dos aspectos culturais da região apresentam indivíduos reunidos por conta de um saber fazer com direcionamento dos seus esforços para obter melhorias no lugar em que vivem. A permanência dos significados derivados das

ações deles destacados no convívio mostram como seu agenciamento gera situações que através de relações diárias contribuem para a fixação das pessoas no lugar em que vivem. As ações desses indivíduos provocam a manutenção dos sentidos locais.

Nos dias em que as *loiceras* se ausentaram do trabalho não deixaram de mostrar sua resistência às mudanças que têm acontecido no lugar em que vivem, e que tem relação com sua identidade. Prescrições de ordem social são exemplares para mostrar o poder que exercem pessoas que atuam em um ofício que depende da união de vários sujeitos sociais.

Figuras 5 a 12. Aspectos de Passagem de Pedra e espaços produtivos das *loiceras*.





5.2. QUAL É A TEMPERATURA?

Propus como um dos encargos relativos à pesquisa dos significados das práticas de uso e fabricação dos potes o teste da variação negativa de calor propiciado pelo atributo *arranhado*. Pode parecer distante da iniciativa direcionada ao que mais interessa nesse estudo: a reflexão sobre os eventos do contexto local. Mas ter referências do comportamento de um objeto através de experiências distintas da forma sensitiva comum à região não implica em um afastamento e sim numa aproximação que contribui ao debate, sobretudo quando dá suporte à interpretação com informações nunca antes obtidas, por tratar-se de descobertas de questões relativas ao próprio lugar pesquisado.

O intuito é buscar noções do desempenho físico do atributo escovado dentro da ideia de verificar seu funcionamento enquanto meio de arrefecimento. No entanto uma observação é imprescindível: o exame não poderia ser feito apenas sobre o desempenho do pote escovado, mas sim com o registro também da queda de temperatura do mesmo líquido no vasilhame acabado com alisamento, então

submetido às mesmas condições, pois a ausência das ranhuras traria uma disparidade ou a mesma informação da variação de calor. Assim o mote é a comparação do desempenho deles.

A tarefa de examinar a água armazenada nos potes exigira buscar de duas maneiras a variação de calor daquele líquido em certo intervalo de tempo: 1) em ambiente de temperatura controlada; e 2) no lugar do contexto pesquisado com as mesmas condições de uso observadas e disseminadas pelos discursos locais. A resposta da experiência discriminada reforça o valor dos sentidos contrastantes da prática de fabricação na região.

Para atingir o objetivo proposto o exame seguiu o critério da reprodutibilidade. As sessões de aferição tiveram como meta a comparação da queda da temperatura dos dois tipos de potes pesquisados.

Os materiais cerâmicos utilizados foram encomendados diretamente às ceramistas com o objetivo de obter amostras de potes *arranhados* e *lisos*. A quantidade solicitada ficou sob a responsabilidade das *loiceras* D. Angelina e Corrinha. Cada uma delas utilizou uma argila diferente. Ao todo foram confeccionados 10 pequenos potes de cada tipo de argila. Durante os testes, já em território Sergipano, percebi que um deles estava fragmentado e por isso descartei-o, o que implicou na redução da amostra, mas sem prejuízo para o critério adotado.

Os vasilhames foram feitos com as mesmas técnicas empregadas nos potes que são confeccionados no dia-a-dia da produção das ceramistas de Passagem de Pedra, além do uso das mesmas matérias primas e estrutura. Esse recurso garantiria a perspectiva de testar a confiabilidade dos dados da experiência como um todo.

No tipo de teste programado, o caminho seguido primou para assegurar o máximo de confiabilidade. A quantidade amostral obedeceu ao critério da reprodutibilidade, comum em abordagens da Engenharia de Materiais. A adoção desse procedimento é relativa também ao controle dos dados, cujo registro direcionara-se à avaliação da regularidade do arrefecimento que poderia ser visto no desempenho dos objetos elencados.

O volume dos recipientes não poderia respeitar à dimensão do pote comercializado com maior frequência na região porque os aparelhos de aquecimentos utilizados na

experiência em laboratório não suportariam tal tamanho. As amostras tiveram volume médio entre 360 e 500 ml.

A reprodução em ambiente controlado ocorrera em condições equilibradas e permanentes da sala do Laboratório de Tecnologia Cerâmica (LATEC) do Departamento de Engenharia de Materiais da Universidade Federal de Sergipe.

Os materiais utilizados em laboratório, além dos equipamentos de aferição da instituição, são os 18 pequenos potes feitos por D. Angelina. Não foi necessário utilizar toda a amostra encomendada porque os resultados mostraram-se constante em todas as sessões.

Os exames foram feitos sempre com a comparação de 02 potinhos (um *liso* e um *arranhado*) tendo sido obedecida à mesma quantidade de água. Um deles era usado como parâmetro. Assim para fins de organização cada par de potes recebeu a denominação crescente, da amostra 1 à amostra 9.

Como o objetivo do teste era a verificação da redução da temperatura, a primeira tarefa implicou em esquentar a água inserida nos recipientes. Nesta etapa foram utilizados dois aparelhos para aquecimento de amostras¹³.

No procedimento de aquecimento desenvolvido os vasilhames foram inseridos com a mesma quantidade de água em conjunto sobre a placa aquecedora, que suportou até quatro deles ao mesmo tempo. É importante mencionar que em todos os potes ocorreu a migração do líquido de dentro para fora. Esta ação poderia ter implicações em quaisquer dos ambientes pesquisados se a diminuição da temperatura apresentasse grandes distinções. Os próprios resultados são suficientes para desconsiderar o vazamento, tanto para a variação negativa do calor quanto para o tempo de equilíbrio da temperatura ao fim do processo.

A primeira medida somente poderia ser realizada após a estabilização da temperatura da água de ambos os potes considerados em cada amostra. Independente do tipo de aparelho para aquecimento de amostra utilizado o alcance

¹³ Os aparelhos aquecedores são: 1) agitador magnético macro com aquecimento, modelo 02611-22-228-V – 600 W, do fabricante Quimis Aparelhos Científicos Ltda (ISSO 9001), tensão 220V, nº de série 081001862. Para referências ver www.quimis.com.br. Sua placa aquecedora pode alcançar a temperatura de ebulição da água, mas em testes no LATEC atingiu no máximo 83° C; e 2) chapa aquecedora, modelo 208 1D, fabricada em 04.2010 pela Nova Ética, potência 1000 W, tensão 220V 60HZ nº de série 21518/10. Para referências ver <http://www.ethik.com.br/produtos.php?produto=16>. Na instituição não existem referências para a temperatura atingida na utilização deste aparelho.

da estabilidade foi um critério obedecido para todas as amostras porque assim a avaliação da variação de calor negativa poderia ser constatada. Por exemplo, nos potes que ficaram sobre a placa do aquecedor 1 a água atingiu o maior nível de aquecimento em aproximadamente 03h30min. No aparelho 2, onde apenas duas amostras foram aquecidas, a duração foi muito maior, 06h30min. Porém, seja qual for a temperatura máxima, confirmara-se o resultado esperado do ambiente controlado, o arrefecimento foi estável para todas as amostras.

Os potes depois de ficar nas placas aquecedoras eram retirados para iniciar o procedimento de verificação da variação de calor negativo. As medidas foram tomadas a cada intervalo de 30 minutos. As aferições necessárias para poder realizar a comparação após a estabilidade da temperatura somente poderiam ser feitas após a água alcançar a mesma condição do ambiente do LATEC. O período de alcance da menor temperatura de cada amostra teve variação porque a máxima não foi a mesma para todas.

O término de cada sessão amostral em laboratório foi definido pelo equilíbrio entre a temperatura da água dos potes e da sala do LATEC, verificada nos termômetros¹⁴ utilizados. Ao alcançar 20° C cada amostra teria que ser observada mais de uma vez no mesmo intervalo de tempo para saber se haveria mudança ou permanência desta temperatura. E esta foi mesmo a temperatura mínima verificada em todas as amostras (no Anexo W, seguem os gráficos 1 e 9 para exemplificar a regularidade).

Para as mensurações na região do Cariri o critério adotado buscava reproduzir as circunstâncias práticas de armazenagem e consumo da água diretamente dos potes. Em um contato com as *loiceras* solicitei que preparassem os vasilhames para a visita que logo faria. A maneira em que ocorre o *descanso* da água nos potes para o consumo foi respeitada – normalmente os caririenses consideram a água boa para o consumo após pelo menos 10 horas. Assim no dia anterior elas armazenaram a água neles.

A solicitação para a organização prévia dos vasilhames foi feita às *loiceras* do núcleo de D. Angelina e à artesã Corrinha. Não obtive o atendimento por completo por causa da raridade dos potes *lisos*. Por um lado esta ausência me impediria de

¹⁴ Os termômetros químicos utilizados são indicados para uso geral. Desempenho: medem entre -10° C a 150° C. Possuem escala externa, com capacidade de imersão total e enchimento a líquido vermelho. Suas medidas são: 260+5 x 5,5-7 mm. O fabricante é a Alla France, Modelo: 512.150, Referência: 16T2675.08.CC.

realizar a comparação *in loco* da temperatura dos dois tipos de contentores d'água, mas por outro é uma constatação importante para a reflexão. Em adição, a visita à região (início de outubro de 2014) serviu para testar o arrefecimento nos potes *arranhados* com diferença de vida útil e para realizar as primeiras comparações da queda da temperatura entre os potinhos *lisos* e *arranhados* (Tabela 3).

Esta fora minha última investida no território daquelas oleiras. Aliás, se não fosse pelo pedido dos 20 potinhos, minha ida ao Cariri cearense seria um fracasso, tamanha é a inexistência dos potes *lisos* nas localidades visitadas, seja na casa das ceramistas e ou na dos outros habitantes.

Outro ganho para a pesquisa com a iniciativa de aferição em epígrafe é que nos lugares pesquisados obtive o registro da temperatura em que é consumida a água e o comportamento em diferentes momentos do dia e distintos espaços domésticos. Esta observação é importante por causa das referências do ambiente do cômodo em que se situas os vasilhames para conferir as características relativas à incidência de equipamentos que causariam variação de calor dentro do recinto, tais como o uso de fogão a lenha, incidência do sol, ventilação, etc. Adoto esses dados como média para o Cariri cearense.

Duas localidades serviram como base para os exames: Passagem de Pedra e Baixa do Quaresma. A realização do experimento nesses lugares levou em conta a possibilidade de obter a exatidão do ambiente em que ocorrem as práticas relativas ao consumo de água nos dois tipos de potes. A princípio segui as práticas de armazenamento do líquido inserido nos recipientes. A tentativa seria alcançar ao máximo o pulsante contexto. Esse seguimento apontaria as mesmas condições de temperatura, umidade e pressão no período de aferição em comparação com outros.

As características da vida útil dos objetos são interessantes como critério para a escolha dos recipientes que abrange o tempo de uso e a ideia propalada para o desempenho deles. Foram utilizados tanto os contentores em uso há mais de dois anos, quanto os confeccionados recentemente, esses tanto por intermédio desta pesquisa quanto por conta de motivações cotidianas das ceramistas. Assim o parâmetro não estagnou no aproveitamento de potes em uso corrente ou já admitidos como usados em demasia. Considerarei também a possibilidade de examinar os mesmos vasilhames que seriam levados para os testes laboratoriais.

Com termômetros em ação registrei em primeiro lugar a temperatura ambiente. Em seguida inseri-os nos potes *arranhados*. Quando no caso de dois recipientes (com diferentes períodos de uso) sempre em conjunto com o posicionamento em diferentes áreas da copa ou cozinha da casa das ceramistas. A concomitância da inserção deles também ocorreu com aqueles destinados aos exames laboratoriais.

Diversos momentos foram utilizados para os exames. No primeiro e segundo, durante a metade da manhã e perto do meio-dia, observei a temperatura nas duas localidades. O terceiro momento, no fim da tarde, apenas em Baixa do Quaresma. Somente após a estabilização da temperatura é que os registros foram feitos em cada sessão.

Depois dos testes realizados uma pergunta surgiu como mote para experiências futuras, mas não como a continuidade desta pesquisa ou busca por resolução para a questão do resfriamento do tratamento de superfície. O volume influencia na variação de calor?

A luz da física uma explicação plausível seria a diminuição da superfície dos potes que assim trocava calor com maior rapidez e frequência. A água instala-se na superfície externa devido à migração pela maior porosidade nos espaços milimétricos abertos pelas ranhuras. A troca seria proporcionada não apenas pelo contato da água na parede, mas também pela manutenção da evaporação na parede que resfria pela permanência da umidade nela, já que o calor é dissipado pelo ar quente e seco (ÇENGEL, 2009, p. 836).

Esse é um fenômeno que pode ocorrer em quaisquer vasilhames cerâmicos, mas a intensidade do vazamento da água dependente de várias condições. A porosidade da cerâmica é o primeiro parâmetro. Quanto mais porosa maior a capacidade de vazar.

A espessura da superfície também pode permitir a migração numa escala relativa à sua espessura. Mas esse fator pode ser combinado com outra característica intrínseca, o acabamento. Se a impermeabilidade fosse atingida ao máximo a água não vazaria, como é comum em recipientes vítreos, porcelana, faiança fina, etc. Mas, por exemplo, se o alisamento ou a escovação condicionasse a porosidade haveria distinção da temperatura da água dentro deles?

Em ambos os tipos de potes selecionados nos testes a água vaza constantemente pela superfície. Então não é por vazar em maior intensidade que a água teria menor temperatura em um ou outro recipiente. O resultado da experiência em ambiente controlado confirma esta afirmação (ver Anexo W).

O objetivo final da experiência não foi obter uma resposta para a inquietante pergunta se potes *lisos* e *arranhados* arrefecem e mantêm a água fria na mesma dinâmica. Os dados registrados apontam para a permanência de maneiras de fazer e usar transmitidas pela oralidade, que não são submetidas a exames rigorosos, a aplicação de testes em laboratório, a procedimentos ditos científicos. E por outro lado consegui saber em que temperatura as pessoas que vivem na região consomem água armazenada naqueles recipientes na estação das flores. É também parte importante das constatações a mudança da temperatura da água em diferentes momentos do dia que a depender da localização do pote, mesmo dentro de casa, pode ter ganhado calor.

É importante mencionar que a variação negativa de calor é bem tênue. Isto leva a complexa admissão da dificuldade de ser percebida sem instrumentos de aferição. Se forem os poucos graus que os consumidores buscam para esfriar a água na primavera então obtém esse arrefecimento tanto com potes *arranhados* quanto com *lisos* para a satisfação de matar a sede.

Figuras 13 a 19. Detalhes dos exames executados no Cariri Cearense e em laboratório.





5.3. OS POTES SE COMUNICAM ATRAVÉS DAS PESSOAS

Em Passagem de Pedra encontrei em atividade quatro núcleos ceramistas. Já houve outros em funcionamento concomitante, mas com o falecimento das ceramistas a produção foi encerrada com a ausência da transmissão do conhecimento. Naqueles que conheci, havia em três, pelo menos uma oleira que aprendera a trabalhar com a matriarca Raimunda. As habilidades práticas daquelas senhoras despontam na tecnologia com mudanças e permanências ao longo de mais de três gerações.

Como meu interesse é discutir as ideias em torno da tecnologia e uso dos potes, e por causa da forte concentração das fontes em Passagem de Pedra, adoto como critério para tratar questões dos significados locais, apresentar aspectos da sequência geral da vida útil daqueles vasilhames na localidade com menções a certas distinções e/ou peculiaridades marcantes que podem contrastar com intrincados significados de outros lugares. Esses critérios derivam da abordagem biográfica, com noções pertinentes à investigação arqueológica sobre os potes que

avançam dentro de aspectos culturais extremamente significantes tais como sobre a maneira em que eles são feitos, como são negociados, o relacionamento entre ceramistas, vendedores e consumidores, etc. (KOPYTOFF, 2008, p. 93). Esse é o exemplo do encadeamento dos gestos para a fabricação de potes, que pode ser comum a outros tipos de recipientes. Algumas peculiaridades próprias de cada ceramista distinguem seu modo de fazer a partir de pequenos atos que nem sempre ocorre em obediência a uma sequência rígida durante a elaboração, pois apesar dos ensinamentos que receberam pela tradição oral, algumas delas encontraram seu próprio jeito de trabalhar. Assim trato tanto sobre o que se fala dos potes, o que mostra como penso sobre os múltiplos significados daqueles vasilhames caririenses, situados na mente dos indivíduos que os produzem, vendem e usam cotidianamente, e que exigem verificação, para então serem interpretados.

Existem opções relativas às circunstâncias sociais que exercem pressão, mas não controle, nas atitudes das pessoas, situadas nos processos de permanências e mudanças culturais. O diálogo constante de elementos analíticos é fundamental para verificar aspectos dos pensamentos dos indivíduos frente às decisões que tomam quando se voltam ao planejamento, execução de suas atividades produtivas e uso cotidiano das peças cerâmicas. Deve ser observada a noção primordial das etapas da história de vida dos objetos, que oportuniza dialogar com fontes distintas.

No último dos anexos segue de forma sistemática a apresentação ampla da sequência do processo produtivo dos potes *arranhados*. A menção da tecnologia é ordenada para as ceramistas mais experientes e/ou responsável por seu núcleo familiar de produção, mas com o mote de apresentá-la em Passagem de Pedra.

De forma geral, as etapas da atividade ceramista daqueles distintos núcleos de produção apresentam muita semelhança, aspecto mais intenso na prática produtiva das *loiceras* de Passagem de Pedra e de Baixa do Quaresma, devido à herança da mestra Raimunda, que as oleiras formadas nesses lugares carregam.

Importante dizer que mantive os nomes êmicos de alguns instrumentos e termos de formas e ações, sempre com grifo. No texto tentei clarificar sobre o que se refere cada um deles, que apesar de não terem sido observados na totalidade (como a extração da argila vista somente em Jamacaru e Brejo Santo), foram registrados através dos testemunhos orais, graças à alternativa da memória. Aliás, sem buscar

as referências presentes somente no pensamento dos indivíduos perderia importantes circunstâncias das práticas, principalmente relativas aos planejamentos.

Na maioria dos núcleos produtores é comum à atuação de auxiliares, geralmente a ajuda dos companheiros, filhos, sobrinhos ou vizinhas, em atividades que dependem de trabalho mais pesado, como o provisionamento da matéria prima. As mulheres não participam ativamente de todas as etapas produtivas da mesma forma que faziam antes. Quando jovens e ainda ligadas a primeira olaria realizavam esta tarefa independente do auxílio dos homens.

A participação dos homens no trabalho com o barro é restrita à extração da matéria prima, elaboração da pasta, manutenção da estrutura do forno e comercialização. O trabalho mais detido da formação dos vasilhames que implicam em dominar o conhecimento, se envolver de forma artística e por em ação as técnicas de manuseio da argila são herança feminina. De modo geral, especialmente para a produção dos vasilhames utilitários, as habilidades permanecem entre elas. As raras exceções limitam-se ao conhecimento de poucos dos seus familiares, alguma presteza na formação das peças em Brejo Santo e na capacitação ministrada algumas vezes pelo Eddym, neto da *loicera* D. Bastiana.

A extração das argilas é realizada em terreno próprio e também transportada pelos homens. A posse do *barreiro* somente ocorre em Passagem de Pedra. Corrinha paga pelo uso do terreno de seu primo. D. Brasilina e Desterro contam com a concessão de fazendeiros que não lhes cobram pela extração.

Uma mudança que proporcionou ganhos na atividade é relacionada ao transporte das argilas. Antes isto ocorria após o primeiro tratamento da argila, que era feito ao lado do lugar da extração do sedimento na superfície manuseada - a vegetação teria que ser suprimida. Atualmente o transporte até a olaria é realizado em carroças. Isso tem implicações com a localização da antiga olaria na área imediata à jazida, bastante próximo para a elaboração da pasta. A quantidade de pasta reunida permitiria seu transporte em menor escala, que era feito no lombo de animais.

É importante perceber que os planejamentos também estão evidentes nos discursos em torno das mudanças na tecnologia cerâmica influenciadas por parâmetros de uso dos potes cerâmicos. Ao entendê-los, com base no conhecimento empírico dos

habitantes, pude refletir sobre questões do provisãoamento da matéria-prima, que mostrou transformações culturais observadas no cotidiano cariense recente.

Durante algum tempo manteve-se a ideia de manipular a argila para criar a pasta lá naquele lugar. Ela era transportada diversas vezes até a olaria, já localizada próximo da comunidade. A prática de manter separados os distintos sedimentos impunha dificuldades para reunir uma quantidade da pasta e levar em grande distância porque os receptáculos de madeira utilizados eram muito diminutos.

Os aportes teóricos amplos discutidos por Hodder (2012) e Ingold (2012) provenientes da maneira dependente de aceitar a relação das coisas e das pessoas levam a considerar o entrelaçamento permanente das situações sociais. Em dois trabalhos de grande fôlego Rafael de Abreu e Souza mostra como questões da cultura material do sertão nordestino podem ser enfatizadas em caminhos de pensar as brilhantes criações das pessoas que vivem na região (2014) e disseminar ideias que alçam a importância de avaliar as formas de ocupação e uso do espaço para produzir uma arqueologia do sertão nordestino longe dos ditames de pensamentos deterministas que se julgam únicos e dotados da verdade absoluta (2013, p. 2-11).

A imposição de maneiras únicas de pensar impediria observar, por exemplo, ideia de transportar a argila antes do tratamento, que o ajudante Dedé (Anexo L) um dia colocou em prática. Ele fala com orgulho disso. Para tanto mediu uma porção de 1m² da jazida em que seria extraída a argila e experimentou a quantidade transportada. Verificou que duas carroçadas (duas viagens de carroça) era o suficiente para cada medida daquela, base para saber o quanto teria que transportar. Isto começou a acontecer há aproximadamente 34 anos. O significado da mudança é relativo à condição mais prática do trabalho com a concentração da maioria das ações produtivas perto da olaria. Isso surge com pujança no seu discurso ao mostrar que a atuação na produção daquele período mostra que nos intensos momentos de mudanças a união da família em torno da atividade propunha soluções diante dos entraves de um mercado consumidor que fazia pressão na tecnologia tradicionalmente empregada por eles.

Uma distinção marcante com esse sentido comunitário ocorre com a produção de D. Brasilina. Sua autonomia revela-se na independência de ajudantes no desenvolvimento do processo produtivo. Ela mesma pode efetuar a aquisição da

argila e da areia (em cotas próximo do topo da Chapada do Araripe) a cada semana que trabalha. Nos outros lugares a meta é reunir grande quantidade de argila e utilizar ao longo de semanas, meses ou durante mais de um ano. Em Brejo Santo, Desterro e seu marido Francisco retiram a argila de taludes e a areia às margens do Riacho Porteiras.

É um aspecto comum em todos os lugares pesquisados, a necessidade de largo conhecimento do comportamento da(s) jazida(s) utilizada(s) e resistência para executar a ação. Mas vale mencionar que a aquisição dos principais elementos argilosos concernente ao núcleo ceramista de D. Angelina, demanda de maior prática e aptidão para suportar os entraves do exaustivo trabalho, relativo à busca e seleção *in loco* da argila de maior pureza utilizada unicamente por esse núcleo.

A matéria prima em questão é o *barro vermelho*, denominação relativa ao efeito pós queima. A argila, encontrada nas jazidas aluviais do Riacho Salamanca, é naturalmente de cor amarelada, possui alta capacidade de aglutinação e exige elevado esforço na aquisição, dada sua profundidade. Estações chuvosas, de alta pluviosidade no Cariri, afetam a camada sedimentar em que ela está situada.

Verifiquei a dificuldade de obtê-la, entre 2009 e 2011. Mesmo ao alcançar o compartimento topográfico em que está situado aquele sedimento altamente pegadiço não foi possível registrar visualmente o jeito de adquiri-lo devido à impossibilidade de execução da extração diante da submersão de sua camada. D. Angelina, Quêza e Tetê afirmam que esta argila é que é adequada para o melhor arrefecimento da água e não o tratamento de superfície escovado. Devido à dificuldade da coleta sua utilização é maior nas peças menores, como o conjunto de servir a mesa, denominado *feijoada*, apenas feito quando ocorre uma encomenda, principalmente para a composição de um enxoval de casamento. Tive alguns de meus pedidos atendidos, inclusive para os potinhos *lisos* e *arranhados* que utilizei para os exames da temperatura da água.

Dos discursos ressaltam o valor que a memória local concebe a tal sedimento. No final do processo produtivo a vermelhidão das peças é impressionante. Não é apenas o aspecto proporcionado pelo acabamento que confere a importância do trabalho para as ceramistas, mas o conjunto de situações em torno das manifestações envolvidas. A exiguidade de artefatos feitos com o *barro vermelho*

não mostra apenas a dificuldade da obtenção daquela argila, mas também intrincados sentidos das técnicas empregadas no trabalho, que se situam na mentalidade coletiva desde a seleção do sedimento até a satisfação do cliente. Em caso de impossibilidade de ser atendido, o potencial freguês é detalhadamente informado do processo do aprovisionamento. A negação da realização do pedido é uma situação que deixa as *loiceras* com pesar devido à desistência da empreitada que não contribui para a satisfação do cliente, mesmo ao reconhecer que se trata de decisão motivada por condições que fogem da sua capacidade.

Ainda é importante mencionar sobre os sedimentos o limite para a fabricação de certas peças. As oleiras sabem que sua matéria prima não permite confeccionar panelas para ir ao fogo, para a preparação de alimentos. As argilas que utilizam não propiciam o efeito plástico de expansão e retração da cerâmica. As *loiceras* garantem que quando as peças feitas com tais sedimentos são colocadas em contato com o fogo fragmentam-se.

É perceptível que no ponto de partida do entendimento da manufatura e uso dos potes estão os discursos relativos à manipulação da argila pelas oleiras que pretendem manter sua produção ao perceberem as particularidades locais de recorrência prática de sua cerâmica. Pensar através desse aspecto é como buscar com a noção de performance (INGOLD, 2011) no movimento cotidiano dos diversos agentes os motivos para a existência das coisas.

Volto ainda à atenção para questões relativas à negação em fabricar panelas. Devido à incompatibilidade da cerâmica ali produzida com a dinâmica da preparação de alimentos elas não se dedicaram a buscar outras jazidas para trabalhar com esse tipo de peça. A concentração na produção de vasilhames para armazenar água destinou suas habilidades à especialização da fabricação de potes.

Na casa das *loiceras* de Passagem de Pedra as panelas são todas confeccionadas por D. Brasilina. Elas fazem trocas entre si para agradar os clientes que procuram por peças diferentes de suas próprias. A *loicera* de Jamararu se encontra com frequência às segundas-feiras com D. Angelina, na feira livre de Missão Velha. D. Brasilina reconhece a qualidade dos potes de suas amigas e compreende que a sofisticação é decorrente da argila utilizada. Alguns de seus próprios clientes solicitam os vasilhames de Passagem de Pedra e ela não se furta de obtê-los.

Na ação produtiva anterior à elaboração dos potes é grande a atenção dada ao tratamento da matéria prima para sua transformação na pasta. Os cuidados com os ingredientes mostram o zelo para alcançar o máximo êxito com o produto final. Isto é perceptível nas tentativas de evitar a contaminação/mistura da argila com ingredientes inadequados, principalmente cascalho, que podem prejudicar o êxito esperado da queima da peça. Pequenas pedras provocam a fragmentação da superfície ao alcançar calor alto antes da argila durante a queima.

O único aditivo coletado fora das jazidas é a areia. Os sedimentos arenosos na região são de farta acumulação em diversos lugares, coletados na suave encosta planificada habitada em Passagem de Pedra (no próprio terreiro da casa das ceramistas), nas margens do Riacho Porteiros em Brejo Santo e nas proximidades do topo da Chapada do Araripe em Jamacaru.

O processamento inicial da pasta exige bastante esforço físico e é praticado somente pelos homens da família. Existe exceção por ali, na Baixa do Quaresma também é praticado por Corrinha quando seu irmão Tito (Francisco Manuel Nascimento, 04.09.1980), maior responsável pela tarefa, não consegue contribuir. Durante todo o processo é preciso ficar de pé, utilizar uma enxada e às vezes uma pá para mover o sedimento, misturá-lo com areia e água (único ingrediente líquido da etapa) e também desmanchar alguns torrões (Anexos M e S). Novamente existe contraste com a prática fora de Passagem de Pedra. Em Brejo Santo e em Jamacaru o processamento tem menos intensidade e é completamente realizado com as mãos, diretamente no chão, porém é encerrado logo em que a pasta atinge homogeneidade após a adição da areia. É uma tarefa quase que cotidiana tamanha é a rapidez em que é desenvolvida.

Outro exemplo da iniciativa de beneficiar a feitura dos potes, ainda nesta etapa da elaboração da pasta, indica um dos gestos sensíveis relativos à produção. Na ação de *virar o barro*, um dos filhos de D. Angelina, João (João Amaro do Nascimento, 13.12.1977, Anexo M), chamou atenção para a necessidade de ser hábil com a ferramenta de trabalho, a enxada que *cortava* a pasta. Em cada retirada delgada que fazia na mistura de sedimento João ia sentindo a quebra de torrões ou o deslocamento de raízes, cascalho e calhau. A tarefa exige dele, ou de qualquer outro ajudante das *loiceras*, ter exímia habilidade durante seu desempenho.

A sensibilidade tátil é inerente a muitas outras ações desenvolvidas durante a produção. Inclusive os gestos mais manuais de preparação da pasta exigem tal capacidade na performance das *loiceras*. Para a maciez que a pasta deve atingir, pronta para à elaboração das peças a ceramista precisa identificar o estado brando da mistura de sedimentos. Assim na manipulação final da pasta, momento de amaciar a argila e a areia, ingredientes principais da cerâmica, a sensibilidade das mãos de cada uma delas é que determina a homogeneidade esperada, cuja maciez é aludida à sensação de tatear um tipo de cera.

Mesmo após verificar a homogeneidade da pasta, com o ingrediente arenoso, ainda aplica-se a passagem do *arco*, instrumento caracterizado pelo arame preso a uma madeira curva - motivo de orgulho e invenção local feita para alcançar uma extrema limpeza na pasta. Esse cuidado mostra a tentativa de, além de evitar perdas no processo de queima, alcançar um produto sofisticado. O resultado é reconhecido na região, pois os potes das ceramistas com aprendizado oriundo dali são famosos, de reconhecida qualidade até mesmo entre as oleiras e comerciantes de fora da região.

Na formação do pote a pasta é manipulada sobre um suporte de base plana a 0,50 metros do chão. Em Brejo Santo, onde pode haver a participação do marido da ceramista, ocorre sobre um banco de madeira. Em Jamaru todo o processo de confecção é feito diretamente no chão de terra batida que tem algumas cavidades para o posicionamento da base, já iniciada com formato côncavo. Em Passagem de Pedra o suporte, feito pelas próprias ceramistas, é um cano cerâmico coberto por uma placa arredondada de cimento. A superfície de cimento é atritada com um tijolo maciço para criar uma camada fina de sedimento que impede a aglutinação da base da peça em elaboração no suporte.

Certos detalhes do processo produtivo mostram a riqueza das escolhas das ceramistas para desenvolver sua performance. As opções de algumas delas em contraste com a maneira tradicional de elaborar os potes indicam esses pormenores. Levantar um vasilhame exige o domínio de distintos momentos da atividade, desde a preparação da pasta até a percepção da estrutura da base e do bojo. A destreza que é pertinente ao tempo de formação da artesã impõe à aprendiz a passar por esta etapa para alcançar a terminação de um pote.

O ato da modelagem das ceramistas de Passagem de Pedra é muito peculiar e seguido por todas as ceramistas da localidade. Num movimento constante e ritmado elas circulam em torno do suporte desde quando está posicionada a pré-forma, na maioria das vezes no sentido anti-horário. O movimento deixa marcas na superfície, que é de chão batido em todas as olarias da comunidade.

D. Angelina tem algumas formas singulares de lidar com a atividade ceramista. Um gesto técnico próprio dela é inclinar a pré-forma para retirar parcelas de argila do fundo. Sua escolha é distinta de qualquer opção observada na mesma tarefa executada por outras *loiceras*.

Na profunda pesquisa etnoarqueológica desenvolvida no sul da República dos Camarões, Olivier Gosselain (1998) fez considerações de nível geral ao indicar que dentre as formas de passagem de técnicas cerâmicas, a que mais se consolida em relação à identidade social é a formação do vasilhame cerâmico. Em outra pesquisa ele desistiu desse caminho ao verificar que não havia tanta pujança desse aspecto (2008b, p. 67 e 72-75). Estas distintas constatações mostram que a existência do agenciamento individual e de mudanças de técnicas devido a certos aspectos que afetam a produção, devem ser avaliadas no processo de interpretação dos saberes e fazeres das ceramistas. Em Passagem de Pedra esta questão é suscetível de reflexão.

A transmissão dos conhecimentos de D. Bastiana e D. Angelina indica alguns aspectos que negam quaisquer considerações de caráter generalizante. Uma delas é a inovação na aplicação das técnicas que podem levar a nova caracterização da produção cerâmica. Os potes de Corrinha são exemplares desse aspecto por causa da adaptação que ela insere com torneiras. Se o aprendizado levasse todas as características de sempre poderia influenciar intensamente a circulação de ideias, com menores incorporações de experiências tanto ali no mesmo lugar quanto na área de abrangência da comercialização.

Outro aspecto que deve ser considerado de forma particular sobre a transmissão dos conhecimentos é o momento da vida que o aprendizado é realizado, que num núcleo de produção aqui elencado mostra diferentes formas de apego com a atividade ceramista. As filhas de D. Bastiana não têm a mesma paixão que a mãe para o ofício que executam. Recentemente Conceição (Maria da Conceição Amaro

Silva, 24.06.1969) abandonou a atividade sem pesar após se casar. Ambas mencionaram que ainda estavam trabalhando na olaria para ajudar a mãe.

Nos relatos e observações das práticas percebi que quando estavam na condição de principiante às *loiceras* tentavam seguir o modo tradicional, que é ensinado de forma adequada pela mestra em ação. Mas diante de alguma dificuldade de manter a sequência tradicional dos gestos as aprendizas tentavam de forma inventiva aplicar sua própria maneira para alcançar certo resultado. Esse é o exemplo de Déta que encontrou como solução, para obter êxito na etapa da formação, *levantar* o pote por fora. Já sua mãe e professora de sempre, D. Bastiana, *levanta* por dentro ou por fora, conforme aprendeu na infância.

No processo produtivo são recorrentes as queixas das *loiceras* menos experientes com relação às dificuldades desta etapa. Corrinha, também treinada por D. Bastiana, mencionou que quando conseguiu dominar esse procedimento se sentiu mais segura em realizar plenamente a produção.

Quando estava atuando, Conceição, apesar da experiência de 10 anos com a cerâmica, ainda não se sentia segura para *forrar o fundo* dos potes que produzia. Era sua mãe que aplicava esta outra parcela da pasta na base dos vasilhames.

A formação do pote é destacadamente o momento de maior aproximação de sua feição final. Mas é com o término da aplicação do tratamento de superfície que o vasilhame pode ser considerado finalizado. Em Passagem de Pedra o processo final ganhou uma prorrogação com a necessidade de inserção do atributo escovado. A mudança tecnológica provoca ali não ocorreu em outros núcleos produtores, a técnica já era inerente quando do aprendizado das ceramistas.

Esta novidade deve ser interpretada de acordo com a visão das *loiceras* da localidade. Se não fosse pela motivação dos habitantes da região de consumir água em potes *arranhados* as oleiras garantem que não executariam a aplicação das ranhuras. Assim decorre de efeitos sociais vinculados ao mercado de consumo sua recente maneira de criar potes, que as ceramistas mostram ter aceitado até com indisposição.

Todas *loiceras* de Passagem de Pedra situam a raiz da mudança em sua maneira de finalizar os potes na agência dos romeiros que rumavam em procissão para

Juazeiro do Norte. O deslocamento deles para a região é também evento que tem relação com a fuga das pessoas das áreas atingidas pela seca.

As *loiceras* dali datam a disseminação desta ideia no início da década de 1980. No período outras mudanças no seu processo de produtivo aconteceram por causa da necessidade de dar maior dinâmica ao trabalho próximo da olaria com a imposição do mercado de consumo.

Em Passagem de Pedra o fato da adoção do pote *arranhado* na fabricação de peças cerâmicas ter ocorrido somente para atender a comercialização pode mostrar que o recurso ao atributo escovado é de influência externa dali, porém da circulação de ideias entre sujeitos que compartilham as mesmas atividades práticas da região do Cariri. Isto é útil para minha consideração de que o conhecimento técnico do *arranhado* é proveniente do comportamento prático comum ao mundo rural sertanejo nordestino, dada sua marcante circunscrição entre os habitantes do semiárido.

Essa perspectiva é inerente às concepções da biografia cultural dos objetos que contribuiu para investigar os significados surgidos ao longo do tempo na produção cerâmica de Passagem de Pedra. A permanência ou modificação da opinião dos sujeitos sociais do Cariri cearense sobre o efeito do *arranhado* estão relacionados ao esforço das oleiras para atender às demandas do mercado de consumo.

Esta discussão é pertinente com a ideia de fronteiras culturais. Os significados dos potes *arranhados* que pude encontrar existem fortemente na área de maior caracterização da caatinga nos sertões dos Estados do Ceará, Pernambuco e Piauí. Nos exemplos que conheci no agreste pernambucano em direção ao litoral, tanto com observação participante quanto na literatura arqueológica, não existem esses sentidos do atributo *arranhado*. A influência da oralidade na elaboração de tais vasilhames mostra a pujança da fabricação da cerâmica utilitária do Cariri cearense dentro de parâmetros comunitários de tecnologia, dada à pressão dos consumidores nas escolhas técnicas.

É importante observar que as escolhas técnicas, das matérias primas e dos processos de elaboração dos produtos são definidas pelas características do contexto social. A imposição do mercado consumidor é o principal aspecto coercitivo na região – caso das ranhuras (a escovação), o tratamento de superfície externa, é exigência dos consumidores e comerciantes. Dessa forma, a destinação funcional

dos potes (armazenar água e mantê-la resfriada para o consumo) é condição para a aplicação das estrias nos potes.

Uma constatação importante de ser apontada é que os potes fabricados no Cariri cearense, enquanto objetos para uso na cozinha agregam valores mais do que relacionados ao consumo, dada à variedade de motivos conscientes e inconscientes do planejamento, fabricação e aquisição. Os sentidos a eles associados são ativos e resultam de interação de significados.

Humans and things emerge contextually in relation to each other. Since humans and things are dialectically and relationally construed, so in different contexts different types of materials, things and humans are produced. What is a human and a thing depend. (HODDER, 2012, p. 33).

Assim no estudo dos potes é importante a compreensão de que eles são incorporados de formas diversas, em um movimento intenso de resignificações dentro de narrativas próprias do cotidiano cariense marcado por características agropastoris.

A prática da escovação mostra que alguns seguimentos do aprendizado modificados tempos depois se tornaram predominantes em cada núcleo ceramista. *Loiceras* que descenderem da mesma raiz do saber-fazer não mantiveram a regra de usar todos os instrumentos com os quais tomaram as lições no passado. D. Angelina e D. Bastiana adotaram o pente de plástico como instrumento para a inserção da escovação, tarefa habitualmente realizada por muitas ceramistas com um sabugo de milho. Suas filhas também executam a tarefa com o pente. D. Maria mantém o uso do sabugo de milho e sua filha também. É o mesmo instrumento utilizado por D. Brasilina. Já Desterro adotou a serra de metal.

Diversas etapas da produção podem ser observadas dentro de gestos inscritos na habilidade motora, porém em algumas delas por mais que a técnica esteja apurada, completamente dominada pela pessoa que está trabalhando, exige alguma projeção, algum pensamento mais refinado sobre o que está sendo realizado. Esse é o caso da aplicação das ranhuras. Como a inserção da escovação é motivada pela pressão do mercado de consumo, seu planejamento é inerente por causa das idiossincrasias locais. Então percebi o pote *arranhado* numa condição que está além de um vasilhame com função reconhecida. Apesar de o seu uso recorrente ser notório em um vasto território, entre as principais fabricantes seu propalado recurso como

objeto de destaque para esfriar água e em contraste com o pote *liso*, é colocado em dúvida.

A etapa de acabamento é encerrada com uma decoração (digitada) feita com o dedo indicador na borda do vasilhame. A digitação é o único elemento decorativo inserido de forma consciente nos potes *arranhados*. É muito comum em Passagem de Pedra e Mauriti, raro em Brejo Santo e ausente em Jamararu.

O pote *liso* era o único tipo dos contentores d'água que sempre recebeu decoração através de uma pintura, cujo motivo permaneceu o mesmo ao longo de várias gerações nos diferentes núcleos familiares/produtores. Ainda é possível verificar esta decoração em algumas peças, mas é raro o uso desse recurso decorativo nos objetos utilitários.

A ausência de relação entre os núcleos ceramistas de D. Angelina e D. Bastiana (antes um único núcleo) leva a uma diferenciação nos modos de finalizar os produtos cerâmicos. As marcas de identidade nos potes (em D. Bastiana os potes com escovação recebem uma incisão em forma de arco na boca) e a manutenção da especialização entre seus membros (em D. Angelina uma de suas filhas é exímia produtora de objetos decorativos e argilas diferentes são conhecidas e largamente utilizadas por elas) podem ser observadas como parte dos simbolismos que empregam na cultura material. Tal como os símbolos que existem nas suas olarias, de fundo católico e não messiânico.

No aspecto final dos potes existem diferenças que mostram que as opções individuais ressaltam maneiras próprias de fazer de algumas ceramistas que não impedem de alcançar o produto final esperado pelos consumidores. Por uma decisão relativa ao modo como é finalizado seu vasilhame a ceramista pode escovar ou não o pescoço. Seja com total escovação da superfície externa ou com inserção das ranhuras da base até a altura do ombro a existência do *arranhado* nos potes já confere a certeza da eficácia do produto para os consumidores.

A etapa final do processo produtivo, a queima, no Cariri cearense é realizada de duas maneiras distintas: fogueira a céu aberto e forno (de dois tipos). O procedimento da queima é mais um dos motivos da alta qualidade e notório reconhecimento dos potes de Passagem de Pedra.

Todavia primeiro é necessário ter a fonte energética da queima. Atualmente a lenha é adquirida através da compra, nas mãos de agricultores da localidade. As *loiceras* reclamam muito do valor que pagam que tem apresentado alto crescimento. O metro custava R\$ 20,00 em 2008, R\$ 25,00 em 2011 e R\$ 30,00 em 2014.

Nos testemunhos orais é manifesto o necessário conhecimento para a ação complexa da queima dos potes. Primeiro demanda saber trabalhar com alvenaria para realizar manutenção frequente da robusta estrutura do forno (Anexo S). É preciso dedicação já desde o dia de *enfornar* com o intuito de organizar a produção de forma que propicie um arranjo na câmara interna do forno, patente de inércia das peças. O esforço é contínuo durante o *esquente* e a sequência da queima. Para todos os envolvidos nas tarefas chegar ao fim resulta em merecedora satisfação com a finalização dos objetos que então podem ser destinados à comercialização.

Aspectos particulares respeitados pelas ceramistas para tentar alcançar a totalidade das peças bem finalizadas implicam na permanência de mitos às vezes circunscritos em apenas um núcleo ceramista. Um deles alude a desconfianças acerca de algum visitante inesperado, que devido ao seu *sangue ruim* levaria à perda de muitos produtos. É o que pensa Desterro quando recebe a visita de uma de suas vizinhas durante o dia reservado para a queima. Ela afirma que basta ela aparecer em sua casa que é certo haver a perda de alguma peça.

Da produção de D. Brasilina observei o único processo de queima em fogueira a céu aberto em todo o sertão nordestino. A queima é muito rápida. De forma distinta de todos os tipos de queima ela não realiza a limpeza na finalização do processo. Com a ausência desta técnica as manchas escuras que surgem nas paredes das peças não são retiradas. A *loicera* não mostra ter preocupação com a forma final de seus produtos. Durante a venda em uma tentativa de convencer clientes pude perceber sua desconsideração para a estética final e por outros detalhes que reduzem a qualidade dos objetos de barro cozido.

Não é somente aos olhos do observador externo que ressaltam as distinções da queima em Jamaru. Pude levar três das *loiceras* de Passagem de Pedra para observar esta etapa do trabalho de sua amiga D. Brasilina. Elas também ficaram muito impressionadas com a rapidez que a cerâmica atinge o estado de cozimento. E em toda a ação apresentaram preocupação com a maneira que D. Brasilina se

aproxima da fogueira, bem como acerca da manipulação das peças ainda muito quentes.

De forma geral, após a finalização da queima já pode ocorrer à venda na própria olaria, mas tal evento raramente ocorre. Por isso, a cerâmica é transportada principalmente aos centros urbanos do Cariri. A comercialização pode ser feita tanto por intermédio prático das próprias ceramistas quanto pela ação de atravessadores.

O respeito à palavra dos indivíduos é virtude comum aos sertões nordestinos. Aspecto inerente nas negociações das oleiras. Tanto o atendimento às preferências dos clientes quanto à honestidade no valor e quantidade dos pedidos são enaltecidos pelas ceramistas.

Em um trecho do relato oral de D. Angelina é possível observar em pormenores dos cuidados com a venda da produção o respeito aos seus semelhantes. É possível notar isto na marcante história da encomenda feita pela prefeita de Missão Velha que ficou muito surpresa ao verificar a qualidade dos potes daquele núcleo produtor (Anexo B). D. Angelina ficou indignada com o desconhecimento daquela prefeita, também filha de sua cliente.

A prefeita visitou-as em dia de retirar a produção após a queima e procurou saber onde seriam vendidas tantas peças belas. Descobriu que partira dela própria a iniciativa, intermediada por uma atravessadora (mãe de Geraldo do Pote, atual comprador da produção dali). Ela tentou convencer as *loiceras* desfazer a negociação com a compradora e ela própria levaria a produção. Elas não aceitaram porque já tinham prazo acordado com a antiga cliente.

Com a negação da ideia estúpida da prefeita receberam desta mesma a encomenda de 100 peças. Todas as investidas da prefeita foram negadas pelas *loiceras*. Com sua maneira de agir com honestidade elas mantiveram os contatos com a cliente antiga e ainda garantiram uma nova demanda. A situação revelou ideias que existem entre muitos habitantes que não ocorrem somente por causa da necessidade de manter boas relações comerciais.

Na discussão das práticas econômicas do sertão no final do século XIX caririense Symanski indica o valor da palavra como aspecto qualitativo não-capitalista das relações sociais da população sertaneja (2008, p. 85). É interessante para a questão o discernimento da dependência à feira daqueles que vendem e consomem a

cerâmica utilitária, conforme explanado pelo autor (2008, p. 83-85). E aí é importante perceber que aquele é o lugar onde circulam não somente produtos que atraem esses indivíduos, mas também as ideias sobre o mundo material carregado dos valores culturais próprios do sertanejo, pujante na utilidade dos potes *arranhados*.

A relação que as oleiras e seus ajudantes têm com o ambiente em que vivem mostra sua forte resistência em manter ativo o processo produtivo. A expressão deles manifesta o desejo de permanecer com a produção da cerâmica mesmo diante das inúmeras dificuldades.

A maior recorrência dos potes *arranhados* situa-o em práticas destinadas à copa e cozinha. São as principais posições deles na mentalidade coletiva, como recurso para manter em estado adequado a água consumida no dia-a-dia. Adequado nos termos dos habitantes do Cariri e região limítrofe é a água que passou um tempo em descanso para ter o gosto apropriado e que está em baixa temperatura, condicionada pelas propriedades da cerâmica. Mas, ressalto, a última condição é largamente atribuída ao efeito arrefecedor do *arranhado*.

Muitas pessoas ressaltaram que a argila tem propriedades que purificam a água e ajudam a combater várias doenças. Alguns até acreditam que as *loiceras* são longevas devido ao contato diário com a argila. Assim, acreditam que além de proporcionar a limpeza, beber da água armazenada no pote aumenta as chances de viver bastante e com saúde.

Ainda é também frequente ouvir sobre o sabor da água em contato com a cerâmica. Por isso é comum encontrar indivíduos que cuidam muito de seu pote e o mantém na cozinha para guardar a água de um dia para outro e depois colocar em outro vasilhame na geladeira. Esta prática é notória na residência de todas *loiceras* de Passagem de Pedra e Baixa do Quaresma, como também no lar de muitos moradores destas localidades, exemplo de Dona Dita (Benedita Rosa da Conceição, 05.11.1957) vizinha da artesã Corrinha e Dona Terezinha Amaro dos Santos, (14.10.1958), parenta e vizinha das *loiceras* do núcleo de D. Angelina. D. Terezinha revelou que troca frequentemente o pote de sua cozinha, porque o gosto da água no vasilhame usado é ruim.

Agora o pote também é intermediário: a água passa por ele para dar sabor e para ser tratada. As propriedades gustativas e medicinais circulam no imaginário coletivo como maneira de manter as formas tradicionais de vida. Assim, mesmo com a redução das vendas, com o abandono dos materiais artesanais, com sua troca pela geladeira, o pote ainda persiste na cozinha, seja diretamente como agente arrefecedor, purificador ou como o tempero da água ao lado dos refrigeradores.

Nos espaços domésticos, associado ao uso para conservar água de beber, também é comum aproveitar a água para cozinhar, lavar as mãos e a louça. Na área externa da porção posterior à residência também se encontram esses vasilhames.

Amostras em museus e objeto de uso comum para beber água são outras formas em que os vasilhames *lisos* e *arranhados* aparecem no Cariri e fora dali. Em Juazeiro do Norte, no Casarão do Horto, conhecido como o Museu Vivo do Padre Cícero, localizado na Colina do Horto, existe uma sala apinhada de ex-votos, onde os visitantes, principalmente os romeiros, se servem de água em contentores d'água dispostos para tal prática. A maioria deles confeccionada pelas *loiceras* do núcleo de D. Angelina.

Dentre os nove vasilhames ali posicionados, dois são provenientes de fora de Passagem de Pedra, o maior, é um *purirão* com acabamento alisado com as pinturas externas que marcam seu pertencimento, e os outros seis são acabados com escovação. As ceramistas ressaltaram com alto apreço o recorrente uso de suas peças ao enfatizar que as fizeram para ajudar os milhares de pessoas nas diversas romarias que têm destino àquele lugar. Esse evento mostra a entrega das oleiras enquanto criadoras de objetos de elevada importância para uma prática diária da existência humana.

Na fase final de sua vida útil é comum o reaproveitamento em dois momentos. Primeiro quando ainda é possível utilizá-lo com água em seu conteúdo. Um dos casos é o reuso deles enquanto recurso para ter água na olaria destinada ao processo produtivo. É possível encontrá-lo também nos quintais, perto dos jiraus, para lavar louça e roupas. Outra opção é a reciclagem quando a integridade não permite mais armazenar água, no jardim para o cultivo de plantas ornamentais, com flores. O espaço da jardinagem pode estar situado na porção posterior da casa ou área frontal também.

Na outra opção da etapa final da biografia o pote já estaria em estado fragmentário. Suas parcelas são úteis no processo de queima. Em Brejo Santo os fragmentos cobrem a produção inserida no forno circular aberto. Sua função passa a ser a de um abafador que contribui na regularização da temperatura de queima.

Por fim, os restos do pote podem ser reduzidos a pequenas partículas. Triturá-lo, macerá-lo, fazê-lo retornar ao estado de pó é um recurso comum da etapa de manipulação da pasta na produção nos núcleos de D. Bastiana e D. Angelina.

Estas escolhas por manter os materiais cerâmicos ainda ativos mesmo quando sua forma original está descaracterizada mostra outra importância dos potes no cotidiano daquelas pessoas. A utilidade deles, exemplo da reciclagem quando estão totalmente fragmentados no processo de queima do forno aberto, é uma faceta extremamente atuante de tais artefatos enquanto agentes sociais animados por aqueles indivíduos que largamente recorrem a diferentes maneiras de aproveitá-los.

Com vistas à interação dos potes na região é possível recorrer ao pensamento de Ingold que avança em sentidos profundos da ação da materialidade e mostra que existem maneiras relativas às circunstâncias sociais dos objetos que os capacita a agir de forma intensa na vida das pessoas, por exemplo, através de noções para além do aspecto físico dos materiais (2011, p. 28-30). Seria o caso de considerar a presença dos vasilhames cerâmicos em diversas atuações no cotidiano cariense, para além de seu aproveitamento para armazenar água e bebê-la com o gosto adequado. A memória seria uma dessas situações, por exemplo, entre as ceramistas de Passagem de Pedra que recordam com saudosismo do período dos potes *lisos* e de quando ainda recebiam pedidos para confeccionar *purrrão*.

O descarte tem dimensões diferenciadas em cada localidade, mas sua disposição é relativa ao reaproveitamento. Não encontrei nos terreiros e áreas adjacentes aos imóveis onde residem as pessoas, cacos de potes dispersos na superfície ou amontoados em alguma posição. Nesses espaços ocorre frequente limpeza a ponto da superfície não estar, por exemplo, ocupada por folhas das árvores situadas próximas dali. Em Passagem de Pedra e Baixa do Quaresma, nas redondezas do forno, da olaria e das áreas de estocagem da argila é grande a quantidade de fragmentos da cerâmica ali produzida e/ou utilizada.

Moradores dos arredores de Passagem de Pedra ressaltaram os períodos de predomínio dos potes. Encontrei alguns desses antigos vasilhames que em sua jornada até a atualidade passaram por diversas formas de uso. Não lhes interessa o estado da integridade, mantiveram-nos em seus quintais. D. Dita, acima mencionada, mostrou um desses vasilhames feito antes dela nascer. Depois de fragmentado e já bastante usado o pote passou a servir no preparo da puba (massa de mandioca).

É evidente a inclusão dos potes como elementos vivos, em movimentos, dotados de agência. Isso abre caminhos para a percepção de seu comportamento na sociedade. Porém não se trata de avaliar a performance desses organismos no mundo, mas sim de como eles são manipulados, como servem aos indivíduos no cotidiano. É preciso admitir que os potes são elementos que se comunicam a partir de sua interação com os indivíduos desde quando são planejados, requisitados antes de sua existência através de encomendas, quistos a partir de seu reconhecimento enquanto produtos úteis numa esfera social em que já circula, dentre outras situações de sua real atuação no contexto social (KOPYTOFF, 2008, p. 89-94, 100-108, 117-121).

Outro exemplo de apego é o da vizinha, Aneida (Cícera Aneida Basílio Vasquez Landim, 24.06.1970) que decorou dois grandes potes que pertenceram a seu pai e que ela guarda com bastante carinho. O pai utilizava os grandes potes, tipo denominado *purrao*, mas de acabamento alisado para estocar a puba em um armazém com 100 m². Enfatiza que os *arranhados* é que se prestavam à ação de beber água; os *lisos* serviam para todo o tipo armazenamento, alimentos que não estavam em elaboração ou que ficariam mantidos ali por um longo tempo.

É o propalado efeito arrefecedor da água que faz com que o tipo de pote escovado tenha tanta procura? É importante ressaltar que as ceramistas de Passagem de Pedra e alguns comerciantes não acreditam no efeito que os consumidores relacionam para esse tratamento de superfície.

Por isso entendo que mesmo que as ceramistas tenham sentido as mudanças na redução de seus rendimentos, continuam mantendo a aplicação das ranhuras na produção dos potes porque esses vasilhames ainda são os seus produtos mais vendidos.

Essa situação vai de encontro com o ponto de vista de considerar a dependência dos objetos às pessoas, dos seres humanos às coisas (artefatos e elementos do meio ambiente), enfim a mútua dependência de ambos, mas com predomínio da atuação humana. Hodder, ao defender com veemência esta proposição, fornece meios para a interpretação de onde e como se situam pensamentos, tecnologias, planejamentos, produções e usos da cerâmica, que não são apenas elementos que se relacionam pela origem – por surgirem do planejamento das pessoas – mas pela dependência de um “... wider social context and many relationships between things are constructed by human purpose.” (2012, p. 03).

Tais referências podem ser observadas no cotidiano dos habitantes da região, que era marcado pela presença dos potes, panelas, tigelas, pratos, testos, quartinhas, e demais objetos feitos de argila, não somente em suas residências, mas também nas olarias, feiras e nas estradas carroçáveis por onde escoava a produção. A popularidade da cerâmica de produção local/regional hoje é bastante reduzida no quadro do comércio de utilidades. Os diversos motivos explanados, que têm ligação com o alcance da economia globalizada, são muito comuns em contextos parecidos pesquisados na África. Gosselain mostra que:

The last decades have been particularly significant, due to the massive introduction of plastic and metal containers, social and economic upheavals, the development of tourism and urban lifestyle, and the geographic extension of individual movements. In most places, ancient pottery functions such as cooking, handling, and serving have been abandoned, while new categories of products such as ornamental or commemorative vases and bibelots, flower pots, tiles, braziers or incense burners are booming. Water jars, however, continue to be massively produced as they provide the cheaper, or even the only way to keep cool water in rural areas. (2008a, p. 32).

Ainda há pouco tempo atrás às feiras livres dos municípios agregavam a negociação em alta escala dos utensílios cerâmicos. Esta presença tem sido paulatinamente reduzida e ocorre concomitante à desistência do exercício do ofício pelas ceramistas, que ainda conseguem manter sua atuação principalmente junto àqueles indivíduos que recorrem ao uso dos vasilhames para beber da boa água.

Esses objetos têm a possibilidade de permanecerem ativos com as táticas de reciclagem desenvolvidas no sertão nordestino. Os habitantes da zona rural de Salgueiro conhecem uma maneira de reaproveitar os potes que haviam perdido a escovação devido ao uso: passam cacos de telha pra arranhar novamente a

superfície desgastada dos vasilhames. Assim o pote voltaria a desempenhar o papel esperado.

A reflexão sobre as performances relativas ao saber fazer e usar os potes mostra que a importância desses objetos atinge seu grau máximo nos propalados significados. Os carienses quando adquirem um vasilhame com acabamento escovado, revelam suas ideias sobre a escolha de obter um produto que satisfaz seu gozo. No outro lado estão as ceramistas, obrigadas a produzir da maneira que o mercado de consumo exige. Esta atenção voltada ao adequado agenciamento dos indivíduos, de onde as narrativas são oriundas, permite desvelar os aspectos que substanciam e estabelecem os significados. A estratégia considera as possibilidades de agência dos objetos, atuantes na formação da mentalidade das pessoas.

Objeto central dos estudos da cultura material, a forma como a cultura material age no mundo é um aspecto fulcral e relevante para a tomada de conhecimentos diante das percepções dos indivíduos (HODDER, 2012, p. 30). Utilizei esta via como uma assertiva ao admitir a representação dos potes tanto na prática quanto nos aspectos ideacionais. Por isso a interpretação passou por reflexão das maneiras de se referir e agir das pessoas, de forma constitutiva, relativa também aos objetos.

Figuras 20 a 59. Detalhes das dimensões dos potes e situações de seu uso.











6. OS POTES SÃO ARRANHADOS, MAS TAMBÉM AINDA SÃO LISOS!

Com a perspectiva etnoarqueológica sobre a decisão das ceramistas de inserir o *arranhado* documentei de forma adequada o contexto social para interpretá-lo através dos aspectos teóricos seguidos. A arqueologia pós-processual contribuiu para o alargamento de minha visão sobre os significados da tecnologia e uso, além de possibilitar minha inserção decisiva enquanto agente produtor do estudo. Com posse dos meios pelos quais os sujeitos sociais percebem os potes cerâmicos refleti sobre aspectos particulares da história de vida desses objetos com as pessoas.

Considero que a experiência com o objeto de estudo mediante meu envolvimento em eventos rotineiros das comunidades estudadas me permitiu compreender o planejamento das ações de confecção e o uso de parcela essencial da cerâmica de produção local/regional no sul do Ceará datadas das últimas três décadas.

Deriva da vivência que tive no Cariri cearense reconhecer que a relação das pessoas com os potes se dá nos espaços domésticos, mas também nos locais de venda dos municípios próximos aos núcleos produtores, sejam as feiras ou lojas que realizam o comércio de utilidades. O pote no semiárido é um utensílio comum do cotidiano rural, porém raro nos centros urbanos. Aqueles produzidos em Passagem de Pedra têm grande notoriedade tal é sua presença em lugares diversos e na memória dos indivíduos, como por exemplo, entre os romeiros que bebem da água armazenada nos vasilhames *lisos* e decorados com pintura existentes no Memorial do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte.

Nesses espaços, seja no ambiente doméstico, nas feiras ou distintas áreas que marcam sua reciclagem, se dera a interação dos potes com as pessoas. Situam-se aí as perspectivas mnemônicas que no conjunto das performances de produção, uso, descarte e reinvenção de utilidades daqueles objetos destacam a persistência e/ou mudança inerentes à tecnologia e práticas recorrentes de seu aproveitamento, principalmente relativo ao consumo do elemento essencial à existência humana.

Esses aspectos apreendidos no contexto social mostram a notoriedade dos atributos dos potes *lisos* e *arranhados* enquanto manifestações do agenciamento tanto dos indivíduos quanto da própria existência de tais peças. Sua animação, ao pensar também nos potes *lisos* mesmo diante da atual raridade de sua produção, é dependente da atuação dos sujeitos sociais que negociam no cotidiano a

manutenção ou renovação dos princípios práticos com os quais lidam ou lidaram em sua formação social.

Da localização desses objetos surgiram os questionamentos da maneira em que desenvolveria a interpretação dos dados, emaranhados com ações cotidianas e motivos ideacionais. Apesar das características gerais que aproximam os potes, vi diversas diferenças peculiares ao processo produtivo de outros lugares da região do Cariri cearense (Jamacaru em Missão Velha, Brejo Santo e Mauriti) e de Pernambuco (Santa Rita, no Município de Ouricuri), desde o lugar destinado ao trabalho, passando pelo suporte para o posicionamento da pré-forma, a gesticulação feita para levantar às paredes das peças, o uso de alguns instrumentos e a destinação da confecção para certos recipientes. O interessante é que o acabamento dos potes *lisos* e *arranhados* culmina em semelhanças: forma final, aspecto visual e sensação tátil.

A abrangência da economia mundial afeta a produção da cerâmica utilitária caririense. A pesada redução das vendas nos últimos oito anos é efeito da concorrência desse tipo de cerâmica com polímeros e metais, materiais leves e às vezes de maior durabilidade que aqueles feitos de argila, que por isso também logo tiveram alta aceitação no mercado de consumo. Este motivo é relacionado à implantação da energia elétrica no meio rural, que contribuíra para a demasiada presença recente de geladeiras, freezers, etc., eletrodomésticos que atuam enquanto arrefecedores, na casa dos seus habitantes.

É importante observar que no contexto estudado muitos dos indivíduos assumem o gozo do ambiente em que vivem pelas peculiaridades de sua comunidade: a religião professada, o prazer de se reunir com seus familiares, a satisfação de estar no grupo que transforma materiais brutos em itens úteis ao seu cotidiano e que usa esses utensílios. Porém às escolhas culturais são decisivas para a recorrência desses objetos. Quando fazem uso dos recursos de produção em série, de invenções industrializadas mais recentes, usam-nos não somente pelo aspecto sofisticado deles, ou por considerá-los melhores do que seus instrumentos diários, mas também pela pressão do mercado que despeja na região cada vez mais itens cuja utilidade nem sempre é comum aos habitantes rurais, mas assumem espaço no cotidiano. Assim, os artefatos há muito tempo recorrentes no dia-a-dia passam ao status da obsolescência e então são substituídos por aqueles com formas, pesos,

volumes, cores, aparências outras que atraem os frequentes novos consumidores. E a diminuição da procura por potes *arranhados* é evento que motivou poucas delas a diversificar a produção.

Esses fatores que mostram a mudança cultural da região são fortemente percebidos pelas ceramistas como algo que culminará com a extinção de suas atividades. Mas diante da continuidade da produção e uso posso afirmar com veemência que persiste junto à grande soma de materiais novos despejados pelo mercado globalizante no Cariri os potes *arranhados* e seus significados pujantes.

Lá quando dei o mergulho teórico disse que para iniciar a compreensão do processo tecnológico e das práticas do dia-a-dia, relativas aos recipientes cerâmicos, teria que partir da ação social inerente à elaboração e uso da cerâmica. Os responsáveis pelo contexto são os agentes sociais, habitantes caririenses e potes *lisos* e *arranhados*, que dão sentido às noções diárias relativas ao aproveitamento dos recursos naturais da região em que vivem. A ausência física cada vez maior de um tipo deles leva a constatação de sua utilidade nos raros lares onde é encontrado, seja na cozinha, na área destinada à limpeza da louça ou em condições de reuso. Ficará presente também nas lembranças, principalmente das pessoas que o produzia cotidianamente. Assim o pote *liso* não morreu!

Explorei os significados das peças cerâmicas através de concepções analíticas discursivas, entendidas assim por sua dinâmica participação em modificações na sociedade em que está corporificada, com vistas a perceber que ela está mesmo embrenhada nas relações sociais motivadas, derivadas, surgidas de sua natureza. Para tanto adotei uma proposição central da arqueologia pós-processual ao considerar, conforme aponta Shanks, a pujança da cultura material enquanto elemento que “actively communicate and help build society into what it is” (1998, p. 16).

Esta perspectiva me favoreceu para correlacionar o exame aprofundado dos vasilhames estudados (através das propriedades físicas e do efeito arrefecedor da água) com as maneiras de pensar e agir das pessoas sob uma visão das possibilidades de estudar as manifestações culturais materiais através dos sentidos concretos difundidos numa região. Assim, considero que o corpo teórico escolhido favoreceu o alcance dos sentidos e o caminho de interpretação.

Decorre das possibilidades oferecidas pela teoria a afirmação de que as crenças dos habitantes do Cariri cearense levaram a práticas de consumo consolidadas na região. As peculiaridades ideacionais dos consumidores, ao mesmo tempo em que, influenciaram as mudanças específicas no modo de acabamento dos potes feitos na localidade de Passagem de Pedra, consolidaram um padrão tecnológico à cerâmica utilitária produzida nos diversos núcleos pesquisados.

As ideias que apreendi e que circularam o objeto de estudo foram construídas com base em minha trajetória nos sertões cearense, pernambucano e piauiense. Compreendo que a subjetividade é parte do processo de confecção desta dissertação. Esta expressividade subjacente ao fazer arqueologia é bastante difundida por proposições pós-processualistas, conforme no trecho acentuado por Reis da enfática opinião de Shanks e Mackenzie que entendem “[...] a Arqueologia como uma prática social do presente, carregada de subjetividade, uma dialética entre um ‘eu arqueológico’ e o outro objeto. Arqueologia encarada como um ‘... modo de produção cultural do passado material’...” (SHANKS; MACKENZIE, 1994, p. 28 apud REIS, 2010, p. 29).

As constatações até aqui discriminadas mostram que é relativo aos pressupostos teórico-metodológicos que adotei a abrangência da reflexão aqui finalizada. Refiro-me principalmente a pensar uma arqueologia que aceita que as pessoas em todos os lugares e períodos da história se relacionam uma com as outras e com o mundo material criado pela sociedade de modo dependente. Esta dependência é relacionada tanto aos elementos da natureza quanto dos próprios indivíduos e da cultura material.

Com relação à influência dessa ideia no passado recente caririense posso afirmar que os pensamentos voltados aos potes *lisos* e *arranhados* são carregados de significados estabelecidos nas relações cotidianas dos sertanejos, dentro de suas condições concretas de vida. Observei isto nas escolhas em manter hábitos apreendidos no dia-a-dia, mesmo ao receber a influência da economia mundial que contribui ao dar acesso a objetos distintos daqueles tradicionalmente fabricados ali. A resistência daquelas pessoas implica na manutenção dos saberes e fazeres artesanais, também provenientes de uma área de abrangência maior que o Cariri.

Com os exames de medição da temperatura da água realizados notei que a relação de desempenho arrefecedor do atributo escovado é insignificante e que pode ter

relação com o volume do vasilhame. É assunto interessante para algumas pessoas, mas nunca analisado. Vai de encontro com a característica contrastante mais destacada das narrativas, a descrença das ceramistas de Passagem de Pedra relativa ao efeito do atributo escovado, pois é muito forte na região estudada a ideia do tratamento de superfície atuante para esfriar água naqueles potes *arranhados*.

Para entender bem o contexto social não interessa ter a certeza de que a capacidade de arrefecimento dos potes é semelhante ou diferente, ou por consequência qual dos dois tipos esfria a água de forma mais rápida, ou a preserva em baixa temperatura por mais tempo. Diante da motivação das *loiceras*, mesmo para aquelas que não acreditam em um atributo tecnológico age enquanto regulador da temperatura seria impossível mudar os desígnios do mercado de consumo. Assim, como resultado tem-se a ideia de que a aplicação de ranhuras na superfície externa dos potes cerâmicos é realizada para obter no uso diário o arrefecimento da temperatura da água armazenada, avaliação que leva em conta a credibilidade da escovação nos núcleos produtores de cerâmica e nas negociações cotidianas entre consumidores e comerciantes.

É importante considerar que as ceramistas de Passagem de Pedra não atenderam ao pedido dos consumidores simplesmente por consideração aos seus clientes (consumidores e vendedores), apesar disso ter forte influência, pelo valor da palavra, da solidariedade intrínseca ao modo de vida do sertão nordestino. Até praticariam a inserção das ranhuras para atender aos pedidos por compaixão com seus conterrâneos. Mas acima de tudo é a possibilidade de manter ativa sua produção o que moveu a mudança tecnológica que elas promoveram com tal aplicação nos seus potes *lisos*.

De acordo com a literatura arqueológica especializada na cerâmica, mudanças tecnológicas podem estar também associadas à inovação e padronização estilística e tecnológica (DIETLER; HERBICH, 1989, p. 156-161). Ao observar o caso da inserção do escovado motivado pela pressão do mercado de consumo, o atributo poderia ser considerado como uma inovação tecnológica inscrita em demandas situadas na mentalidade coletiva que abrange tanto o Cariri quanto regiões adjacentes. Nesse sentido não importa se o propalado efeito arrefecedor é perceptível ou não no consumo frequente da água armazenada, nem tampouco me interessa aos habitantes locais o resultado das análises laboratoriais que alcancei.

De forma abrangente em todo o Cariri cearense e área limítrofe, o atributo escovado é reconhecido por parcela dos consumidores como intrínseco à tecnologia oleira, mas também surgira em muitos relatos, principalmente em Passagem de Pedra, como algo recente trazido de fora para a região.

A inexistência de potes escovados nos contextos pesquisados do agreste pernambucano precisa de maior aprofundamento. Uma hipótese apontaria a caracterização espacial, com a demarcação do sertão para dentro para a fabricação e uso de vasilhames cerâmicos com escovação. Isso ajuda a pensar que o desempenho das *loiceras* do Cariri cearense é relativo a atender demandas diárias de um contingente que elas reconhecem no vasto território de abrangência dos objetos fabricados. E trata-se de exemplo notório dos marcantes efeitos de práticas tradicionais de vida mediadas pela oralidade.

Os aspectos envolvidos na discussão permitem observar um mercado de consumo de abrangência espacial superior àquele do Município de Missão Velha. Assim, é a possibilidade de ter visitado os municípios vizinhos de Aurora, Barbalha, Brejo Santo, Jati, Mauriti, Milagres e, principalmente, em Juazeiro do Norte, que garantiu a percepção da amplitude espacial dos significados. Mas alguns lugares da região próxima ao Cariri cearense nos Estados do Pernambuco e Piauí também foram imprescindíveis para reconhecer o contexto maior de alcance dos sentidos.

A percepção alargada no espaço, com abrangência de regiões adjacentes somente foi possível de ser obtida com a vivência que tive no sertão nordestino. É como apontam Miller e Slater (2004, p. 44), sobre os níveis de tempo definidores da pesquisa etnográfica, "através de um período estendido de tempo e participação, os objetos e sujeitos de pesquisa podem ser vistos no âmbito de molduras ou contextos mais amplos". Ora se a teoria me leva a observar os alcances dos significados atribuídos aos potes, então posso afirmar, por experiência empírica também, que eles são as mesmas "geladeiras", agentes arrefecedores de água, no sentido de propiciar o gozo por uma água em temperatura agradável para o consumo. Assim estão relacionadas no sertão central pernambucano as formas de uso daqueles recipientes, que diante da insuficiência de ceramistas ou potes *arranhados* adequados ao recorrente uso, tem seu mercado de consumo abastecido também pela produção do Cariri cearense.

Existe nesta circunstância a disseminação de conhecimentos provenientes de fora, intrínsecos à caracterização da região. Considero que as maneiras de entender as particularidades locais também apontam para mudanças sociais relacionadas ao enquadramento de uma região às noções ditadas pela cultura de massa (para uma reflexão sobre o impacto da manipulação cultural da região Nordeste pela mídia ver ALVES, 2011). Ou seja, o fato de recorrer aos potes *arranhados* como um recurso para esfriar água perde o sentido em uma região de menores temperaturas e de domínio de outras influências culturais que não aquelas do mundo sertanejo adentrando o oeste. A geração e permanência dos sentidos do *arranhado* são peculiares àqueles sertões.

A relação que existe entre ceramistas, comerciantes e consumidores, por um lado, e potes *arranhados*, por outro, é o que define o contexto social evidenciado aqui. Pareceria óbvio dizer que Bastiana, Angelina, Brasilina, Maria, Desterro, Quêza, Corrinha, Tetê, Déta, Conceição, Bia, e tantas outras *loiceras* que ainda produzem ou abandonaram o ofício são e foram artesãs pelas peças que confeccionam ou fabricavam. Mas é exatamente a existência das suas peças ainda em elaboração ou situadas na memória que lhes dá substância, nos lares dos sertões que recebem sua produção e no mercado consumidor. E enfim, são as memórias sobre os potes *lisos* e a elaboração e uso dos vasilhames para armazenar água com o atributo *arranhado* que conferem a permanência dos seus significados no cotidiano dos sertões do Cariri e área adjacente.

Diante da mobilidade das oleiras e de suas ligações econômicas é perceptível que as influências culturais que atuam em seu ambiente têm fatores oriundos de uma região que abrange outros sertões nordestinos. Os significados locais mostram que mudanças e permanências atuam lado a lado, parte deles agora ativos no contexto vivo, nas práticas cotidianas, e outra parte presente nas memórias, na mentalidade coletiva, mas não esquecida e sim rememorada muitas vezes com pesar da distância dos bons tempos, da melhor maneira de agir durante a produção dos potes *lisos* com os motivos que ressaltam a identidade local.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, C. Padrões de decoração em vasilhames cerâmicos no Rio de Janeiro, século XX. In: **Revista de Arqueologia**. Sociedade de Arqueologia Brasileira, n. 11, p. 15-23, 1998.

AGOSTINI, C. Painéis e Paineleiras de São Sebastião: um núcleo produtor e a dinâmica social e simbólica de sua produção nos séculos XIX e XX. In: **Vestígios – Revista Latino Americana de Arqueologia Histórica**, v. 4, n. 2, Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, p. 127-144, 2010.

ALBERTI, V. A vocação totalizante da história oral e o exemplo da formação do acervo de entrevistas do CPDOC. In: INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE, 10, 1998, Rio de Janeiro. **Oral History Challenges for the 21st Century: proceedings [of the] International Oral History Conference**, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV/FIOCRUZ, v. 1, 1998, p. 509-515.

_____. Indivíduo e biografia na história oral. In: III Encontro Clio-Psyché: Historiografia, Psicologia e Subjetividades – Paradigmas, 2000, Rio de Janeiro. **Mesa-Redonda O Documento em História da Psicologia: o oral e o textual**. Rio de Janeiro, Núcleo Clio-Psyché do Departamento de Psicologia Social e Institucional/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, setembro de 2000.

_____. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In: _____. **Ouvir Contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 13 - 31.

ALBUQUERQUE JR. D. de M. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, E. P. M. **A Economia Simbólica da Cultura Popular Sertanejo-Nordestina**. Maceió: EDUFAL, 2011.

AMARAL, D. M. **Loiça de Barro do Agreste: um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ANDRADE, M. C. de. **A Terra e o Homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **O Nordeste e a Questão Regional**. São Paulo: Ática, 1988.

APPADURAI, A. **A Vida Social das Coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

ARAÚJO, I. M. de. **Os Novos Espaços Produtivos**: relações sociais e vida econômica no cariri cearense. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

ARAÚJO, P. A. G. de. **A Cidade de Frei Carlos**. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1971.

_____. **Povoamento do Cariri**. Crato: Faculdade de Filosofia, 1973.

ARNOLD, D. E. **Ceramic Theory and Cultural Process**. Cambridge: Cambridge University, 1985.

_____. Does paste standardization mean specialization? In: **Journal of Archaeology Method and Theory**, v. 7, n. 4, KA/PP, p. 333-375, dec. 2000.

_____. Ethnoarchaeology and investigations of ceramic production and exchange: can we go beyond cautionary tales? In: SHEPARD, A. O.; BISHOP, R. L.; LANGE, F. W. **The Ceramic Legacy**. Niwot, Colo: University of Colorado, p. 321-345, 1991.

_____. Maya pottery after 20 years: archaeological implications. In: RICE, P; SCHIRER, J. R. (Ed.). **Maya Ceramics**: papers from the 1985, Maya Ceramic Conference. BAR, International Series, p. 545-561, 1987.

ARONSON, M. A.; FOURNIER, P. Models for technological innovation: an Ethnoarchaeological Project Pino Suarez, Mexico. In: **Ceramic and Civilization VI**, Symposium; 93rd Annual meeting, The social and cultural contexts of new ceramic technologies. USA: American Ceramic Society, p. 33-74, 1993.

ASSIS, V. S. de; GALERT, I. Subsídios históricos e etnográficos para uma etnoarqueologia Mbyá-Guarani. In: **Revista de História Regional**, v.1, n. 7, p. 207-213, verão 2002.

BARROS, L. O. C. **Juazeiro do Padre Cícero**: A terra da mãe de Deus. 2 ed. Fortaleza: Editora Imeph, 2008.

BATISTA, Y. D. C.; MAXIMO, B. P.; SOUZA, F. L. M. Interesses e necessidades na instituição de territórios: um estudo sobre a Região Metropolitana do Cariri. In: **II Colóquio Sociedade, Políticas Públicas, Cultura e Desenvolvimento** - CEURCA, Universidade Regional do Cariri, Crato, 05 a 09.11.2012.

BEAUDRY, M. C.; COOK, L. J.; MROZOWSKI, S. A. Artefatos e vozes ativas: cultura material como discurso social. In: **Vestígios** – Revista Latino Americana de Arqueologia Histórica, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 71-113, jul.-dez. 2007.

BECK, W.; SOMERVILLE, M. Conversations between disciplines: historical archaeology and oral history at Yarrowarra. In: **World Archaeology**, v. 37, n. 3, Historical Archaeology, Taylor & Francis Ltd., p. 468-483, sep. 2005.

BEZERRA, A. **Algumas Origens do Ceará**. Fortaleza: Lyp. Minerva de Assis Bezerra, 1918.

BINFORD, L. R. Archaeology as anthropology. In: **American Antiquity**, Society for American Archaeology, v. 28, n. 2, p. 217-225, oct. 1962.

_____. Translating the archaeological record. In: BINFORD, L. R. **In Pursuit Of The Past**: decoding the archaeological record. Los Angeles: University of California, 1983, p. 9-30.

_____. Smudge pits and hide smoking: the use of analogy in archaeological reasoning. **American Antiquity**, v. 32, n. 1, p. 1-12, 1967.

BOSI, E. A pesquisa em memória social. In: **Psicologia USP**, São Paulo, n. 4, v. 12, p. 277-284, 1993.

_____. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.

BOWSER, B. J.; PATTON, J. Q. Learning and transmission of pottery style: women's life histories and communities of practice in the ecuatorian amazon. In: STARK, M. T.; BOWSER, B. J.; HORNE, L. (Ed.). **Cultural Transmission and Material Culture: breaking down boundaries**. Tucson: University of Arizona, 2008, p. 105-129.

BRANCANTE, E. F. **O Brasil e a Cerâmica Antiga**. São Paulo: Cia. Lithographica Ypiranga, 1981.

BRAUN, D. P. Why decorate a pot? Midwestern household pottery, 200 B.C. - A.D. 600. In: **Journal of Anthropological Archaeology**, 10, p. 360-397, 1991.

BRÍGIDO, J. **Apontamentos para a história do Cariri**. Edição reproduzida do Diário de Pernambuco de 1861 – fac-similar. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

BUCHLI, V. Material Culture: current problems. In: MESKELL, L.; PREUCCELL, R. W (Ed.). **A Companion to Social Archaeology**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2007, p. 179-194.

_____.; LUCAS, G. The absent present: archaeologies of the contemporary past. In: _____.; LUCAS, G. **Archaeologies of the Contemporary Past**. USA/CANADA: Routledge, 2001, p. 3-18.

CALDAS, A. L. **Oralidade Texto e História: para ler a história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CALDAS, A. L.; CALDAS, F. L. Outra história oral. **Revista Zona de Impacto**, v.1, Ano 5, 2003. Disponível em: <<http://www.albertolinscaldas.unir.br/historal.html>>. Acesso em 05 mai. 2014.

CARVALHO, G. de; GUIMARÃES D.; BARREIRA, G. **Ceará Feito a Mão**. Fortaleza: Terra da Luz, 2000.

CHMYZ, I. Terminologia brasileira para a cerâmica. In: **Cadernos de Arqueologia**, Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, UFPR, ano 1, n. 1, p. 119-148, 1976.

COSTIN, C. L. The Use of Ethnoarchaeology for the Archaeological Study of Ceramic Production. In: **Journal of Archaeology Method and Theory**, v. 7, n. 4, KA/PP, dec. 2000, p. 377-403.

ÇENGEL, Y. A. **Transferência de Calor e Massa**: uma abordagem prática. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

DALGLISH, L. **Noivas da Seca**: cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha. São Paulo: UNESP, 2006.

DAVID, N; GAVUA, K.; STERNER, J. Why pots are decorated? In: **Current Anthropology**, v. 29, n. 3, p. 365-389, jun. 1988.

DAVID, N.; KRAMER, C. **Ethnoarchaeology in Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. Teorizando a etnologia e a analogia. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 13-60, dec. 2002.

DE CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**: 1. artes de fazer. 9 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

DEGOY, L. Technical traditions and cultural identity. In: STARK, M. T.; BOWSER, B. J.; HORNE, L. (Ed.). **Cultural Transmission and Material Culture**: Breaking down Boundaries. Tucson: University of Arizona, 2008, p. 199-222.

DIETLER, M.; HERBICH, I. Ceramic and ethnic identity: ethnoarchaeological observations on the distribution of pottery stiles and the relationship between the social contexts of production and consumption. In: **Terre Cuite et Société**: la céramique, document technique, économique, culturel. XV^e Reencontres Internationales d'Archaeologie et d'Historie d'Antibes. Éditions APDCA, Juan-les-Pins, p. 459-472, 1994.

_____. *Habitus*, techniques, style: an integrated approach to the social understanding of material culture and boundaries. In: STARK, M. (Ed.). **The Archaeology of Social Boundaries**. Washington: Smithsonian Institution, 1998, p. 232-263.

_____. Tich Matek: the technology of Luo pottery production and the definition of ceramic style. In: **World Archaeology**, v. 21, n. 1, Ceramic Technology, UK, Routledge/Taylor & Francis Ltd. , p. 148-164, jun. 1989.

DOBRES, M-A.; ROBB, J. E. "Doing" agency: introductory remarks on methodology. In: **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 12, n. 3, p. 159-166, sep. 2005.

ETCHEVARNE, C. Sobrevivência de técnicas ceramistas tradicionais no Recôncavo Baiano: um registro etnográfico. In: **Habitus**, IGHP, Goiânia, v. 1, p. 49-74, 2003.

FACÓ, R. **Cangaceiros e Fanáticos**: gênese e lutas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FAGUNDES, M. O conceito de estilo e sua aplicação em pesquisas arqueológicas. In: **Canindé** - Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, n. 4, Canindé de São Francisco, MAX, p. 117-146, dez. 2004.

FERREIRA, M. de M. História oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, M. de M., et. al. (Coord.). **Entre-vistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 1-13.

FERREIRA NETO, C. **A Tragédia dos Mil Dias**: a seca de 1877-79 no Ceará. Fortaleza: Premius, 2006.

FIGUEIREDO FILHO, J. **História do Cariri**. V. 3, cap. 13. Crato: Faculdade de Filosofia, 1966, p. 105-133.

FUNARI, P. P. A.; JONES, S.; HALL, M. Introduction: archaeology in history. In: FUNARI, P. P. A.; HALL, M.; JONES, S. (Ed.). **Historical Archaeology**: back from the edge. London; New York: Routledge, 1999, p. 1-20.

FUNARI, P. P. A.; ZARANKIN, A.; STOVEL, E. Global archaeological theory: Introduction. In: FUNARI, P. P. A.; ZARANKIN, A.; STOVEL, E. (Ed.). **Global Archaeological Theory**: contextual voices and contemporary thoughts. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2005, p. 1-11.

GARCIA, C. **O Que é Nordeste Brasileiro**. 5 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

GELL, A. **Art and Agency**: an anthropological theory. Oxford: Clarendon Press, 1998.

GIDDENS, A. Estruturalismo, pós-estruturalismo e a produção da cultura. In: GIDDENS, A; TURNER, J. **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 281-319.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIRÃO, R. **A Abolição no Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984a.

_____. **Evolução Histórica Cearense**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1985.

_____. **Pequena História do Ceará**. Coleção Estudos Cearenses, v. 1. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1984b.

GÓMEZ CASTANEDO, A. Etnoarqueología: estudiar El presente para conocer El pasado. In: **Nivel Cero**, Revista de Arqueología, n. 6-7, Santander, 1999, p. 143-148.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. De la etnoarqueología a la arqueología del presente. In: SALAZAR, J., et. al. (Coord.). **Mundos Tribales**: uma visão etarqueológica. España: Museu de Prehistòria de València, 05 de noviembre de 2008 al 22 de marzo de 2009, p. 16-27.

_____. **La Experiencia del Otro**: una introducción a la etnoarqueología. Madrid, Akal, 2003.

_____. The past is tomorrow: towards an archaeology of the vanishing present. In: **Norwegian Archaeological Review**, v. 39, n. 2, Routledge, 2006, p. 110-125.

_____. Time to destroy: an archaeology of supermodernity. In: **Current Anthropology**, v. 49, n. 2, Chicago: The Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, p. 247-279, 2008.

GOSDEN, C. Ethnoarchaeology. In: RENFREW, C.; BHAN, P. **Archaeology**: the key concepts. Londres/Nova York: Routledge, 2005a, p. 71-76.

_____. What Do Objects Want? In: **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 12, n. 3, sep. 2005b.

GOSDEN, C.; MARSHALL, Y. The cultural biography of objects. **World Archaeology**, v. 31, n. 2, oct. 1999, p. 169-178.

GOSSELAIN, O. P. Ceramics in Africa. In: SELIN, H. In: **Encyclopaedia of the History of Science, Technology, and Medicine in Non-Western Cultures**. V. 1, A-K, New York: Springer, 2008a, p. 32-44.

_____. Fine if I Do, Fine if I Don't. Dynamics of Technical Knowledge in Sub-Saharan Africa. In: ROBERTS, B. W.; LINDEN, M. V. **Investigating Archaeological Cultures: material culture, variability, and transmission**. New York: Springer, 2011a.

_____. In pots we trust. The processing of clay and symbols in sub-Saharan Africa. In: **Journal of Material Culture**, v. 4, n. 2, London: Sage Publications, p. 205-230, 1999.

_____. Materializing identities: an African perspective. In: **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 7, n. 3, KA/PP, p. 187-217, sep. 2000.

_____. Pourquoi le décorer? Quelques observations sur le décor céramique em Afrique. In: **Azania: Archaeological Research in Africa**, 46: 1, London/New York: Routledge, 2011b, p. 3-19.

_____. Social and technical identity in a clay cristal ball. In: STARK, M. (Ed.). **The Archaeology of Social Boundaries**. Washington: Smithsonian Institution, 1998, p. 78-106.

_____. Technology and style: potters and pottery among Bafia of Cameron. In: **Man**, New Series, v. 27, n. 3, p. 559-586, sep. 1992.

_____. Thoughts and adjustments in the potter's backyard. In: In: BERG, I. (Ed.). **Breaking the Mould: Challenging the Past through Pottery**. Prehistoric Ceramics

Research Group, Occasional Paper 6, BAR International Series 1861, Oxford: Archaeopress, 2008b, p. 67-79.

GOSSELAIN, O.P.; LIVINGSTONE SMITH, A. The Ceramic and Society Project: an ethnographic and experimental approach to technological choices. In: LINDHAL, A.; STILBORG, O. **The Aim of the Laboratory Analyses of Ceramics in Archaeology**. Stockholm: KVHAA Konferenser 34, 1995, p. 147-160.

_____. The source: clay selection and processing practices in Sub-Saharan Africa. In: LIVINGSTONE SMITH, A.; BOSQUET, D.; MARTINEAU, R. (Eds.). **Pottery Manufacturing Processes: reconstruction and interpretation**. BAR Int. Series 1349. Oxford: Archaeopress, 2005, p. 33-47.

GRAVES, M. W. Pottery production and distribution among the Kalinga: a study of household and regional organization and differentiation. In: LONGRACE, W. A. **Ceramic Ethnoarchaeology**. Tucson: The University of Arizona Press, 1991.

GUIA GEOGRÁFICO CEARÁ. Disponível em: <<http://www.ceara-turismo.com/imagens/mapa-ceara.jpg>>. Acesso em: 12 mai. 2014.

GUTWIRTH, J. A etnologia, ciência ou literatura? In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 7, n. 16, p. 223-239, dez. 2001.

HEGMON, M. Advances in ceramic ethnoarchaeology. In: **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 7, n. 3, KA/PP, p. 129-137, sep. 2000.

_____. Archaeological research on style. In: **Annual Review of Anthropology**, v. 21, p. 517-536, 1992.

HERBICH, I.; DIETLER, M. Aspects of the ceramic system of the Luo of Kenya. In: LÜDTKE, H.; VOSSEN, R. (Ed.). **Töpferei – und keramikforschung 2**. Habelt – Bonn, 1991, p. 105-135.

_____. The long arm of the mother-in-law. In: STARK, M. T.; BOWSER, B. J.; HORNE, L. (Ed.). **Cultural Transmission and Material Culture**: breaking down boundaries. Tucson: University of Arizona, 2008, p. 223-244.

HERNANDO GONZALO, A. **La Etnoarqueología, Hoy**: una vía eficaz de aproximación al pasado. In: *Trabajos de Prehistoria*, v. 52, n. 2, 1995, p. 15-30.

HICKS, D. The material-cultural turn: event and effect. In: HICKS, D.; BEAUDRY, M. C. (Ed.). **The Oxford Handbook of Material Culture Studies**. Oxford: OUP, 2010, p. 25- 98.

HICKS, D.; BEAUDRY, M. C. Introduction: the place of historical archaeological. In: HICKS, D.; BEAUDRY, M. C. (Ed.). **The Cambridge Companion to Historical Archaeological**. Cambridge: Cambridge University, 2006, p. 1-9.

HILDEBRAND, J. A.; HAGSTRUM, M. B. New approaches to ceramic use and discard: cooking pottery from Peruvian Andes in ethnoarchaeological perspective. In: **Latin American Antiquity**, v. 10, n. 1, p. 25-46, mar. 1999.

HODDER, I. **Entangled**: an archaeology of the relations between humans and things. UK: Wiley-Blackwell, 2012.

_____. Epilogue. In: BUCHLI, V.; LUCAS, G. **Archaeologies of the Contemporary Past**. USA/CANADA: Routledge, 2001, p. 189-191.

_____. **Symbols in Action**: ethnoarchaeological studies in material culture. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

_____. Theoretical archaeology: a reactionary view. In: _____ (ed.). **Symbolic and Structural Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 1-16.

_____. The interpretations of documents and material culture. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). **Handbook of Qualitative Research**. California: Sage Publications, 1994, p. 393-402.

_____. The “social” in archaeological theory: an historical and contemporary perspective. In: MESKELL, L.; PREUCEL, R. W. (Ed.). **A Companion to Social Archaeology**. Oxford, UK: Blackwell Publishing Ltd, 2007, p. 23-42.

HODDER, I.; HUTSON, S. **Reading The Past**: current approaches to interpretation in archaeology. Cambridge: Cambridge University, 2003.

IBGE. Mapas Escolares Estaduais Físicos. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/mapas_tematicos/mapas_escolares/ensino_medio/mapas_estaduais/pdf/ceara.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2014.

INGOLD, T. **Being Alive**: Essays on movement, knowledge and description. London/New York: Routledge, 2011.

_____. Da transmissão de representações à educação da atenção. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

_____. **The Perception of the Environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. London/New York: Routledge, 2002.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

_____. When ANT meets SPIDER: social theory for arthropods. In: KNAPPETT, C; MALAFOURIS, L. **Material Agency**: towards a non-anthropocentric approach. New York: Springer, 2008.

IPECE. Ceará em Mapas. Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/lista/>>. Acesso em: 08 set. 2014.

JOHNSON, M. Conceptions of agency in archaeological interpretation. In: **Journal of Anthropological Archaeology**, v. 8, 1989, 189-211.

_____. **Teoría Arqueológica:** una introducción. Barcelona: Ariel, S.A., 2000.

JONES, S. Categorias históricas e práxis da identidade: a interpretação da etnicidade na arqueologia histórica. In: FUNARI, P. P. de A.; ORSER JR., C; SCHIAVETTO, S. N. de O. (Org.) **Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea.** São Paulo: Annablume; FAPESP, 2005, p. 27-43.

_____. Discourses of identity in the interpretation of the past. In: INSOLL, T. (Ed.). **The Archaeology of Identities:** a reader. London and New York: Routledge; Taylor and Francis Group, 2007, p. 44-58.

JOUTARD, P. Desafios  história oral do século XXI. In: FERREIRA, M. de M.. FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.) **História Oral:** desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 31-45.

KOPYTOFF, I. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, A. **A Vida Social das Coisas:** as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008, p. 89-121.

LABURTHE-TOLRA, P.; WARNIER, J. P. **Etnologia - Antropologia.** Petroplis: Vozes, 2010.

LANE, P. Present to past: ethnoarchaeology. In: TILLEY, C.; et al. (Ed.). **The Handbook of Material Culture.** Los Angeles: Sage, 2006, p. 402-424.

LEMONNIER, P. The study of material culture today: toward an anthropology of technical systems. In: **Journal of Anthropological Archaeology**, n. 5, p. 147–186, 1986.

LEROI-GOURHAN, A. **O Gesto e a Palavra: 2 – memória e ritmos**. Lisboa: Edições 70, 2002.

LIVINGSTONE SMITH, A. Processing clay for pottery in northern Cameroon: social and technical requirements. In: **Archaeometry**, v. 42, n. 1, Great Britain, 2000, p. 21-42.

LIMA, R. G. **O Povo do Candeal: caminhos da louça de barro**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.

LONEY, H. Society and technological control: a critical review of models of technological change in ceramic studies. In: **American Antiquity**, v. 65, n. 4, Washington: Society for American Archaeology, 2000, p. 646-668.

LONGRACE W. A.; STARK, M. T. Ceramic, kinship and space: a Kalinga example. **Journal of Anthropological Archaeology**, v. 11, p. 125-136, 1992.

LÓSSIO, M. G. **Iniciação à História do Cariri**. Crato: Prefeitura Municipal do Crato, 1986.

LUCAS, G. Historical archaeological and time. In: HICKS, D.; BEAUDRY, M. C (Eds.). **The Cambridge Companion to Historical Archaeological**. Cambridge: Cambridge University, 2006, p. 34-47.

MACEACHERN, S. Scale, style, and cultural variation: technological traditions in the Northern Mandara Mountains. In: STARK, M. (Ed.). **The Archaeology of Social Boundaries**. Washington, Smithsonian Institution, 1998, p. 107-131.

MAGALHÃES, C. de J. S. **Fatos e Curiosidades**: Missão Velha. Fortaleza: Programa Editorial/Casa de José de Alencar, 2001.

____. **Nosso Povo Nossa História**: Missão Velha. Crato: Província, 1994.

MALAFOURIS, L. At the Potter's Wheel: An Argument for Material Agency. In: KNAPPETT, C; MALAFOURIS, L. **Material Agency**: towards a non-anthropocentric approach. New York: Springer, 2008, p. 19-36.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. V. II. São Paulo: Edusp, 1974.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. de. História oral como fonte: problemas e métodos. In: **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MATTOS, P. L. C. L. de. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. In: **RAP**, n. 39, v. 4, Rio de Janeiro, p. 823-847, jul.-ago. 2005.

MATTOS, S. M. **Artefatos de Gênero na Arte do Barro**. Vitória: Edufes, 2001.

MEIHY, J. C. S. B. **Canto de Morte Kaiowá**: história oral de vida. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

MENDES, F. R. N. **Modelando a Vida no Córrego de Areia: tradição, saberes e itinerários das louceiras**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

MILLER, D. Artefacts as products of human categorisation processes. In: HODDER, I. (Ed.). **Symbolic and Structural Archaeological**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 17-25.

_____. Consumo como cultura material. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.

_____.; SLATER, D. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

MOORE, H. Paul Ricoeur: action, meaning and text. In: TILLEY, C. (Ed.) **Reading Material Culture**: strutralism, hermeneutics and post-strutralism. Cambridge/Oxford: Basil Blackwell, 1990, p. 85–120.

MORAES WICHERS, C. A. de; ZANETTINI, P. E. Nordeste no plural: o programa Expresso Educação. In: _____. **Ferrovia Transnordestina**: caderno do multiplicador, polo Brejo Santo. 1 ed. São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2013.

MOUAT, L; ARNOLD, D. Ceramic Ecology and pottery production in El Porvenir, Honduras. In: KOLB, C. C.; LACKEY, L. M. (Ed.). **A Pot for all Reasons**: ceramic ecology revisited. Philadelphia: Laboratory of Anthropology, Temple University, 1988, p. 239-261.

NEVES, E. F. Região, território, lugar: sertão como categoria espacial, alteridade sociocultural e interação político-econômica. In: _____. (Org.). **Sertões da Bahia**: formação social, desenvolvimento econômico, evolução política e diversidade cultural. Salvador: Arcádia, 2011, p. 51-60.

OLIVEIRA, C. A. As ceramistas de Conceição das Creoulas: remanescentes de uma história. In: **CLIO**, Série Arqueológica, Recife, v. 1, n. 13, p. 157-171, 1998.

OLSEN, B. Barthes: from sign to text. In: TILLEY, C. (Ed.) **Reading Material Culture**: strutralism, hermeneutics and post- strutralism. Cambridge/Oxford: Basil Blackwell, 1990, p. 163–205.

ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. **Pottery in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University, 2010.

PAULINO, A. G. L. Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão. **Revista de Ciências Sociais**, v. 35, n. 1, Fortaleza, Departamento de Ciências Sociais do Centro de Humanidades/Universidade Federal do Ceará, p. 139-143, 2004.

PELLINI, J. R. Onde está o gato? Realidade, arqueologia sensorial e paisagem. In: **Habitus**, Goiânia, v. 9, n.1, p. 17-31, jan./jun. 2011.

PFÄFFENBERGER, B. Social Anthropology of technology. In: **Annual Review of Anthropology**, 21, p. 491-516, 1992.

PINHEIRO, I. **O Cariri**. Coedição Secult/ Edições URCA. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

PIRES, F. R. M. Arcabouço geológico. In: CUNHA, S. B. da; GUERRA, A. J. T (Org.). **Geomorfologia do Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 17-69.

POLITIS, G. G. Acerca de la etnoarqueología en América del Sur. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 61-91, 2002.

POLONI, R. J. S. A etnoarqueologia brasileira contemporânea: cultura material e implicações sociais. **Estrat Crític**, n. 5, v.1, p. 328-338, 2011.

_____. **A Etnoarqueologia no Brasil**: ciência e sociedade no contexto da redemocratização. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Faro, Universidade do Algarve, 2008.

PORTELLI, A. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, M. de M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.) **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 67-71.

_____. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História, São Paulo**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, n. 14, PUC-SP, p. 25 – 39, fev. 1997a.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na história oral. In: **Projeto História, São Paulo**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, n. 15, PUC-SP, p. 13-33, ab. 1997b.

PREUCEL, R. W. **Archaeological Semiotics**. USA: Blackwell Publishing, 2006.

QUEIROZ, I. da S. A ascensão metropolitana do aglomerado CRAJUBAR: limites e tendências da dinâmica urbana contemporânea no Cariri cearense. In: IV Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia, Barreiras, 2014. **Anais do IV Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia**, Barreiras: Rede de Pesquisas Cidades Médias e Pequenas da Bahia, 2014. Disponível em <<http://periodicos.uesb.br/index.php/ascmpa/article/viewFile/4450/4246>>. Acesso em: 26 de dez. de 2014.

REID, J. J.; SKIBO, J. M. Introduction to assessing Michael Brian Schiffer and his behavioral archaeology. In: **Journal Archaeological Method Theory**, Springer Science/Business Media, p. 273-277, jun. 2011.

REIS, J. A. “**Não Pensa Muito que Dói**”: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira. Porto Alegre: EDIPURCS, 2010.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Arqueología**: teorías, métodos y práctica. 2 ed. Madrid: Ediciones Akal, S.A., 1998.

RODRIGUES, R. A. **Os Caçadores-Ceramistas do Sertão Paulista**: um estudo etnoarqueológico da ocupação Kaigang no vale do rio Feio/Aguapeí. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROUX, V. A dynamic systems framework for studying technological change: application to the emergence of the potter's wheel in the southern levant. In: **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 10, n. 1, p. 1-30, march 2003.

_____. Ethnoarchaeology: a non historical science of reference necessary for interpreting past. In: **Journal of Archaeology Method and Theory**, v. 14, n. 2, KA/PP, p. 153-178, ap. 2007.

ROVAI, M. G. de O. Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença. **Revista História Oral**, v. 16, n. 2, Associação Brasileira de História Oral, p. 129-148, 2013.

ROWLANDS, M. Objectivity and subjectivity in archaeology. In: KRISTIANSEN, K.; ROWLANDS, M. **Social Transformations in Archaeology**: global and local perspectives. London/New York: Taylor and Francis, 2005, p. 26-35.

RYE, O. S. Pottery technology: principles and reconstruction. In: **Manuals on Archaeology**. V. 4, Washington: Smithsonian Institution, 1981.

SACKETT, J.R. The meaning of style in archaeology: A general model. In: **American Antiquity**. Essays on Archaeological Problems, v. 42, n. 3, p. 369-80, jul. 1977.

SCHIFFER, M. B. Archaeological context and systemic context. In: **American Antiquity**, v. 37, n. 2., p. 156-165, apr., 1972.

_____. **Behavioral Archaeology**. New York: Academic Press, 1976.

_____. Behavioral Archaeology: some clarifications. In: **American Antiquity**, v. 64, n. 1, Washington, Society for American Archaeology, p. 166-168, jan. 1999.

_____. Some relationships between behavioral and evolutionary archaeologies. In: **American Antiquity**, v. 61, n. 4, Washington, Society for American Archaeology, p. 643-662, oct. 1996.

_____. Studying technological change: a behavioral perspective. In: **World Archaeology**, v. 36, n. 4, Debates in World Archaeology, New York: Taylor and Francis Ltd., p. 579-585, dec. 2004.

_____. Theory and experiment in the study of technological change. In: **Current Anthropology**, v. 28, n. 5, Chicago, The Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, p. 595-622, dec. 1987.

SCHIFFER, M. B.; et al. Behavioral archaeology and the study of technology. In: **American Antiquity**, v. 66, n. 4, Washington, Society for American Archaeology, p. 729-737, oct. 2001.

SCHIFFER, M. B.; et al. New perspectives on experimental archaeology: surface treatments and thermal response of the clay cooking pot. **American Antiquity**, v. 59, n. 2, Washington, Society for American Archaeology, p. 197-217, apr. 1994.

SCHIFFER, M. B.; SKIBO, J. M. The explanation of artifact variability. In: **American Antiquity**, v. 62, n. 1, Washington, Society for American Archaeology, p. 27-50, jan. 1997.

SCHLANGER, N. The *chaîne opératoire*. In: RENFREW, C.; BHAN, P. **Archaeology: the key concepts**. Londres/Nova York: Routledge, 2005, p. 18-23.

SHANKS, M. **Experience the Past: on the character of archaeology**. USA/Canada: Taylor and Francis, 2005.

_____. The life of an artifact. In: **Fennoscandia Archeologica**, n. 15, p. 15-42, 1998.

SHANKS, M.; TILLEY, C. **Re-Constructing Archaeology: theory and practice**. 2 ed. London/New York: Routledge, 1992.

_____. **Social Theory in Archaeology**. University of New Mexico: Albuquerque, 1988.

SILVA, F. A. A tecnologia e seus significados. In: **Canindé**, Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, Canindé de São Francisco, MAX, v. 2, p. 119-138, 2002.

_____. **As Tecnologias e seus Significados**: um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria dos kayapó-xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica. Tese (Doutorado em Antropologia). Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

_____. Ceramic technology of the Assuriní do Xingu, Brazil: an ethnoarchaeological study of artifact variability. In: **Journal of Archaeology Method and Theory**, v. 15, n. 3, KA/PP, p. 217-265, sep. 2008.

_____. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. In: **Métis: história e cultura**, UCS, v. 8, p. 121-139, 2009.

SKIBO, J. M; SCHIFFER, M. B. **People and Things**: a behavioral approach to material culture. New York: Springer, 2008.

SOUZA, M. A. T. de. Divisões sociais, utensílios cerâmicos e o preparo da farinha de mandioca no Brasil colonial. In: **CLIO**, Recife, v. 25, n. 1, p. 97-127, 2010.

SOUZA, R. A. de. Morar na caatinga: arqueologia do século XX no semiárido. In: **Blog Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte**: Laboratório Virtual de Arqueologia. 25 de fev. de 2014. Disponível em: <<http://arqueologiapublicalap.blogspot.com.br/search/label/Arqueologia%20Hist%C3%B3rica>>. Acesso em: 29 de abr. de 2014.

_____. Novos paradigmas à cultura material sertaneja e a Arqueologia do século XX nos sertões do Pernambuco, Ceará e Piauí. In: **Anais 1ª Semana de Arqueologia - UNICAMP**. "Arqueologia e Poder". Campinas: LAP/NEPAM, 2013.

_____.; LOPES, M. Cerâmicas de produção local/regional no contexto colonial espanhol de Santiago de Xerez, século XVII. In: **Revista Outras Fronteiras**, v. 1, n. 2, Cuiabá, p. 183-213, jul-dez., 2014.

STAHL, A. B; et al. Ceramic production, consumption and exchange in the Banda area, Ghana: insights from compositional analyses. In: **Journal of Anthropological Archaeology**, v. 27, n. 3, Amsterdam: Elsevier, p. 363-281, 2008.

STARK, M. T. Ceramic change in ethnoarchaeological perspective: a Kalinga case study. In: **Asian Perspectives**, v. 30, n. 2, USA, University of Hawaii, p. 193-216, 1991a.

_____. Ceramic production and community specialization: a Kalinga ethnoarchaeological study. In: **World Archaeology**, v. 23, n. 1, Craft Production and Specialization, UK, Routledge/Taylor and Francis Ltd. , p. 64-78, jun. 1991b.

_____. Current issues in ceramic Ethnoarchaeology. In: **Journal of Archaeological Research**, v. 11, n. 3, p. 193-242, sep. 2003.

_____. From Sibling to Suki: social relations and spatial proximity in Kalinga pottery exchange. **Journal of Anthropological Archaeology**, v. 11, p. 137-151, 1992.

_____. Pottery exchange and the regional system. In: LONGRACE, W. A.; SKIBO, J. M. **Kalinga Ethnoarchaeology: expanding archaeological method and theory**. Washington: Smithsonian Institution, 1994a, p. 169-197.

_____. Economic intensification and ceramic specialization in the Philippines: a view from Kalinga. **Research in Economic Anthropology**, v. 16, JAI, p. 179-226, 1995.

_____. Social dimensions of technological choices in Kalinga ceramic traditions. In: CHILTON, E. S. (Ed.). **Material Meanings: critical approaches to the interpretation of material culture**. Salt Lake City: University of Utah, 1994b, p. 24-43.

_____. Technical choices and social boundaries in material culture patterning: an introduction. In: Stark, M. T. **The Archaeology of Social Boundaries**. Washington: Smithsonian Institution, 1998, p. 1–11.

STARK, M.; et al. Ceramic technology and social boundaries: cultural practices in Kalinga clay selection and use. In: **Journal of Archaeology Method and Theory**, v. 7, n. 4, KA/PP, p. 295-331, dec. 2000.

STILES, D. Ethnoarchaeology: a discussion of methods and applications. In: **Man**, v. 12, Great-Britain/Ireland, Royal Anthropological Institute, p. 87-103, 1977.

SYMANSKI, L. C. P. Cerâmicas, identidades escravas e crioulização nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). In: **História UNISINOS**, v. 14, n. 3, p. 294-310, 2010.

_____. Práticas econômicas e sociais no sertão cearense do século XIX: Um olhar sobre a cultura material de grupos domésticos sertanejos. In: **Revista de Arqueologia**, São Paulo, Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 21, n. 2, p. 73-96, 2008.

TEDESCO, G. V. de L. **A Cerâmica que Vela e Revela**: projetos identitários de negros ceramistas em Vila Boa de Goiás (séculos XVIII e XIX). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THONSOM, A. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M.; FERREIRA, M. M. (Org.) **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 47-65.

TILLEY, C. Materiality in materials. **Archaeological Dialogues**, v. 14, n. 1, Cambridge: Cambridge University, p. 16–20, 2007.

_____. **The Materiality of Stone**: explorations in landscape phenomenology. Oxford/New York: Berg, 2004.

TRIGGER, B. G. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

van der LEEUW, S. Giving the potter a choice: Conceptual aspects of pottery techniques. In: LEMONNIER, P. In: **Technological Choices**: transformation in material cultures since the Neolithic. London/New York: Routledge, 1993, p. 180-187.

VANPOOL, T. L.; VANPOOL, C. S. Postprocessualism and the nature of science: a response to comments by Hutson and Arnold and Wilkens. In: **American Antiquity**, n. 66, v. 2, Washington, Society for American Archaeology, p. 367-375, 2001.

WALLAERT, H. The way of the potter's mother: apprenticeship strategies among DII potters from Cameroon, west Africa. In: STARK, M. T.; BOWSER, B. J.; HORNE, L. (Ed.). **Cultural Transmission and Material Culture**: breaking down boundaries. Tucson: University of Arizona, 2008, p. 178-198.

WHITELEY, P. M. Archaeology and Oral Tradition: the scientific importance of dialogue. In: **American Antiquity**, n. 67, v. 3, Washington, Society for American Archaeology, p. 405-415, 2002.

WIESSNER, P. Archaeology style or isochrestic variation? A reply to Sackett. In: **American Antiquity**, Washington, Society for American Archaeology, v. 50, n. 1, p. 160-166, jan. 1985.

WILKIE, L. A. Documentary archaeology. In: HICKS, D.; BEAUDRY, M. C. (Ed.). **The Cambridge Companion to Historical Archaeological**. Cambridge: Cambridge University, 2006, p. 13-33.

_____. Interpretive Historical Archaeologies. In: MAJEWSKI, T.; GAIMSTER, D. (Ed.) **International Handbook of Historical Archaeology**. London: Springer, 2009, p. 333-345.

ZANETTINI, P. E. Arqueologia na caatinga: Arqueologia de Canudos, em Canudos ou para Canudos? In: **Revista Com Ciência**. Texto adaptado de palestra proferida na Associação Arte e Vida, 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq19.shtml>>. Acesso em: 29 jul. 2011.

_____. **Maloqueiros e seus Palácios de Barro**: O cotidiano doméstico na casa bandeirista. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ZANETTINI, P. E; MORAES WICHERS, C. A. A Cerâmica de produção local/regional em São Paulo colonial. In: MORALES, W. F.; MOI, F. P. (Org.). **Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira**. São Paulo: Annablume, 2009, p. 311-334.

8. ANEXO

A – Transcrição dos relatos orais de D. Bastiana

Dona Bastiana (Sebastiana Amaro dos Santos), hoje com 87 anos é a mais experiente das ceramistas de Passagem de Pedra. Desde os 10 anos de idade labuta com a argila. Passou a maior parte da vida elaborando potes alisados, até que te pediram potes com ranhuras. Também é agricultora.

A tradicional atividade do artesanato de barro foi levada para Passagem de Pedra por sua família, através do saber-fazer de Raimunda Amaro da Conceição (falecida em novembro de 1966 aos 78 anos) e Antônio Amaro dos Santos (falecido em 1963 aos 80 anos), pais da ceramista. Ambos são naturais da localidade Buriti, município de Barbalha-CE, assim como D. Bastiana.

Eles sempre viveram do trabalho com a cerâmica. Era a produção oleira o que motivava sua vida. Quando seus pais compraram a propriedade havia poucos moradores por perto. Parcela significativa ainda pertence a seus familiares. Com o crescimento da família, o parcelamento da propriedade e a independência alcançada por seus irmãos e irmãs surgiram novas habitações próximas da primeira edificação da família Amaro. Desta forma é possível afirmar que o Sítio Passagem de Pedra passou a existir como localidade/distrito com a ocupação daquelas terras por esta família, depois de meados da década de 1930.

Para a família passar a viver em Passagem de Pedra foi preciso primeiro identificar a existência de uma jazida de argila, que tivesse a qualidade para manter a produção da cerâmica que elas sabiam fazer – exigência da mãe de D. Bastiana. Quando do início da atividade deles na região existia apenas um único núcleo produtor, localizado numa olaria originada da iniciativa deles, onde por longos anos todas as mulheres da família trabalhavam em regime de ganho comum, pois apesar delas serem as mestras da produção a olaria pertencia ao chefe da família (Antônio).

Ele cuidava das etapas de pré-produção, queima e comercialização. O dinheiro obtido com a venda dos vasilhames cerâmicos era dividido em partes iguais para todos os envolvidos na atividade ceramista.

Zefinha, Nega, Beliza, Júlia, Antônio e Angelina, são as irmãs de D. Bastiana que inicialmente trabalhavam na primeira olaria com a mãe e mestra Raimunda. Ela, D. Angelina e outra irmã ceramista, Luca, somente lançaram-se nesse ofício após casarem-se. Das 09 mulheres nascidas do casamento de Antônio com Raimunda,

apenas Chiquinha não se dedicou à arte cerâmica. Ela mudou-se para São Paulo após se casar com Olegário e nunca mais voltou. Entre as irmãs que trabalharam no primeiro núcleo (na olaria de Antônio), apenas Antonia e Nega se casaram.

Com a extinção da primeira olaria da Passagem de Pedra D. Bastiana passou a trabalhar na olaria do irmão Raimundo (Raimundo Amaro dos Santos). Teve algumas filhas que aprenderam a elaborar os vasilhames cerâmicos contigo. Uma delas, Déta (Josefa Amaro dos Santos, 13.12.1947) casou-se com o primo Paulo (Paulo Teixeira dos Santos, 14.11.1947), atual dono da olaria e filho de Raimundo.

Ela segue de forma restrita o que aprendeu quando está em atividade. Porém mostra que tem suas maneiras próprias de confeccionar os potes e outras peças, mas que não interferem no produto final.

Todavia foi sábia ao adotar instrumentos que não eram recorrentes em seu dia-a-dia, mas que contribuem na produção ao possibilitar menor gasto de tempo e melhor resultado em determinadas tarefas. Um exemplo é o arco (objeto em madeira e arame) criado por familiares ceramistas. Como é necessária uma limpeza rígida da argila quando tratada para formar a pasta, a utilização do arco ajuda muito na retirada de impurezas.

Tal como as outras ceramistas da localidade, ao criar suas peças mantém a pré-forma sobre uma estrutura, faz movimentos circulares ao arrastar os pés e utiliza apenas as mãos para consolidar as paredes do objeto em elaboração. Na base da estrutura, conforme move seus pés desgasta o chão de terra batida e produz cavidades circulares.

Seu ritmo é intenso. Não tem outras pretensões que estejam relacionadas ao trabalho. D. Bastiana herdou parcela de terras de seus pais e comprou a parcela que pertencia a Beliza. Então é na propriedade da própria família que exerce as atividades que lhe mantém saudável. Na olaria ganha metade da produção. Mas não interessa o rendimento da produção, mas sim continuar atuando. Não está interessada em descansar. Seja na sua atividade principal, com a produção e venda da cerâmica (que realiza na feira livre no Município de Barbalha), nos cuidados domésticos ou na lida com as plantações e os poucos animais que cria, tem uma única expectativa: manter-se ativa em seus afazeres diários.

Suas filhas e netos contaram-me que há alguns anos, após uma consulta médica que fez por conta de dores nas costas, foi orientada a encerrar as atividades oleiras. Obedeceu às determinações do médico e logo caiu numa profunda depressão. Para sair do estado de tristeza voltou a se dedicar à produção cerâmica. Suas atividades laborais lhe interessam mais do que a parcimônia passagem do tempo. Ninguém teve forças para impedi-la de permanecer fazendo o que gosta.

Esta senhora artesã ressaltou em poucas palavras os complexos caminhos de sua experiência de vida, com uma fala ao mesmo tempo mansa e segura, com mostras imediatas de que não são as ideias novas que surgiram nas últimas décadas que a fariam desistir de confeccionar peças cerâmicas. Os pensamentos que incitaram a nova forma de finalizar os potes poderiam levá-la a abandonar a olaria. Para vencer isso, ela passou a inserir a aspereza nos potes e continuou ali com seu contentamento diário. Abaixo vamos saber do ponto de vista da ceramista como se deu essas circunstâncias.

Eu nasci em 27 de abril de 1927, no município de Barbalha. Cuidava dos animais e ajudava a carregar as “bolas” de barro (forma crua do sedimento ainda com impurezas - denominação também dada para a pré-forma) do barreiro para a olaria... passava à tarde com minha mãe na olaria até às 4 horas.

Vivíamos no Buriti, aqui perto em Barbalha... as terras de lá eram pouquinhas, 11 braças. O compadre de pai ofereceu essas... eram 54 braças e meia.

Pai tinha família grande... eram 09 mulheres e 03 homens... das irmãs hoje só está viva Angelina... ele fez o negócio porque lá no Buriti não dava para criar todos os filhos... mãe não queria por causa do barro... pai teve que procurar barro por aqui para convencer mãe... conseguiu com o compadre um punhado de barro. Nós fizemos um pote, uma jarrinha e uma quartinha... deu bom resultado. Aí pai fez o negócio... isso foi em 1937... então só viemos para cá porque tinha barro bom. Na olaria de meu pai produzíamos além dos potes a carapuça... um tipo de peça usada nos alambiques... só quando tinha encomendas.

Comecei fazendo pequenas peças e só a partir dos 12 anos passei a fazer os potes. Nunca tive minha própria olaria... sempre trabalhei como meeira... depois que trabalhei para meu pai, prestei atividades para o irmão dele e agora trabalho na olaria do meu sobrinho e genro, Paulo.

Antes fazíamos milhares de potes, não arranhávamos nenhum e todos esfriavam a água... agente começou a passar o pente porque o povo de Juazeiro do Norte inventou uma história que o pote só esfria a água se estiver arranhado por fora... eu acho que isso é só uma história que eles contaram... é mentira deles, porque do jeito que ele esfria *liso* também esfria *arranhado*... nosso barro esfria pra ninguém botar defeito. Começamos a inserir as ranhuras no início da década de 1980.

Ensinei minhas filhas que deve haver o cuidado de levantar o pote... toda vez que erravam dizia isso para que tivesse rendimento... Insisti muito para que Conceição se dedicasse ao ofício de oleira também. Elas só fazem potes.

Não tenho preferência igual a minha filha Déta que escolhe sempre o barro duro para levanta os potes... pode ser duro ou mole... a consistência do barro depende da quantidade de areia incluída na pasta... Pego a areia aqui mesmo, no entorno da olaria. Além da areia também usamos os restos da produção, as raspas de argila quando damos forma aos potes, que podem ser misturados para obter a pasta... estes restos são macerados com um seixo de pedra em um recipiente de cerâmica.

Figuras 60 a 64. D. Bastiana trata a pasta, forma um pote e arranha a superfície dele.



B - Transcrição dos relatos orais de D. Angelina

Dona Angelina (Angelina Maria do Nascimento, 30.08.1930), ceramista idosa, tal como sua irmã Sebastiana, é natural da localidade de Buriti (Barbalha/CE). As diversas peculiaridades do jeito de fazer e usar a cerâmica são naturais no seu discurso.

Ela tem muito em comum com sua irmã. Ainda na infância, antes dos 10 anos de idade, já começou seu aprendizado na olaria. Trabalhar mesmo com a finalização de uma peça somente aos 15 anos. Mas somente realizava trabalhos manuais leves. Antônio, seu pai, não permitia que as filhas se encarregassem de tarefas pesadas. Somente depois de casada se dedicou com maior afinco à produção cerâmica. Chorou um tanto quando foi impelida a parar definitivamente suas atividades oleiras. Logo que pôde voltou a produzir. Também não quer deixar o que faz. É parte de sua vida.

Apesar de sua longa experiência não foi a responsável pela transmissão dos conhecimentos oleiros para as filhas ceramistas. Elas foram treinadas pela avó, Raimunda. No entanto trabalha em conjunto com ambas há muitos anos.

Fui viver em Passagem de Pedra aos 6 anos de idade. Nosso conhecimento com a cerâmica vem de minha bisavó. As estruturas de trabalho também são fruto do que foi transmitido pelos nossos parentes. Meu pai fazia a olaria, o forno, o torno... no Buriti, além de meu pai, meu tio também construía fornos...

Eu sou a única *loicera* da região que sabe utilizar o torno para criar objetos... mas somente quando preciso fazer as peças pequenas... prefiro fazer as peças maiores... os grandes potes... a jarra, principalmente.

D. Angelina lembra com saudosismo da época em que seu pai era vivo... tinha muitas terras (que eram vastas)... dali tirava o próprio alimento da família... com os ganhos da produção cerâmica mantinha a família com fartura... vestiu todas as filhas até elas se casarem... fazia questão de realizar festas e eventos diversos (religiosos e tradicionais/cívicos), tais como o reisado e reunião de músicos, com acordeão, rabeca, pife e zabumba... as filhas e netas não podiam dançar... após as filhas se casarem manteve as reuniões familiares aos sábados, a ponto de nos proibir de cozinhar nesse dia da semana.

Quando meus pais se instalaram em Passagem de Pedra existiam apenas duas casas e o resto era mata. Não havia produção da cerâmica aqui. A primeira casa da família Amaro era de palha, localizada ao lado da área onde está edificada a capela. Éramos 14 pessoas.

Passamos muitas dificuldades antes de vir para cá... Papai foi criado por um coronel chamado Antonio da Cruz, lá mesmo no Buriti, em Barbalha... o coronel tinha muita fama de ruim e criou papai como agregado... meu avô já deixou pai sujeito a esse homem... foi um período de grande sofrimento para pai.

Quando eu nasci o coronel já era falecido... Pai ainda passou algum tempo no Buriti até que conseguir juntar uma soma de dinheiro para se instalar com a família em terreno próprio... foi quando adquiriu 54 braças aqui... conseguiu o dinheiro com o trabalho na olaria, do ganho com as *loiças*... em seguida arrendou uma propriedade que era dotada de muitos pequizeiros... ali plantava arroz, feijão e outros cultivares... um dia o neto do finado Antônio da Cruz, ofereceu a propriedade em Passagem de Pedra a pai... ele foi verificar e gostou do terreno, mas somente depois de encontrar o *barreiro* é que saímos do Buriti e fomos para lá.

Primeiro vivemos numa pequena casa, do tamanho da olaria... no período somente meus irmão Raimundo e Zefinha estavam casados.

Nunca trabalhei quando era criança... pai criou todos nós com o que ganhava na olaria... a maioria era pote... mas também nesse tempo tinha valor... Ele levava duas ou três *carroçadas* de *loiça* pra vender e enquanto tirava da carga o povo já ia recebendo e comprando... era bom demais nesse tempo... vendíamos também jarra, *purrrão*, cano e outras coisas.

Quando pai ficou doente, perto de morrer, recebemos a visita de muita gente da comunidade e de outras cidades... ele era uma pessoa muito querida. No enterro tinha muita gente... o caixão foi levado nos braços das pessoas de Passagem de Pedra até Barbalha.

Ele deixou toda a família com lugar para morar e trabalhar e não deixou dívida para ninguém pagar... fez tudo com o trabalho da cerâmica.

Pedro (Pedro Vicente do Nascimento, 13.07.1920 - 29.10.2000), meu falecido marido, foi quem cuidou de toda a divisão de terras depois da morte do patriarca... ficou tudo dividido entre os filhos.

A atual olaria de D. Angelina já foi dirigida por Pedro. Ele trabalhava como mestre de obras antes de casar-se com ela. Após o matrimônio constituiu a estrutura de trabalho dela e ficou a frente da administração.

D. Angelina ainda alcançou o uso predominante da cerâmica como utensílio doméstico. Com a popularização de outros artefatos como, por exemplo, o alumínio e as porcelanas, viu ocorrer uma rápida mudança.

No tempo de mamãe quando eu era criança não tinha nada em alumínio, tudo era de barro... mamãe fazia tudo com o barro, papeirinho de barro, xícara para gente beber café, pratinho, etc... mãe cansou de fazer xicrinha para o povo beber café... quando eu casei as pessoas já não usavam essas coisas.

Cozinhamos a maioria de nossos alimentos (feijão, arroz, munguzá, galinha, diversos guisados) em panelas de barro e fogão a lenha, porque dá mais sabor na comida... outros alimentos são feitos nas panelas de alumínio porque é mais prático... as panelas que usamos são feitas em Jamacaru. Muitas vezes recebemos a visita de pessoas importantes de Missão Velha para a refeição feita por Tetê e Quêza nas panelas de barro.

Há mais ou menos 34 anos começamos a escovar/*pentear* a face externa dos potes por solicitação dos clientes... é como arranhar a superfície externa dos potes ao passar os dentes do pente... em outros lugares é utilizado o sabugo do milho... aprendi a produzir os potes sem esse tratamento de superfície... antes eles eram apenas alisados. Mas aí o povo começou a inventar que assim o pote não esfria a água... acho que é ilusão do povo.

Nós usamos o pente para arranhar... experimentei com o sabugo de milho, mas não deu *ranha que preste!* Antes nós pintávamos os potes *lisos* para decorar eles... é uma característica transmitida pelos ensinamentos dos meus pais... os potes sempre foram feitos assim... mas por causa dos pedidos das pessoas, que queriam os potes *arranhados*, paramos de pintar os objetos... e só modificamos o final do processo produtivo porque os clientes exigiram os potes *arranhados*.

Para pintar os potes usamos o *isope*, que é uma espécie de pincel que fazemos aqui... botamos o *barro azul* (que tem cor preta) dentro da água aí fica aquela laminha... depois é só pegar o *isope* e fazer o desenho... ele é aplicado quando a

peça já está seca... após a queima sua cor contrasta com a cor do pote, pois a superfície onde é inserido fica branca.

Recebemos encomendas de alguns copos de cerveja para serem feitos em cerâmica... acredito que um copo feito da argila preserva mais tempo ou até mesmo esfria a cerveja quanto mais tempo manter a bebida ali... é melhor fazer esses copos no torno do que na mão... Socorro (Corrinha) faz na mão.

Ganhamos prêmios e reconhecimentos no Ceará com o jogo de panelas, tigelas e outros recipientes destinados ao serviço de mesa e alguns objetos figurativos.

Às vezes recebemos algumas encomendas... em 2008 fiz um *purrrão* que da minha altura (perto de 1,60 m), para um médico de Juazeiro do Norte.

Tem uma história marcante de uma encomenda... há uns anos atrás recebemos um pedido de 100 peças de uma cliente que já comprava no atacado aqui na olaria há algum tempo... ela revendia as peças em Juazeiro do Norte a varejo ou atacado... na preparação destas peças ao desenformá-las e arrumá-las ao lado de casa recebemos a visita inesperada da prefeita de Missão Velha que se surpreendeu ao ver a beleza de nossos potes... curiosa ela perguntou de quem era a encomenda... quando dissemos que pertencia a Dona Elianor, ela disse então que era a dona da encomenda, pois foi ela quem solicitou à revendedora em Juazeiro do Norte... ela também se surpreendeu, pois não tinha conhecimento de que o artesanato tão bonito e procurado por ela em outra cidade era produzido no seu município.

Fiquei admirada com a falta de conhecimento da prefeita e disse: sua mãe era cliente de minha mãe. Depois disso a prefeita me fez uma proposta... me pediu para desfazer o acertado com a cliente de Juazeiro do Norte para que ela comprasse as peças diretamente em minhas mãos... me orientou que desse uma desculpa esfarrapada, que inventasse que fiquei doente e assim não teria como terminar de fazer a encomenda... nem dei razão para a proposta, pois já tinha dado minha palavra para a cliente antiga que viria pegar a encomenda no dia seguinte.

A prefeita mudou de ideia e solicitou 100 peças com entrega acertada em um mês... aceitamos a nova encomenda e começamos a trabalhar duro de imediato... no dia seguinte minha cliente chegou aqui em casa muito chateada dizendo que recebeu a visita da prefeita para desfazer o negócio com ela afirmando que eu não tinha terminado de fazer as peças... depois dos fatos esclarecidos a cliente mesmo assim

levou a encomenda e a revendeu em Juazeiro do Norte para outras pessoas sem dificuldade e muito rápido... ao agir com honestidade não perdemos a cliente antiga e ainda preparamos uma nova encomenda para a prefeita.

Aqui em Missão Velha têm no Distrito de Cachoeira umas senhoras que deixaram de fazer os belos pratos de cerâmica... ali tem barro muito bom... lá o bom era os pratos... o barro delas só presta pra isso... eu guardo um prato delas aí... antes fazíamos bolo de puba com eles... serve também para lavar a louça.

Figuras 65 a 70. Detalhes da atividade produtiva de D. Angelina.



C – Transcrições dos relatos orais de Quêza

Quêza (Maria Amaro do Nascimento, 03.02.1949), filha mais velha de D. Angelina, *loicera* experiente e dedicada à família. É muito ativa. Em muitas noites que fica trabalhando até tarde são seus irmãos que pedem que ela pare. Até desligam a luz da olaria para forçá-la parar e ir descansar.

Ela falou bastante sobre a devoção à Santa Luzia, padroeira da localidade. Explicou que a origem da devoção é relacionada a uma promessa feita antes da década de 1920, por sua avó Raimunda que desenvolveu problema nas vistas depois que um sapo jogou leite nos olhos dela.

Depois disso Raimunda, buscou auxílio para se recuperar e não deixar de trabalhar... resolveu se consultar com o Padre Cícero, em Juazeiro do Norte... ele não lhe deu esperanças com a medicina existente na região e afirmou que somente com uma cirurgia que era feita fora do Brasil... então a aconselhou se apegar à fé...

Não existiam meios de transporte nas minguadas estradas existentes no período. O caminho de volta para casa foi feito todo a pé em pleno meio dia. No meio do trajeto Raimunda ficou ainda mais desesperada, parou na sombra de uma timbaúba (espécie nativa) e pediu a Santa Luzia que intercedesse a Jesus Cristo pela vista dela... para não cegar ela prometeu rezar a novena... no primeiro ano faria de esmola e depois faria às próprias custas. A saúde de suas vistas foi recuperada, morreu com 70 anos e não ficou cega. A novena de Santa Luzia foi iniciada mesmo através de esmolas naquele período e desde então tem sido realizada anualmente no mês de dezembro.

O problema de Raimunda atingiu toda a família. Um dos desejos dela era construir a Capela de Santa Luzia. A imagem da Santa ficou um longo tempo nas mãos de sua filha mais velha, Socorro Amaro, que se dedicou a iniciar a aquisição de fundos para a construção da Capela em meados da década de 1980... depois da morte de Socorro, a tarefa chegou às mãos de Quêza, que então passou a ser a responsável por mais uma novena (ela já organizava a novena de Nossa Senhora da Conceição). As filhas e netas não deixaram a promessa se desfazer e se organizaram para realizar atividades com o intuito de obter o dinheiro para construir a edificação.

A construção da Capela somente começou no início da década de 1990... a luta foi grande... muitas pessoas não acreditavam que a façanha seria o Padre Eusébio, na época à frente da Paróquia, era o mais descrente...

Quêza falou com minúcias do esforço para obter parte do dinheiro destinado à compra dos materiais construtivos. Carregando trouxa, tinha vez que nós voltávamos com trinta quilos de arroz e outras coisas que o povo doava... pratinhas, uns davam moedinhas de 10 centavos, de 5 centavos, outros davam uma trouxinha de arroz, trouxinha de farinha... outros davam umas velas, caixa de fósforos, milho, tiquinho de sal, uma rosa, um cachinho de flor... quando aparecia uma pratinha de 50 centavos ficávamos alegres.

Além de Quêza participou ativamente da busca por doações, a artesã Corrinha... depois de um ano D. Angelina, Tetê, D. Maria e outras parentes também se encarregaram de tomar a iniciativa de angariar os fundos para a construção... realizaram campanhas diárias em vários municípios do Cariri cearense... o período total de andanças alcançou um ano e seis meses em visitas constantes nos centros urbanos de Abaiara, Barbalha, Brejo Santo, Crato, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha e Porteiras... pediram de porta em porta a ajuda para adquirir a quantia de dinheiro suficiente para a construção da edificação.

Os pobrezinhos é que mais davam esmola... os mantimentos depois de reunidos eram vendidos em grande quantidade nas feiras livres de Barbalha e Missão Velha... os gêneros alimentícios também eram vendidos nos fins de semana na frente da casa de D. Bastiana em uma feirinha improvisada e apelidada de feira de Santa Luzia.

As doações grandes que a capela recebeu foram: a porta ofertada dono de uma loja de materiais de construção; os materiais do piso doados pela esposa de um deputado estadual; as telhas conseguidas com a prefeitura de Missão Velha por intermédio de um vereador; e, depois de levantadas as estruturas iniciais, o já convencido Pe. Euzébio que doara 50 reais para a compra dos pregos para as janelas... a imagem que está na capela também foi comprada com a ajuda de esmola e custou R\$ 290,00 reais.

Trabalharam na construção três dos filhos de D. Angelina (Dedé, Antônio e Cícero)... fizeram de tudo, desde o planejamento arquitetônico, à definição da planta, aos

sistemas elétrico e hidráulico. A ermida está localizada na área ao lado da casa onde moraram as *loiceras* mais idosas logo que chegaram em Passagem de Pedra.

A novena é realizada do dia 1º a 13 de dezembro e já alcançou a 20ª edição na Capela... continua a ser professada como parte do cumprimento da promessa feita pela falecida *loicera* Raimunda.

A primeira missa foi realizada em 1994... além da parte sagrada também é realizado um leilão de prêmios e a venda de comidas típicas... todos os prêmios para o leilão e os animais abatidos para a alimentação são doados. Na festa de São José a imagem de Santa Luzia sai da capela em procissão para Missão Velha.

A articulada Quêza também já se envolveu com a organização da associação de artesanato local... era sediada no prédio que atualmente abriga o posto de saúde... inicialmente a associação recebia incentivo de um projeto do governo de Tarso Jereissati. O dinheiro obtido com o governo era investido em materiais para construção e manutenção dos fornos, compra de carroças comunitárias, manutenção das olarias e construção da sede... a ajuda inicial foi dada só que o incentivo não foi continuado com os outros governantes.

O fervor religioso da família Amaro também é evidente nas obediências às prescrições católicas... Quêza obedece aos diversos ensinamentos dos seus avós... por causa do meu nome eu não tomo banho na Sexta-Feira da Paixão para respeitar o sofrimento de Nossa Senhora no pé do filho dela... não varremos a casa... jejuamos... não comemos carne depois da quarta-feira durante a Semana Santa... não conhecemos muitas famílias que respeitam... e mesmo as coisas que a Igreja liberou eu acho errado... respeito mesmo o que meus avós e pais me ensinaram... agente tem que obedecer aquilo que veio de nossos avós.

Na Páscoa agente reza a Via Sacra na capelinha... até chegar a *quarta de treva* – que tem tal nome porque quem tomasse banho nesse dia ficaria entrevado.

É o período que o Padre visita a comunidade para rezar somente por causa da Semana Santa. Todo mês tem a Missa da Partilha... com data decidida pela Paróquia... quando a missa era dia de domingo o padre almoçava aqui conosco.

Quêza manifesta alto apreço a atividade de sua família. Não é apenas por aqui que nossos potes são utilizados... já teve gente de Fortaleza e de São Paulo que comprou peça aqui... em Fortaleza foi para um museu. Em Juazeiro do Norte tem

pote que fizemos para os romeiros beberem água quando visitam o Casarão do Padre Cícero. Trata-se dos potes (um *liso* e seis *arranhados*) em uso diário no velho Casarão do Horto. Eles se encontram em uma das salas onde mais existem ex-votos no Museu Vivo de Padre Cícero.

Acho que a formação dos potes é feita por mulheres porque a mão dos homens é pesada... mas o irmão de mamãe, João Amaro dos Santos, já falecido, sabia trabalhar com o barro... ele e os filhos ficaram um longo período trabalhando com o barro... aos poucos abandonaram a atividade, casaram e saíram de Passagem de Pedra. Nós ficamos... hoje (2011) somos nove *loiceras*.

Figuras 71 a 74. Performances de Quêza durante a produção e o planejamento das ações.



D - Transcrição dos relatos orais de Tetê

Tetê (Terezinha Amaro do Nascimento, 13.07.1951), filha mais nova de D. Angelina, é a principal responsável pelas refeições diárias da família. Começou a trabalhar na olaria de Paulo (marido de D. Bastiana) entre 10 e 12 anos de idade fazendo os encanamentos de cerâmica que eram frequentemente comprados pelas prefeituras da região, principalmente Juazeiro do Norte e alguma parte para Barbalha. Eram destinados para a canalização da rede pública de água.

Vendíamos três tipos de encanamento... ganhava bem... fazia 100 canos e recebia o dinheiro. Era dedicada... deixava tudo bem finalizado... nunca tive pressa... minha preocupação era fazer bem feito, mesmo que tivesse que demorar, que tivesse que fazer em pouca quantidade. Prefiro fazer as cestinhas e os potinhos desenhados.

Passei a criar as peças da *feijoada* (conjunto para servir a mesa) quando parei de fazer os encanamentos devido à chegada à região das tubulações de PVC há mais de 30 anos... as vendas diminuíram tanto que tivemos que parar de fabricá-los. Então veio Dona Elianor de Juazeiro do Norte e me ensinou a fazer os desenhos... já sabia alisar, aprendi com minha avó. São tantos objetos diferentes que faço... quartinha decorada com estrela, abajur, castiçal, etc.

Tetê e sua irmã Quêza defendem que no livro de Gilmar de Carvalho e Dodora Guimarães (2000), que trata de importantes manifestações artesanais do Estado do Ceará deveria ter sido dedicada uma referência à D. Elianor... porque foi ela que trouxe o conhecimento estético para as peças feitas com o *barro vermelho*.

Meus avós chegaram aqui em 1936... o lugar era conhecido como Santa Tereza... as casas da nossa família formaram o primeiro povoado... só tinha umas poucas casas bem distantes daqui.

Da herança mais direta da família faço umas peças decoradas com pintura, com o *barro azul*... As panelas para servir a mesa se quebram se forem utilizadas para cozinhar alimentos salgados... já experimentamos esquentar alguns alimentos em fogo baixo ou fazer tapioca também em fogo baixo e a panela não se quebrou... mas não pode ser com sal... elas não servem para cozinhar a maioria dos alimentos, mas podem ser uteis para servir a mesa... são muito belas... a cor avermelhada delas e

dos objetos de decoração são obtidos com o uso da camada mais profunda de argila (*barro vermelho*).

Sou a única daqui de casa que às vezes trabalha de noite... aliso umas peças na hora da novela.

Acho complicado usar o torno para fazer as peças... mamãe é a única que já vi usar o torno... tem umas peças que só dá para fazer no torno, que são as, menores... os copinhos... copo de cerveja... tem um rapaz no Crato que faz só com as mãos... Corrinha também.

O *arco*, invenção local, usado no tratamento mais fino da pasta da cerâmica, surgiu no período em que existia apenas uma olaria aqui em Passagem de Pedra... é da terceira geração das *loiceras* de nossa família... a primeira é a de nossa avó, Raimunda, a segunda a de mamãe e a terceira é a nossa... o *arco* foi inventado depois de 1960... a princípio o *arco* era utilizado para fazer telha, mas não no processo de tratamento da pasta... o inventor foi José Amaro (falecido aproximadamente em 1993 com aproximadamente 70 anos), filho de Maria Amaro e Antonio Amaro (apelidado Grosso).

Para papai eu era o braço direito dele, o homem que o ajudava... já que as primeiras da sua prole são mulheres e todos os seus filhos tinham saído daqui quando se casaram... passei um longo tempo nesta função da hierarquia familiar... também ajudei muito mamãe na criação de meus irmãos mais novos (José, Cícero e João) que viviam muito agarrados comigo e com Quêza. Era um tempo muito bom.

Tetê reclamou do descaso da prefeitura de Missão Velha com a comunidade... não dão a assistência devida... temos muita dificuldade quando alguém fica doente. O posto de saúde só recebe a visita de um médico mensalmente... as enfermeiras atendem para aplicação de vacinas todas as quintas-feiras... a Escola Municipal Noêmia da Cruz Landim tem alunos que estudam somente até a oitava série... existem mais de 100 famílias aqui na comunidade... um problema sério daqui é a gravidez na adolescência...

Temos dificuldade de vender nossa produção em um valor justo... sempre é bem barato... o SEBRAE nos orientou para conseguir uma loja própria para não depender dos atravessadores... é o nosso problema, se vendêssemos por conta própria teríamos condições de cobrar o valor justo.

Aqui sempre foi bom de viver... a comunidade é bem tranquila... não existem casos de furtos ou assassinatos... o único assassinato foi na casa de um vizinho, a casa do primeiro morador antes da nossa família... o dono das terras que era viúvo se casou com uma mulher muito nova e bonita... seu enteado a desejava e a matou porque ela não se entregou a ele... esse foi o único crime que aconteceu na comunidade, desde 1951.

Figuras 75 a 81. Tetê dá acabamento em peças de decoração.



E - Transcrição dos relatos orais de D. Maria

Dona Maria (Maria Amália dos Santos Silva, 11.08.1931), natural de Buriti, Barbalha, foi para Passagem de Pedra com aos sete anos de idade. É filha de Josefa Amaro dos Santos (irmã das *loiceras* D. Bastiana e D. Angelina) e Antônio José Pedro dos Santos. Aprendeu a elaborar os potes com sua avó Raimunda aos 14 anos. Nos meses de dieta (após o nascimento dos filhos, durante o mês de resguardo) parava de fazer os potes. Abandonou a atividade recentemente, em maio de 2012.

Comecei a trabalhar com minha avó até me casar... depois trabalhei com meus tios, João Amaro e Raimundo Amaro até 1950... em seguida produzi com minha mãe durante cinco anos... por fim passei a trabalhar só.

Minha mãe não fazia tudo do ofício ceramista porque não havia necessidade... levantava as peças, mas não cuidava de limpar a pasta como faço com o *arco*... o barro era bom não precisava de tanta limpeza...

A olaria ainda é no mesmo lugar, mas com estrutura diferente... o telhado de palha foi substituído por seu marido que decidira deixar-lhe em uma melhor estrutura antes de morrer... assim o fez, era agosto de 1988 quando reformou a olaria... faleceu em fevereiro de 1989... as telhas eram do telhado de sua tia que foi viver em São Paulo e permitiu que ela aproveitasse-as no seu espaço produtivo.

Durante o inverno (os meses de estiagem entre março a setembro) junto com o esposo trabalhava na roça... plantava arroz, feijão, milho, mandioca... passava mais de duas semanas fazendo farinha... os produtos elaborados ou os grãos diretamente vindos da colheita eram estocados nos *purhões* que produzia e que ficavam na edificação ao lado da moradia... rapadura que era comprada e armazenada... fazia as jarras e os *purhões* (distingue jarra e *purhão* pelo formato aberto, para a primeira, e fechado, para o segundo, da boca) para ter onde estocar os produtos da agricultura... nunca comprava nenhum desses produtos, nem mesmo sabão que ainda faz...

Não gosto de ficar parada... perco a paciência quando não estou trabalhando.

No ritmo do trabalho que desenvolvo faço primeiro as peças pequenas e depois cuido das maiores... em duas semanas faço 150 peças... em quatro dias faço 40

potes... em duas semanas tenho a produção reunida para *enformar*... a demora maior é para fazer o acabamento, o que me cansa mais.

O barro que uso é encontrado em minha propriedade... pago para meu filho Luiz (Luiz Aurélio dos Santos Silva, 51 anos) *desmontar* (extrair) e meu neto Carlos Evânio dos Santos (20 anos) trás até aqui na olaria em sua própria carroça.

Na última vez que eles trabalharam (junho de 2011) conseguiram aprovisionar 14 carroçadas de barro... estou usando esta quantidade há mais de um mês e já está no final.

Tenho dois ajudantes: meu filho Luiz, trabalhador da usina também, que dá o primeiro tratamento da pasta, faz o pisoteio e minha filha que trata a argila junto comigo... ela é professora, mas me ajuda quando pode... *corta o barro* (expressão relativa ao tratamento da matéria prima) que vou utilizar na produção do dia seguinte.

Luiz cuida da quantidade de dois dias de barro... a quantidade dá para trabalhar durante uma semana... antes eu mesmo amassava o barro, mas agora minhas pernas não aguentam, estão cansadas... apesar de ele gostar de me fazer favores eu pago pelo trabalho efetuado.

Existe uma diferença nos vasilhames que faço, nos menores tipos de pots não insiro a *fiada* para terminar a forma... nos maiores, aqueles que chamo jarra, sim.

Uso do sabugo de milho para inserir as ranhuras no pote... nunca usei o pente. Comecei a aplicar as ranhuras com o sabugo de milho há pelo menos 25 anos... só finalizava com o rodo antes... não acredito que o *arranhado* esfria mais... tanto faz *liso* ou *arranhado* o efeito é o mesmo.

Uso um couro (da tira de um estilingue) para dar acabamento na boca do pote.

Faço objetos para servir na mesa... faço panelas com testos, caqueiras e pratos.

Meu forno foi feito por meu esposo há aproximadamente 40 anos... uma reforma foi feita em 04.10.2007... outra foi feita anteriormente... eu cuido do forno, mas para reformar são meus filhos, Luiz e Cícero Francisco da Silva (49 anos)... ambos sabem construir esse tipo de forno.

Para enfiar organizo por camada... primeiro os potes grandes... em seguida os menores e as miudezas nas brechas, até preencher toda a câmara interna... cabem nele 70 potes dos menores que normalmente faço e dos maiores apenas 40.

A lenha que compro é retirada por um agricultor que vive próximo da rodovia... pago R\$25,00 pelo metro... para cada fornada uso quatro metros de lenha... não faço distinção para queimar as espécies... Angelina é que escolhe bastante... qualquer madeira me serve.

A duração da queima é de 24 horas... e o processo de esfriamento dura o mesmo tempo... cuido sozinha de toda a queima.

Há mais de dez anos entrego minha produção para atravessadores em Juazeiro do Norte na Rua Santa Tereza e há mais de quatro anos para o de Milagres pago R\$50,00 para levar até lá, na Rua Santa Tereza... em Juazeiro do Norte já tive diversos clientes... como todas daqui já vendi para a mãe de Geraldo do Pote, para ele também... depois tive várias outras clientes: Dona Pastora, Lica Boleira e uma senhora da Rua Monsenhor Esmeralda... nunca tive dificuldade de encontrar um cliente para vender minha produção.

Acho o trabalho bom demais... se não fosse por ele ia ficar pensando no esposo... ninguém pode é dizer que consegue viver só do trabalho com o barro... dá apenas uma ajuda... dá pra comer... por aqui as pessoas conseguem alguma coisa quando se aposenta... não dá para pensar em construir uma casa à custa do barro.

Desenvolvo as atividades domésticas durante o mesmo tempo que trabalho na olaria... durmo muito cedo, às 18 horas e por isso acordo muito cedo também... às vezes costumo trabalhar durante 12 horas num só dia.

Tenho minhas crenças católicas... 13 de dezembro é o dia da renovação aqui em casa... é o dia da entronização do Sagrado Coração de Jesus... as famílias da região realizam renovações do santo em casa, com orações e cânticos tradicionais... aqui participam pessoas da família... em outras casas também participam conhecidos... sirvo café e bolo para todos... faço a reza às 18 horas porque depois tem a missa da novena de Santa Luzia na capela... sigo esta data desde quando meu avô era vivo... fiquei alguns anos sem realizar a renovação porque a sala de minha casa estava destruída... como a cerimônia ocorre na sala tive que suspendê-la... segundo a forte tradição no Cariri cearense o Coração de Jesus é oferecido pela mãe da noiva para

a nova casa do casal... é a primeira imagem sagrada da casa... contudo apenas os homens entronizam o Coração de Jesus... tem que ser o dono da casa.

Também ajudei muito na angariação de fundos para a construção da Capela de Santa Rita... passei em tantos lugares... sempre conseguimos alguma coisa...

Agradeço a vocês por ter me levado até Jamacaru... foi bom demais ter visto Brasileira trabalhando... fiquei surpresa em ver como ela queima a produção e o jeito de trabalhar sentada no chão... a rapidez do processo de queima é impressionante... queria que aqui fosse assim.

Figuras 82 a 87. D. Maria em diversas ações cotidianas.



F - Transcrição dos relatos orais de Corrinha

Corrinha (Maria do Socorro Nascimento, 25.01.1976), é natural de Carnaúba. É a ceramista mais jovem dentre aquelas em atividade de Passagem de Pedra. Agora mora na Baixa do Quaresma, próximo daquela localidade onde crescera e tornara-se habilidosa com a criação de vasilhames cerâmicos. Esta articulada artesã conhece outros contextos cerâmicos do Estado do Ceará devido às suas participações em eventos culturais promovidos por instituições públicas e sindicais. Personalidades influentes já foram esculpidas e presenteadas pessoalmente por ela, como por exemplo, o ex-presidente da República, Lula, e o ex-presidente do Banco do Nordeste, Roberto Smith.

Sempre firme em suas afirmações considera seu labor o que melhor existe em sua via, mas busca outros conhecimentos. Atualmente é estudante universitária do curso de Serviço Social.

Quando começou a se dedicar ao ofício de oleira já aprendeu a arranhar os potes para entrar no ambiente da produção voltada às demandas dos comerciantes e consumidores. Além da produção dos potes também cria objetos figurativos, que é a parcela de suas elaborações que mais a motiva e faz circular seu nome tanto na região quanto Cariri afora. Porém apesar do tempo que dedica à diversidade de invenções nunca abandonou a produção dos potes *arranhados*, que propicia bons rendimentos.

Conheci Corrinha na feira livre de Missão Velha em 2008. Visitava sua companheira oleira, Brasilina, no local de venda dessa última nas segundas-feiras. Ela me indicou os contextos de Passagem de Pedra e Jamacaru. Deixo abaixo suas palavras livres para mostrar o que pensa.

Aprendi a trabalhar com argila na Passagem de Pedra... lá tem essa concentração de famílias que trabalha com o barro... daí com 13 anos eu ia todo dia pra olaria... um dia despertou a vontade de aprender e Tia Sebastiana me ensinou todos os passos rapidamente.

Comecei a produzir muito, até tinha dia que fazia mais potes do que minha Tia. No início trabalhava como meeira, ou seja, trabalhava para o genro de Tia Bastiana, o dono da olaria e ganhava a metade do que produzia.

Quando dominei a fabricação do pote, com 14 ou 15 anos, fui inventado algumas peças, jarros de plantas, principalmente, em forma de abóbora, etc.

Em novembro de 2006 sai de Passagem de Pedra e passei a residir na Baixa do Quaresma... ainda fiquei 10 meses trabalhando lá naquela olaria... nesse período busquei um empréstimo no Banco do Nordeste através do Agroamigo (programa de financiamento do Governo Federal destinado ao produtor rural) para construir minhas estruturas de trabalho para ser independente... foi muito difícil. Busquei forças num texto bíblico que fala dos talentos que progrediram e fiz um financiamento de R\$1.000,00... deu tudo certo.

Com o dinheiro do primeiro empréstimo além de erguer minha primeira olaria, igual àquelas de Passagem de Pedra, com madeira e palha, também construí o forno e comprei o barro. Fiz outros empréstimos... como era boa pagadora, pois quitei todos os empréstimos, alguns deles adiantados, fiquei bem quista pelo Banco do Nordeste... passei a ser convidada pelos assessores dos sindicatos e pela gerência do Banco para participar de eventos político... foi aí que conheci o Presidente Lula e o presenteei com uma estatueta.

A maior parte de minha produção de peças utilitárias (potes e quartinhas) é comercializada em Serra Talhada... vendo para uma comerciante de nome Maria que tem uma loja naquela cidade a cada seis meses... ela leva pelo menos 100 peças a cada compra... inclusive, depois de uma visita desta comerciante aqui em casa passei a produzir potes com uma abertura perto da base... acho bom vender os potes assim a cada seis meses, porque não me dá prejuízo.

Já as peças figurativas vendo-as há 10 anos na EXPROAF (Exposição dos Produtos da Agricultura Familiar), organizada pela FETRAECE (Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais do Ceará), em outros eventos e aqui mesmo em casa... adoro minhas exposições... eu gosto de mais, quero estar no meio do povão... agente troca muitas experiências, aprende coisas novas, ensina também... dá uma deromeiro, de retirante... forneço também para o CEART (Centro de Artesanato do Ceará).

Produzo desde pequenos potes até os maiores que têm capacidade para 45 litros, que é a peça utilitária mais cara que fabrico, custa R\$12,00... já fiz peças maiores, a jarra grande, que é próxima do *purrao*... eu nunca fiz o *purrao*. Tia Angelina já fez, assim como o pai dela... a jarra grande, tal como o *purrao*, também é utilizada para

armazenar água, mas antigamente o pessoal guardava alimento... farinha, rapadura, goma... recebi outro dia uma pessoa daqui de Missão Velha que disse que na casa dela o armário de guardar os alimentos é um *purirão*... são pessoas que já vivem no mundo moderno... é uma questão de tradição... achei muito bonito isso porque nem eu, apesar de fabricar, não me apego a essa tradição.

Nós usamos aqui em casa os potes que faço para tomar água... as panelas daqui de casa são compradas da produção de Jamacaru... o barro daqui de Passagem de Pedra é muito forte e não aguenta sal... se botar sal ele quebra mesmo.

A tradição da produção da cerâmica em Passagem de Pedra tem mais de 100 anos... eu trouxe para cá... apesar de ter aprendido a fabricar com as ceramistas de lá, tenho minha própria identidade... faço peças melhor acabadas e outras mais rústicas... minhas primas têm umas peças que são muito melhores do que as minhas, muito bem polidas.

Lá eram cinco as olarias que produziam cerâmicas... a maioria sempre vendeu para Juazeiro do Norte e Barbalha. Tem uma diversidade de peças, mas o pote é comum para todos.

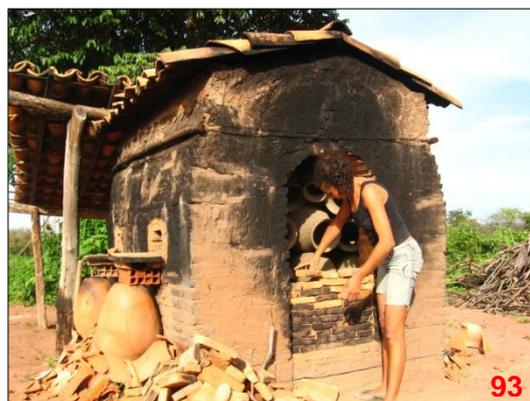
Quando aprendi a fazer potes já utilizava o pente para inserir as ranhuras... aprendi de acordo com Tia Bastiana. Antes os potes eram *lisos* e pintados com a tinta do barro preto. O uso do pente é novo... nunca usei o sabugo, mas Dona Maria usa o sabugo.

Passamos o pente na superfície externa porque pessoas de fora criaram o mito de que o pote *arranhado* esfria mais... eu acho que não é não... meu Tio, o marido de Tia Angelina, dizia que todos os lugares mais baixos acumulam umidade... então ele pensava que essas marcam conservam mais umidade e assim a água fica mais fria... lá em Passagem de Pedra as pessoas que produzem o pote vermelhinho (feito com uma argila mais pura) acreditam que é ele que esfria mais a água... isso é só impressão... eu descartei isso porque usei um pote desses e acho que a cor do barro não ajuda a esfriar mais a água.

Depois que se tornou comum à existência de geladeiras diminuiu bastante a venda de potes... mas ainda assim, algumas pessoas que têm geladeira também compram potes *arranhados*... aqui em casa nós os usamos apenas para armazenar a água

que vamos beber e cozinhar. Eu tenho vendido muito mais para decoração, por mais que não faça com esse motivo.

Figuras 88 a 93. As diversas atuações da artesã Corrinha.



G - Transcrição dos relatos orais de D. Brasilina

A ceramista Dona Brasilina (Brasilina Izabel da Conceição, 1954) nascida no Distrito de Jamacaru, no Município de Missão Velha-CE, começou o aprendizado na cerâmica aos 11 anos de idade com a esposa de um tio, Dona Neuza. Esta oleira não está mais viva e só ensinou seu trabalho a D. Brasilina.

Chega-se ao Distrito de Jamacaru através de uma estrada asfaltada, estreita, sinuosa e sem acostamento que é acessada a partir do centro de Missão Velha. São 20 km até lá. D. Brasilina é a mais ativa ceramista da localidade.

Na minha família minha irmã Madá também trabalhava com cerâmica... ela aprendeu sozinha através da observação e usava o torno para fazer algumas peças. Quando eu era criança existiam muitas *loiceras* aqui em Jamacaru... algumas que abandonaram a atividade ainda estão vivas... há alguns anos somente eu e Olívia (Olívia Joaquim de Azevedo, 1934) continuamos produzindo.

Tentei ensinar uma jovem vizinha que se interessou pelo trabalho... ainda pagava R\$8,00 pelo turno do trabalho, em tarefas como a inserção dos sulcos com o sabugo de milho nos potes... ela não quis continuar.

Minha olaria é no quintal da casa que alugo há mais de 10 anos em Jamacaru... do começo ao fim de um lado da rua as casas são geminadas... a área reservada para o trabalho é bem apertada... é uma área no fundo da residência com aproximadamente 3 x 1,70 metros cobertos por um telhado. Há pouco mais de três anos morava aqui mesmo com meu marido... aí ganhei de um programa habitacional da prefeitura uma nova casa, aqui mesmo em Jamacaru... estou construindo uma estrutura para transferir a olaria para lá. Lá vai ser melhor porque fica mais próximo do lugar que pego a argila... a distância que percorro já é curta, menos de um km.

Fico a maior parte do tempo trabalhando sentada no chão... os vasilhames são elaborados quase sempre sobre minhas pernas, estiradas na superfície já coberta por argila compactada... alguns buracos, que vão surgindo no decorrer do uso no chão, funcionam como suportes para acomodar algumas peças durante um dos momentos de secagem ou na própria elaboração.

Meu marido já me ajudou na produção... era ele quem buscava a lenha, a argila, a areia e realizava o processo de queima... mas ele deixou de prestar o auxílio... agora atuo sozinha na maioria dos afazeres... raramente recebo a ajuda de uma vizinha para buscar a argila.

A argila que utilizo é extraída de uma jazida situada próximo do topo da Chapada do Araripe... a tarefa é semanal e no dia destinado ao abastecimento ainda confecciono algumas peças... lá não existe curso d'água próximo. O dono da propriedade me deixa entrar para pegar o barro. Houve um período em que para adquirir a argila pagava alguém para coletá-la e transportá-la em uma carroça.

Diferente da produção oleira de Passagem de Pedra o barro que uso permite a fabricação de panelas que vão ao fogo, mesmo com a adição de sal... por isto sou bastante procurada na feira de Missão Velha.

A areia, que serve de anti-plástico é coletada no lugar chamado Cercadinho... quando não encontro um buraco aberto tenho que cavar perto de um metro... posso aproveitar areia utilizada em construção... já peguei até da areia que estava servindo para a construção do posto de gasolina.

Início a confecção das peças com adição da areia e porções de água à argila sobre uma tábua de madeira... respingo água com as mãos até umedecer o bastante a mistura da argila com a areia, com o objetivo de deixar a pasta homogênea.

Antes de formar a parede do vasilhame trato a pasta com leves tapas... sempre rolo está massa inicial até atingir a forma de um cone ou cilindro... quando é adquirida a consistência ideal apoio a forma em um pequeno buraco, já existente no chão... em seguida a parte menos espessa da forma é acomodada no buraco... a cavidade no chão proporciona o início da feitura da base do recipiente.

Sentada ao chão começo a fazer o pote abrindo forma, com movimentos de dentro para fora... giro a forma que começa a ser delineada... somente quando fico de pé, com o vasilhame já em plena formação, é que giro o corpo em movimentos circulares... quando percebo a consistência sólida antes da completa formação da parede respingo água para não produzir depressões com o movimento da mão.

A parte superior do vasilhame, correspondente ao pescoço e boca, é confeccionada via a inserção de um ou mais roletes... os roletes são inseridos após um dia no processo de secagem no pote que foi formado até o ombro.

Nunca termino um vasilhame em um dia... após o princípio da elaboração com a abertura da massa ao dar forma ao recipiente, dou o primeiro alisamento interno e só depois de secar, no outro dia, finalizo com outros detalhes.

No acabamento manipulo instrumentos... o primeiro gesto realizado com um instrumento, uma madeira em forma de régua, é o tratamento da superfície externa, que é responsável também pela retirada de pequenas impurezas.

Em seguida aplico às ranhuras na superfície externa com o sabugo de milho... eles são alisados nas duas faces com uma palheta, obtida com um pedaço de cabaça. O acabamento de alguns recipientes ocorre o uso de um seixo... ele entra no processo como suporte para dar polimento na superfície de alguns vasilhames.

A base é formada desde o início da formação... para finalizá-la é utilizada uma faca para cortar o excesso de argila somente após a secagem da peça.

A borda dos vasilhames é diferente para cada função... nos potes é extrovertida, nas panelas direta e nos vasos recebe decoração plástica... em todos os tipos entra no processo mais um instrumento: um pedaço de tecido de jeans para alisar a borda.

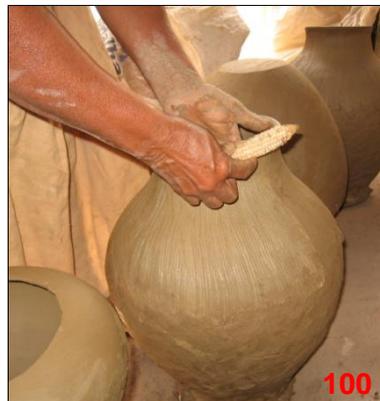
Na confecção do vaso de plantas depois da modelagem e alisamento interno, é feita uma decoração plástica na borda que conta com a modificação da superfície sem a adição de parcelas de argila... um motivo curvilíneo é inserido através de inúmeras modificações de forma a deixar tais partes um pouco sinuosas... a finalização ocorre com uma pressão impressa por um dedo indicador no lábio, que ao fim fica retilíneo.

Num dia produtivo de trabalho fabrico até 10 vasilhames... faço diversos tipos de panelas, potes, recipientes para servir à mesa e jarros... as tigelas servem tanto para servir alimentos quanto para fazer sabão.

Os vasilhames são queimados a céu aberto, sem a utilização de forno... faço uma fogueira estruturada com qualquer tipo de madeira... podem ser utilizadas espécies nativas, tábuas e restos de construção... isto ocorre a cada semana, quando as peças fabricadas já estão prontas para serem levadas ao fogo... a queima dura pouco mais de uma hora depois que a chama alcança sua plenitude.

Vendo minha produção nas segundas-feiras na feira de Missão Velha e em outros dias no povoado Gameleira de São Sebastião... também recebo pedidos na olaria.

Figuras 94 e 104. Atuação de D. Brasilina.



H - Transcrição dos relatos orais de Desterro

A ceramista Desterro (Maria Conceição da Silva, 1965) é natural do Município de Brejo Santo. labuta com a transformação da argila em vasilhames desde 1984. Além dela e do marido Francisco (Francisco Júlio da Silva, 1959) não existe outra pessoa desenvolvendo esta atividade no município. Encontrei-os diversas vezes na feira e em sua residência. Moram em uma casa, também utilizada como olaria na porção posterior. Fica localizada na Sede do Município de Brejo Santo, porém afastados do centro, na Rua Prefeito Joaquim Basílio, n.º 67, Vila Raimundo Fernandes – Ladeira Vermelha.

Aprendi esse trabalho com minha co-cunhada, ainda quando morava na localidade da Jitirana... os ensinamentos têm raízes nos conhecimentos transmitidos em outro lugar de Brejo Santo, a localidade de Lagoa do Mato, que hoje é conhecida pelos materiais construtivos produzidos numa fábrica.

Minha co-cunhada conheceu a arte de fabricar vasilhames cerâmicos com a mãe... elas viviam na Lagoa do Mato, onde antigamente tinham muitas *loiceras*.

Conto com a ajuda de meu companheiro, Francisco... ele participa de vários momentos do trabalho – provisionamento da lenha, da argila e da areia, tratamento da pasta e até algumas etapas da formação das peças... sempre com minha observação... controlo e participo de todo o processo.

A aquisição dos insumos da atividade ocorre em diferentes lugares... a argila e a areia são adquiridas na propriedade de um fazendeiro que nos permite acessar o local com esse propósito... a quantidade obtida é sempre o suficiente para o trabalho que executo durante oito dias.

Temos apenas uma bicicleta como meio de transporte... pagamos R\$10,00 a um carroceiro para transportar os sedimentos extraídos e a lenha.

Usamos um pequeno talude na margem do Riacho Porteiros onde encontramos o *veio do barro de loiça* observando o lugar... com uma picareta são retiradas parcelas do sedimento que se desprendem aos torrões, até conseguir uma quantidade suficiente para encher um grande saco.

Quando não conseguimos encontrar um carroceiro transportamos apenas um saco na bicicleta... é preciso realizar diversas idas à jazida até reunir a quantidade de argila que necessitamos para o período de trabalho semanal... na carroça são transportados cinco sacos de uma só vez... ao chegar ao destino à argila fica reunida num amontoado de uma pequena área aqui do lado de casa, onde também tratamos a pasta.

A areia é coletada no terraço fluvial do mesmo curso d'água onde encontramos o talude da argila... a quantidade é muito menor do que a argila.

A fonte energética usada na queima dos vasilhames é a lenha que adquirimos sempre que se aproxima o dia de colocar a produção para queimar... queimamos as sextas-feiras... a lenha tem que ser de espécimes secos da flora nativa... mas no ato da queima também podemos usar o sabugo de milho... antes ele era usado no tratamento da superfície externa, porém devido à eficácia de outro instrumento perdeu sua função produtiva.

A frequência da aquisição da lenha é igual a da argila... pagamos R\$10,00 para cada carroça trazida com lenha proveniente da localidade alcunhada como Arizona, distante aproximadamente seis km daqui de casa... o serviço do carroceiro é apenas o transporte dos feixes... nós mesmos vamos retirar a madeira, com maior frequência Francisco.

Mesmo com nosso trabalho em conjunto, todo o processo de confecção das peças fica ao meu encargo... Francisco ensaia *levantar* algumas peças... ele cuida mesmo das atividades inerentes à pré-produção (extração e aquisição de matéria-prima e de lenha), fabricação e manutenção do forno, queima, e *traça o barro*, ou seja, a etapa em que acontece o tratamento da pasta da argila com a introdução do anti-plástico... ele faz bem o tratamento até o barro ficar macio que nem cera... somente quando atinge a homogeneidade a etapa é finalizada.

A área no fundo daqui de casa, apesar de bem apertada, é suficiente para a produção das peças...

Fazemos as peças sempre de pé e em movimentos circulares... inicio a confecção das peças com leves tapas na pasta de argila já *traçada*, rolando até a formação de um cone (a pré-forma)... o suporte é um tamborete.

Com movimentos do centro para as extremidades, retirando parcelas de argila do referido cone, levanto aos poucos as paredes do vasilhame que começa a obter forma... até aí somente utilizo as mãos.

Logo em seguida aliso a superfície interna com uma *paieta* (um pedaço de cabaça)... a abertura tem que ser suficiente para realizar os movimentos... o sabugo de milho auxilia na formação da parede em movimentos tangenciais inclinados.

Depois um rolete é inserido para a modelagem da parte superior (pescoço e boca) até a borda... faço o pescoço bem constricto e depois abro bastante para formar a boca.

Para a realização da borda, com uma lâmina de metal, retiro uma pequena parcela de argila para deixá-la retilínea... em seguida com uma tira de couro, reaproveitada de uma *atiradeira* (estilingue), dou contornos de alisamento.

No acabamento externo de um pote utilizo uma serra de ferro para a inserção das ranhuras... nos outros recipientes utilizo uma *cuiá* (um pedaço de cabaça) para o alisamento, tanto externo quanto interno... o tipo de tratamento interno da superfície dos potes também é feito com a *cuiá*.

A formação da base tem como procedimento a raspagem quando a opção é realizá-la arredondada e até mesmo para retirar o excesso de argila quando ela é plana... os potes e jarros observados possuem a base côncava... nos demais recipientes elas são planas.

As bordas diretas, meu tipo preferido, são realizadas em todas as panelas... os demais recipientes podem ter também a borda com decoração.

Faço pote, cuscuzeiro, cabaça, panela, texto, quartinha, jarro, tigela, prato, travessa e recipientes para torrar café e beiju... alguns vasilhames somente são produzidos após encomendados... os potes maiores podem até atingir a capacidade de *18 latas*, ou seja, 90 litros.

A produção sofre uma baixa no período do inverno, entre os meses de dezembro a abril... apesar das encomendas que recebemos nesse período não conseguimos queimar a produção devido aos dias chuvosos.

Os vasilhames cerâmicos elaborados são queimados em nosso próprio forno... é do tipo circular, a céu aberto... construímos ele na superfície do terreno aqui ao lado de

casa... pertence ao cunhado de Francisco, que planeja retornar de São Paulo e já quer a devolução da área... então estamos buscamos outro terreno.

A estrutura do forno é de parede única e circular... foi feito pela técnica de alvenaria... é composto por tijolos maciços aglutinados com argamassa de argila e tem aproximadamente 1,20m de altura por 1,00m de diâmetro... parte da argila foi retirada no próprio terreno... o alicerce foi diretamente inserido numa cavidade aberta no chão de onde a parede é erguida... a parede foi amarrada por uma trama de arames farpados para dar maior sustentabilidade, já que a alta temperatura dilata a estrutura. Francisco já tinha observado que no primeiro fogo ele racha, mas como o amarramos não arria. a estrutura, construída aproximadamente em março de 2008, tem sempre que receber manutenção, pois devido às inúmeras queimas ocorre degradação na parede. antes de utilizar esse terreno íamos para áreas distantes... esse já é o terceiro forno que construímos.

Na parte inferior existem duas aberturas por onde ocorre a introdução da lenha e a ventilação... as aberturas dispõem-se propositalmente ao sul e ao norte para facilitar a absorção do vento... já tentamos utilizar outras direções para as aberturas, mas não tivemos sucesso.

Os vasilhames são inseridos no forno após o processo de secagem... existe uma organização que deve sempre ser obedecida para garantir a inserção e retirada dos vasilhames no forno sem a fragmentação que ocorreria por conta do peso deles... primeiro botamos as panelas, em segundo lugar os potes, em cima as outras vasilhas, os cuscuzeiros, os pratos, os textos... se esta ordem for obedecida, com os mais pesados em baixo, temos a certeza que obteremos produtos íntegros.

Com o forno preenchido a parte superior é coberta, com telhas e grandes pedaços de panelas ou potes fragmentados, para abafar o interior e aproveitar ao máximo a alta temperatura interna.

O processo de queima exige cuidados específicos... o início é lento, com o gradativo aumento do calor interno para não levar os vasilhames a uma fragmentação pela elevação súbita da temperatura... se botar a lenha toda de uma vez as peças estalam.

No começo a chama fica na entrada das aberturas inferiores do forno... com a experimentação através do toque com as mãos nas telhas e fragmentos de

vasilhames na cobertura é possível sentir se a temperatura interna já alcançou o ápice do calor... este é o momento de deslocar a chama para o interior do forno... a alimentação da chama é finalizada com esse evento, que é o bastante para a criação de brasa o suficiente que persiste por todo o resto do período de queima.

Acontece uma permanente vigia durante a queima... após os vasilhames terem sido cozidos ficam com marcas escuras, que são notadas mediante a observação deles dentro do forno no mesmo momento em que a temperatura alcança o calor máximo... é iniciada então a parte final da queima, que tem um objetivo... os recipientes ficam mais algum tempo dentro do forno tendo apenas como fonte energética as brasas, e aí ocorre a limpeza das marcas escuras que tinham surgido na superfície deles... temos esta preocupação estética com o produto final.

Em aproximadamente quatro horas no fogo os vasilhames ficam prontos para serem comercializados.

No município de Brejo Santo existem três pontos de venda de vasilhames cerâmicos... um deles é fixo, a pequena loja da Dona Diva... nos sábados, em dias de feira, dois outros pontos de venda se instalam... um desses é a venda de produtos de uma *loicera* do município de Mauriti... o terceiro, sempre no mesmo lugar, são os meus vasilhames... os vasilhames mais vendidos são as panelas e os potes... dificilmente voltamos para casa com alguma peça... rapidamente conseguimos vender tudo ou a maior parte da produção, tanto que ao chegar às 11h da manhã já finalizamos a comercialização.

Minha produção já foi levada para outros estados, como o Maranhão e São Paulo... recebo encomendas de vasilhames diversos para a utilização na produção de doces e outras elaborações da culinária... aceito encomendas de muitos vasilhames, que podem ser de até 90 potes pequenos, que em valores de 2008, chegariam até a R\$100,00.

Também forneço peças para um atravessador de Salgueiro... o comprador leva a cada 15 ou 20 dias cerca de 30 potes de 36 litros e 20 panelas.

Para Francisco o sucesso das vendas está no produto final que tem características de esfriar a temperatura da água e ter alta durabilidade... ele compara o reconhecimento desta cerâmica com outros polos produtores (Missão Velha e

Mauriti), e afirma que as pessoas têm a certeza que estão levando um vasilhame de qualidade ao saber que foi produzido no município de Brejo Santo.

Para melhorar nossas condições de trabalho desejamos ter uma carroça para fazer o transporte das matérias prima e das peças... também precisamos de um terreno próprio para ter definitivamente o lugar da queima.

Figuras 105 a 112. Desterro em ação nas diversas etapas do processo produtivo.



I - Transcrição dos relatos orais de Déta

Déta (Josefa Amaro dos Santos, 13.12.1947) começou a trabalhar com a cerâmica por necessidade, pois foi a única profissão que teve acesso. Iniciou somente aos 30 anos depois de casada. Antes apenas auxiliava a mãe, D. Bastiana.

A necessidade de sustentar a família me fez trabalhar definitivamente com a cerâmica. Hoje gosto e tenho muito orgulho da profissão. Assim como minha mãe e minha irmã trabalho na olaria de marido e ganho a metade da produção. Isso sempre foi muito comum aqui, até Corrinha já trabalhou como *meeira*.

No começo foi muito difícil... mamãe me ajudou muito, ao mostrar sempre a forma certa... passei um tempo grande para conseguir formar bem minhas peças... errava muito quando eu ia levantar o pote e alcançava a altura do ombro, aí desmoronava... desmanchava e levava pra tábua de novo... mamãe vinha e dizia “não é assim. Tem que ter cuidado de levantar direitinho. Levantando mais grosso. Se toda vida que errar você levar lá, não tem rendimento seu trabalho.” Aí fui observando ela, acreditando no que ela ia dizendo e hoje estou aqui. Tenho muito orgulho de mamãe e reconheço a importância do trabalho dela para a família.

Uma coisa que atrapalha muito o trabalho na olaria é o atraso no pagamento que alguns clientes fazem. É o salário da aposentadoria que ajuda a pagar uma lenha e a manter a família enquanto não recebemos os pagamentos das vendas.

Prefiro trabalhar com o *barro* em um estado duro... para mamãe tanto faz. A consistência da pasta depende da quantidade de areia inserida.

Tenho alguns gestos diferentes de trabalhar das minhas colegas. Na formação do pote retiro as partes da pasta de fora para dentro... mamãe consegue fazer assim também, mas Conceição faz de outro jeito.

Não faço outros objetos... só os potes.

O *arco* é uma grande invenção daqui. Foi um primo de mamãe que criou para facilitar a retirada de sujeiras do barro... sem o *arco* a tarefa seria muito mais demorada.

Tem muitos instrumentos que usamos na nossa atividade... o pente que serve para arranhar, o *rodo* (pedaço de tábua) para alisar a superfície por dentro e por fora...

depois de três ou quatro dias do pote pronto é utilizado o *facão* (diversas lâminas de metal de tamanhos variados, entre 15 e 30 cm) para raspar o fundo da peça... raspamos no canto da olaria... colocamos no colo e vamos passando ao redor e em baixo do pote até chegar ao formato que queremos. Na borda apenas o dedo é utilizado para retirar parte da argila, para deixá-la retilínea.

Tia Angelina e as meninas (Quêza e Tetê) fizeram uns potes e *purraõ* que foram encomendados pelo pessoal do Museu Vivo do Padre Cícero. Devem estar lá no Horto.

No uso do pote aqui em casa a água tem que descansar um dia... boto a água no pote em um dia e no outro é que coloco na geladeira.

O pote antes tinha outras formas de uso... papai levava até para a roça... para ter onde guardar água de beber, mas ele usava a cabaça também... presa numa corda e fechada com o sabugo de milho.

Figuras 113 a 116. Déta na olaria.



J - Transcrição dos relatos orais de Conceição

Conceição (Maria da Conceição Amaro Silva, 24.06.1969) é natural de Passagem de Pedra. Iniciou seu aprendizado há pouco mais de 20 anos com sua mãe D. Bastiana.

Passei um longo tempo para aceitar trabalhar com a cerâmica porque não gostava... apenas auxiliava minha mãe no momento de preparar o barro... ela insistiu tanto que comecei a trabalhar efetivamente. No início tive as mesmas dificuldades de minha irmã, Déta.

Em algumas etapas faço diferente delas (mãe e irmã). Para começar a formação do pote retiro as partes da pasta de dentro para fora.

Só há cinco anos comecei a dominar a elaboração de um pote... antes disso não tinha habilidade para finalizar a peça e por isso recebia a ajuda de mamãe a partir da metade... também não *fórro* sozinha... normalmente a deixo fazer isso.

Eu domino os outros procedimentos de formação do pote... coloco a *fiada*, dou alisamento, *arranho*, decoro a borda, etc.

Só faço os potes... não me interessa em aprender a fazer outro tipo de peça.

Trabalho aqui na olaria de meu cunhado porque tomei gosto com a atividade... o ganho é pouco, mas acho importante.

Apesar da satisfação com o trabalho Conceição abandonou a atividade. Isto ocorreu recentemente, em 2013, depois que se casou e saiu de Passagem de Pedra.

Figuras 117 e 118. Conceição termina a formação de um pote e insere a borda.



K - Transcrição dos relatos orais de Bia

Bia (Maria das Neves dos Santos Oliveira, 05.08.1952), natural de Passagem de Pedra. É filha da *loicera* D. Maria. Teve sua própria estrutura produtiva. Especializou-se na produção de peças de servir a mesa. Deixou a atividade em janeiro de 2014.

Trabalhei dos 10 aos 18 anos e depois entre 2006 e 2007 na olaria de minha mãe. Afastei-me por 18 anos da produção cerâmica quando atuei como cozinheira na Usina Manuel Costa Filho, que produzia álcool e açúcar, em Barbalha, desativada há mais de 10 anos e que conta com possibilidade de reativação para 2016. Depois foram mais cinco anos em outra usina localizada no Crato. Desisti de trabalhar fora daqui porque vi que a renda era pouca... não dava para sustentar a família... por isso decidi trabalhar definitivamente com a produção cerâmica.

Todo meu aprendizado foi através dos ensinamentos de minha mãe... no começo tinha dificuldade de desenvolver a atividade... pedia orientação a ela que me dizia como pegar o *bolo* de barro e pensar no que ia fazer... eu botava o bolo de barro no assento fazia as bolinhas e com a imaginação decidia o que elaborar... quando percebia que estava levantando a peça ainda perguntava se estava bom... depois desisti de esperar a orientação dela e comecei a produzir até finalizar a peça com minhas ideias... aprendi muito ao observar minha mãe andar em volta do assento e passei a imitar os gestos dela com as mãos... passei a reproduzir os mesmos movimentos dela nas diversas etapas da formação das peças.

O que mais produzo é vaso para decoração, conjunto de feijoada, pratos, travessa para peixe e para cozido... faço também potes, quartinha, jarro de planta... já produzi potes em maior quantidade, mas hoje são poucos os que faço... tenho que produzi-los também porque é com eles que organizo melhor as peças no forno... os potes formam a base do que coloco para queimar... preciso ter os potes para obter os espaços onde os objetos menores serão posicionados... não posso queimar somente os menores porque é necessário equilibrar o peso dentro do forno... se estas peças ficarem sob muitas outras elas se abrem e não aguentam o calor... e mesmo com o cuidado a perda ainda é grande... na última fornada fiz 14 potes... depois da queima somente cinco ficaram íntegros... o que tem sido bom na minha

produção são os outros objetos menores... o ganho com eles ainda recompensa o prejuízo que tenho tido com os potes.

Comecei a trabalhar sozinha em 2008... vi que trabalhar de meeira não dava certo... tinha percebido que já dominava a formação das peças... sentia-me independente na produção... então decidi ter minha própria estrutura... achei um pouco de dificuldade no início porque não tinha a olaria... pedi ao meu marido para organizar meus espaços produtivos embaixo da mangueira perto de casa, porque seria melhor trabalhar e ter o ganho todo... meu marido achou que não seria bom trabalhar a céu aberto e resolveu construir uma estrutura básica inicial... aceitei a proposta dele porque teria muito prejuízo com a incidência do vento nas peças... as peças não podem ficar a céu aberto porque se receber muito sol ou muito vento sua constituição se destrói... ocorrem rachaduras... já tive peça que rachou em pouco tempo, no deslocamento da olaria para o forno, mesmo após ter sido bem guardada sob plásticos e na sombra.

Para conseguir o dinheiro da construção da olaria e ter onde trabalhar sem ter muito prejuízo resolvi fazer um empréstimo de R\$1.000,00 no Banco do Nordeste... comprei os materiais e ele fez essa pequena edificação... depois disso passei a trabalhar só e tenho minha renda suficiente para viver... seria melhor se tivéssemos mais pessoas para trabalhar conosco... poderia queimar a produção a cada 15 dias.

Meu marido dá muita ajuda... ele tem dificuldade de executar alguns gestos porque amputou dois dedos... improvisa com algum instrumento e eu finalizo o acabamento em algumas peças que para ele é complicado.

A jazida que utilizo para adquirir o barro é a mesma da minha mãe... nunca uso o *barro vermelho* porque o pessoal que extrai minha argila não sabe como trabalhar com ele... eu até queria, mas também não conheço como utilizá-lo, apesar da experiência que tenho. Vamos buscar somente em novembro para trabalhar no inverno (no Cariri período entre outubro e março)... é um período difícil de trabalhar... temos muita perda... é complicado controlar o período de secagem das peças... se demorar muito pode estragar... o melhor é conseguir finalizar a secagem em 15 dias.

Para iniciar o trabalho começo a criar a pasta ao tratar o barro no *couro* com o umedecimento pela manhã... *viro* e corto-o com a enxada para machucar... no dia

seguinte pela manhã *viro* novamente e piso até ficar bem curtido... depois disso levo para o balcão de madeira dentro da olaria e com o *arco* corto para dar o tratamento mais fino... para retirar as pedrinhas menores... meu *arco* é todo feito de metal... é mais resistente do que o de minhas tias e primas, que é feito de cipó... o meu já tem mais de quatro anos.

O *arco* ajudar a curtir melhor o barro para fazer as pecinhas mais delicadas... se o barro não estiver todo limpo na hora de passar os instrumentos menores (faquinhas e pedrinhas), as pedrinhas que aparecem impedem o bom acabamento das peças... o acabamento é que dá o valor da peça... as pessoas que compram já sabem quando tem alguma peça com pior acabamento a venda que não se trata de um produto que eu fiz.

Para finalizar o tratamento da pasta acrescento o ingrediente não argiloso... no meu caso não uso areia como todas as *loiceras* daqui... trituro um tijolo maciço até restar somente pó dele e uso para misturar na pasta.

Na sequência seleciono a parcela da pasta suficiente para a quantidade de peças que vou trabalhar...

Tenho diferentes tipos de instrumentos que me auxiliam na produção... diversos pentes para *arranhar* os potes... o uso de cada um depende do tamanho da peça... o pente maior, que tem os dentes mais espaçados, serve para a decoração dos produtos maiores... ainda uso o sabugo de milho quando vou *arranhar* as quartinhas e os vasos menores... as pequenas facas servem para fazer as menores peças, principalmente para dar o acabamento em algumas partes delas... o *facão* é para dar o acabamento dos potes... as pedras de diversas dimensões, com uso conforme for o tamanho da peça, são utilizadas para alisar... o rodo para o alisamento também tem tamanhos diferenciados, de acordo com a dimensão do produto em elaboração... os moldes feitos de aglomerado (diversos motivos) tem serventia na decoração das peças... uso uma colher para raspar parcelas da pasta na confecção dos copos... na borda dos vasilhames dou acabamento com um pedaço de tecido, geralmente jeans... se falta algum deles a tarefa torna-se impossível.

As panelas que são componentes do conjunto da *feijoada* não podem ser utilizadas para preparar alimentos no fogo... aviso logo àquelas pessoas que compram, porque elas ficam admiradas com a beleza das peças precisam saber o que pode ser feito

com elas... se a comida for feita em outra panela por ser servida nelas... não pode colocar sal também porque o barro daqui já tem sal... se colocar sal ela se quebra. Para cozinhar com panela de barro aqui temos que comprar àquelas feitas em Jamacaru... prefiro cozinhar nas panelas de barro.

Para finalizar a produção trabalho por 30 dias para produzir aproximadamente 500 peças. A fornada pode ter uma quantidade menor, por exemplo, de uma média de 14 potes, 30 quartinhas, 10 jarros de planta, 30 jarros de decoração, 50 pratos, 10 travessas e 20 peças do conjunto da *feijoada*.

A queima dura 24 horas... para ter essa duração depende de ficar alimentando o fogo de madrugada.

A queima aqui na minha produção ocorre uma vez por mês... é o suficiente para realizar a venda em três idas à feira, porque minha produção tem muita procura devido à diversificação... até mesmo os potes que teve grande redução nas vendas são todos comprados... vendo na feira de Barbalha, aos sábados... queria experimentar vender na feira de Missão Velha... nunca fui vender lá... inclusive tem gente de Missão Velha que me encontra em Barbalha e fica admirada com minhas peças. Também vendo diretamente aqui em casa... vem gente de Missão Velha comprar aqui... já recebi encomenda até de pessoas que moram em Fortaleza, mas não aceitei porque não consigo atender a toda a demanda... se tivesse pessoas para ajudar eu aceitava... minha freguesia em Barbalha, que é grande, já sabe como eu trabalho... sempre aviso que não posso garantir o dia que levo as peças que me pedem.

Produzo potes *arranhados* e *lisos*... porque tem muita gente que pede *arranhado*... o vasilhame *liso* é mais aberto e o *arranhado* é mais fechado... os *lisos* são vendidos para quem quer colocar no jardim, para decoração de ambientes... os *arranhados* são pedidos por quem acredita que esfria mais a água... eu acho que não tem diferença... já testei aqui em casa... uso e não percebo diferença... só *arranho* os potes e as quartinhas.

Para transportar as peças até Barbalha, para vender, uso primeiro nossa carroça... é o único uso que fazemos dela... mas o trajeto com ela é apenas até a rodovia CE 393. Dali até Barbalha vou de ônibus, da linha intermunicipal.

As peças pequenas são embaladas em caixa de plástico... coloco bastante jornal para impedir qualquer dano... os potes são carregados dentro de sacos... levo três deles e quatro caixas de plástico com as pecinhas... faço isso na sexta-feira quando já começo a vender... em Barbalha qualquer dia que eu for trabalhar consigo vender porque sou a única que vende destas peças. No sábado volto para vender mais... esses dias são meus preferidos para comercializar a produção.

A maioria das pessoas que compra em minhas mãos é de Barbalha... muitas delas compram para revender depois de decorar com pintura... são pessoas que têm loja de floricultura... depois de modificar minhas peças com as decorações que fazem vendem por um preço muito alto.

Tem também os donos de restaurante que compram os objetos para servir a mesa... para o restaurante Coisas do Sertão entre Crato e Juazeiro do Norte vendi 300 peças, entre panelas, pratos, travessas e copos... é frequente esse tipo de pedido dos donos de restaurante... nem sempre consigo atender pedido grande... Sr. Luiz proprietário de um restaurante de Juazeiro do Norte encomendou 400 peças... não consegui atender esse pedido... ele me encontrou em um sábado na feira de Barbalha e somente levou 40 peças... mas se fosse para fazer todas as peças teria que começar na olaria às 6:00 h e parar de trabalhar às 18:00 h. É o que gostaria de fazer. Sinto-me muito bem com meu trabalho... adoro ficar aqui trabalhando... quando estou aqui esqueço que existem problemas, só penso nas peças que estou fazendo. Se eu tivesse pelo menos uma pessoa para me ajudar me dedicaria mais à olaria.

Um conjunto que vendo muito é a jarra, com a bandeja e os quatro copos... custa R\$40,00... devido à beleza dele a procura é tão grande que sempre fico com a sensação que deveria ter feito mais dele... as pessoas acham que tenho uma forma para fazer as peças sempre tão bonitas.

Tenho outra renda... sou aposentada... também planto milho e feijão na terra de mamãe e tenho umas crias (galinhas e porcos). O maior ganho é com a produção cerâmica.

Enfrento o problema de não ter um lugar abrigado para trabalhar... vendo a produção na calçada... mas a situação vai mudar... tem um projeto que será executado na feira de Barbalha para organizar o espaço da feira. Com um lugar

específico acho que vai melhorar porque terei onde guardar as peças que levo para vender... pago R\$10,00 por semana para deixar a produção que não consegui comercializar e o lugar não é coberto... é ruim porque me impede de diversificar a produção... algumas pessoas me pedem para pintar as peças, mas como vou manter a integridade se não tenho onde guardá-las.

Figuras 119 e 120. Bia apresenta alguns de seus produtos.



L - Transcrição dos relatos orais de Dedé

Dedé (José Amaro do Nascimento, 24.04.1961), é filho de D. Angelina, e também um dos ajudantes do núcleo de produção de sua família. Da mesma forma que pensa sua mãe e irmãs, ele não acredita que as ranhuras são responsáveis pela mudança de calor da água mantida nos potes. Dono de um profundo conhecimento de técnicas construtivas é responsável pela manutenção do forno de sua família, bem como da estrutura da olaria.

Conhece outros contextos cerâmicos do Estado do Ceará. Visitou-os com seu pai (Pedro Vicente do Nascimento, 13.07.1920 - 29.10.2000) quando foram convidados para contribuir com a construção de fornos mais resistentes. A resistência é uma das características das estruturas de queima da cerâmica que eles possuem em Passagem de Pedra. Tal como o saber fazer cerâmica a técnica de construção dos fornos (de modelo único) foi transmitida pelas gerações anteriores de sua família. Pormenores de sua fala são interessantes para a compreensão da sequência de etapas da confecção dos potes, bem como para o entendimento da construção das estruturas destinadas à produção oleira.

Sempre vivi em Passagem de Pedra... saí daqui algumas vezes apenas para trabalhar, mas nunca mudei de residência.

Comecei a trabalhar aos 14/15 anos como agricultor, com a criação de gado e como pedreiro... por conta própria, nas propriedades da família... aprendi estas profissões com papai, assim como a construir os fornos.

Papai aprendeu a construir o forno com o pai de mamãe... eu e meus irmãos também trabalhamos com a produção de telhas e tijolos... construí muitas casas por aqui e fora daqui também... trabalhei em empreiteiras na construção civil... fui o mestre de obras responsável pela construção da capela de Passagem de Pedra... um de meus irmãos, que também conhece a fabricação dos fornos ajudou nesta empreitada.

Estudei até a 3ª série... era muito complicado estudar quando era criança, porque não existia escola perto daqui... uma professora nos ensinou (eu e meu irmão) a *carta de ABC* na casa dela e somente quando ela queria... não continuei porque comecei a cuidar do gado e das roças quando papai ficou idoso.

Fui a outros municípios (Jardim, Crateús e Mauriti) para construir fornos quando solicitado pelo SEBRAE... em Crateús vi fornos circulares e abertos... para a queima esses fornos eram cobertos com cacos de vasilhames cerâmicos e esterco de gado.

Um equipamento de trabalho que vi apenas aqui é o torno... quando visitei outras comunidades oleiras percebi que não existe a utilização dele. Fui eu que construí o único torno da localidade... papai também construía... e mamãe diz que isso é coisa que vem do pai dela.

O tipo de forno que aprendi a construir com papai já existia em Passagem de Pedra na minha infância... só existia um quando nasci... pertencia a meu avô (Antônio Amaro dos Santos, falecido em 1963)... ele também construía fornos.

Esse tipo não era conhecido em outros lugares... somente depois que construí os fornos naqueles lugares é que eles foram reproduzidos... mas isso é herança da minha família.

O primeiro forno que construí sozinho é esse que ainda está edificado ao lado da olaria de mamãe... fiz ele há 20 anos... o primeiro desta olaria fora feito por meu pai que com a idade muito avançada não pôde manter a manutenção nem construir um novo... somente eu meu primo Expedito sabemos edificar os fornos... nenhuma outra pessoa da comunidade se interessou em aprender.

O forno é todo edificado com tijolos maciços, argila (mesma usada na cerâmica, coletada na camada superficial), água e folha de palmeira... nenhum outro material, como cal e cimento, é introduzido na construção, caso isso ocorra na primeira queima o forno se quebra, *papoca*... para a construção do forno nenhum tratamento especial é realizado na argila, apenas é adicionada a água... esta mistura é o que compõe a argamassa responsável pela aglutinação dos tijolos.

Primeiro é cavada um cavidade de aproximadamente 80 cm de profundidade onde é iniciada a base do forno com os tijolos sobrepostos... os tijolos são inseridos sobre uma base, um *lajão que nem se faz no piso numa casa pra botar o cimento*.

A base tem a mesma largura e espessura da parede... esta é iniciada no nível da superfície... somente ao alcançar a parte mais alta da estrutura é que a dimensão reta é deixada de lado para a conformação da parte superior (o teto em forma de arco).

A parte inferior é formada pela caixa de fogo, com quatro arcos no interior... esses são construídos através de um molde obtido pela talisca da palha de palmeira e solidificado com argila... pode ser utilizada qualquer folha de palmeira ou qualquer objeto que enverga para formar o arco.

Nas paredes laterais existem quatro aberturas na altura da câmara interna, que são os suspiros... chamados de *ouvidos*, utilizados para a saída da pressão e também para visualizar a queima... os *ouvidos* são todos quadrados e têm como tamanho padrão 15 cm.

Na altura dos ouvidos as paredes começam a ser estranguladas... 02 centímetros são diminuídos a cada inserção de tijolos, até alcançar a altura de iniciar a parte superior... desta forma as paredes apresentam uma feição inclinada, que culminam com a edificação em forma arqueada.

A parte superior tem o formato de arco que também, conformado com o molde feito do caule da folha da palmeira... nesse arco existe uma chaminé, denominada de cachimbo... esta abertura da extremidade superior tem a função de escoar/permitir a saída da pressão.

Ganhamos muito em possuir o forno coberto, porque assim podemos queimar as peças em dias de chuva... o forno da comunidade já foi premiado em concurso promovido pelo SEBRAE no Estado do Ceará, quando eu tinha 12 anos de idade.

Para construir um forno como o de minha mãe trabalho durante duas semanas... contando com o meu trabalho e o de um ajudante de pedreiro.

Tem detalhes importantes na construção do forno que têm que ser obedecidos... na elaboração da argamassa é necessário atenção ao introduzir água na argila, para não molhar demais o sedimento... as paredes têm que ser bem conformadas, pois se um tijolo estiver desalinhado pode causar a destruição por completo da parede em apenas uma queima.

É muito comum que durante a queima o forno sofra dilatação em suas paredes por causa da alta temperatura e da pressão... isso provoca rachaduras nas paredes, por isto é comum reforçar a estrutura com amarração, através de arames na parte externa... depois das queimas os fornos tornam-se mais abaulados por causa desta dilatação. a manutenção do forno é feita sempre quando necessário... porém de cinco em cinco anos faço uma manutenção mais completa.

Aprendi também com meus tios (irmãos de Dona Angelina) a produzir telhas e tijolos... antes fornecíamos telhas e encanamentos de cerâmica para Missão Velha, Barbalha e Juazeiro do Norte... ainda hoje esses elementos construtivos são fabricados por eles, além de tijolos maciços.

A estrutura, cano de cerâmica, é utilizada na cozinha, para construção de uma chaminé conectada ao fogão de lenha... nós usamos aqui. Quêza (sua irmã mais velha) era uma das mestras de produzir os canos de cerâmicas, inclusive àqueles destinados à rede de encanamentos... em uma ocasião foram produzidos muitos desses encanamentos, solicitados por um comprador de Juazeiro do Norte... eles foram transportados em mais de 23 viagens de carroça... são do tipo e manilhas, com encaixe nas extremidades.

Também construo as olarias. A estrutura de mamãe é de tijolos, telhas, madeira e palha... mas antes as olarias não tinham alvenaria na sua estrutura, eram construídas com madeira e palha, e aos poucos foram modificadas... a estrutura coberta com palha é mais adequada para a produção dos potes da localidade, pois a argila dali não suporta secar tão rápido... acredito que a cobertura de telhas prejudica a secagem dos vasilhames de cerâmica... o processo de secagem sob a sombra das palhas impede a passagem de tanto calor tal como verificado com as telhas... hoje é raro encontrar as palhas de palmeiras usadas na cobertura das olarias... o fato da matéria prima está em falta ou se acabando dificulta a manutenção da olaria... já pensamos cobrir a olaria com telhas de cerâmica.

A olaria de mamãe tem metade da sua estrutura coberta em telha e metade coberta de palhas... elas trabalham por mais tempo na parte coberta de palha e mantêm a parcela de alvenaria para a secagem das peças, pois não suportam trabalhar no abafamento.

Para obter a argila da produção cerâmica utilizamos um barreiro que é raro na região... só tem aqui na nossa localidade... o terreno usado para a coleta dos sedimentos é de nossa propriedade... fica do outro lado do riacho (Salamanca). Atualmente apenas nós homens coletamos a argila, assim como também realizamos o transporte... e daqui de Passagem de Pedra somente nós buscamos o barro em tamanha profundidade, porque mamãe, Quêza e Tetê (suas irmãs ceramistas) são as únicas que utilizam o *barro vermelho*.

Para retirar esse sedimento precisamos cavar até pelo menos 03 metros... o trabalho exige a participação de 04 homens... existem diferentes sedimentos em cima dele... todos têm utilidade... são três camadas de sedimentos, cada uma aproveitada para uma produção específica... são argilas legítimas.

Ele descreveu com minúcias as três camadas existentes na jazida de argila que existe na propriedade de sua família. O sedimento da 2ª camada também serve para fazer material de construção (telhas, tijolos e encanamentos)... para esses materiais é necessária a adição desse sedimento com areia... para fazer o tijolo misturamos uma medida (*carroçada*) de barro com cinco de areia.

Outra argila, inexistente na localidade, é um tipo de sedimento somente utilizado na decoração dos potes *lisos* ou outros utensílios decorativos... ele é preto, conhecido como *barro azul*, misturado em um pouco de água... ele é pincelado com um tipo de pincel chamado na comunidade de *isope*, que quando aplicado nos potes *lisos* serve ao propósito de registrar na peça o padrão decorativo próprio de Passagem de Pedra que é reproduzido há mais de 60 anos.

O *barro azul*, só é encontrado numa localidade chamada Andorinha ou Pintado também no município de Missão Velha... numa lagoa... a quantidade utilizada é muito pouca, por isso as ceramistas passam muito tempo sem coletá-lo.

Vamos ao barreiro extrair argila uma vez por ano... geralmente coletamos em agosto ou setembro, depois do período de chuvas... a quantidade coletada que corresponde a aproximadamente 50 *carroçadas* é o suficiente para a produção de um ano e fica armazenada ao lado da olaria coberto por lonas... cada *carroçada* (cada vez que o transporte é feito do barreiro até a olaria) é trazida por um veículo utilitário, mas antes eram utilizadas carroças.

As chuvas têm atrapalhado esta atividade... é a primeira vez que passamos um ano inteiro sem buscar argila no barreiro.

Deve haver um extremo cuidado na extração da argila... os diferentes sedimentos não podem ser misturados, principalmente o terceiro, obtido em maior profundidade... se ocorrer contato das diferentes argilas pode surgir manchas o produto final após a queima... por isso é importante ter muito cuidado durante a separação das argilas extraídas desde o trabalho feito no barreiro... faz parte do

cuidado com a estética da produção... uma escolha da família... os outros não respeitam tanto isso.

Hoje ninguém quer aprender a retirar os diferentes tipos de argila... nós (Dedé, Antônio e João – todos eles filhos de D. Angelina) somos os maiores conhecedores da extração da argila e únicos das três camadas.

O armazenamento da argila ocorre ao lado da olaria, na área denominada *couro*, específica para a argila... as três camadas são organizadas separadamente, sem misturá-las... todas são cobertas por lonas para não se dissiparem com as chuvas...

A etapa seguinte, o primeiro tratamento da matéria prima é então feita perto dali onde se armazena a argila... isto ocorre através da adição de água e do pisoteio sequencial até atingir uma consistência homogênea... o processo já propicia a limpeza do sedimento.

Neste momento a limpeza consiste em garantir o uso da pasta em formação. É etapa que, apesar de simples, exige atenção e planejamento.

Este tratamento é anterior à manipulação da argila para a elaboração da pasta... antes é preciso retirar as impurezas que ainda permaneceram na argila, procedimento que acontece com a utilização do arco que foi inventado por mamãe e minhas irmãs.

E a lenha... antes nós também pegávamos a lenha... hoje apenas extraímos para usar no fogão de dentro de casa... para a queima da cerâmica pagamos para alguém trazer... a lenha comprada vem de outra localidade... o que não mudou é o tipo de lenha, que chamamos *carrasco* e que dá em qualquer capoeira... algumas espécies não são boas para a queima: umburana, caju, mangueira e jurema.

No momento inicial queimamos a lenha verde, chamada *zarôia*... tem lenha que é especificamente utilizada para a limpeza do forno, que é o processo conhecido como *cardeação*... é uma lenha de reduzida espessura e somente de madeira já seca.

Nós não armazenamos muita lenha porque ela não resiste muito ao tempo... compramos para uma ou duas queimas no máximo.

Uma *fornada* consome 3 metros de lenha... a lenha é vendida por metro, que custa R\$25,00 (dados de 2011)... está ficando cada vez mais caro... antes custava R\$20,00.

Revezamo-nos para manter a chama bem baixa no início da queima... o primeiro es quente começa às 17h com uns 05 ou 06 paus bem finos e termina às 20h... nesta hora colocamos uma lenha mais grossa para aguentar até de manhã... somente na manhã deste dia é que iniciamos a introdução de maior volume de lenha... ao sentirmos que o forno está bem quente alimentamos com maior intensidade o fogo.

Tem um livro que é utilizado nas escolas com a foto de mamãe. Sei que é muito importante o trabalho de minha família e fico feliz do reconhecimento que temos, mas quando mamãe e minhas irmãs falecerem não vou mais trabalhar com a construção dos fornos e com a produção cerâmica.

Figuras 121 e 122. Dedé presta informações na olaria e faz a manutenção do foro.



M – Transcrição dos relatos orais de João

João (João Amaro do Nascimento, 13.12.1977) é natural de Passagem de Pedra. Filho de D. Angelina, executa importantes tarefas como ajudante.

Sempre vivi aqui e trabalhando com a produção cerâmica na olaria de mamãe. Quando papai faleceu assumi a frente das funções de auxílio. Papai sempre quis que somente aos quinze anos iniciássemos a vida no trabalho. Mas comecei antes disso através de muita insistência... o que por um lado condicionou minha experiência maior diante de todos da localidade e por outro lado me deixou com problemas de coluna... hérnia de disco... já fui ao médico ele me orientou a parar, mas não deixei a atividade.

Tem muita coisa que depende de minhas habilidades... para obter o barro, por exemplo, temos que usar o conhecimento que temos para não prejudicar os diferentes sedimentos. O melhor momento para a extração da argila é nos meses de agosto e setembro, mas podemos até mesmo buscar em novembro. Já estamos há mais de dois anos sem conseguir pegar o barro... existe a possibilidade de não conseguir extrair agora (2011). Ao longo do período em que utilizamos a jazida muito já foi modificado do comportamento dela... a ponto de alcançar a água facilmente ao escavar, o que leva a impossibilidade de extrair o *barro vermelho*.

No *desmonte* (termo êmico para a extração da argila na jazida) primeiro é retirada a camada superior com 1,5 metros de areia... depois uma camada muito dura de argila e areia misturadas entre 1,50 a 1,70 metros de barro... tão dura que até as ferramentas reclamam... depois aparece o *barro amarelo*, que vai até uns 2,50 metros de profundidade... segue uma camada fina de menos que 30 cm onde está o *barro preto*, e por fim o *barro vermelho* que já cavamos até 3 metros... depois disso paramos por causa da água. Tem barreiros distantes da beira do rio que a profundidade chega de quatro a cinco metros para a camada 1... exemplo do barreiro de Paulo dono da olaria do núcleo de D. Bastiana.

A camada arenosa superficial tem algo perto de 50 cm de espessura. O sedimento proveniente dela até pode ser utilizado como ingrediente da pasta de argila. Possui cor amarelada a marrom claro. É útil para a argamassa para a construção do forno e

para fazer tijolos e telhas. Os homens produzem materiais construtivos quando alguém da família necessita realizar construção ou reforma na própria casa.

A argila da última camada tem cor amarela, mas chamamos de *barro vermelho* devido à cor que dá aos objetos.

João mostra muito apreço com o período anterior ao uso dos veículos para transportar a argila. Era tempo bom quando eram utilizados os jumentos para transportar a argila do barreiro para a olaria. Passamos do lombo do jumento (nos caixões), para a carroça e hoje são as caminhonetes.

Na caminhonete o transporte da argila diminui o nosso esforço, mas se tornou caro. Basta vinte viagens com a carroceria cheia (quantidade maior do que a capacidade de cinco carroças) para carregar a quantidade suficiente para um ano, que custa de R\$100,00 a R\$150,00... se fosse numa caçamba duas viagens reuniria a mesma quantidade... mas isso não tem ocorrido, pois os trabalhadores não aceitam mais trabalhar carregando caçambas.

É importante observar os cuidados com a seleção dos sedimentos... não podemos misturar os sedimentos das diferentes camadas. Sou eu quem mais sabe trabalhar com o *barro vermelho*. O cuidado para não misturá-lo com outros barros é tão grande que até forramos a carroceria da caminhonete destinada ao transporte para não causar variações no produto final.

Contando com quatro trabalhadores no *desmonte* levamos três dias para conseguir a argila necessária para o trabalho de um ano na olaria. Já o transporte é diferente, tem uma flexibilidade devido às ocupações dos carregadores e daqueles que fazem o frete... nós mesmos, eu, Dedé e Antônio, (filhos de D. Angelina) somos os carregadores.

Eu também sei levantar um pote... inclusive quando a mulher de Tasso Jereissati levou uma que eu fiz... Acho complicado a inserção da *fiada*.

As mulheres ficam trabalhando mais com a formação das peças porque a ocupação do homem é lá no barreiro e buscar a lenha pra queimar.

Na elaboração da pasta de argila para mamãe, era comum fazer o suficiente para durar um mês... a quantidade passava de dois metros... fazia assim para ter pouco

trabalho com a manipulação da argila em outros períodos... hoje o trabalho diminuiu bastante e então minha atividade é menor também.

Tem diferenças de cada sedimento... o *barro preto* isolado é ruim de trabalhar... é mais pesado... é necessário misturá-lo para que dê uma qualidade boa... apenas o *barro vermelho* é separado para as peças decorativas... os cuidados com esse sedimento abrangem desde o desmonte, o transporte, o ato de *traçar/virar* (tratar) e o armazenamento... a enxada utilizada para *traçar* não pode estar suja com outro barro, porque qualquer contato com outro elemento muda a cor no do produto final.

Na sequência do processo, depois de selecionado o sedimento é molhado... fica curtindo durante um dia coberto por saco ou lona plástica... no dia seguinte começa o procedimento de virar o sedimento... é quando são cortadas camadas finas da massa reunida no dia anterior para quebrar os torrões... depois é acrescentada uma fina camada de areia e começa a ação seguinte com amassos através de pisadas... podem ser encontrados torrões ainda íntegros... a ação é repetida novamente no outro dia... somente com a certeza da inexistência de torrões é dada por finalizada esta etapa... também são retiradas as raízes que podem gerar mudança no resultado final do produto... ao fim do processo a pasta apresenta homogeneidade na cor e ausência de torrões... a etapa pode ser feita entre 2 a 3 dias.

A quantidade utilizada quando do registro, suficiente para fazer cinco potes grandes, foi inicialmente virada no domingo de manhã (03.05.2011), novamente virada na manhã da segunda-feira (04.05.2011) pelo Exedito (primo dele) e finalmente virada por ele na terça-feira (05.05.2011) e pisada em nossa presença. Já houve o tempo em que a produção era maior e que por isso era maior também a etapa de virar o sedimento... quando mamãe era pedia a quantidade para 10 potes durante o dia.

Depois do esforço do processo de *traçar* e amassar, a pasta ainda é tratada com o *arco* para retirar elementos não argilosos. Algumas raízes só são perceptíveis com a passagem do *arco*. Sinto alguns dos cascalhos no pé quando estou pisoteando no processo de amassar a argila... eles são prontamente retirados... é muito trabalhosa esta etapa devido às propriedades da argila com a qual trabalhamos... por aí fora o trabalho de tratamento é menor.

Figuras 123 a 126. João em atuação como auxiliar no tratamento da pasta e na enfnada.



N – Transcrição dos relatos orais de Eddym

Eddym (José Amaro dos Santos, 04.12.1981), natural de Passagem de Pedra, é artesão, filho de Déta. Já ganhou alguns prêmios por obras de esculturas em argila. Engajado com a comunidade é líder da associação de agricultores de Passagem de Pedra, da qual ele é líder. Está tentando construir um galpão para expor as peças cerâmicas da feitas na localidade na beira da rodovia CE 393.

Algumas das peças fabricadas pelas *loiceras* de Passagem de Pedra podem estar no Horto, em Juazeiro do Norte. Nós reconheceríamos as peças daqui porque a argila da localidade é diferente de qualquer outra da região.

Turistas nos vistam aqui... estamos incluídos entre as atrações turísticas da região.

Algumas peças não são mais fabricadas por causa das mudanças que têm ocorrido aqui... faz-se somente por encomendas. O *purrao* é uma delas... são dois os motivos... inexistência de encomenda e desistência das próprias ceramistas em elaborar tal peça que impõe muito esforço e dores à coluna da ceramista... o procedimento de confecção desses vasilhames é longo, por causa do tamanho... um dos atributos do *purrao*, a boca larga, facilitava o armazenamento com a rapidez que proporcionava para as seguidos gestos de encher o vasilhames... é também por conta da necessidade de retirar água com latas dos poços... antigamente se usava o *purrao* e a *jarra* porque não tinha água encanada... a maioria das pessoas usava água de cacimba ou tinha que pegar água num certo barreiro muito longe... tinha que ser um vasilhame muito grande pra acumular muita água para toda a família ter água para beber, tomar banho e cozinhar... e no dia seguinte poder descansar...

Aqui as famílias são grandes, como nossos avós e bisavós que tiveram muitos filhos... eram doze os filhos do casal Raimunda e Antonio... então tinha que ter um vasilhame com grande capacidade de armazenar água.

O *purrao* tem a capacidade igual a cinco latas... cada lata é igual a 18 litros, então são 90 litros no *purrao*. Hoje a água é armazenada no pote. Porém devem ser observados os cuidados com a higiene... é usado um pano para retirar a sujeira da água... o processo de coar já era iniciado ao lado da cacimba... os gestos eram repetidos até a retirada de toda a sujeira... a água de um *purrao*, um pote, uma *jarra* sempre tem que passar pela retirada de sujeiras... a pessoa que compra deve

entender... o pote quando está em uso há uns três dias ou uma semana já pode ser higienizado... quando quiser beber água do pote não se deve colocar a água sem fazer a limpeza... tem que lavar com escova porque quanto mais lavar mais gosto terá aquela água. é diferente de um plástico... muito diferente... a limpeza ajuda a conservar o barro lá dentro... a água do pote tem um gosto totalmente diferente... livra até de gripe... melhora a saúde familiar.

Os potes, dentre eles alguns *lisos*, descartados ao lado da olaria estão há mais de quatro anos ali. Hoje as pessoas preferem o pote *arranhado* porque acham que a água dele é mais fria... mas eu acredito que não tem nada a haver, que é tudo barro... os compradores e os clientes acreditam que o pote *arranhado* tem a propriedade de esfriar a água mais do que o pote *liso*... acredito que não é isso... é possível que a ideia de colocar as ranhuras é porque quando ele é alisado não dá para segurar com segurança... a rugosidade do *arranhado* ajuda a segurar.

Os potes *lisos* são decorados com nossa marca, feita com o *barro azul* (sedimento argiloso de cor azul tão escuro que parece preta)... o pincel utilizado é feito com algodão e uma talisca... é denominado isope... a pintura da peça ocorre quando ela já está seca e antes de ir para o forno... depois da queima o resultado é a cor branca... para preparar a tinta, o sedimento é dissolvido em um pouco de água... a tinta não pode ficar muito fluida... a consistência ideal é um pouco pastosa, a ponto de quando utilizada na superfície da peça percebe-se que fica resquícios dos pequeninos grãos em alto relevo... a quantidade utilizada é muito ínfima... um torrão com aproximadamente 15 x 30 cm tem longa duração... pode durar cinco anos.

Nossa argila tem peculiaridades que implicam até no produto final... o trabalho de extração da argila é árduo... existem diferenças da produção dos núcleos Angelina e Bastiana por causa do uso do *barro vermelho*... as cores que surgem no produto final das peças são belíssimas.

Sou contra o trabalho realizado por Renata Jereissati (1ª Dama quando motivou artistas a documentar as manifestações da cultura material no território cearense)... no livro *Ceará Feito a Mão*, que ela ajudou a fomentar, não é revelada a realidade do processo de produção cerâmica na localidade por causa da insipiente documentação realizada... também não concordo com a pouca documentação dos livros de Sônia Magalhães... uma escritora de Missão Velha... ela fala de poucos artesãos... nesses livros a preocupação é maior com o que aconteceu no passado...

deixaram a desejar no que está acontecendo... tem pessoas vivas... tem a cultura viva... de pessoas que levam adiante, que sobrevivem ainda de suas habilidades artesanais.

Particpei de alguns concursos. Minha participação na fabricação de peças cerâmicas está vinculada às artes plásticas... em um concurso minha obra, *A lapinha*, foi escolhida a segunda melhor... em outro concurso que particpei com mais de 1000 concorrentes ficou em quarto lugar com a obra de um presépio. Falta interesse pela arte na região. Muitos turistas vão à região especificamente para conhecer a produção cerâmica de Passagem de Pedra... o tempo da produção das peças decorativas é outro, devido aos detalhes... a produção dos potes é bem rápida quando comparada com as peças decorativas.

Existe um elevado desconhecimento da produção cerâmica pela população de Missão Velha e da região do Cariri... é um erro do Governo Municipal a ausência de propaganda... inclusive o cartão postal de Missão Velha, que é uma imagem de Passagem de Pedra, não é divulgado que é aquela localidade... todo esse quadro de descaso com a produção da localidade é um desrespeito também com a arte e com pessoas que trabalham co o barro. Hoje é bem reduzido o aprendizado... o trabalho com a argila pode acabar porque não existe interesse de novas pessoas para levar adiante a atividade. Mas os habitantes das comunidades vizinhas (Santa Tereza e Baixa da Andorinha) admiram as ceramistas de Passagem de Pedra pelos produtos que elas elaboram.

Figuras 127 e 128. Eddym e duas de suas criações.



O - Transcrição do relato oral de D. Dita

Dona Dita (Benedita Rosa da Conceição, 05.11.1957) vizinha da ceramista Corrinha, comprava potes diretamente na olaria de D. Angelina. Nesse período ela vivia na localidade de Carnaúba dos Cruz, do Município de Missão Velha.

Morei na Carnaúba dos Cruz até 22 anos... saí de lá já depois que tive meu primeiro filho... em seguida fui morar na Carnaúba dos Vasquez, onde vivi durante 21 anos... até que mudei para cá na Baixa do Quaresma... vivo aqui há 13 anos.

Lá na Carnaúba não tinha ninguém mexendo com o barro... conheci o trabalho das *loiceras* em Passagem de Pedra. Quando precisava ia até lá comprar peças.

Tenho um pote aqui que é mai velho do que eu... pertenceu a filha do meu bisavô... não tenho a mínima ideia quando ele foi feito... usei-o bastante para colocar mandioca de molho, para ter puba para fazer bolo... mesmo com as rachaduras ele sempre foi utilizado assim.

Nas últimas vezes que precisei de potes não os comprei... encomendei um deles a D. Angelina, mas nem esperei ele ser feito... ela tinha um com um pequeno furo... deu-me, coloquei um remendo e enchi de água... Corrinha também me deu dois potes com o defeito parecido... fiz o mesmo, remendei-os.

Deixo um pote na cozinha porque gosto de fazer do jeito de sempre... coloco a água no pote para passar um dia nele e depois coloco na geladeira... somente depois ela fica boa para o consumo... a água fica até dois dias no pote... também bebo água direto do vasilhame... não é tão fria quanto da geladeira, mas é fria também... aqui gostamos da água do pote... demora mais tempo para esquentar a água... esfria por mais tempo do que o pote *liso*... conheço esse jeito de beber a água desde a infância... isso é tradição de família, agente não esquece... passei para os filhos... vou passar para os netos e daí por diante... é uma coisa que agente não pode deixar acabar.

Quase todo mundo que vive por aqui ao redor usa os potes assim, principalmente lá onde eu morava na Carnaúba... o povo gosta muito...

P - Transcrição do relato oral de Aneida

Aneida (Cícera Aneida Basílio Vasquez Landim, 24.06.1970), natural de Carnaúba dos Vasquez, decorou dois grandes vasilhames que pertenceram a seu pai e que ela guarda com bastante carinho. O pai utilizava muitos grandes potes, tipo denominado *purirão*, mas de acabamento alisado.

Meu pai tinha engenho e casa de farinha... possuía muitos *purrões* para estocar a puba em um armazém com 100 m².

A maioria do *purrões* de meu se quebraram... somente dois ficaram íntegros... eu os guardo como uma relíquia... quero recuperar eles por causa da história que têm.

Os *arranhados* é que se prestavam à ação de beber água... os *lisos* até esfriam a água também, mas não em menor temperatura que o *arranhado*... os *lisos* serviam para todo o tipo armazenamento, alimentos que não estavam em elaboração ou que ficariam mantidos ali por um longo tempo.

As *loiceras* é que deveriam saber o porquê de um esfria tanto e o outro nem tanto... acho que o *arranhado* deve ter uma maior ventilação.

Usei muito o pote *arranhado* na infância... meu falava que o melhor pote para beber água é o que é *arranhado*... não sei por quê... sei que a água fica fria... conheci porque na época não tinha energia elétrica, não tinha geladeira e então agente consumia a água do pote... quando apareceu a geladeira deixamos de usar os potes.

A energia elétrica foi implantada na Carnaúba dos Vasques quando eu tinha 12 anos de idade.

Q - Transcrição do relato oral de D. Terezinha

Dona Terezinha (Terezinha Amaro dos Santos Souza, 14.10.1958) revelou que troca frequentemente o pote de sua cozinha, porque o gosto da água no vasilhame usado é ruim.

Uso pote *arranhado* há muito tempo... desde que ele começou a ser feito aqui... antigamente ele não era *arranhado*... era todo *liso*... acabado somente com o rodo... há pouco tempo inventaram que ele *arranhado* esfria mais a água... acho que foi ideia do povo do Distrito de Cachoeira... tem que ser *arranhado* porque conserva a água fria por mais tempo do que o *liso*.

Eu não tomo água gelada porque tenho problema de labirintite... não sou muito chegada à água gelada... somente nos dias de muito calor.

Lavo muito bem, uso a escova para limpar bastante e depois posso colocar a água... quando vou inserir a água ainda é preciso coar a água com uma talha de prato de cor branca... faço isso frequentemente... troco muito à água, a cada momento que percebo que o nível dela desceu... inclusive a água que coloco na geladeira passar pelo pote antes.

Eu não compro os potes, porque minhas vizinhas são minhas tias... elas me dão um a cada ano... acho bom porque o pote quanto mais novo mais saborosa fica a água.

R - Transcrição dos relatos orais de alguns comerciantes

Geraldo do Pote

Geraldo Gomes (dezembro de 1931) é natural de Juazeiro do Norte-CE. Tem há mais de 30 anos uma loja na Rua Alencar Peixoto, no centro de Juazeiro do Norte-CE. Antes de montar a loja vivera cerca de oito anos no Paraná e um ano em São Paulo. Compra potes há mais de 30 anos nas mãos de D. Angelina. Já teve também como fornecedora D. Maria.

Parte dos vasilhames cerâmicos que comercializo são provenientes do município de Cascavel-CE... meus clientes adquirem em pouca quantidade... normalmente para uso doméstico... têm alguns donos de restaurantes, hotéis e pousadas que compram objetos de servir a mesa ou peças para decoração.

Perto de 2003 ou 2004, após o Programa Luz para Todos, do Governo Federal, as vendas dos potes diminuíram bastante... as pessoas começaram a usar a geladeira para o consumo de água gelada e então abandonaram os potes de cerâmica.

De seis em seis meses adquiero os potes da produção de Passagem de Pedra. Transporte de *carrada* (expressão para mensurar quantidade de algum produto transportado de uma só vez)... compro cerca de 100 peças a cada encomenda... os potes menores são os mais vendidos... a maioria dos consumidores que faz compra aqui é de Juazeiro do Norte e de Caririçu... eles adquirem através da tradicional maneira de mensurar o volume do pote por latas... em uma lata cabem 18 litros... são comercializados potes de $\frac{1}{2}$ lata até cinco latas.

Aprendi com as pessoas mais velhas que o bom é beber a água direto do pote... água de pote não faz mal a ninguém, já água de geladeira pode ser prejudicial à saúde. Eu acredito que o pote *arranhado* esfria mais a água armazenada nele... meus clientes também acreditam nisso. Os potes *lisos* são vendidos para decoração.

O tratamento da superfície não modifica o valor de venda do pote... o valor de cada um que tenho aqui é: $\frac{1}{2}$ lata = R\$8,00; 01 lata = R\$12,00; 01 e $\frac{1}{2}$ lata e de 02 latas = R\$20,00; 03 latas = R\$30,00; 04 latas = R\$40,00; 05 latas = R\$50,00.

Expedito

Expedito Neto, natural de Serrita-PE, é proprietário da loja Esquina Padre Cícero, localizada no centro do município de Barbalha, na Rua dos Cariris.

Comercializo vasilhames utilitários das localidades Passagem de Pedra (potes, quartinhas e peças de servir a mesa) e Jamacaru (panelas e vasos de jardinagem)... de Passagem de Pedra vendo o conjunto chamado *feijoada* e as tigelas. adquiero nos dias de feira aqui em Barbalha - dia de sábado.

O período em que ocorre a venda mais intensa dos potes coincide com o período da seca na região, entre agosto e novembro.

Loja de Dona Nilza

A antiga loja de Dona Nilza é administrada pelos netos. Situa-se na Rua Neroly Filgueira, n. 218, no centro do Município de Barbalha.

A época de maior venda é período da seca. Eles adquirem sem regularidade e em pouca proporção a cada 15 dias tanto da produção de Passagem de Pedra (potes, cuscuzeiros e encanamentos) quanto da de Jamacaru (panelas e objetos decorativos). Compram nas mãos das próprias ceramistas nos dias de feira.

João

João Paulo Ferreira Neves (1983), natural de Aurora, vende desde tempos a vassouras e vasilhames cerâmicos em sua barraca na feira livre que ocorre aos sábados na sede do município onde nasceu.

Tem mais de cinco anos que atuo aqui... vendo aqui as peças que encomendo, principalmente de Mazé... elas são transportadas até aqui... começo a comprar a partir do São João... conforme acaba peço mais... compro em maior quantidade no mês de dezembro por causa das chuvas... aí fico com uma quantidade para vender até que as *loiceras* voltem a fazer mais peças.

Quando chove a produção diminui porque o barro fica sem qualidade para confeccionar as peças... ele fica muito pegadiço... depois das chuvas é que as *loiceras* produzem bastante.

Quem compra aqui são as pessoas que vivem nos sítios... o pessoal da cidade usa muito a geladeira... é comum acontecer também à desistência do uso do pote quando as pessoas se casam. As vendas caíram bastante depois que a geladeira ficou comum nos diversos lugares.

Prefiro beber a água do pote... é mais sadio.

Loja da Dona Diva

Dona Diva possui um ponto comercial no centro de Brejo Santo. Comercializa a produção de ceramistas provenientes do município de Porteiras e Missão Velha. Ela não aceita a presença da *loicera* Desterro na feira que ocorre sempre aos sábados. Em sua pequena loja tem sempre uma grande diversidade de peças cerâmicas expostas. Os produtos principais são potes e panelas.

Maria

Maria dos Santos, natural de Serra Talhada-PE, é a fiel compradora da produção de Corrinha. Sua loja, Artes João de Barro, está localizada no centro do município onde nasceu, na Rua Padre Afrânio Godói.

Aqui em Serra Talhada existe em duas comunidades a produção da cerâmica... nenhuma das pessoas que trabalha lá consegue fazer os potes bem feitos que Corrinha confecciona... acho que é por causa do barro sem a qualidade adequada... nos recipientes feitos pelas *loiceras* daqui a água vaza de forma muito rápida... por isso as pessoas que compram em minha loja preferem aqueles do Ceará.

Compro principalmente potes... também tem umas quartinhas e outros objetos em bem menor quantidade... são todos *arranhados*, porque é assim que minha freguesia pede... penso como eles que o pote *arranhado* é melhor para manter a água mais fresca.

Vou buscar as peças em Missão Velha duas vezes por ano... é tempo suficiente para reunir a quantidade de potes que normalmente vendo no período.

S - Descrição da sequência produtiva do pote

De forma geral a descrição da sequência produtiva do pote feito em Passagem de Pedra é válida para quatro núcleos produtores da localidade. Destaco que o registro de algumas etapas nem sempre foi feito no mesmo dia. Porém os diversos momentos em que eles ocorreram permitiram a apreensão da totalidade das informações necessária para compreender o processo por completo. Não ocorreu a documentação visual de todas as etapas em cada núcleo, por exemplo, devido à impossibilidade de extrair a argila verificada entre os anos de 2009 a 2011 nas margens do Riacho Salamanca. Assim os dados do processo de queima e de outros momentos específicos em que as características originais permanecem atuantes são descritos como referência comum a todos os núcleos.

A primeira etapa consiste no provisionamento da matéria prima, cuja meta é reuni-la em grande quantidade e para utilizar ao longo de meses ou durante mais de um ano. Existem cinco camadas bem conhecidas pelos homens que auxiliam a produção, porém duas delas são apenas acessadas pelos auxiliares do núcleo de D. Angelina. Mas o acesso à área da jazida somente é possível quando o nível da água do Riacho Salamanca está baixo.

A ação de extração é chamada *desmonte*. O primeiro procedimento é retirar a camada superior que tem grande quantidade de fração areia (1,5 metros), depois uma camada de sedimento muito duro (1,50 a 1,70 metros) já com bastante fração argila. A quantidade destas duas camadas sedimentares é comparada à capacidade de carregamento superior a duas caçambas. Em seguida, finalmente é encontrada a primeira argila útil à produção dos vasilhames utilitários, o *barro amarelo*, denominada camada 1, até perto de 2,50 metros de profundidade. Segue a camada 2 que acaba antes de 2,80 metros onde se encontra o *barro preto*, e por fim o *barro vermelho* na camada 3, cuja maior profundidade atingida foi 3 metros. Depois surge água.

A camada arenosa superficial tem aproximadamente 50 cm de espessura. O sedimento proveniente dela até pode ser utilizado como ingrediente da pasta de argila. É útil para a elaboração da argamassa para a construção do forno. Possui cor amarelada a marrom claro. Serve também para fazer material de construção (telhas,

tijolos e encanamentos). Para esses materiais é necessária a adição desse sedimento com uma quantidade muito grande de areia. Para fazer o tijolo são adicionadas cinco medidas (*carroçadas*) de areia em uma medida (*carroçada*) de barro.

Na camada 1 a argila, de cor marrom, é o componente sedimentar predominante, presente em duas camadas, dos 50 cm aos 2,60 metros de profundidade. Esta argila é o principal ingrediente da confecção dos vasilhames utilitários.

A camada 2 é pouco espessa. Possui argila de cor bastante escura que é misturada ao sedimento de cima dela para a composição da pasta. Apresenta dureza média, é bastante pegadiça e é extraída aos torrões.

Já a argila da camada 3 é a que apresenta o mais alto nível de pureza e glutinosidade. O sedimento ali existente é bastante duro e possui cor amarela, porém é chamada de *barro vermelho* por todos da comunidade devido ao aspecto final que proporciona aos objetos feitos dele. Esta extração de maior profundidade na localidade é feita apenas pelos homens que atuam no núcleo ceramista de D. Angelina.

Algumas pedras na proporção de cascalho surgem nesta camada e aparece água nesse nível, o que dificulta muito a seleção da argila amarela sem a presença de outros sedimentos. Ela é propícia para fazer as peças de servir à mesa, da mais alta qualidade. É raramente utilizada para fazer potes.

Deve haver um extremo cuidado na extração da argila. Os diferentes sedimentos não podem ser misturados, principalmente o mais profundo. Apenas os filhos de D. Angelina tem a habilidade para extraí-lo.

Se ocorrer contato das diferentes argilas surge manchas no produto final. Por isso o cuidado com a separação das argilas extraídas é tão pormenorizado. Esse expediente faz parte do cuidado com a estética da produção. Escolha cultural marcante do núcleo da D. Angelina, Quêza e Terezinha.

Na maneira que observei a sequência pós-extração a argila é transportada no estado em que é coletada até o *couro*, denominação para a área plana construída em alvenaria. No núcleo de D. Angelina existem duas delas dispostas para distintos fins: 1) com aproximadamente 10 m² para armazenamento do sedimento a céu

aberto; e 2) piso de antiga casa desmembrada, porém de menor dimensão onde é realizado o tratamento da argila. O *couro* situa-se sempre adjacente à olaria.

A tarefa seguinte é o tratamento da matéria prima para sua transformação na pasta. Ocorre tanto o pisoteio de diferentes argilas e da areia quanto à retirada, mesmo que parcial, das impurezas (pedras, raízes, etc.). O ingrediente arenoso da pasta é inserido neste momento, mas será requisitado posteriormente também.

Esta etapa exige bastante esforço físico e é praticada por algum homem da família. Nesse processo os homens utilizam uma enxada e às vezes uma pá para mover/misturar os sedimentos e também desmanchar alguns torrões.

Ocorre a mistura de até três tipos de argila. A maior proporção é daquela proveniente da segunda camada, o denominado *barro preto*, com um pouco da camada superior. Uma quantidade menor, porém rara, da última camada pode ser utilizada.

A princípio para preparar a pasta as argilas recebem o primeiro tratamento quando é molhada logo de manhã cedo. A função da água nesse processo é iniciar o desmanche natural dos torrões com a adição de uma quantidade de água. Depois de rapidamente manipulada a argila é mantida amontoadada e completamente coberta por uma ou mais sacolas plásticas cortadas nas laterais para poder se estendê-las em todo o monte de sedimento.

Após o *descanso* de um dia o monte é descoberto e com uma enxada é iniciado o processo de quebra dos torrões mais espessos e/ou não dissolvidos pela água inserida anteriormente. Pequenas fatias são cortadas. Esta parte do trabalho é conhecida na comunidade como *virar o barro*. Os cortes além de desmanchar os torrões e retirar algumas impurezas também finalizam a mistura dos ingredientes. A areia a princípio somente é inserida para permitir a sequencia da ação sem que a argila se aglutine na superfície.

Partes da massa de diferentes sedimentos pasta são recortadas e colocadas em cima de um plástico com areia e em seguida é pisoteada. Após o recorte e o pisoteio o amontoado da mistura de sedimentos está pronto para ser levada à olaria onde receberá mais um tratamento das mãos de certa ceramista.

Na olaria uma porção daquele amontoado é recortada com o *arco* pela ceramista e levada para tratamento em uma bancada de madeira forrada com uma fina camada

de areia peneirada. Nesta bancada uma parcela da pasta em elaboração é amassada insistentemente assim como também recortada com o *arco* para a retirada de impurezas.

Em seguida inicia-se o processo de formação do vasilhame. A *loicera* retira uma quantidade suficiente da pasta para produzir à pré-forma. Esse pedaço é destacado do monte da pasta com o auxílio do *arco*. A quantidade recortada é disposta em uma superfície plana, sobre um suporte, uma bancada de madeira, coberto com uma fina camada de areia.

A partir daí esta pequena quantidade de pasta é consistentemente amassada. Entre um amasso e outro o *arco* é passado na pasta para a retirada de pequenas impurezas que passaram despercebidas na primeira etapa de tratamento da matéria prima. Esse processo de amassar com as mãos e retirar as impurezas com o arco é repetido incansavelmente por alguns minutos e só é finalizado quando a ceramista obtém a consistência desejada da matéria prima. A depender da consistência almejada a artesã adicionaria as sobras da produção dos vasilhames ou mais um pouco de areia até sentir que atingiu a maciez desejada.

Com posse da quantidade de pasta preparada – normalmente superior a um vasilhame - primeiro é feita uma forma arredondada, bojuda como um rolo espesso ou um cilindro imperfeito. Esta pré-forma que é chamada de *bola* recebe nesse momento algumas pancadas da palma da mão das ceramistas. A forma apresenta estado de compactação e pode ter tamanho variado de acordo com o vasilhame que se pretende confeccionar.

Ela é apoiada em uma superfície ou sobre um banquinho fixo, que servirá de apoio para que o vasilhame seja moldado. Esse suporte é feito pelas próprias ceramistas e trata-se de um cano cerâmico bojudo coberto por uma placa arredondada de cimento. Esse apoio é anteriormente atritado com um tijolo maciço para criar uma camada fina de sedimento que impede a aglutinação da base da peça em elaboração no suporte.

Daqui em diante a descrição da cadeia operatória será direcionada para a modelagem de um pote, vasilhame quantitativamente mais confeccionado por esse núcleo de ceramistas.

Com a pasta acomodada sobre o suporte a ceramista começa a modelar o pote de pé. Esta posição é mantida durante quase toda a elaboração do pote. A exceção é a execução da formação final da base, que as ceramistas preferem fazer sentadas.

Vale ressaltar que todas giram o seu corpo em torno do suporte e da *bola*, na maioria das vezes no sentido anti-horário. Esse movimento é sempre repetido através de um ritmo onde uma perna é levantada rapidamente e comanda a velocidade ao puxar a outra que é arrastada.

O primeiro dos gestos é relativo à ação de *levantar* o pote, que consiste em erguer o bojo do recipiente. Com uma das mãos a ceramista segura na lateral da *bola* e com os dedos da outra mão fechada começa a empurrar a pasta para baixo. Abre-se assim um buraco no centro. Depois ocorre o gesto de puxar a pasta de baixo para cima. Esta ação pode ser realizada do centro para fora (maneira tradicional) como também do lado de fora para o centro da pré-forma. Esse gesto técnico é repetido até alcançar a altura desejada do ombro do pote, tendo ainda a base muito espessa.

Em seguida a ceramista volta à bancada de madeira e prepara mais uma pequena quantidade de argila. Esta quantidade é modelada em forma de rolete, que na comunidade é chamado de *fiada*. Assim é introduzida a técnica do rolete.

Esses roletes são colocados na parte superior da pré-forma do pote, a fim de dar continuidade a sua confecção com a feitura do pescoço. Após a aglutinação da *fiada* a formação desse pedaço do vasilhame é feita com os mesmos gestos de *levantá-lo* com puxadas de parcelas da pasta para formar o pescoço e talvez até a boca. Algumas ceramistas preferem inserir à *fiada* bem espessa para chegar logo até a forma final. Outras preferem aguardar a secagem da porção que já existe feita até o ombro ou pescoço, para então colocar a *fiada*. Assim para criar, por exemplo, a borda e o lábio pode haver uma escolha técnica das ceramistas ou uma decisão relativa à condição de umidade que levaria ao prejuízo da produção devido às condições do tempo.

Se necessário a ceramista retira mais uma pequena quantidade de pasta e a modela em forma circular, para adicionar conteúdo ao fundo do pote, geralmente mais espesso que a parede e borda. Neste momento é repetido o movimento inicial - com uma das mãos fechada pressiona para baixo a pequena quantidade de pasta inserida para reforçar internamente a base. O reforço, cuja ação é denominada

forrar, deve ser completado com a ação de puxar a pasta internamente do fundo do pote até o sua metade – com o cuidado de manter a forma abaulada no bojo. A base é sempre plana.

A etapa seguinte da elaboração do vasilhame é o alisamento, que já é parte do acabamento da peça e um dos tipos de tratamento de superfície aplicados nos potes de Passagem de Pedra. Ele é feito tanto na face interna quanto na face externa. É necessário o auxílio de um instrumento. Na localidade é comum o uso de um pedaço de tábua de madeira em forma de meia lua que é chamado de *rodo*. O alisamento interno é iniciado desde que o primeiro gesto técnico (a feitura da parede até a altura do ombro) é finalizado. Com o seu pescoço já pronto o pote continua a ser alisado internamente e externamente com o pedaço de madeira.

No procedimento do alisamento a ceramista usa uma das mãos para proteger a parede do pote enquanto na outra passa o *rodo*. Esse ato, principalmente o interno, propicia aumento reduzido da forma abaulada do pote. Depois desse tratamento de superfície o pote é colocado em descanso para secar por alguns minutos. Enquanto isso a ceramista prepara outra quantidade de argila para iniciar outro pote.

A parte superior do pote pode ser deixada para inserir também no dia seguinte caso a produção de vários potes seja realizada até o ombro e não exista mais luz natural suficiente para inserir as *fiadas*. Isso pode depender também do tempo que a argila demora a secar. Em dias de chuva a argila seca lentamente e os potes são finalizados no dia seguinte. Então já é possível visualizar um pote inacabado.

Se ocorrer a secagem de um dia para outro a *fiada* deve ser inserida no dia seguinte. Repete-se o mesmo movimento de puxar a pasta para cima, por dentro e por fora. A execução ocorre em movimentos semicirculares dando assim o contorno da borda. Outra *fiada* é acrescentada para finalizar a forma da borda, mas de menor tamanho que as anteriores.

Em seguida a boca do pote é cortada com o próprio *rodo*, com outro pedaço de madeira de menor espessura ou com uma pequena serra de metal. Depois de alisada e cortada ela recebe uma ligeira pressão para baixo. Com uma das mãos a ceramista contorna a *boca* ao mesmo tempo em que a outra mão pressiona o dedo polegar dando assim uma inclinação para baixo em um detalhe que quase a finaliza.

Mais uma vez, após respingar água no vasilhame, a ceramista faz mais um alisamento interno e externo só com as mãos, sem o auxílio do *rodo*. Em seguida com uma mão dentro do pote e outra por fora protege a parede, gira em torno da peça ligeiramente ao dar uma leve abaulada no seu ombro e pescoço, e ao mesmo tempo finaliza a altura final ao criar a linearidade. Esta etapa é encerrada com uma decoração (digitada) feita com o lado ou com a parte frontal do dedo indicador na borda do pote. A digitação é o único elemento decorativo inserido de forma consciente.

O outro tipo de tratamento da superfície, agora somente na parte externa, é a escovação. Para realizá-la pode ser utilizado o sabugo de milho (maneira mais antiga), um pente de plástico ou uma serra de metal. Um desses instrumentos é atritado na superfície externa. Ao passá-lo sulcos são criados ao mesmo tempo em que reduzidíssimas quantidades da pasta saem do pote. É proporcionado um aspecto estético semelhante a uma superfície com ranhuras ou escovada.

A escovação é iniciada de baixo para cima em movimentos diagonais até o ombro do pote. Depois o pescoço pode ou não ser escovado, também na gesticulação inclinada e de baixo para cima.

Quando o tempo dá condições do pote ser finalizado no mesmo dia, acontece à etapa de *rapa* (raspar) a sua superfície externa. Esta raspagem consiste em retirar com um metal (pode ser uma lâmina de ferro ou uma faca grande das de cozinha) através do corte, parcelas delgadas do vasilhame para conformar a base do pote. Com isto a superfície externa é regularizada com sucessivas retiradas de pedaços da parede. A base pode ser convexa ou plana. Os pedaços de pasta que são retirados desta etapa podem ser aproveitados como aditivo para a confecção de um novo pote.

A produção de potes *lisos* foi observada apenas no núcleo de D. Angelina. Além da ausência da escovação no tratamento da superfície a decoração com pintura desses vasilhames também é incomum aos outros recipientes ali produzidos. O núcleo ceramistas de D. Bastiana ainda elabora potes *lisos* também. Nos outros núcleos era inexistente.

A pintura dos potes *lisos* normalmente é realizada por Tetê, uma das filhas de D. Angelina. A matéria prima dela é o *barro azul*. Para sua aplicação não é adicionado

qualquer aglutinante. Ele é apenas molhado para sua transformação em líquido. Assim obtêm-se uma tinta preta que é passada na superfície externa dos potes *lisos* com um tipo de pincel também confeccionado por elas, chamado de *isope*. O *isope* é feito com o talo da folha da carnaúba com um pouco de algodão na ponta.

Um dos motivos decorativos, inserido com a pintura, que após a queima proporciona a cor branca, é uma marca de identidade na localidade, e já foi utilizada nos diversos núcleos que fabricavam potes *lisos*. Com leves pinceladas o *isope* dá forma a desenhos circulares com uma circunferência nas pontas imitando uma planta em uma única faixa. Esta é sempre posicionada no pescoço do vasilhame e em toda a circunferência desta parte.

O outro motivo decorativo é o desenho de uma folha de palmeira. Esses geralmente são feitos em peças denominadas *quartinhas*, que são vendidas para o divertimento das crianças.

O pote finalizado é colocado para secar por alguns dias antes de ser queimado. É um processo que também exige cuidado. Depois de confeccionado o vasilhame deve ficar abrigado e coberto (normalmente com sacolas plásticas reaproveitadas), pois a ação das intempéries climáticas impede à adequada secagem. A irradiação solar pode levar uma peça a secar de forma demasiada rápida e com isso abrir-se-iam rachaduras. A chuva umedeceria o pote e modificaria seus atributos com contato da água pluvial.

Após constatar que todas as peças feitas em dias de trabalho estão completamente secas é que elas podem ser destinadas ao processo de queima. Porém antes da queima propriamente dita ocorre à ação denominada *enformar*. É principalmente realizada pelos homens da família que recebem uma ajuda das mulheres. É quando os potes e todas as outras peças produzidas durante um período de duas ou três semanas de trabalho são organizados no forno.

Primeiro são colocados os potes maiores com algumas peças pequenas por dentro. Por cima são colocados os menores, assim como os pratos e alguns objetos pequenos confeccionados para decoração, se tiverem sido produzidos - exemplo costumeiro no núcleo de Corrinha.

A manutenção da estrutura do forno é parte essencial do processo de queima. Um dia antes da *enfernada* a *loicera* ou seus ajudantes limpam a parte subterrânea do

forno, retirando qualquer madeira carbonizada que tenha sobrado ou qualquer outra coisa que lá tenha caído. A parte superior e interna do forno é varrida para retirar toda a poeira que se alojada sobre os *crivos*. Se necessário eles são trocados.

A *enfernada* normalmente começa pela manhã e dura quase duas horas. A organização é iniciada com os potes grandes. A artesã Corrinha escolhe acomodar um tijolo, sempre que possível, ou parte de um tijolo entre um pote e outro, ou entre o pote e a parede do forno. Para melhor realizar isso ela entra no forno. Isto é feito para acomodar bem os potes que podem se movimentar durante a queima.

Acima dos potes maiores são acomodados vasilhames médios e outras peças menores. Quando a oleira se destina a esta esfera do artesanato são incluídas dentro ou sobre os potes que ficam na parte superior, as *quartinhas*, pratos, *forninhos*, *panelinhas* e até esculturas. Dentro dos potes podem ser inseridas peças pequenas (*bilas*, *potinhos*, *peixinhos*, *círculos*, *borboletas*, *palmeirinhas* e etc.) que servem para fazer os artefatos decorativos.

As ceramistas e seus auxiliares com a experiência que têm perceberam que ocorre uma movimentação dos vasilhames durante a queima. Quando tudo que couber no espaço interno do forno estiver acomodado de forma firme e com a porta toda completa a queima é iniciada. Geralmente a *enfernada* é feita pela manhã. No fim da tarde a queima é iniciada. Por isso é importante ressaltar que o cuidado com o posicionamento das peças no forno também garante a obtenção de um produto final de qualidade.

A queima sempre é iniciada devagar e tem a participação necessária dos homens da família que auxiliam a atividade ceramista. As ceramistas até podem participar ao auxiliar no início, ou ao carregar alguns feixes de lenha. Esse processo dura 24 horas.

O fogo inicial é bem baixo e pode ser feito com a combustão de alguns plásticos e papelões, mas somente se no núcleo produtor a(s) ceramista(s) não tenham quaisquer crenças relativas a uma espécie ou outra de material energético que levaria ao prejuízo sua produção. Esse é um sentido forte em Passagem de Pedra, inclusive atribuído ao sucesso de sua produção – garantem que os materiais citados reduziram a qualidade da queima e proporcionariam quebras nos potes.

No núcleo de D. Angelina a lenha deixou de ser buscada pelos próprios membros. Apesar de extraí-la para usar no fogão de dentro de casa para a queima da cerâmica pagam para alguém levar até a olaria. A lenha comprada vem de outra localidade. O que não mudou é o tipo, que eles chamam *carrasco* e que dá em qualquer capoeira.

No momento inicial é queimada a lenha verde, chamada *zarôia*. Poucas lenhas finas são colocadas para queimar, a fim de não aumentar de uma só vez a temperatura do forno, e quando viram brasas são empurradas para dentro da caixa de fogo. Uma quantidade de lenha muito grande sem esquentar o forno por completo pode prejudicar a produção. Próximo das 11 horas da noite uma lenha mais grossa ou um feixe maior é colocado para que durante a noite eles só precisem levantar uma ou duas vezes para abastecer o fogo. Durante a queima é muito importante que o fogo nunca se apague e também não diminua muito.

O fogo controlado de uma noite, ou 12 horas, é suficiente para esquentar o forno por completo. No dia seguinte a família se reúne no terreiro e o(s) ajudante(s) passa(m) o dia todo abastecendo a caixa de fogo com feixes maiores de lenha. Quando esses se transformam em brasas são empurradas para reuni-las dentro da estrutura. A depender da quantidade de brasas paus finos podem ser inseridos.

O abastecimento de lenha só é encerrado quando as chamas alcançam os suspiros laterais do forno, os *ouvidos*, e quando o seu espaço subterrâneo estiver cheio de brasas. Este momento é chamado de *cardear*. O objetivo desta visualização é perceber o momento exato de manter apenas as brasas na caixa de fogo. Na ausência de brasa suficiente elas têm que produzidas. Na *cardeação* não pode haver o uso de lenha verde. São utilizadas aquelas de reduzida espessura e somente de madeira já seca.

Algumas prescrições, nem sempre respeitadas em todos os núcleos, com relação ao uso de algumas espécies como fonte energética são observadas no processo de queima. No núcleo de D. Angelina algumas espécies não são adequadas para a queima: umburana, caju, mangueira e jurema. A jurema não é utilizada na Baixa do Quaresma. Apesar disso a artesã Corrinha não atribui nenhum prejuízo a alguma superstição. Com a experiência de queimas anteriores Tito (Francisco Manuel Nascimento, 04.09.1980), irmão e ajudante da ceramista Corrinha, informou que a lenha da jurema alcança uma temperatura muito alta rapidamente e leva à

fragmentação da maior parte das peças. Com exceção dela qualquer madeira encontrada é utilizada na queima.

Em geral após a queima o forno permanece esfriando por dois ou três dias e só depois as peças já queimadas são retiradas. No núcleo de D. Maria a produção era retirada logo em seguida à finalização do processo de queima.

Durante 40 minutos as peças são retiradas e espalhadas em frente ao forno. É necessário entrar no forno às vezes ainda pouco quente para pegar as peças.

É nesta hora que algum prejuízo pode ser contabilizado. Durante a queima é muito comum que peças se quebrem. As *loiceras* entendem que os motivos podem ser vários: fogo em excesso, peças ainda frias ou colocadas para queimar antes do tempo de secagem finalizado, condição de alto calor no tempo do local, deslocamento das peças dentro do forno ou muita chuva.

Após a retirada das peças elas são acomodadas em alguma área da olaria ou cômodos da própria casa da ceramista a espera de compradores. A venda direta no local de trabalho é muito reduzida.

Nos núcleos de D. Angelina e D. Bastiana algumas peças não ficam guardadas, são logo levadas para a venda na feira. D. Angelina vende aproximadamente 20 potes por mês na feira. Elas atuam em Missão Velha, às segundas-feiras, e em Barbalha, aos sábados, respectivamente. É a melhor forma de vender por um preço justo. Quando o negócio é feito com atravessadores o valor é menor.

Ao comércio de Aurora, Barbalha, Brejo Santo, Juazeiro do Norte, Milagres, Missão Velha, Mauriti, no Cariri cearense, e Salgueiro e Serra Talhada no sertão central pernambucano, é destinada a produção em estudo. Através das compras nos grandes centros urbanos comerciantes e consumidores têm acesso à cerâmica utilitária caririense que então alcança uma grande quantidade de municípios. Crato e Caririaçu são exemplares enquanto área de abrangência de Juazeiro do Norte.

As peças cerâmicas são vendidas principalmente na feira. Algumas *loiceras* não praticam esse tipo de venda (D. Maria e Corrinha). Comerciantes que possuem lojas também adquirem materiais cerâmicos nas feiras diretamente nas mãos das ceramistas. Eles também pagam pouco para poder obter lucro quando revendem.

Figuras 129 e 130. Jazidas tomadas pela água em Passagem de Pedra; 131 e 132. Extração da argila e transporte em Jamacaru; 133 e 134. Aquisição da argila em Brejo Santo; 135 e 136. Elaboração da pasta em Brejo Santo e Jamacaru, respectivamente.



Figuras 137 a 144. Procedimentos de elaboração da pasta.



Figuras 145 a 152. Ações destinadas à formação do pote.



Figuras 153 a 160. Gestos da finalização da dimensão da forma, constrição do pescoço, formação da boca e inserção e da borda.



Figuras 161 a 168. Procedimentos de acabamento: alisamento, escovação e cortes de parcelas da porção inferior.



Figuras 169 a 172. Enfornada e processo de queima; 173 e 174. Queima em Brejo Santo; 175 e 176. Queima em Jamacaru.



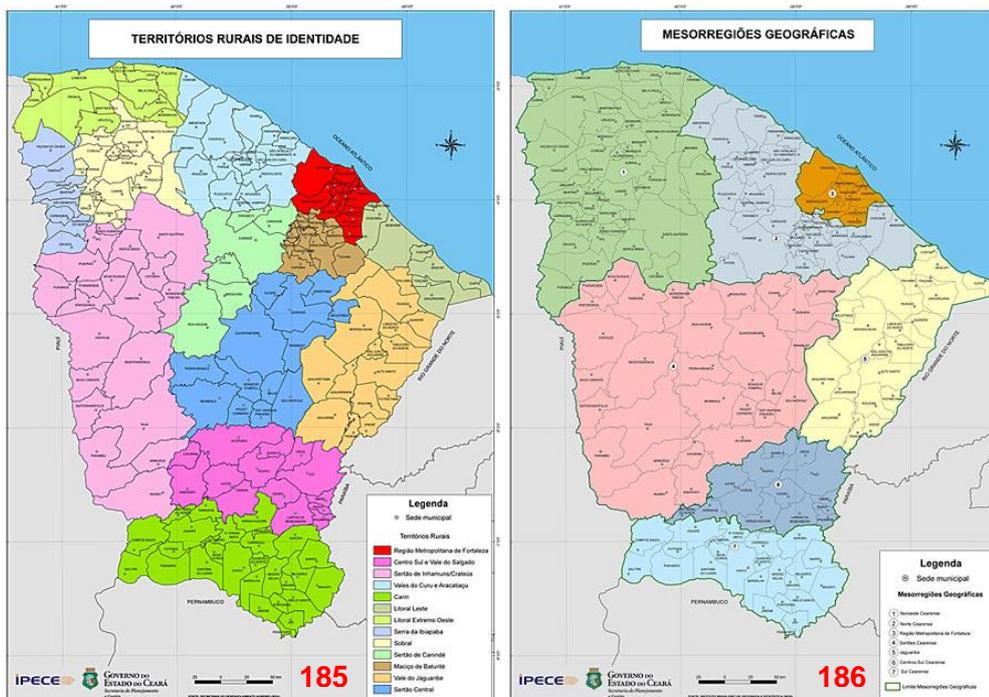
Figuras 177 a 184. Comercialização dos potes: 1) nas feiras de Missão Velha (177 a 179), Brejo Santo (180) e Aurora (181); e 2) em loja de Barbalha (182), Juazeiro do Norte (183) e Serra Talhada (184).



T – Mapas

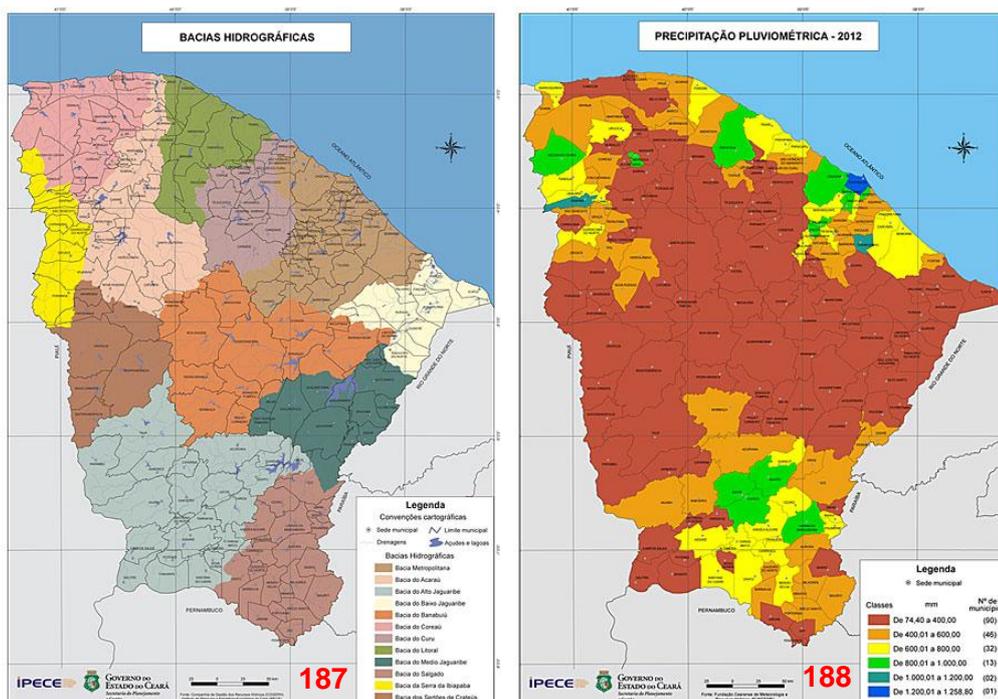
Figuras 185 e 186. A área do Cariri é semelhante em distintas manifestações espaciais e culturais.

Fonte: IPECE, 2014, www2.ipece.ce.gov.br.



Figuras 187 e 188. – Duas visões cartográficas de referência para o potencial hídrico do Cariri. Fonte:

IPECE, 2014, www2.ipece.ce.gov.br.

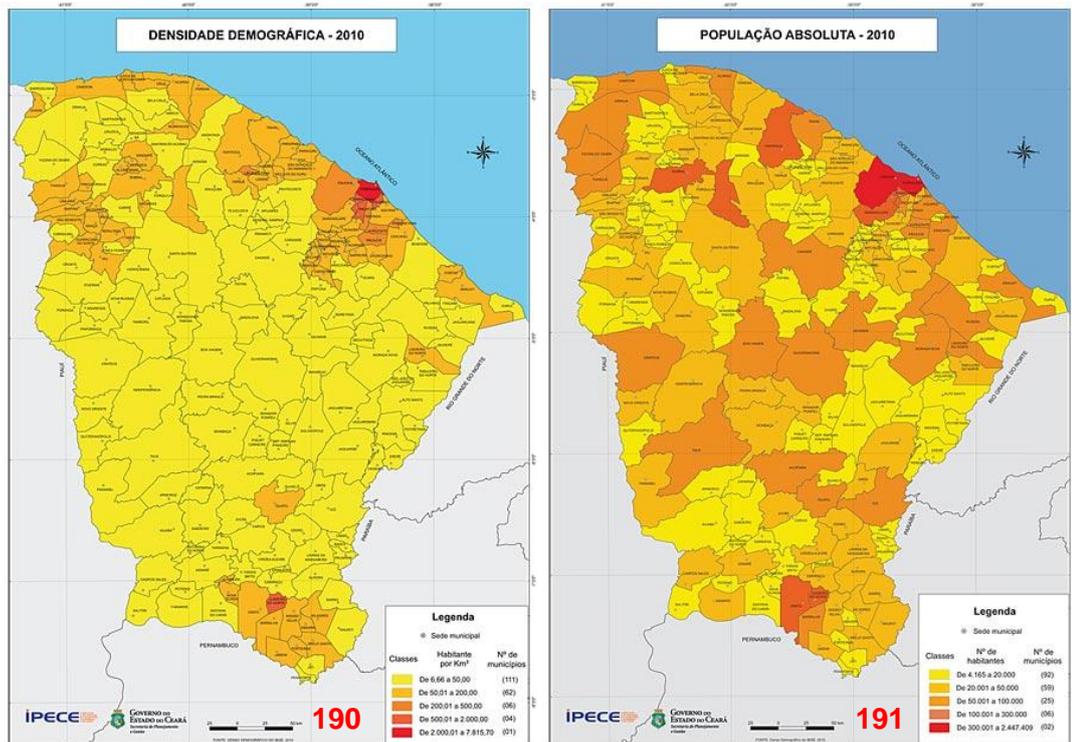


U – Mapas

Figura 189. Municípios que compõem a Região Metropolitana do Cariri. Fonte: IPECE, 2014, www2.ipece.ce.gov.br.



Figuras 190 e 191. Referências para dados populacionais. Fonte: IPECE, 2014, www2.ipece.ce.gov.br.

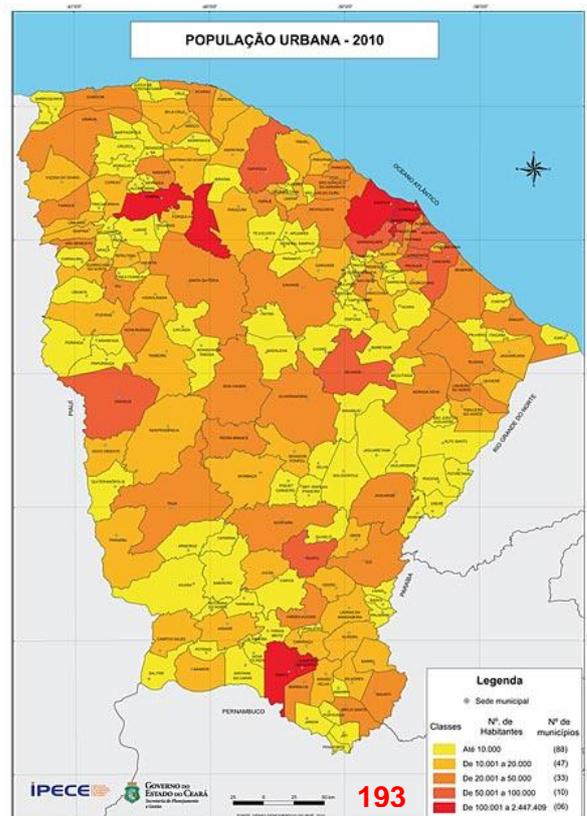
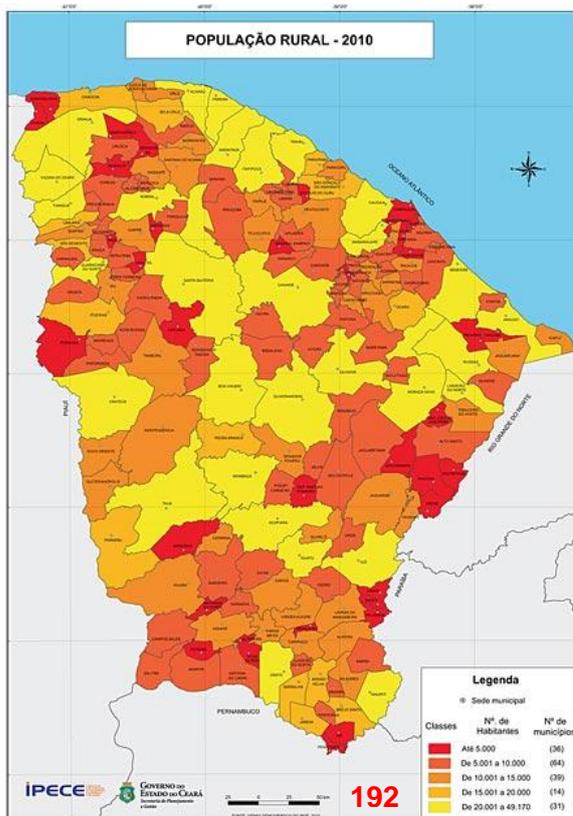


V - Dados da população residente no Cariri cearense

Tabela 2. População dos municípios do Cariri cearense enfatizados na pesquisa. Fonte: IBGE, 2010, www.ibge.gov.br.

Município	População rural	População urbana
Aurora	12.743	11.830
Barbalha	17.334	38.039
Brejo Santo	17.142	28.048
Crato	20.525	100.937
Jati	3.166	4.483
Juazeiro do Norte	9.815	240.121
Mauriti	20.935	23.282
Milagres	14.759	13.558
Missão Velha	18.845	15.413

Figuras 192 e 193. Referências para população urbana e rural. Fonte: IPECE, 2014, www2.ipece.ce.gov.br.



W – Dados dos exames da variação de calor da água armazenada nos potes

Tabela 3. Testes realizados no Cariri cearense.

Localidade	Sessão do exame	Pote	Data do exame	Tempo de inserção da água	Duração da imersão do termômetro	Temperatura ambiente	Temperatura
Baixa do Quaresma	1	Arranhado recente	06.10.2014	13 horas	13 minutos	28,5° C	20° C
		Arranhado com mais de 02 anos				30° C	24° C
	2	Arranhado recente			25 minutos	32° C	22° C
		Arranhado com mais de 02 anos				32,5° C	27,5° C
	3	Arranhado recente			30 minutos	31° C	22,5° C
		Arranhado com mais de 02 anos				30° C	27° C
Passagem de Pedra	1	Arranhado recente	07.10.2014	46 horas	40 minutos	29° C	22,5° C
		Arranhado para teste		Imediato		29,5° C	26° C
		Liso para teste		Imediato		29,5° C	27° C
	2	Arranhado recente		46 horas	30 minutos	28,5° C	23,5° C
		Arranhado para teste		Imediato		31° C	24,5° C
		Liso para teste		Imediato		31° C	24,5° C
	3	Arranhado recente		46 horas	30 minutos	30° C	24,5° C

Gráfico 1. Medidas em laboratório – sessão 1.

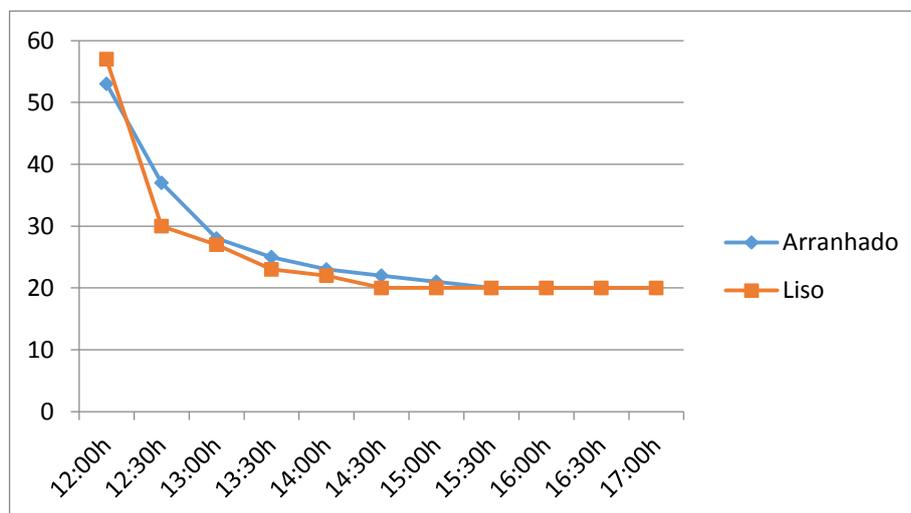


Gráfico 9. Medidas em laboratório – sessão 9.

